SIMPÓSIOS SELECIONADOS
XVI CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC – 2019

Sumário

1 - A CONTEMPORÂNEA LITERATURA BRASILEIRA: POÉTICAS DO SÉCULO XXI EM DEBATE 7
2 - A LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA NOS CAMINHOS DA FORMAÇÃO DO LEITOR 8
3 - A POESIA NA SALA DE AULA 10
4 - A TRAJETÓRIA SÍSIFICA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA 12
5 - A VIAGEM NA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA: DESLOCAMENTO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE 14
6 - AFRODESCENDÊNCIAS E AFRICANIDADES EM DEBATES CONTEMPORÂNEOS: SENTIDOS, CIRCULAÇÃO E SUBJETIVIDADES 15
7 - AGONIAS DA RAZÃO: DELÍRIOS PSICANALÍTICOS, DIAGNÓSTICOS LITERÁRIOS 17
8 - AMAZÔNIA COMPLEXA E RESIDUAL 19
9 - AS LINGUAGENS TRANSCRIATIVAS: ESTUDO DE TEXTOS INTERARTÍSTICOS SOB DIFERENTES OLHARES 20
10 - AS RELAÇÕES DA PSICANÁLISE COM A LITERATURA EM SUAS ORIGENS FREUDIANAS E NOS DIAS ATUAIS 22
11 - AUTORITARISMO, TERROR DE ESTADO E TESTEMUNHO: UM NOVO CICLO DE MEMÓRIA CULTURAL 24
12 - CAMINHOS DO NARRAR: NOVAS PERSPECTIVAS 25
13 - CÂNONE E VISIBILIDADE: O QUE PRECISA SER (RE)VISTO NA LITERATURA? 27
14 - CENOGRAFIAS DA VOZ, ONTOGRAFIAS DO SENTIDO: CORPO E ENUNCIAÇÃO, HISTORICIDADE E ONTOLOGIA 29
15 - CIRCULAÇÃO DE IDEIAS E DIÁLOGO DE CULTURAS, NA LITERATURA COMPARADA 31

16 - CIRCULAÇÃO, TRAMAS E SENTIDOS NA LITERATURA JUDAICA CONTEMPORÂNEA 32
17 - CIRCULAÇÃO, TRAMAS & SENTIDOS QUE ENREDAM A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL 33
18 - CORPOS ACORRENTADOS, IDEIAS SUBVERSIVAS: LITERATURA E PERSEGUIÇÃO 35
19 - CRÍTICA LIBERAL 37
20 - CRÍTICA TEXTUAL EM TEMPOS SOMBRIOS: O EXERCÍCIO FILOLÓGICO DE ESCOVAR A HISTÓRIA A CONTRAPELO NO RESGATE DE OBRAS, DE LEITURAS E DE SENTIDOS NA LITERATURA 38
21 - DE RUÍNAS E DE REINOS: A AMÉRICA LATINA EM SEUS LIMITES 40
22 - DESAFIOS DO PROFESSOR-PESQUISADOR NO ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS TÉCNICAS: DA TEORIA À PRÁTICA 40
23 - ENSINO DA LITERATURA EM TEMPOS PERIGOSOS, OU CONTRA O ENFEITIÇAMENTO DO CINISMO. UMA PROPOSTA INGÊNUA, MAS INTELECTUALMENTE HONESTA, OU LENDO OS REALISTAS, DESDE BALZAC, PARA ENSINAR A SER E A VIVER JUNTO 42
24 - ENSINO, LEITURA E LITERATURA: O CONTEMPORÂNEO NO NECESSÁRIO POSSÍVEL 45
25 - ENTRE A CRISE E A SOBREVIVÊNCIA: NARRATIVAS DISTÓPICAS CONTEMPORÂNEAS 46
26 - EPISTEMOLOGIAS DO ROMANCE: PERCEPÇÕES ESTÉTICIAS E SOCIOLÓGICAS COMO POSSIBILIDADES DE QUESTIONAMENTOS SOBRE A EXISTÊNCIA 48
27 - ERICO VERISSIMO, UM A(U)TOR NO MUNDO 49
28 - ESCRITAS CONTEMPORÂNEAS: INCURSÕES, AVALIAÇÕES E DESAFIOS AO COMPARATIVISMO 52
29 – ESCRITAS DE SI: DIÁRIOS, CARTAS, TESTEMUNHO, AUTOFICÇÕES EM NARRATIVAS, POEMAS OU OUTRAS ARTES ESCRITAS E ELABORADAS POR ESCRITORES LATINO AMERICANOS 54
30 - ESCRITAS DE SI: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS 55
31 - ESCRITAS PERFORMÁTICAS – NARRATIVA, FICÇÃO E DISSENSO 57

32 - ESCRITORES BRASILEIROS NO EXTERIOR, ESCRITORES ESTRANGEIROS NO BRASIL: INTERMEDIAÇÕES E RELAÇÕES COM OUTRAS ARTES 59
33 - ESPAÇOS E AFETOS NA LITERATURA E O CINEMA BRASILEIROS: CARTOGRAFIAS, CORPOS E DESLOCAMENTOS..... 61
34 - ESTRANHANDO A TEORIA EMPENHADA DE ANTONIO CANDIDO 62
35 - ESTRATÉGIAS NARRATIVAS NA LITERATURA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA..... 64
36 - ESTUDOS RETÓRICOS E POÉTICOS 66
37 - ESTUDOS SOBRE AS NOVAS TENDÊNCIAS LITERÁRIAS BRASILEIRAS CONTEMPORÂNEAS 68
38 - ETNOPOESIA E TRADUÇÃO: NECESSÁRIO DIÁLOGO 69
39 - EUROPA DO LESTE: DIÁSPORAS, CIRCULAÇÕES LITERÁRIAS, TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS..... 71
40 - FICÇÃO DE MACHADO DE ASSIS: SISTEMA POÉTICO E CONTEXTO..... 72
41 - FIGURAÇÕES DE POVO E NAÇÃO, POPULISMO E NACIONALISMO..... 74
42 - FIGURAÇÕES INSÓLITAS DE ESPAÇOS, TEMPOS E PERSONAGENS 76
43 - GÊNERO, CORPO E VIOLÊNCIA: REPRESENTAÇÕES DA MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA..... 77
44 - HISTÓRIA LITERÁRIA, CRÍTICA E HISTÓRIA DA TRADUÇÃO: TRAMAS E SENTIDOS..... 80
45 - IMAGENS EM DISCURSO: ESCRITA DO OUTRO COMO ESCRITA DE SI. 81
46 - IMAGINÁRIOS LATINO-AMERICANOS: LITERATURA E OUTRAS ARTES 83
47 - LEITORES E LEITURAS NA CONTEMPORANEIDADE 85
48 - LEITURAS CONTEMPORÂNEAS DE VIRGINIA WOOLF..... 86
49 - LITERATURA CARIBENHA E GUIANENSE ESCRITA POR MULHERES ... 88
50 - LITERATURA DE CAMPO E GEOPOESIA: PASSAGENS DA CULTURA POPULAR E ETNOFLÂNERIES POR BRASIS LIMINARES..... 90
51 - LITERATURA DO CÁRCERE E RESISTÊNCIA: MORTE E CEMITÉRIO DOS VIVOS..... 92
52 - LITERATURA E DIREITO: DIÁLOGOS, ANÁLISES, POSSIBILIDADES 93

53 - LITERATURA E DIREITOS HUMANOS: MARCAS DA OPRESSÃO EM OBRAS LITERÁRIAS 95
54 - LITERATURA E DISSONÂNCIA 96
55 - LITERATURA E DRAMATURGIA: ENTRE O PALCO E A ACADEMIA 98
56 - LITERATURA E ENSINO: REFLEXÕES, EXPERIÊNCIAS E PROPOSTAS .. 99
57- LITERATURA E MÚSICA: TEORIA, HISTÓRIA E CRÍTICA 100
58 - LITERATURA E OUTRAS ARTES (MÚSICA, PINTURA, DANÇA, CINEMA, TEATRO): RELAÇÕES INTERARTÍSTICAS 103
59 - LITERATURA E OUTRAS MÍDIAS: PROCESSOS E ESTRUTURAS DAS RELAÇÕES 105
60 – LITERATURA E RELIGIOSIDADE 107
61 - LITERATURA E TESTEMUNHO: TEORIAS, LIMITES, EXEMPLOS 109
62 - LITERATURA E TRADUÇÃO DO SÉCULO DE OURO ESPANHOL: POESIA, PROSA E TEATRO 111
63 - LITERATURA, CINEMA, TEATRO: TRAMAS, MEMÓRIAS E SENTIDOS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO 113
64 - LITERATURA, CULTURA E IDENTIDADE NA/DA AMAZÔNIA: CIRCULAÇÃO, TRAMAS E SENTIDOS NA LITERATURA 114
65 - LITERATURAS EM ABISMO: A PERSPECTIVA INTERSEMIÓTICA EM DEBATE 116
66 - LITERATURAS, AFRICANIDADES E DESCOLONIZAÇÃO 117
67 - MITO E POÉTICAS DO IMAGINÁRIO 118
68 - NARRATIVAS E DESLOCAMENTOS: VIAGENS, DIÁSPORAS, IDENTIDADES, PERFORMANCE E OUTRAS ARTES 120
69 - NATURALISMO/NATURALISMOS 121
70 - NOVAS TENDÊNCIAS EM LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: DO IMPRESSO AO DIGITAL 123
71 - O DIÁLOGO ENTRE O TEXTO LITERÁRIO/ARTÍSTICO E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS: FIANDO OS SENTIDOS NA SALA DE AULA 125
72 - O FANTÁSTICO NAS LITERATURAS ESTRANGEIRAS 126
73 - O Gótico ONTEm E HOJE: LIMITES E FRONTEIRAS 128

74 - O GÓTICO, O FANTÁSTICO E A FICÇÃO CIENTÍFICA: O REAL E O FICCIONAL NAS TRAMAS DO DISCURSO 129
75 - O LUGAR DO OUTRO: REFLEXÕES SOBRE REPRESENTAÇÕES DA ALTERIDADE 131
76 - O REALISMO ARTÍSTICO E A CRÍTICA LITERÁRIA DIALÉTICA 132
77 - O RIGOROSO ENLACE DA URDIDURA: DO SENTIDO POLÍTICO NA TRAMA OSMANIANA 134
78 - O TEATRO EM LINHAS DE TRANSFORMAÇÃO: *LE THÉÂTRE AUTREMENT* 135
79 - O VIVIDO E O DEVANEIO NA LITERATURA BRASILEIRA DE EXPRESSÃO AMAZÔNIDA: MEMÓRIAS DAS FLORESTAS E DOS RIOS 137
80 - OS ESTUDOS LITERÁRIOS EM TRÊS TEMPOS: CLASSICISMO, MODERNIDADE, PÓS-MODERNIDADE 139
81 - PERSPECTIVAS DA FICÇÃO PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA: VOZES NARRATIVAS E POÉTICAS 139
82 - POESIA CONTEMPORÂNEA: CRÍTICA E PERFORMANCE 140
83 - POESIA E TRANSGRESSÃO 142
84 - POÉTICAS AMERÍNDIAS: PROBLEMATIZAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE 143
85 - POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS DO GÊNIO NÃO ORIGINAL 145
86 - POÉTICAS INDÍGENAS EM FOCO 147
87 - POLÊMICAS INTELECTUAIS NA AMÉRICA LATINA ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX: RETÓRICA, CULTURA E HISTÓRIA 149
88 - POSSIBILIDADES DE COOPERAÇÃO ACADÊMICA POR MEIO DA CIRCULAÇÃO E DO TRÂNSITO NA LITERATURA 150
89 - PÓS-COLONIALISMO, RESISTÊNCIA E RELIGIOSIDADE NAS LITERATURAS AFRICANAS 152
90 - PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA NAS PESQUISAS DO PROFLETRAS 153
91 - QUESTÕES METAFÍSICAS NA LITERATURA: EPISTEMOLOGIA DO ROMANCE COMO DEBATE ONTOLÓGICO DO FAZER ARTÍSTICO 155

92 - REFLEXÕES ACERCA DO ENSINO DE LITERATURA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: DESAFIOS, CAMINHOS, PRÁTICAS E PERSPECTIVAS 157
93 - REINTERPRETAÇÕES DO BRASIL RUMO A 2022: (AINDA) EM TORNO DA RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E IDENTIDADE NACIONAL 159
94 - REPENSANDO A CRÍTICA LITERÁRIA: VALOR LITERÁRIO, VERTENTES E CONTEMPORANEIDADE 161
95 - ROMANCE: PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO 162
96 - RUPTURA DOS GÊNEROS LITERÁRIOS NO ROMANTISMO 163
97 - SEXOLOGIA POLÍTICA E LITERATURA: O DIREITO À EXISTÊNCIA E À SUBJETIVIDADE 165
98 - TERRITÓRIOS SHAKESPEARIANOS POUCO EXPLORADOS: ESFERAS DE CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RELEITURAS 168
99 - TEXTUALIDADES DO MUNDO FRATURADO: PROCESSOS DE HIBRIDAÇÃO 170
100 - TRAMAS DA HISTÓRIA E SENTIDOS DA MEMÓRIA NAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA 172
101 - LITERATURA BRASILEIRA: IDENTIDADES EM MOVIMENTO..... 174

RESUMOS DOS SIMPÓSIOS:

1 - A CONTEMPORÂNEA LITERATURA BRASILEIRA: POÉTICAS DO SÉCULO XXI EM DEBATE

Coordenação: Prof. Dr. Marcio Markendorf (Universidade Federal de Santa Catarina); Profa. Dra. Camila Morgana Lourenço (Universidade do Vale do Itajaí); Profa. Dra. Josiele Kaminski Corso Ozelame (Universidade Estadual do Oeste do Paraná).

Resumo: Ao problematizar o estatuto do contemporâneo, Giorgio Agamben (2009) lança uma questão provocadora, enquadrando-o como um qualificativo móvel no espaço-tempo e de natureza intempestiva. Complementarmente, apoiando-se em uma leitura de Nietzsche via Roland Barthes, a contemporaneidade deveria ser percebida, em relação ao presente, por meio de um duplo movimento, o de desconexão e o de dissociação. Desse modo, estaria, no cerne da noção de contemporâneo, uma paradoxal condição de não coincidência com o próprio tempo social, bem como certo traço anacrônico/discrônico. De forma sumarizada, Agamben postula que a contemporaneidade "é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo" (AGAMBEN, 2009, p. 59), ao entender que coincidir plenamente com a época e seus referentes impede a contemporaneidade justamente por impossibilitar que ela seja percebida. Neste sentido, o teórico parece dar à categoria algum aspecto disruptivo muito similar àquilo que se atribui com frequência à modernidade. Acaso seja tomada essa posição como postulado para o contemporâneo, logo se vê que não se trata de um qualificativo adequado para o espectro mais recente da produção literária — isto é, não se pode dizer literatura contemporânea sem incorrer em alguma *crise* teórica.

Por outro lado, Leyla Perrone-Moisés observa que a literatura contemporânea é um olhar para o passado que se configura como "citação, reescritura, fragmentação, colagem, metaliteratura" (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 149), não podendo, nesta perspectiva, ser concebida como de vanguarda, mas, sim, ao modo de narrativa tardia. Para a autora, a partir da espectrologia de Derrida, a contemporaneidade é explicada pelos fantasmas do passado, enterrados cedo demais. "A literatura atual, assim como seu contexto social, filosófico e político, se ressente de uma situação desajustada e potencialmente terminal" (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 168).

Além disso, nos estudos de Karl Erik Schollhammer (2009), há uma revisitação da conceituação de Agamben, algo que direciona para outra interpretação possível: ao contrário da descontinuidade/obliquidade em relação ao presente, conforme argumenta o pensador italiano, a autoria contemporânea brasileira possuiria urgência em se relacionar com a realidade histórica (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 10), para quem é condizente entender "que a urgência é a expressão sensível da dificuldade de lidar com o mais próximo e atual, ou seja, a sensação, que atravessa alguns escritores, de ser anacrônico em relação ao presente, passando a aceitar que sua 'realidade' mais real só poderá ser refletida na margem e nunca enxergada de frente ou capturada diretamente" (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 11). Com semelhante perspectiva, Beatriz Resende (2008) assinala que tal espectro da produção literária evidencia fortes traços de presentificação, de retorno do trágico e do tema da violência. No que diz respeito à primeira característica, haveria certa tendência para uma dupla negação, o do passado

historicista e o de uma exploração utópica do futuro, condições que privilegiam o tempo-hoje, seja na força dada a espaços sociais marginalizados/periféricos, seja no trabalho com a velocidade narrativa a partir do crescimento da produção de histórias breves. Nesta esfera, vale lembrar Regina Dalcastanè (2012), que assinala fissuras no cânone, ao circunscrever obras da ficção brasileira contemporânea que reivindicam o "acesso à voz" e organizam-se estética e eticamente a partir das pautas do lugar de fala, o que colabora para a ampliação de uma "limitada fauna de personagens" na cena brasileira e para o desenvolvimento de estratégias de resistência das minorias.

Longe de desejar demarcar novos limites para um debate conceitual ainda bastante divergente, fragmentado e provisório, opta-se pelo uso do qualificativo "contemporâneo" para se referir à produção ficcional do século XXI. O intuito deste simpósio, portanto, é agregar estudos teóricos e analíticos que estejam debruçados sobre narrativas da contemporaneidade, desenhando um amplo espectro da diversidade e da multiplicidade de obras, tendências e abordagens. Para tanto, este simpósio vai reunir apostas de crítica, sob o ponto de vista da literatura comparada, envolvendo: produções ficcionais fora do consagrado eixo Rio de Janeiro-São Paulo; o "levante" de uma literatura engajada, tal como a literatura LGBTQI+; a discussão em torno da literatura negra e/ou produzida nas periferias dos grandes centros; o florescimento do fantástico e da cientificção em contraponto à tradição realista da literatura brasileira; bem como o *boom* de narrativas memorialistas e autoficções.

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

DALCASTANÉ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea – um território contestado*. Vinhedo: Editora Belo Horizonte, 2012.

MOISES, Leyla-Perrone. Espectros da modernidade literária. In: *Mutações da literatura no século XXI.* São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p.149-169.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos – Expressões da Literatura Brasileira no Século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

2 - A LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA NOS CAMINHOS DA FORMAÇÃO DO LEITOR

Coordenação: Profa. Dra. Bruna Paiva de Lucena (UnB-SEDF); Profa. Dra. Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva (UnB-SEDF); Profa. Dra. Mirian Hisae Yaegashe Zapone (UEM).

Resumo: O letramento literário – que tem início desde os momentos em que a criança ouve as primeiras canções de ninar, as histórias contadas por pessoas mais próximas, as declamações de poemas e quadrinhas em quaisquer eventos – é um processo que se constrói vida afora, nos muitos espaços culturais, sociais, digitais. Contudo, a escola – enquanto ambiente privilegiado de desenvolvimento da competência literária – desempenha papel fundamental na formação do leitor, sobretudo quando se pensa na atualidade marcada pela pluralidade de textos, de suportes e pela heterogeneidade dos leitores. Nesse universo do heterogêneo, como formar leitores? Quais textos escolher? Quais práticas de leitura suscitar? Considerando tal contexto, cremos que a leitura de

obras contemporâneas da literatura brasileira pode contribuir fortemente com a formação do leitor literário crítico, uma vez que a oferta e a exploração de textos literários que tragam formatos e temáticas mais próximos do universo dos leitores podem acarretar maior representatividade e envolvimento dos leitores jovens. Como afirma Giorgio Agamben em *O que é o contemporâneo?*, é preciso mergulhar "a pena nas trevas do presente". Ler o contemporâneo a partir das reflexões de Agamben implica, entre outros caminhos, observar como determinadas perspectivas ou abordagens na literatura brasileira contemporânea vertem-se como espaço de reflexão, de contestação e de rompimento com as estratégias de dominação centro-periferia, através da valorização das narrativas produzidas por grupos marginalizados em confrontação com o valor simbólico cultural da produção literária dita canônica. Ler o contemporâneo é também rever as escolhas e os olhares, é ouvir as vozes dissonantes sufocadas das minorias e destacar-lhes sua presença; é, ainda, a promoção de um espaço dialógico e tensional, que rompe com o discurso único, com a história única e homogênea do cânone nacional, tão esvaziado de representações significativas de específicos grupos sociais brasileiros. Dessa forma, a proposta desse simpósio é pensar na formação do leitor de literatura brasileira contemporânea como corresponsável no projeto de transformação social. O diálogo com Paulo Freire (1983), em *Pedagogia do oprimido* nos auxilia a pensar esse leitor literário como sujeito da ação-reflexão, um leitor que, "emancipado", "emancipa". O princípio freireano de emancipação enquanto possibilidade alia-se ao que adverte Jacques Rancière em seu texto "*O mestre ignorante*" sobre a necessidade da emancipação contra o processo de embrutecimento do sujeito. Ele propõe que o "círculo da emancipação deve ser começado" (Rancière, 2002, p. 29-30). Frente a processos de opressão ressignificados em nossa sociedade, que precisa se reinventar, como deve se posicionar esse leitor literário na trilha movediça do contemporâneo? Nessa perspectiva, que vincula literatura brasileira contemporânea e ensino de literatura, objetiva-se promover reflexões e debates sobre a leitura literária e sua relação com aspectos da literatura brasileira contemporânea. Tratar-se-á de questões relacionadas ao processo de formação dos leitores de literatura e ao lugar da literatura contemporânea no ensino, na escola, bem como em outros espaços sociais e culturais, inclusive a leitura por meio das tecnologias digitais, tendo em vista os valores e as exigências culturais, sociais, éticas e políticas da sociedade contemporânea. Desse modo, as propostas de trabalhos poderão abordar diálogos acerca de práticas de leitura e modos de incentivá-la a partir do repertório de obras da literatura brasileira contemporânea. Tais questões podem estar relacionadas a condições de produção, de circulação e do consumo de literatura infantil, infantojuvenil e juvenil; metodologias de trabalho com o texto literário; metodologias de ensino de literatura voltadas à Educação Infantil, ao Ensino Fundamental e ao Ensino Médio; políticas públicas de promoção do livro literário; presença da literatura em materiais didáticos. Propõem-se também diálogos que construam uma ponte entre a produção acadêmica e a formação de leitores de literatura em trabalhos que envolvam: experiências educacionais construídas em relação com a literatura; conhecimento teórico-prático das manifestações literárias infantojuvenis; tendências atuais da literatura infantojuvenil; obras das literaturas afro-brasileira e indígena em que esses sujeitos sociais sejam protagonistas; relações entre a literatura adulta e infantojuvenil e a formação de professores. Espera-se que investigações que relacionam a leitura literária e literatura brasileira contemporânea possam contemplar aspectos como diversidade, representação, identidade, alteridade,

intertextualidade, dialogismo, polifonia, escritas e falas autobiográficas, efemeridade e liquidez da vida contemporânea, entre outros. Todos os trabalhos trarão como preocupação central a formação do leitor de literatura e a busca de caminhos para essa formação a partir da leitura de obras contemporâneas da literatura brasileira, entendendo literatura em um conceito mais amplo que apenas as obras canônicas. Entre os teóricos que subsidiam estudos voltados para esta proposta de simpósio podem ser relacionados – além dos já citados Giorgio Agamben (2010), Paulo Freire (1983) e Jacques Rancière (2002) –, Antonio Candido (1998), Roger Chartier (2009), Teresa Colomer (2003), Rildo Cosson (2014), Peter Hunt (2010), Marisa Lajolo (2001, 2017), Regina Zilberman (2017), Michèle Petit (2010). O recorte cronológico envolvendo as obras literárias de autores brasileiros abrange as produções a partir de 1970.
Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea. Formação do leitor. Leitura Literária.

Referências:
AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2010.
CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1998.
CHARTIER, Roger. *A aventura do livro do livro*: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. Trad. de Reginaldo Carmelo Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora UNESP, 2009.
COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário*: narrativa infantil e juvenil atual. Trad. de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
COSSON, Rildo. *Letramento literário*: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Trad. de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
LAJOLO, Marisa. *Literatura*: leitores e leitura. São Paulo: Moderna, 2001.
LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira*: uma nova outra história. Curitiba: PUCPRESS, 2017.
PETIT, Michèle. *A arte de ler*: ou como resistir à adversidade. Trad. de Arthur Bueno e Camila Boldrini. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante*: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Trad. de Lílian do Vale. Rio de Janeiro: Autêntica, 2002.

3 - A POESIA NA SALA DE AULA
Coordenação: Profa. Dra. Andresa Fabiana B. Guimarães (IF SUL DE MINAS e USP) e Profa. Dra. Mei Hua Soares (Faculdade Cásper Líbero)

Resumo: Para Anatol Rosenfeld (ROSENFELD, [1965] 2006), o lírico é o mais subjetivo dos gêneros porque centrado em uma voz que exprime estados de alma, vivências e emoções, plasmando as vivências de um EU no encontro com o mundo. Antonio Candido (CANDIDO, 1996), ao asseverar sobre as relações que podem ser estabelecidas entre prosa e poesia, ressalta o caráter híbrido que pode envolver os textos poéticos. Paul Valéry, ao defender a estética de Mallarmé, ressalta ainda a recusa e a

negação como potências literárias e poéticas (CAMPOS, 2011). Mas quando a poesia adentra os ambientes escolares e institucionalizados, como isso se dá?

É sabido que o trabalho com a poesia tem sido sistematicamente relegado a um plano secundário nas escolas. Nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCNEM, 2006), há um questionamento acerca de "onde estaria o erro na formação escolar dos leitores para a linguagem poética?" A explicação tem como base a não exploração das potencialidades dessa linguagem de alto valor estético, que fazem do leitor um co-autor no desvendamento dos sentidos, presentes no equilíbrio entre ideias, imagens e musicalidade. Acredita-se que "a exploração dos efeitos de sentido produzidos pelos recursos fonológicos, sintáticos, semânticos, na leitura e na releitura de poemas poderá abrir aos leitores caminhos para novas investidas poéticas" (p. 74), por isso propõe-se a ampliação na escola dos circuitos de poesia, buscando novas formas de circulação social destes textos, o que permitiria ver e entender a arte poética como uma prática social integrada à vida cotidiana.

Nesse sentido, o trabalho com a poesia parece se revelar instrumento valioso no tocante à formação escolar, para além de um caráter utilitário. No entanto, se pensarmos nos conceitos de sociedades disciplinares (FOUCAULT, [1975] 2009) e de sociedades de controle (DELEUZE, [1992] 2010), verificaremos que a escola apresenta pontos de intersecção na reprodução de formas de poder e, portanto, a poesia, por se dar no campo da linguagem, na sua forma mais apurada e potente, também poderia consistir em valiosa ferramenta reflexiva e transformadora. Porque desestabiliza, reverte (a língua inclusive!), desordena, traz à tona o inesperado, o inseguro, faz estranhar. Talvez esteja aí a causa de seu maior incômodo, se considerarmos a perspectiva daqueles que se formaram leitores buscando um significado pré-determinado e inflexível para o texto poético. E, sem dúvida, é nessa desestabilização provocada pela linguagem estética que reside a sua maior contribuição: diz, não dizendo diretamente; expressa o que há de mais subjetivo, trazendo, em suas entranhas, o coletivo.

Em crônica no *Jornal do Brasil* publicada em 1974, Carlos Drummond de Andrade levanta a questão: "Por que motivo as crianças, de modo geral, são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo? Será a poesia um estado de infância relacionada com a necessidade de jogo, a ausência de conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos de viver – estado de pureza da mente, em suma?". O autor avança tecendo considerações a respeito da relação intrínseca entre poesia, meninice, senso crítico e estético e sobre a pertinência da escola em trabalhar com essas questões "Mas, se o adulto, na maioria dos casos, perde essa comunhão com a poesia, não estará na escola, mais do que em qualquer outra instituição social, o elemento corrosivo do instinto poético da infância, que vai fenecendo, à proporção que o estudo sistemático se desenvolve, até desaparecer no homem feito e preparado supostamente para a vida? (ANDRADE, 1974)". Na sequência, o poeta responde: "Receio que sim".

Fazendo coro aos questionamentos de Drummond, lança-se, nesta proposta, o desafio de se pensar, mais detidamente, sobre o tema e permitir o compartilhamento de experiências bem fundamentadas com a poesia no espaço da escola. O **Simpósio A Poesia na sala de aula** (o primeiro aconteceu na ABRALIC em 2018) pretende se configurar de forma mais ampla: abrigando experiências e pesquisas que envolvem o *poético* na escola, seja por meio de textos em verso, em prosa, visuais, performáticos, como é o caso dos SLAMs - batalhas de versos - considerado um novo fenômeno de poesia oral.

Ao adentrar o espaço físico e simbólico da escola – em seus diferentes níveis – que práticas de leitura e de escrita envolvendo poesia podem se revelar potentes? A poesia, ou o fazer poético é ensinável? Como se dá a exploração de um discurso tão libertário e surpreendente em um terreno de regras, lições, planejamentos e expectativas mais precisas e mensuráveis? Como explorar um texto que requer sensibilidade, agudeza de sentidos e senso lógico também, em um território marcado por tantas outras exigências e metas mais conteudísticas e objetivas? Quais metodologias e didáticas são adequadas para se lidar com o gênero em questão? Como é a recepção discente em relação ao texto de acentuado valor estético? Pensando nos cortes, estranhamentos e aporias que a arte e a literatura envolvem, quais os riscos advindos desse diálogo entre o fazer poético e a sala de aula?
Palavras-Chave: Poesia – Manifestações Poéticas – Leitura Literária – (Leitura Subjetiva) – Ensino

Referências
ADORNO, Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade. In: _____. **Notas de literatura I.** Jorge M. B. de Almeida (trad.). São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003, p. 70 e 77. [1957].
ANDRADE, Carlos Drummond de. **A educação do ser poético**. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1974. Disponível em: http://goo.gl/7abR67. Acesso em: 11/03/2018.
BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Vol. 1. Brasília: MEC/SEB, 2006.
CAMPOS, Augusto de. **Poesia da recusa**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
CANDIDO, Antonio. **Estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanitas Publicações / FFLCH/USP, 1996.
DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, [1992] 2010.
FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis (RJ): Vozes, [1975] 2009.
OSAKABE, H. FREDERICO, E. Y. **Literatura.** Orientações curriculares do ensino médio. Brasília: MEC/SEB/DPPEM, 2004.
ROSENFELD, A. "A teoria dos gêneros". In: **O teatro épico**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
ROUXEL, A.; LANGLADE, G. & REZENDE, N. (org.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura.* São Paulo: Alameda, 2013.

4 - A TRAJETÓRIA SÍSIFICA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Coordenação: Prof. Dr. Luis Eduardo Veloso Garcia (UENP-Jacarezinho Letras); Profa. Dra. Winnie Wouters (FACESPI- Pedagogia)

Resumo: Em *Não incentivem o romance e outros ensaios* (2007), Alfonso Berardinelli diz que o romance, após a segunda metade do século XX, não procura mais realizar grandes ousadias formais, como se tudo o que pudesse ser transformado enquanto forma de resposta à sua sociedade já tivesse sido alcançado. Dessa forma, o autor afirma que "O século XX, o século da crise do romance, está se invertendo. A autocrítica do romance (e de toda a arte) segue a autocrítica da autocrítica. Ou seja, a renúncia à

crítica, o retorno aos mitos e a todo tipo de mito" (2007, p.177). Logo, de acordo com o crítico italiano, o romance contemporâneo deixa de lado a exploração do aspecto formal para enveredar, novamente, em direção aos mitos, dado que estes, por conterem algo de eterno, ainda conseguem oferecer caminho possível às respostas do que o romance é enquanto produto de seu tempo. Nesse sentido, certas constantes parecem assolar a prosa brasileira contemporânea, objetos distintos para cada escritor aparecem repetidas vezes como mote de romances, algo que soa, muitas vezes, como uma obsessão, mas que pode indicar uma tentativa de busca de solução do problema que se deixa entrever por sutis alterações na construção romanesca e que podem indicar possíveis mudanças, algo que ainda não conhece destino certo mas já se percebe a caminho de, como observa Perrone-Moisés em *Mutações da literatura no século XXI*: "Como o conjunto da sociedade atual — na política, na economia, na moral, na tecnologia —, a literatura vive um interregno, aquele momento em que as regras antigas já não existem e outras, na melhor das hipóteses, ainda estão em gestação" (2016, p.149). Entre os exemplos possíveis, encontramos os romances de Ana Paula Maia, nos quais o retorno obsessivo pela narração de figuras masculinas presas aos conflitos com sua brutalidade, surge encarnado na repetição de protagonistas como Edgar Wilson e Bronco Gil das obras **Entre Rinhas de Cachorros e Porcos Abatidos** (2009), **Carvão Animal** (2011), **De Gados e Homens** (2013), **Assim na Terra como Embaixo da Terra** (2017) e **Enterre Seus Mortos** (2018); Nuno Ramos, autor cujas obras revelam a trajetória sisifica na procura por vencer (ou tentar vencer) a linguagem verbal por meio do mergulho na matéria imagética, que surge através de composições com urubus, piche, areia, juncos, cães mortos, e tantos outros "restos, resíduos, cantos, cacos, lixo", como destaca Leyla Perrone-Moisés, que se mesclam à linguagem verbal no intuito de superar a insuficiência da palavra escrita em obras como **Cujo** (1993), **Balada** (1995), **O Pão do Corvo** (2001), **Ó** (2008), **Adeus, Cavalo** (2017). Mais um nome contemporâneo que ressignifica o esforço contínuo por uma repetição infrutífera é Ronaldo Correia de Brito, que em livros como **Galileia** (2008) e **Dora Sem Véu** (2018) traz a voz de protagonistas que se deslocam da capital pernambucana para o sertão cearense, revelando a angustia de um retorno forçado ao local que não se deseja ganha destaque. João Anzanello Carrascoza, cujo dilema é semelhante, na medida em que suas obras também revelam um "escritor de afetos arcaicos"(s/n, 2016), faz com que os diários pertencentes a Trilogia do Adeus - **Caderno de um Ausente**, **Menina Escrevendo com Pai** e **A Pele da Terra** - e **Aos 7 e aos 40** (2013) apresente a trajetória sísifica não só pela via da temática explorada em seus contos, mas, principalmente, pela estrutura narrativa. Uma fácil percepção do conceito que exploramos aqui também pode ser alcançada na apreciação da obra de Luiz Ruffato, a partir da busca obsessiva por retratar o cotidiano do proletariado brasileiro, o que acaba por se converter em projeto literário, isso tanto nos cinco volumes que formam o seu ambicioso trabalho intitulado **Inferno Provisório**, quanto em obras como **Eles Eram Muitos Cavalos** (2001) e **De Mim Já Nem se Lembra** (2007). Por fim a essa breve lista, é possível citar Milton Hatoum, cujos romances apresentam a constante tentativa de construir narradores que, apesar de se encontrarem aparentemente à margem dos fatos principais, são testemunhas de ruínas familiares simbólicas, como é o caso das vozes dos narradores personagens de **Relato de um certo oriente** (1989), **Dois Irmãos** (2000), **Cinzas do Norte** (2003) e **Órfãos do Eldorado** (2008). Tomando os exemplos acima citados, propomos uma leitura da literatura brasileira contemporânea a partir do mito de Sísifo: a necessidade de narrar é

premente, por isso a tarefa se faz ainda que por um caminho pelo qual o resultado final já se antevê como insatisfatório – o romance se conhece, está consciente das limitações pelas quais se construirá, ao mesmo tempo que reconhece a eminência da mudança, e por isso retoma a tarefa de levar a pedra até o alto do cume, posicionando-a, transformando-a, de modo que um dia ela deixe de retornar ao espaço conhecido.

5 - A VIAGEM NA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA: DESLOCAMENTO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Coordenação: Profa. Dra. Letícia de Souza Gonçalves (UFG); Profa. Dra. Talita Annunciato Rodrigues (FATEC)

Resumo: O tema da viagem foi e continua sendo amplamente explorado na literatura. Ele pode ser observado em algumas das mais famosas epopeias, tais como a *Odisseia* de Homero, *Beowulf* e *Os Lusíadas*, de Camões, e está presente na obra de grandes escritores, como *Robinson Crusoé*, de Daniel Defoe, Jonathan Swift e *As viagens de Gulliver*, *Ulysses*, de James Joyce, entre outros. Estabelecendo um paralelo entre a viagem e a experiência humana, Todorov (1993) afirma que as trajetórias e os relatos realizados por um indivíduo estão interligados. Para ele, a viagem no espaço simboliza a passagem no tempo, mas o deslocamento físico também contribui para sua mudança interior. Seja relacionado ao caráter material ou espiritual dessa trajetória, um dos aspectos que mais chama atenção sobre o tema é que, ao permitir colocar o indivíduo diante do *outro*, a viagem contribui na construção da identidade, seja individual, cultural, política ou ideológica. Mendes (s/d) afirma que aquilo que se chama identidade literária, onde se cruzam questões de identidade pessoal e social, acaba sempre por revelar uma dimensão estrangeira, que é uma das manifestações do Outro. Nesse sentido, o tema adquire grande importância nos textos de autoria feminina na medida em que engloba toda uma representação simbólica do movimento na construção identitária, no qual a viagem aparece, não raras vezes, como uma experiência formadora.

Entender a identidade feminina como uma multiplicidade dinâmica de subjetividades e papéis sociais nos dias de hoje, todavia, exige recuperar a história e os contextos que tornaram possível essa construção através do tempo. As mulheres foram objeto de um relato histórico que as relegou ao silêncio e à invisibilidade, na medida em que sua atuação se passava quase que exclusivamente no ambiente privado da família e do lar. O espaço público pertencia aos homens e poucas mulheres se aventuravam nele. Assim, a identidade feminina foi moldada pela assimetria sexual, uma vez que esses discursos eram produzidos por homens. Relegado à esfera doméstica, o corpo feminino foi silenciado, tornando-se objeto descrito pelo olhar e pela voz masculina. A partir da ideologia naturalista burguesa, a identidade feminina foi sendo assentada no biológico, no corpo, que passou a definir suas ações, sensações e sentimentos. Nesse sentido, o corpo constituiu a base para a imposição de padrões e normas de comportamento dentre os quais destacavam-se a beleza, a pureza, a sujeição, passividade e dependência. Assim, o corpo feminino passou a ser colocado no limite entre a natureza e a cultura, interpretado de acordo com a ideologia dominante, seguindo os interesses e o imaginário social (PASSOS, 2002, p.63). Michelle Perrot (2013, p.17) aponta que, ao longo da história, a prolixidade do discurso sobre as mulheres contrasta com a ausência de informações precisas e circunstanciadas. O mesmo ocorre com as imagens.

Produzidas pelos homens, elas vão dizer sobre os sonhos e medos masculinos, mas não sobre a realidade feminina. As mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas.

Tendo em vista essa relação entre o público e o privado, entre o centro e a margem, o tema da viagem esteve associado por muito tempo ao universo masculino. Eric Leed (1991) afirma que, historicamente, os homens viajavam e as mulheres não, ou viajavam somente sob a égide dos homens, reforçando uma espécie de regra em que o mundo exterior e a exploração fossem domínios unicamente masculinos.

O movimento das mulheres nos mostrou que, desde a inserção feminina na esfera pública na segunda metade do século XX, o mundo privado, onde lhes eram reservados os papéis de filha, mãe ou esposa, tornou-se insuficiente, uma vez que limitava sua liberdade de tomar decisões, bem como seu direito de se expressar. A partir deste posicionamento, as mulheres reafirmaram a importância de sua voz, consideradas enquanto sujeitos dotados de identidade própria. A mulher que aqui encontramos já não é apenas olhada, ela olha também; não é mera leitora, ela escreve e, por meio de seus textos, temos acesso à sua própria experiência, sua própria perspectiva.

Sendo assim, buscamos refletir, neste simpósio, a respeito do tema da viagem pelo viés da escrita de autoria feminina, tendo como foco a pluralidade dos olhares dessas mulheres-viajantes e de suas histórias, observando a relação entre o deslocamento e a construção de sua identidade.

Referências:

BOHLS, Elizabeth A., **Women travel writers and the language of Aesthetics 1716-1818**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

BOTTON, Alain de. **A Arte de Viajar**. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

LEED, Eric J. **The Mind of the Traveler – From Gilgamesh to Global Tourism**. Basic. New York: Basic Books, 1991.

LEITE, Miriam L. Moreira. **Livros de viagem**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

MENDES, Ana Paula Coutinho. Representação do Outro e Identidade: um estudo de imagens na narrativa de viagens; Imagologia literária: contornos históricos e princípios metodológicos. Disponível em: http://www.ilcml.com/Var/Uploads/Publicacoes/Artigos/45e6bd57d5abe.pdf. Acesso em: 29 jan. 2019.

PASSOS, Elizabeth. A razão patriarcal e a heteronomia da subjetividade feminina. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; BEZERRA, Kátia da Costa. (Orgs.). **Gênero e representação**: teoria, história e crítica. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 60 - 66.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2013.

TODOROV, Tzvetan. El viaje y su relato. In: **Las Morales de la historia.** Tradução de Marta Beltrán Alcázar. Barcelona: Paidós, 1993.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

6 - AFRODESCENDÊNCIAS E AFRICANIDADES EM DEBATES CONTEMPORÂNEOS: SENTIDOS, CIRCULAÇÃO E SUBJETIVIDADES

Coordenação: Profa. Dra. Marinei Almeida (UNEMAT); Profa. Dra. Renata Beatriz Rolon (UEA); Prof. Dr. Epaminondas de Matos Magalhães (IFMT)

Resumo: O simpósio "Afrodescendências e Africanidades em Debates Contemporâneos: Sentidos, Circulação e Subjetividades" tem por objetivo colocar em debate questões crítico-literárias em torno da produção dos países africanos, com destaque para Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Interessa-nos, também, abrigar estudos que discutam o conceito de literatura afrodescendente brasileira, evidenciando a sua diversidade. A partir dessas questões, serão aceitos trabalhos que se debruçam sobre o papel da memória na construção da identidade negra, aqui e no além-mar. Seja nas articulações entre a memória, a história e/ou as experiências individuais e coletivas, na literatura, o mergulho nesse universo elucida questões que ajudam a fortalecer as lutas contemporâneas dos movimentos sociais de negritude porque iluminam trajetórias de indivíduos e comunidades.
Pretende-se, sobretudo que o simpósio abrigue diálogos sobre o comparatismo entre as literaturas produzidas em outros espaços africanos, em outras línguas e com a afro-brasileira. Também serão bem-vindos trabalhos voltados para o comparatismo entre literaturas africanas e afro-brasileira em diálogo com outras artes como o cinema, o teatro, a dança, a pintura. bem como aqueles que incidam o seu olhar na interdisciplinaridade.
Desde os primeiros movimentos na direção da independência política, a literatura produzida no continente africano conquista uma posição de inegável importância para a constituição da ideia de nação, não só pela veemente contestação à empresa colonial (ASHCROFT, 1989) como também pelos projetos identitários que formulava (MATUSSE, 1993). As décadas que se seguiram à fundação dos estados nacionais, entretanto, foram marcadas por um certo desencanto perante as realidades em curso, seja pela ineficácia das classes dirigentes locais (MBEMBE, 2001), seja pelas pressões da conjuntura internacional, do que resultou o surgimento de imagens distópicas da nação. Em meio a um cenário povoado por rupturas e continuidades de natureza vária, a vinculação entre literatura e a criação da nação, a nível temático e institucional, continua a estar na ordem do dia nas produções do continente.
Em se tratando de literaturas desiguais, radicadas em territórios diferenciados entre si a nível histórico e demográfico, cultural e linguístico, social e político, os repertórios afirmam-se pela pluralidade de vozes e de itinerários, não só a nível continental como também dentro das próprias fronteiras nacionais. Rupturas, subjetividades e circulações são motes de numerosas construções literárias e artísticas. Assim, as imagens da nação inscritas por ditas produções ao longo das últimas décadas, bem como, em sentido inverso, a *ideia* que a literatura ganha no seio de cada uma das nações e, em específico, junto de suas elites políticas, são também marcadas pela heterogeneidade, podendo mesmo tocar opostos, tais como o apoio ou a desconfiança incondicionais. Ao mesmo tempo, estas produções visam diferenciados públicos, consoante a língua em que são escritas, coincidindo apenas no fato de que o horizonte de recepção se encontra normalmente distante dos territórios tematizados.
O espaço da nação, sob múltiplo olhar, enquanto categoria abstrata, apta a contínuas revisões e mediações, ocupa um lugar complexo e central neste debate. A proposta visa abordar o "questionamento sobre a identidade e a função da literatura nacional pelo

filtro da articulação entre sistema textual específico em que se configura e os elementos de recepção que a sustentam e legitimam, de onde não se podem ausentar conceitos como valor, comunidade, instituições culturais e história" (MENDONÇA, 2008). Esta discussão possibilitará, portanto, uma ampla reflexão sobre variados temas abordados na produção literária produzida nos países africanos, bem como no Brasil sob o crivo da africanidade, sobretudo os diálogos, sentidos e circulações que estas permitem pensar.
O Simpósio objetiva ainda promover, através do diálogo comparativo, as conexões artísticas que possibilitem o acesso ao mundo que se abre à política, à sociologia, à história, à linguística, à antropologia etc. Acreditamos na força do comparativismo literário para a ampliação do cânone. Em face disso, é importante realinharmos textos que captem a realidade particular, transmitam a percepção deste particular a outras esferas e mantenham a excelência na sua realização formal.

7 - AGONIAS DA RAZÃO: DELÍRIOS PSICANALÍTICOS, DIAGNÓSTICOS LITERÁRIOS

Coordenação: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues (UFPB); Prof.ª Dr.ª Amanda Ramalho de Freitas Brito (UNEAL); Prof. Dr. Aristóteles de Almeida Lacerda Neto (IFMA)

Resumo:Parece-nos estranho, à primeira vista, considerarmos o rompimento dos laços um fenômeno, em certa medida, forçoso para a gênese e conservação daquilo que, no âmago da hermenêutica psicanalítica, Sigmund Freud (1856-1930) denominou de civilização. Não houve sociedade exitosa frente às forças de represamento das moções pulsionais de seus membros, dobrando-se diante das próprias formas de controle impostas, as quais, na contramão de seus códigos, erigiram rotas oblíquas, suscetíveis de salvaguardar o "mal necessário". A realidade compartilhada, a dinâmica grupal e o princípio de realidade coexistem, ou mesmo se sustentam, ao lado de mecanismos que inscrevem a caoticidade, a fragmentação, a loucura. Se, nas primícias da infância, encontram-se as raízes de nossa vida emocional, fincadas nos quadros da onipotência, da polarização dos afetos e da negação da alteridade; por outro aspecto, a progressiva superação dessa economia, posta em relevo pela quebra do ideal de completude e fusionamento, garante a maturação da personalidade, doravante capaz de integrar a violência e a gratidão. O domínio dos impulsos destrutivos, cumpre dizer, não preconiza o abandono total da agressividade, mas, antes, implica desilusão, capacidade de desfazer vínculos instáveis e virulentos, em favor da assunção da diferença, do estabelecimento de elos mais produtivos e menos desconexos. A separação, quando bem sucedida, torna possível a anatomia de um mundo interno integrado, com condições funcionais de reverberar uma relação, minimamente segura, com os objetos externos. Do contrário, as falhas nessa cartografia carreiam abalos que, na biografia particular de cada sujeito, figuram distorções transitórias das experiências vividas (algo como uma loucura efêmera, cotidiana, de ecos inaudíveis) ou manobras psíquicas estagnadas, que se repetem num ritmo dissonante e hostil. Tal dualismo põe em evidência o quão complexo é o teatro psicótico, em cujo palco se encenam os dramas mais íntimos, quiçá, em virtude dos atores e atrizes encarnarem os fantasmas errantes de nossa origem selvagem e esquecida. Porquanto o discurso médico tenha insistido em situar a psicose no campo da patologia, recorrendo a "padrões" estatísticos de normalidade, que não convém, aqui, serem dissecados, sua validade esfacelou-se diante das descobertas

psicanalíticas, sobretudo os achados freudianos e kleinianos, que promoveram as núpcias entre a insensatez e a prudência, a insanidade e a razão. A genialidade do mestre vienense, ao constatar um movimento de **defesa** onde se conjecturava degeneração e passividade, e a perspicácia de Melanie Klein (1882-1960), quando desvela a carnificina e o terror dos primeiros tempos, conduzem-nos a uma linha de raciocínio que aglutina o diagnóstico e nos impulsiona a enxergar as rachaduras que sulcam, com frequência, o edifício humano. Daí o psicanalista e psiquiatra argentino Juan-David Nasio, em uma de suas obras dedicadas à clínica das psicoses, afirmar que "somos todos loucos em algum recanto de nossas vidas" (2011). A máxima opera sobre a incidência de algum traço, caracteristicamente delirante ou alucinatório, em dimensões sensíveis de nosso psiquismo, sem que tal presença signifique desvantagem ou enfermidade. Aliás, ainda que instalada a desordem mental, em termos estruturais, os eventos derivados desse colapso constituem, de fato, tentativas de tamponar os buracos ocasionados pela falência da simbolização. Diagramações, assim, insurgem nas artes, onde se volatilizam com maior propriedade. A ficção, a título de repertório ilustrativo, oferta-nos, mimeticamente, cenários em que a fúria psicótica irrompe-se, sutil e avassaladoramente, (re)definindo os personagens, adulterando a linguagem, revitalizando a voz narrativa e o tempo. Nos meandros da literatura, as caravelas da loucura ancoram em ilhas suntuosas e, nelas, os marinheiros naufragam na melancolia, enlouquecem atormentados pelo canto ruidoso da paranoia, e os poucos marujos, que reservam um mínimo de astúcia, fecham-se em suas dores e angústias. Eis os espectros mais emblemáticos da **mania** (como os antigos gregos concebiam as contradições do espírito), que invocam, nas letras, o furor histérico de **Medeia**, a onipotência de **Victor Frankenstein**, os arroubos persecutórios de **Dom Casmurro**, a carapuça narcisista e megalomaníaca de **Dorian Gray**. Resulta, dessas considerações, a proposta deste Simpósio Temático: congregar pesquisas (concluídas ou em andamento) que, numa interlocução entre literatura e psicanálise, busquem analisar as dimensões representativas da loucura, de modo a compreender as imagens e os discursos que a cercam, bem como as configurações que assumem em determinado momento da história social e literária. Com vistas a enriquecer o debate e as discussões, as investigações podem debruçar-se sobre a poesia, o conto, o romance, a carta, a narrativa de viagem, entre outros gêneros.

Palavras-Chave: Literatura – Psicanálise - Loucura

Referências:

BELLEMIN-NOËL, Jean. **Psicanálise e Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1978.
FREUD, Sigmund. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
KLEIN, Melanie. **Inveja e Gratidão e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
LACAN, Jacques. **O Seminário - Livro 3: as psicoses**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
NASIO, Juan-David. **Os olhos de Laura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

8 - AMAZÔNIA COMPLEXA E RESIDUAL

Coordenação: Prof(a). Dr(a). Cássia Maria Bezerra do Nascimento (UFAM); Prof(a). Dr(a). Mirella Miranda de Brito Silva (UFRR); Prof(a). Dr(a). Adriana Helena de Oliveira Albano (UFRR)

Resumo: Djalma Batista (2006, p. 11) afirma que "falar da Amazônia, em qualquer dos aspectos – fisiográfico, social, intelectual – é aventurar-se alguém a enfrentar senão o infinito pelo menos o indefinido". Ao escolhermos a arte literária da e na Amazônia, reconhecemos a necessidade do estudo de uma multiplicidade de saberes que ultrapassam o cientificismo e o exótico. Reconhecemos que a literatura reproduz as relações humanas na Amazônia, sempre permeada de significados infindáveis. A Amazônia do passado recebeu cultura e arte propagada na Europa e na Ásia, trazida por imigrantes de várias partes do mundo, que cá chegavam em busca da riqueza do mundo inexplorado da floresta. Em seguida, a História registra como migrações de diversas partes do Brasil e de outros países compuseram a Amazônia, fazendo, ainda mais, desta região um complexo emaranhado de culturas e diversidade:

> Restaram na Amazônia, ainda, apreciáveis mostras de heranças ameríndia no comportamento do povo. Uma delas, das mais típicas, é uma dose visível de preguiça reinante entre os habitantes do vale, uma indisposição para o trabalho sistemático, um conformismo com o resultado dos modestos esforços realizados e uma permanente despreocupação com o dia de amanhã. E eu sempre me pergunto: será que a razão não está do lado do caboclo? Outras heranças são o hábito do banho de imersão frequente; as preferências alimentares pelo peixe, pela farinha de mandioca, pelo tacacá e pelo açaí [...] (BATISTA, 2007, p. 63).

Das palavras de Djalma Batista (2007), somos levados aos termos operacionais dos estudos residuais e à certeza da complexidade amazônica, ao mesmo tempo, do valor da teoria da complexidade sobre a florestas e espaços urbanos presentes da prosa e na poesia da Amazônia.
Como ponto de partida para conhecermos sobre Residualidade:

> A *residualidade* se caracteriza por aquilo que resta, que remanesce de um tempo em outro, podendo significar a presença de *atitudes mentais* arraigadas no passado próximo ou distante, e também diz respeito aos *resíduos* indicadores de futuro. Este último é o caso de artistas que, independente da estética à qual pertençam, incluem em suas obras uma linguagem precursora, sendo por isso comumente considerados artistas *avant la lettre*. Mas a *residualidade* não se restringe ao fator tempo; abrange também a categoria espaço, que nos possibilita identificar também a *hibridação cultural* no que toca a crenças e costumes (PONTES, 2003, p. 88).

As palavras "restaram", "heranças", "permanece/permanente" nos fazem reconhecer como elementos de algum passado, de algum processo de hibridação, foram essenciais para a construção da complexidade amazônica.

A Residualidade, de Pontes, traz para a pesquisa a ruptura por um ponto de partida da sociedade e cultura da Amazônia e promove o arcabouço teórico de análise dos aspectos que remanescem de outros tempos e espaços, percebendo como a hibridação cultural ocorre mediante apropriações de hábitos, costumes, mentalidades provenientes de outros grupos e adaptados de acordo com as realidades das coletividades que destes se apropriam.

A produção literária amazônica fala sobre um lugar em que o homem se desenvolve historicamente por meio de suas hibridações culturais. As heranças linguísticas, religiosas, ideológicas permitem ao amazônida uma pluralidade de culturas entrelaçadas que não esgotam o estudo pelo dinamismo existente entre os seus partícipes. Desta forma, compreender esta multiculturalidade na produção literária requer uma linha de pesquisa que compreenda o homem de acordo com a sua interação com o outro situado através de estudo transdisciplinar, de sua capacidade de lidar com o ambiente e como todos estes aspectos o individualizam dentro de uma perspectiva literária.

Nesse contexto, a apontamos também a *Complexidade* para a análise literária dessa Amazônia concebida a partir de uma teia de interações que "[...] não compreende apenas quantidades de unidades e interações que desafiam nossas possibilidades de cálculo: ela compreende também incertezas, indeterminações, fenômenos aleatórios. A complexidade num certo sentido *sempre tem relação com o acaso* (MORIN, 2015, p. 35). A Complexidade, de Morin, propõe uma reformulação dos estudos científicos sobre o homem. A ciência tradicional de busca por uma verdade, e por consequência um desvendamento do que se convenciona chamar de real, promove uma busca por perceber como o ser humano se relaciona com o ambiente, e que resultados estas interações promovem.

Referências:

BATISTA, Djalma. Amazônia – Cultura e Sociedade. 3ª ed. Manaus: Valer, 2006.

_____. O Complexo da Amazônia – Análise do processo de desenvolvimento. 2ª ed. Manaus: Valer, Edua e Inpa, 2007.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PONTES, Roberto. Poesia insubmissa afrobrasilusa. Rio de Janeiro: Oficina do autor; Fortaleza: Edições UFC, 1999.

_____. Mentiras e verdades na peregrinação de Fernão Mendes Pinto. Rev. de Letras, Fortaleza, v. 25, n. 1/2, p. 36-39, jan./dez. 2003.

9 - AS LINGUAGENS TRANSCRIATIVAS: ESTUDO DE TEXTOS INTERARTÍSTICOS SOB DIFERENTES OLHARES

Coordenação: Prof. Dr. Divino José Pinto (PUC – GO); Profa. Dra. Lacy Guaraciaba Machado (PUC – GO); Profa. Dra. Márcia Rios da Silva (UNEB – BA)

Resumo: A pretensão central deste simpósio é a de continuar explorando a presença de diálogos interartísticos numa perspectiva em interação com autor, leitor e obra de arte. Nesse sentido, pensa-se que tanto o autor quanto o leitor apoiam-se no repertório cultural de que são dotados e os movem durante o ato de leitura. Isso porque a obra de

diferentes sistemas de linguagem é instigadora de construção de redes de sentidos. Daí a relevância de se intensificarem estudos que estabeleçam relação interartes constitutivas de território amplo e espaço sedutor para novas perspectivas de análise e compreensão das artes em suas múltiplas correspondências. As linguagens verbais e visuais incorporam signos distintos, autônomos e complexos. Assim delimitado, este simpósio quer se constituir em mais uma provocação para que se socializem investigações transcriativas e interartísticas relacionadas à produção e recepção estética, mediante abordagens comparativas que promovam novos olhares sobre combinações e processos de hibridação de linguagens criativas incluindo estudos sobre a recepção da obra de arte e sua relação com espaços de leitura e ferramentas contemporâneas adotadas para a produção, circulação e veiculação de textos artísticos.

Realizar estudos teóricos da linguagem literária na sua relação com outras linguagens pressupõe estabelecer aproximações, contrapontos e distinções, para melhor compreender o parentesco e a parentalidade de gêneros artísticos manifestados nessas linguagens. Daí a relevância em explorar relações dialógicas entre Literatura e outras artes apreendidas como fatores geradores de identidades em cada uma dessas formas artísticas, assumidas como fonte criativa de acentuada produtividade nos dias atuais.

Alguns teóricos que subsidiam estudos dotados de propósitos como estes podem ser representados por Haroldo de Campos, Júlio Plaza, Giorgio Agamben, Mario Bellatin, Walter Benjamin, Theodor W. Adorno, Roland Barthes, Susan Buck-Morss, para quem "A coletividade do século XX [...] constrói sua identidade na base da imagem ao invés da palavra" (BUCK-MORSS, 2009, p. 28) e forma uma comunidade transnacional, embora o signo verbal continue habitando os mais diferenciados espaços textuais verbais e não-verbais.

Nessa direção, pretende-se socializar, neste simpósio, estudos que tratem das relações entre textos de diferentes sistemas de linguagem, averiguando, por exemplo, até que ponto os aspectos relativos à continuidade/descontinuidade, à compleição formal das obras articulam-se e podem ser entendidos como fenômenos inerentes à produção, à complexidade ou simplificação estética e de como tudo isto proporciona relações de fruição artística e "consumo".

Palavras-Chave: Estudos comparados. Hibridação de linguagens criativas. Interartes. Repertório cultural. Transcriação.

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. *Profanaciones*. Trad. Flávia Costa e Edgardo Castro. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2005.

BARTHES, Roland. *Realismo ¿mito, doctrina o tendencia histórica?* Buenos Aires: Quadrata, 2004, p. 91-101.

BELLATIN, Mario. *Jacobo el mutante*. México DF: Alfaguara, 2001.

BELLATIN, Mario. *El arte de enseñar a escribir*. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. v.1. (Obras escolhidas).

BUCK-MORSS, Susan. *A tela do cinema como prótese de percepção*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2009.

DIDI-HUBERMAN, G. *O que vemos, o que nos olha*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34.1998,
GUIMARÃES, César. *Imagens da memória. Entre o legível e o sensível*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.
HORKHEIMEIR, Max. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
PLAZA, Julio. *Tradução e intersemiótica.* São Paulo: Perspectiva, 2013.

10 - AS RELAÇÕES DA PSICANÁLISE COM A LITERATURA EM SUAS ORIGENS FREUDIANAS E NOS DIAS ATUAIS

Coordenação: Prof. Dr. Pedro Heliodoro Tavares (UFSC); Prof. Dr. Tito Lívio Cruz Romão (UFC)

Resumo: Fortemente atrelada e nutrida pela Criação Literária, a Psicanálise surge na virada do século XIX para o século XX, em um contexto de ebulição marcado por mudanças, inovações, evoluções e modernizações – mas também por conflitos – nos mais diversos âmbitos da vida humana. Por conseguinte, a Psicanálise teve em seu nascedouro a presença significativa da Arte Literária. Tanto é assim que, em seu texto "*Soll die Psychoanalyse an den Universitäten gelehrt werden?*" ["A Psicanálise deve ser ensinada nas universidades?"], após mostrar os limites e incongruências no ensino da Psicanálise com o sistema acadêmico, Freud (1919) afirma que, se a Psicanálise tivesse algum lugar em seu seio, seria numa assim chamada "*Universitas Literarum*". Diversos textos de Freud dão direta ou indiretamente testemunho de o quanto o saber necessário à Psicanálise deve muito mais à Literatura do que à própria Medicina, de onde partiu esse método clínico. Não à toa, talvez, Richard von Krafft-Ebing (*apud* Gay, 1994), um dos grandes especialistas médicos contemporâneos de Sigmund Freud, procurou destituir o valor das teorias psicanalíticas chamando-as de um "conto de fadas [*Märchen*] científico". Na verdade, o claro tom pejorativo presente nessa crítica ganha uma conotação muito distinta em 1930, quando Freud é agraciado com o Prêmio Goethe – honraria literária concedida em Frankfurt am Main desde o ano de 1927. Ressalte-se que o célebre crítico literário suíço Walter Muschg (1930), que também era psicólogo e germanista, enalteceu Freud em seu ensaio "*Freud als Schrifsteller*" ["Freud como Escritor"], no qual lemos a emblemática afirmação de que Freud teria usurpado a palavra "sonho" do vocabulário literário, trazendo-a para o meio científico. Muitos outros grandes autores literários contemporâneos de Freud, tais como Thomas Mann, Hermann Hesse, Stefan Zweig, também deram testemunho da profunda admiração que nutriam pela prosa freudiana e por sua capacidade como escritor. Não à toa, os assim chamados casos clínicos de Freud, suas "*Krankengeschichten*", eram lidos por seus contemporâneos como verdadeiros *romans-à-clef*. A título de ilustração, a influência de E. T. A. Hoffmann é indiscutível na elaboração da categoria do *Unheimlich* (Freud, 1919a). É verdade que alguns dos intentos iniciais do médico austríaco em aproximar sua invenção da Literatura o levaram ao questionável caminho das psicanálises de autor, mas cabe aqui ressaltar as felizes colocações em seu texto "*Der Dichter und das Phantasieren*" ["O poeta e o fantasiar"] (cf. Freud, [1908] 1982), no qual os autores literários são enaltecidos como grandes colaboradores no desvendamento do psiquismo humano. Destaque-se, portanto, a importância da(s) literatura(s) de que se serviu Freud, um leitor voraz e eclético que soube recorrer ao psicologismo de autores como

Shakespeare, Goethe, Schiller, Dostoiévski, dentre outros, visando a construir suas teorias psicanalíticas, como atestam Pontalis & Mango (2014) em sua obra sua *Freud com os escritores*, ou ainda Rouanet (2003) com seu detalhado estudo intitulado *Os dez amigos de Freud*, dedicado a uma dezena de autores de diferentes nacionalidades, todos da predileção do pai da Psicanálise. Como resultado da revolução causada por Freud, a mesma Psicanálise que se deixou influenciar pelo saber literário será também tema constantemente presente no universo da Criação e da Crítica Literária desde aquela época até os dias atuais. Desse modo, também havemos de observar que a convivência de Freud com alguns autores de sua época, como ocorreu, por exemplo, com Arthur Schnitzler, revela uma possibilidade de influências recíprocas. Por outro lado, no tocante à não convivência – apesar da contemporaneidade – tomemos o exemplo de Franz Kafka, coetâneo de Freud, em cujos escritos, diários e coletâneas epistolares não se encontram registros bastantes que mostrem uma influência de um sobre o outro. De qualquer modo, o autor tcheco-judeo-alemão apresenta em suas obras fartos temas mediante os quais se vislumbra como ele se aprofundava nos meandros da psique humana. Voltando nosso olhar para o Brasil, observamos um profícuo e atualizado diálogo entre a Literatura e a Psicanálise, enquanto em outros países outras interfaces com a Filosofia, a Linguística ou até mesmo a Antropologia ou a Topologia tiveram maior repercussão. Nesta perspectiva, em nosso simpósio serão bem-vindos trabalhos que preferencialmente (mas não apenas): a) examinem as marcas do legado de Freud em obras literárias nacionais ou estrangeiras; b) perscrutem a influência da Literatura (em particular ou de modo geral) na obra de Freud; c) verifiquem e comentem criticamente o processo de tradução de obras de Freud em que as marcas literárias por ele colocadas funcionem como chave para a compreensão de contextos psicanalíticos; d) abordem obras literárias brasileiras ou estrangeiras criadas sob a ótica da Psicanálise; e) analisem e comentem obras de autores brasileiros ou estrangeiros cuja compreensão pode ser facilitada mediante a perspectiva psicanalítica; f) apontem e comentem citações literárias indiretas – ou seja, originalmente sem indicação de fontes – feitas por Freud em seus escritos; f) examinem, em traduções brasileiras, a problemática da escrita freudiana entre cientificismo e literariedade.

Referências:

GAY, Peter. **Sigmund Freud – uma vida para nosso tempo.** Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

FREUD, Sigmund. Das Unheimliche. In: **Gesammelte Werke – chronologisch geordnet**. Frankfurt a M. Fischer Taschenbuch Verlag, [1919a] 1999.

FREUD, Sigmund. Der Dichter und das Phantasieren. In: Freud, S. **Bildende Kunst und Literatur**. Studienausgabe Band X Frankfurt am M. Fischer Taschenbuch Verlag, 1982.

FREUD, Sigmund. Soll die Psychoanalyse an der Universität gelehrt werden? In: **Gesammelte Werke – chronologisch geordnet**. Frankfurt am M. Fischer Taschenbuch Verlag, [1919] 1999.

MUSCHG, Walter. **Freud als Schriftsteller**. Munique: Kindler Verlag, [1930] 1975.

PONTALIS; Jean-Bertrand. MANGO, Edmundo Gómez. **Freud com os escritores**. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

ROUANET, Sergio Paulo. **Os dez amigos de Freud**. Vol. 1 e 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

11 - AUTORITARISMO, TERROR DE ESTADO E TESTEMUNHO: UM NOVO CICLO DE MEMÓRIA CULTURAL

Coordenação: Prof. Dr. Fabio Weintraub (Universidade Federal de São Carlos); Prof. Dr. Antonio de Padua Fernandes Bueno (Universidade Estadual de Campinas); Prof. Dr. Paulo Roberto de Souza Dutra (Stephen F Austin State University – Estados Unidos da América)

Resumo: Depois da redemocratização nos anos 1980, os temas da ditadura e do terror de Estado foram relativamente abandonados pela literatura brasileira, que, no entanto, apesar da censura existente, havia logrado tematizar a repressão política e o autoritarismo desde os anos 1960. Tais temas voltaram no século XXI, muitas vezes em decorrência da reflexão provocada por ações de movimentos sociais (como a Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos) que cobram a justiça e a reparação não realizadas na transição política para a democracia (a chamada justiça de transição). Como as reparações às vítimas começaram tardiamente e ainda não foram consumadas, e as punições aos agentes da repressão política nunca ocorreram no Brasil, a mobilização social se mantém neste século, quando surgem obras que lidam com o passado recente de forma bem diversa daquela da literatura produzida durante o período ditatorial.

Trata-se de um novo ciclo de memória cultural, identificado por Rebecca J. Atencio (especialmente no seu livro "*Memory's Turn: Reckoning with Dictatorship in Brasil*"), entre outros autores. Esse ciclo pode ser reconhecido no cinema, na televisão e também na literatura no Brasil. Livros sobre anistiados (como "Prova contrária", de Fernando Bonassi, de 2003), desaparecidos (como "Aleijão", de Eduardo Sterzi, de 2009, e "K. - Relato de uma Busca", de Bernardo Kucinski, de 2011), sobre infiltrados (como "Cabo de guerra", de Ivone Benedetti, de 2016), torturadores e outros agentes da repressão (como os romances "Aqui, no coração do inferno", "O peso do coração de um homem" e "O amor, esse obstáculo", da "Trilogia infernal", de Micheliny Verunschk, publicada de 2016 a 2018) entraram em voga. A Comissão Nacional da Verdade, instaurada em 2012, prevista pela Lei nº 12.528, de 18 de novembro de 2011, depois de muita mobilização nacional e discussão pública, esteve entre os fatores que fomentaram esse debate de que várias obras literárias participaram.

Nestes tempos atuais, de negacionismo histórico em relação ao passado recente e aos crimes da ditadura, bem como de recrudescimento autoritário, espera-se debater neste simpósio não apenas essas obras, mas também a literatura de outros países que tenham passado por dificuldades na transição política e na superação do passado autoritário, como, por exemplo, a produção literária dos H.I.J.O.S. (*Hijos e Hijas por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio*, organização argentina que congrega os descendentes dos mortos e desaparecidos pelo terror de Estado) na Argentina.

O tema também suscita questões relativas à literatura de testemunho, como já salientou Márcio Seligmann-Silva no tocante ao caso do Brasil. Esse tipo de literatura nasceu na Primeira Guerra Mundial diante das graves violações de direitos humanos no conflito, e, como faz notar Philippe Mesnard, confronta-se com a mentira oficial, estreitamente ligada à violência. A literatura de testemunho pode ser verificada também nos chamados crimes da democracia, que mantêm continuidade com as graves violações de direitos

humanos da ditadura. Na América Latina, configuram-se obras que trabalham com a questão dessas continuidades, como a do poeta argentino Julián Axat, que, ao tratar dos desaparecidos da ditadura, ou nas vítimas da democracia, entende o trabalho poético como um diálogo com as vozes dos mortos pela "violência institucional". No Brasil, trata-se principalmente da tortura e dos desaparecimentos forçados, bem como do genocídio indígena e do genocídio da juventude negra e periférica, que vêm suscitando uma forte produção literária, inclusive nas chamadas literaturas periféricas.
Palavras-chave: Ditadura, Literatura de testemunho, Memória cultural.

Referências:
ATENCIO, Rebecca J. *Memory's Turn: Reckoning with dictatorship in Brazil*. Madison: The University of Wisconsin Press, 2014.
AXAT, Julián; REATI, Fernando. La poesía es un diálogo con los muertos… Entrevista a Julián Axat. Avatares del Testimonio en América Latina. Kamchatka, núm. 6, 2015, p. 865-877.
BENEDETTI, Ivone. *Cabo de guerra*. São Paulo: Boitempo, 2016
BONASSI, Fernando. *Prova contrária*. São Paulo: Objetiva, 2003.
KUCINSKI, Bernardo. K. - Relato de uma Busca. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
MESNARD, Philippe. *Témoignage em résistance*. Paris: Éditions Stock, 2007.
SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura como testemunho da ditadura. A Ditadura militar brasileira em dois romances: Bernardo Kucinski e Urariano Mota. In: *Introdução Crítica à Justiça de Transição na América Latina*. Série O Direito Achado na Rua, vol. 7. Brasília: UnB, 2015, pp. 164-168.
STERZI, Eduardo. *Aleijão*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
VERUNSCHK, Micheliny. *Aqui, no coração do inferno*. São Paulo: Patuá, 2016.
VERUNSCHK, Micheliny. *O peso do coração de um homem*. São Paulo: Patuá, 2017.
VERUNSCHK, Micheliny. *O amor, esse obstáculo*. São Paulo: Patuá, 2018.

12 - CAMINHOS DO NARRAR: NOVAS PERSPECTIVAS

Coordenação: Profª. Drª. Gandhia Vargas Brandão (UnB); Prof. Drª. Nathalie Letouzé (UnB); Prof. Drª. Patricia Gonçalves Tenório (PUC-RS)

Resumo: A origem da Escrita Criativa vem dos tempos ancestrais. Reza a lenda que a mãe de Virgílio, o autor da *Eneida*, sonhou quando grávida com um loureiro. Consultou um mágico e este revelou, para alegria da futura mãe, que o filho seria um grande poeta. Mas o mágico advertiu: ela deveria enviar Virgílio para Roma para que aprendesse com os grandes poetas da época.
Escritores do mundo inteiro já falaram de suas técnicas de maneira incansável. Descobrimos nas *Cartas exemplares* que Guy de Maupassant bebia em Gustave Flaubert. Virgínia Woolf compartilha os segredos da sua escrita em *O leitor comum*. Henry James derrama a própria técnica em *A arte da ficção*. Edgar Allan Poe explica, de trás para frente, como escreveu seu poema mais conhecido, "O corvo", em "A filosofia da composição". Milan Kundera revela os bastidores de *A insustentável leveza do ser* em *A arte do romance*. Orhan Pamuk conta da profecia paterna quanto ao Prêmio Nobel de Literatura que recebeu em 2007 em *A maleta do meu pai*. Por outro lado,

Franz Kafka declara que tudo o que escreveu foi para ser respeitado na sua nunca entregue longa *Carta ao pai*.

Enquanto isso, vem a primeira onda da Escrita Criativa com as chamadas oficinas literárias. Esses cursos começaram a ganhar "corpo", "forma", difusão e institucionalização nos Estados Unidos a partir da década de 1930. Inicialmente foram inseridos nos currículos escolares, nos quais ganharam a denominação pela qual são conhecidos atualmente, *Creative Writing* (Escrita Criativa). Na França, encontramos os *Ateliers d'Écritures*, nos anos 60 do século XX com Elisabeth Bing; na Espanha, os *Talleres*, *Factoria de Alquimia Literaria*; no México, o Grupo El Paso, *Maestria em Creación Literaria*; na Argentina, Ricardo Piglia.

No Brasil, data de 1962 um dos primeiros cursos dessa natureza, ministrado pelo professor Cyro dos Anjos na Universidade de Brasília (UnB). Após esta iniciativa, em 1966, a professora Judith Grossmann fundou, na Universidade Federal da Bahia, as oficinas de criação literária. Posteriormente, em 1975, no Rio de Janeiro, ocorreu uma oficina ministrada por Silviano Santiago e Affonso Romano de Sant'Anna (este último participou do *Program in Creative Writing*, iniciado pela *Iowa University*). E desde 1985, funciona, de maneira ininterrupta e inserida no Programa de Pós-Graduação da PUCRS, a Oficina Literária Luiz Antonio de Assis Brasil.

No I Simpósio Caminhos do Narrar, trabalhamos as estruturas narrativas descobertas em Joseph Campbell e Carl Gustav Jung pelo roteirista de Holywood, Christopher Vogler, no seu *A jornada do escritor*, e encontramos nas comunicações apresentadas formas as mais diversas de se contar uma história: *fanfictions*, *podcasts*, *blogs*, redes sociais. Qualquer um pode escrever a história que quiser, da maneira que desejar.

Então, nasce a pergunta: É preciso estudar para ser escritor? Certamente, inúmeros exemplos apontam que não necessariamente é preciso estudar para ser escritor, contudo, em entrevista para Davi Boaventura, o ex-jornalista de São Paulo radicado em Porto Alegre Luís Roberto Amabile quebra a mística do escritor/poeta inspirado pelas musas e que não precisa da transpiração para criar. E vai além. Lembra que nas Artes Plásticas existem, hoje em dia, mestrados e doutorados cujo trabalho final é a construção de uma obra e a análise à luz de uma teoria. Por que o escritor não pode ou deve fazer o mesmo?

Vem a segunda onda da Escrita Criativa: os Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* e *Lato Sensu* em Escrita Criativa pelo Brasil afora. Alicerçados em Faculdades de Letras, os alunos-escritores das pós-graduações em EC – tendo como pioneiro no país o caso da PUCRS, com graduação (2015), mestrado (2006) e doutorado (2012) – se alimentam do fazer artístico dos escritores clássicos e contemporâneos, assim como da teoria da literatura, e outras áreas de conhecimento (filosofia, psicanálise, semiótica), outras artes conjugadas (cinema, fotografia, artes plásticas), que o ambiente acadêmico proporciona e facilita, para que, lembrando o saudoso poeta e escritor Ariano Suassuna no seu *Iniciação à estética*, munidos da técnica, ou estudo contínuo, e do ofício, ou trabalho diário, quando a ave de rapina da inspiração criadora, ou forma, descer do sol com seu voo certeiro, estarmos preparados para dar o salto, e escrevermos uma obra de arte.

O presente simpósio deseja dar continuidade às apresentações de trabalhos que iniciamos em 2018 sobre a temática da arte de contar histórias, do narrar o ser no mundo, do ser na própria arte e do próprio fazer artístico. As construções narrativas na

contemporaneidade e os diversos modos de circulação e reprodução dessas narrativas, assim como estudos de casos da inserção da Escrita Criativa em ambiente acadêmico.

Referências:

FLAUBERT, Gustave. *Cartas exemplares*. Tradução: Carlos Eduardo Lima Machado. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2005.
JAMES, Henry. *A arte da ficção*. Tradução e prefácio: Daniel Piza. Osasco, SP: Novo Século Editora, 2011.
KAFKA, Franz. *Carta ao pai*. Tradução: Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, (1919 in) 2007.
KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. Tradução: Teresa Bulhões C. da Fonseca e Vera Mourão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
PAMUK, Orhan. *A maleta do meu pai*. Tradução: Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
POE, Edgar Allan. A filosofia da composição. In *Poemas e ensaios*. Tradução: Oscar Mendes e Milton Amado. Revisão e notas: Carmen Vera Cirne Lima. 3ª ed. revista. São Paulo: Globo, 1999
SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à estética*. Texto revisado e cotejado: Carlos Newton Júnior. 5. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002.
WOOLF, Virgínia. *O leitor comum*. Tradução: Luciana Viégas. Rio de Janeiro: Graphia, 2007.

Links

"Entrevista: escritor de volta à escola?" de Davi Boaventura a Luís Roberto Amabile no Jornal iTEIA em 09/09/2013: http://www.iteia.org.br/jornal/entrevista-escritor-de-volta-a-escola
Assis Brasil, disponível em http://www.laab.com.br/oficina.html. Consultado em 25/11/2016.

13 - CÂNONE E VISIBILIDADE: O QUE PRECISA SER (RE)VISTO NA LITERATURA?

Coordenação: Prof.ª Fabiana Bazilio Farias (UNIGRANRIO); Prof.ª Juliana Carvalho de Araújo de Barros (UNIP- Brasília); Prof.ª Luciana Barbosa Reis (IFRJ)

Resumo: A palavra "cânone" vem da do grego kanón que faz referência a uma espécie de vara que servia como unidade de medida. Logo, quando falamos de cânone na literatura estamos nos referindo a um grupo de obras que são valorizadas de acordo com parâmetros pré-estabelecidos. Conhecemos os livros que fazem parte do cânone como "clássicos", livros que não devemos deixar de ler para entender a História da Literatura do nosso país. É o que se afirma.
Um livro para ser visto como clássico precisa ter um valor estabelecido por um grupo que não está isento das influências sociais, estéticas, ideológicas, etc. Roberto Reis (2005) afirma que "a literatura tem sido uma das grandes instituições de reforço de fronteiras culturais e barreiras sociais, estabelecendo privilégios e recalques no interior da sociedade".

A literatura, portanto, tem sido um ambiente de disputa de diferentes grupos sociais que buscam a voz em primeira pessoa que durante muito tempo foi mediada por outras falas distantes de sua realidade. São vozes que interferem no *status quo* e causam atravessamentos que têm levado os estudos críticos a repensarem continuamente, ao longo do tempo, os espaços e as trajetórias canônicas da literatura.

Para citar um exemplo, durante um longo período, as escritoras brasileiras permaneceram, em sua maioria, na invisibilidade, ausentes da historiografia literária e raramente citadas pela crítica, além de terem seus nomes apagados das premiações literárias. No que se refere especificamente à exclusão de textos escritos por mulheres e sua sub-representação em textos considerados canônicos, as justificativas iam do baixo número de escritoras em relação aos homens à, até mesmo, baixa qualidade atribuída aos seus textos. Só mais ao final do século XX, graças ao trabalho das pesquisas acadêmicas e de alguns institutos culturais, foi possível o contato com obras que revelam a intensa participação feminina nas letras nacionais dos séculos passados, seja na prosa, na crônica ou na poesia.

Se a mulher tiver experiências resultantes de uma vida de escolhas próprias, não da reclusão ou repressão, mas que desconstruam o estereótipo criado para ela, o cânone da literatura e a produção de mulheres se modificará consideravelmente. De acordo com Reich, para se obter a mudança, seria necessário adotar um comportamento libertário, pois o verdadeiro prazer não pode conviver com a opressão. A massa controlada pelo sistema, dominada, domada, é condenada a insignificância, e, assim, privada de atingir graus de consciência mais autônomos. Ela é podada e impotente, e é essa impotência de pensamento criativo e crítico a preconceitos que caracteriza o homem comum. Isso se dá porque o sistema, através de seu mecanismo de controle defendeu-se previamente contra qualquer tentativa de subversão às regras em voga, e somente, através da libertação, o indivíduo poderá se tornar um ser íntegro e crítico – "Um homem não é estúpido ou inteligente: ele é livre ou não é", denunciavam os muros parisienses dos anos 70. Ao se adotar um olhar libertário sobre si mesmo e seu lugar no mundo, desestabiliza-se a estruturas engessadas do cânone literário e revisa-se as posturas e os critérios adotados pela historiografia literária. Percebemos, assim, que há uma herança cultural que endossa e estimula uma seleção de autores pela maior aderência à ideologia e aos valores reinantes.

O Cânone, a partir de sua relação de poder, reforça a dominação eurocêntrica que pode ser vista na sua própria alcunha: "Cânone Ocidental". Por Ocidente, inferimos uma série de exclusões que estão fora do seu campo semântico como o "oriental", o "africano", o indígena, etc. Dessa maneira, o cânone ocidental também estabelece um padrão para a literatura que estará ligada às classes dominantes que reafirmam os jogos políticos e sociais de poder do ocidente.

Este simpósio não pretende valorar a obra de acordo com seu comprometimento com as pautas de lutas sociais, mas, sim, expor criticamente a conjuntura de sua produção. O simpósio, dessa forma, se interessa por trabalhos que se voltem para discussões de questões relacionadas a revisão do cânone a partir do resgate de autores em seus diferentes gêneros literários dentro de uma perspectiva histórica e de análise crítica.

Referências:

BONNICI, T. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: EDUEM, 2007.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 3ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2001.
GOLDMANN, L. **As interdependências entre a sociedade industrial e as novas formas de criação literária**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.
RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.
REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luiz. Org. **Palavras da crítica: uma introdução**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

14 - CENOGRAFIAS DA VOZ, ONTOGRAFIAS DO SENTIDO: CORPO E ENUNCIAÇÃO, HISTORICIDADE E ONTOLOGIA

Coordenação: Roberto Zular (USP); Lucius Provase (UFPR); Fábio Roberto Lucas (UFPR)

Resumo: Pensar a experiência literária ligada à **enunciação** e à **voz** nos coloca diante de um desafio que articula e transforma os campos de investigação relativos ao **corpo**, à **historicidade** e à própria **ontologia**. Afinal, a performance de uma enunciação, sobretudo a literária, desdobra o encontro dos corpos, afetos, contextos e temporalidades heterogêneas dos modos de inscrição e de leitura, correlacionando os diferentes materiais, linguagens e mundos que ela mobiliza e que a mobilizam.
Quando transitamos entre as marcas linguísticas e os corpos que as atravessam, não se trata mais de perscrutar a relação entre o dado e o construído, mas de habitar os limiares entre eles – como entre a voz e a escuta – e as formas de vida que performam. Entramos assim em um fluxo de re-enunciações – de onde deriva a noção de historicidade radical (Meschonnic) – que coloca em questão não apenas os modos como lemos, mas a própria ontologia da escrita e da leitura, abrindo um campo de investigações daquilo que chamaremos de ontografias do sentido. Como na multiplicidade de sentidos do sentido (direção, afeto, mundo sensível e práticas de significação), a legibilidade do mundo se confunde com os modos de existência, a literatura toca a antropologia, a historicidade dessa experiência (que produz sentidos múltiplos) se faz na e pela composição de mundos.
A partir dessa radicalização da historicidade e suas temporalidades heterogêneas que se projetam em vários níveis e escalas, o que se coloca em jogo é não apenas evitar discursos que opõem extensivamente agência e contexto, natureza e cultura, animalidade e humanidade etc., mas habitar os espaços de co-incidência dessas relações (Zular), os limiares, as modulações, as acoplagens, as formas singulares de suas atualizações enunciativas.
Passa por aqui uma imbricação em diversos sentidos do aparelho formal da enunciação (Benveniste), das heterogeneidades enunciativas (Authier-revuz), do caráter performativo da linguagem (Austin), da vocalidade (Zumthor), do oral e do ritmo (Meschonnic), da equivocidade **ontológica** do signo e sua vida enigmática (Maniglier). Em todos eles, em diferentes graus e modos, somos levados a uma experiência da enunciação como contra**dicção** (Lucas) entre o discurso e sua dicção, na qual os pontos de vista e as posições enunciativas (de personagens, narradores, leitores etc.) estão sempre em descompasso, em variação no corpo-a-corpo da enunciação, do leitor e dos seres de ficção, que se obliquam e se alterocupam em seus posicionamentos múltiplos e diferidos (Nodari).

Com isso, torna-se necessário também repensar os modos de acoplagens entre o **corpo** e a experiência literária. Nessa região ontológica equívoca, a posição-sujeito da enunciação se torna uma *expeausition*, uma vibração de um ato de pele, para falar com Jean-Luc Nancy, ou um nó rítmico (Meschonnic), ou ainda o lugar paradoxal da voz (Lacan, Mladen Dolar). Longe de ser a exposição da intimidade de um si autoidêntico e de seus afetos previamente constituídos, como em um *reality show* ao melhor estilo Marie Kondo, experimentamos ontologias variáveis que percorrem diferentes circuitos de sentidos e afecções (como a voz e o olhar), e os acoplam uns aos outros, reinventando as forças e formas de relação entre eles, bem como entre sensações corporais e as materialidades (da fala aos recursos digitais) acoplados à performance. Voltamos aqui à modulação entre escalas e grandezas heterogêneas de fluxos de matéria, energia, tempo e espaço, constituindo corporalidades heterotópicas (Cesarino) ou pós-orgânicas (Haraway).

As variações e equivocações ontológicas do ato enunciativo, especialmente o literário, bem como as acoplagens entre corpos e linguagens ali mobilizadas se dão no encontro das temporalidades heterogêneas da escrita e da leitura. Donde a retomada da questão da **historicidade** da experiência literária, de sua dimensão histórica, não como controle teleológico do possível, mas como variações ontológicas, como campo de reverberação do sentido no qual regimes heterogêneos de relação com tempo (regimes de historicidade) são problematizados. Afinal, a perda do lastro discursivo que se intensificou a partir dos anos 1970 (Provase) produziu uma disputa sobre sentidos, borrando as separações entre os campos discursivos (direito, propaganda, ciências humanas, literatura etc.), que passaram a produzir ficções e a utilizá-las politicamente. Se a resposta a esse estado de coisas, como à multiplicidade do signo, seu valor variável e seu sentido contextual, tem sido cínica (como um espaço anestesiado de reenvios que parecem acionar, mas, de fato, neutralizam as reconfigurações do sensível e as equivocidades enunciativas, tal como o conceito de "pós-verdade"), a proposta deste simpósio é radicalizar a sobredeterminação entre as séries (mais uma vez Maniglier), produzir conexões parciais e acoplagens que potencializem as implicações éticas e políticas da voz como ponto pivotante em que se articulam à enunciação literária as diferentes historicidades (ou mesmo regimes de historicidade), corpos (ou regimes de corporalidade), materialidades, afetos, sentidos, regimes de imaginação e ontologias.O simpósio se abre assim às múltiplas questões oriundas da ecologia conceitual aqui exposta.

Palavras-chave: Voz; Corpo; Historicidade; Ontologia

Referências:

Authier-Revuz, J (1984). "Hétérogénéité(s) énonciative(s)" in: Langages, 19, 73, p. 98-111.

Benveniste, E (1974a). *Problèmes de linguistique générale vol. I.* Paris: Gallimard.

_____ (1974b). *Problèmes de linguistique générale vol. II.* Paris: Gallimard.

Cesarino, P. N. (2016). "Corporalidades heterotópicas: montagens e desmontagens do humano nos mundos ameríndios e além" in: Revista Brasileira de Psicanálise, volume 50, n.2, p. 157-175.

Dolar, Mladen (2006). *A voice and nothing more*. Cambridge: MIT press.

_____ (2012). "O objeto voz" (tradução de Clóvis Salgado Gontijo

Oliveiro) in: Prometeus, 5, número 10, p. 167-192.
Haraway, D. (2000). "Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX". In T. Tadeu (Org.), *Antropologia do ciborgue* (T. Tadeu, Trad., pp. 33-118). Belo Horizonte: Autêntica.
Lacan, J (2004). *Seminaire X – L'Angoisse*. Paris: Seuil.
_____ (1994). *Seminaire IV – La relation d'objet.* Paris: Seuil.
Lucas, F. R. (2018). *O poético e o político: últimas palavras de Paul Valéry*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo.
Maniglier, P (2006). *La vie énigmatique des signes, Saussurre et la naissance du structralisme*. Paris: Léo Scheer.
Meschonnic, H (2102). *Langage, Histoire Une meme théorie*. Paris: Verdier.
_____ (1982). *Critique du rythme*. Paris: Verdier.
_____(1995). *Politique du rythme*. Paris: Verdier.
Nancy, J-L (1982). *Le partage des voix*. Paris: Galilée.
_____ (2002). *À l'écoute*. Paris: Galilée.
Provase, L (2016). *Lastro, rastro e historicidades distorcidas: uma leitura dos anos 70 a partir de Galáxias*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo, 2016.
Zular, R (2012). As algaravias de Waly Salomão. Revista Teresa (USP) , v. 1, p. 143.
_____ (2014). "Luto, Antropofagia e a Comunidade como dissenso". In: Penna, João Camillo; Dias, Ângela. (Org.). *Comunidades sem fim*. 1ed.Circuito: Rio de Janeiro, v. 1.
Zular, R. & Lucas, F (2016). "Desencontrários – ecos de Leminski". In: Malufe, Annita Costa; Junqueira, Maria Aparecida (orgs). *Poesia: entre-lugares*. São Paulo: Dobradura Universitário, p. 41-81.
Zumthor, P (2007). *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: CosacNaify.

15 - CIRCULAÇÃO DE IDEIAS E DIÁLOGO DE CULTURAS, NA LITERATURA COMPARADA

Coordenação: Maria Elizabeth Chaves de Mello (UFF); Simone Maria Bacellar Moreira (UERJ)

Resumo: A circulação de ideias e cruzamento de olhares entre os povos, na literatura e outras artes, é o tema de interesse deste simpósio. Em uma proposta de reflexão sobre este cruzamento de olhares , é impossível deixar de lado a assimilação das ideias europeias que foi ocorrendo ao longo de nossa história.

Se o século XIX marca o início propriamente dito da luta pela formação de uma realidade nacional, não podemos desprezar toda a produção artística anterior, que contribuiu para a formação do que definimos como "ser brasileiro". A Europa, à medida que amplia suas conquistas, traz com ela sua arte e seu comércio, participando, assim, dessa definição, apesar da evidente limitação em sua forma de ver o mundo.

A literatura participa desse projeto de construção nacional, trabalhando de várias maneiras para formar o cidadão, detectando a 'brasilidade' nas obras estudadas, bem como conscientizando o público da circulação de ideias nas obras. As teorias da época, que nos chegam através de autores, pensadores e viajantes europeus, lidos com avidez

pelo pequeno público leitor do Brasil, sobretudo oitocentista, participam intensamente desse processo.

E nesse diálogo com as ideias advindas da Europa, o imaginário tem um papel preponderante, responsável pela formação de conceitos e crenças que são incorporados em muitos movimentos que se desenvolvem no Brasil, não deixando imune o sistema literário brasileiro. Alternando entre a ficção e o contexto sócio-histórico, a literatura brasileira vai se constituindo e encontrando o seu lugar na sociedade.

Hoje, as correntes literárias europeias da pós-modernidade continuam circulando no pensamento brasileiro, resultando em obras literárias bem diversas, de autores que compartilham as propostas nelas contidas. Porém, com as questões identitárias não sendo mais o tema central da literatura, as obras literárias não conseguem atingir um público significativo; escritores e críticos nacionais, diferentemente daqueles dos oitocentos, não ocupam uma posição atuante na sociedade brasileira, ficando eles restritos ao espaço acadêmico. Sobretudo o crítico, um isolado, alguém que não tem público e cujo êxito depende principalmente da sua retórica. Sem ambiente intelectual, ele se torna um juiz autoritário, vendo sempre um adversário em quem diverge de suas ideias. Ou, o que é mais grave, sem público leitor.

No intuito de provocar uma reflexão sobre os estudos literários e culturais no Brasil de hoje, este simpósio busca respostas a algumas perguntas que consideramos essenciais neste processo: Como entendemos a literatura, hoje, com novos suportes e abordagens de escrita e de leitura? Em um mundo em que a circulação de ideias e a troca de influências são facilitadas pela tecnologia, em que tempo e distância estão reduzidos, ainda podemos falar em literaturas nacionais, mais precisamente em literatura brasileira? Qual a função do estudo de literatura, hoje, na escola e na universidade? Considerando as nossas experiências literárias do passado, como fazer face às textualidades contemporâneas, no diálogo com as literaturas e teorias europeias? Como formar novos leitores?

Não pretendemos fornecer respostas; mas enfrentá-las pode nos proporcionar alguns avanços, pois, o que nos impressiona na circulação das ideias europeias no Brasil, ainda hoje, é a famosa questão da 'pedagogia': em termos de colonização, em termos de crítica, em termos de história. Nós, do lado de cá do Atlântico, estaríamos ainda 'aprendendo', assimilando, introjetando? Mais uma questão sobre a qual precisamos refletir.

Palavras-chave: circulação de ideias, cruzamento de olhares, literatura e leitura.

16 - CIRCULAÇÃO, TRAMAS E SENTIDOS NA LITERATURA JUDAICA CONTEMPORÂNEA

Coordenação: Profa. Dra. Kênia Maria de Almeida Pereira (UFU); Profa. Dra. Lyslei Nascimento (UFMG); Profa. Dra. Nancy Rozenchan (USP)

Resumo: O simpósio **Circulação, tramas e sentidos na Literatura Judaica Contemporânea** acolherá, no contexto do Congresso XVI da Abralic 2019, contribuições teóricas e críticas sobre a literatura judaica da atualidade. O conceito de trama aponta, num primeiro momento, para o texto em sua realização no enredo ou urdidura, com a ideia de tecido e textualidade metaforicamente configurado no enunciado. Num espectro mais amplo, na enunciação, o termo se expande e enriquece para outras acepções como ardil, armadilha, artifício, engenho, estratégia, intriga, além

de confabulação, de argumento e de labirinto criados pelos escritores em seu ofício. Criadores e criaturas, no sentido textual, estão, assim, contemplados nessa proposta. Compreendem-se, portanto, elegíveis para este simpósio, reflexões e críticas sobre as inúmeras e sofisticadas estratégias criativas e criadoras de escritores que tenham a cultura e a tradição judaica como autoria, tema ou método. Nesse contexto, essa abordagem é especialmente instigante para se analisar o jogo entre o enunciado e a enunciação na literatura judaica contemporânea e a sua circulação intertextual e entre artes. A noção de sentido, por sua vez, também de forma lúdica, amplia-se para interpretação, significado, tom, orientação e rota que norteiam o trabalho ficcional. A diversidade da cultura e da tradição judaicas, tanto na prosa quanto na poesia, é paradigmática e rica na exploração desses conceitos em vários níveis, elaborando intrincadas e reveladoras relações entre textos em diálogo com outras literaturas e com outras artes como o cinema, a fotografia e as artes em geral. Assim, balizam nossa proposta a contundente obra de Franz Kafka e de Walter Benjamin, com seus personagens presos em armadilhas tanto do corpo e da mente, como em *Metamorfose*, quanto das condições férreas do metafóricas ou não, como em *O processo*, *O castelo* e em *Na colônia penal*, no caso de Kafka; e das reflexões fundamentais sobre a história, a experiência, a arte e a técnica, como em Benjamin. Também estarão presentes em nossos debates os testemunhos imprescindíveis para o nosso tempo como os de Primo Levi em *É isto um homem* ou em *Sobreviventes e afogados*; os de Elie Wiesel, como em *Noite*, além da literatura iconoclasta de Philip Roth, sobretudo em *Complexo de Portnoy* ou *Pastoral americana*; de Saul Bellow em *Herzog* ou de Natalia Ginzburg em *A família Manzoni* ou *Family Lexicon*. O inusitado experimentalismo de Georg Perec, em *W, ou a memória da infância* e *Vida: modos de usar*, por exemplo, além de *Tudo se ilumina* e *Extremamente alto e incrivelmente perto*, de Jonathan Safran Foer poderão, também, ser objeto de análises; a fundamental literatura israelense de Aharon Appelfeld, como em *Badenheim 1939*, Amos Oz, em *Meu Michel* ou em *A caixa preta*; David Grossman, em *Ver: amor*, Orly Castel-Bloom, em *Human parts* e Etgar Keret, como em *As medusas*, entre outros autores e obras. A literatura judaica contemporânea brasileira será contemplada com Clarice Lispector, como em *A hora da estrela*; Samuel Rawet, como em *Contos do imigrante*; Moacyr Scliar, como em *O centauro no jardim*; além da literatura de Cíntia Moscovich, Leila Danziger, Noemi Jaffe, Ronaldo Wrobel, Paulo Rosenbaum e Fábio Weintraub, só para citar alguns poucos nomes. Esperamos, assim, pensar a literatura judaica contemporânea a partir de sua capacidade de recriar o imaginário, os personagens e os espaços bíblicos com humor e ironia; as inúmeras formas do exílio, suas expressões e marcas; as representações-limites do Holocausto/Shoah; as reflexões contundentes sobre o ofício de escrever e do estar no mundo do artista, a marca biográfica e a encenação do poético como outros temas caros à expressão literária. Para isso, este simpósio receberá propostas de comunicações que apresentem análises de autores e obras que abranjam o múltiplo espectro que é a literatura judaica na contemporaneidade.

17 - CIRCULAÇÃO, TRAMAS & SENTIDOS QUE ENREDAM A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Coordenação: Profª Drª Regina Michelli (Regina Silva Michelli Perim) (UERJ); Profª Drª Maria Zilda da Cunha (USP); Prof. Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho (UESPI).

Resumo: A Literatura para crianças e jovens responde, atualmente, por uma gama de possibilidades de abordagem que a torna, praticamente, um campo específico, visitado por diferentes teorias e propiciador de variada produção no que tange aspectos ligados à pesquisa no âmbito mais teórico ou prático.

Refletir sobre a literatura mais direcionada ao público infantil e juvenil implica pensar relações que se tecem em torno, por exemplo, da autoria, por vezes na dupla articulação textual e imagética, em que o olhar se volta para as ilustrações e o design do livro, bem como das produções textuais em diferentes gêneros literários e linguagens, obrigando à observação de experimentações que revelam fecundidade na composição artística. Além disso, emergem pesquisas que se voltam para o reendereçamento a crianças e jovens de obras escritas originariamente para o público adulto, sinalizando o alargamento de fronteiras entre esses públicos e a consequente adaptação a novos projetos gráficos mais condizentes ao tratamento dispensado a livros infantojuvenis, o que se vê em obras de escritores como Mário Quintana, Fernando Pessoa, Saramago. Nesse sentido, destaca-se o processo intenso de assimilação dos contos de fadas e narrativas populares, que não se destinavam ao público infantil, iluminando, por um lado, a dimensão universal de obras da tradição, oriundas da oralidade e geralmente marcadas por estratégias ligadas ao maravilhoso, e, por outro, tonalizando a definição do tipo de texto próprio à infância, ultrapassando-se, na visão de Hunt (2010), fronteiras da cultura erudita e popular. Assim, há que se considerar tanto a apropriação de narrativas literárias da tradição e o processo de adaptação/recriação, obras relidas e publicadas em outras linguagens e mídias, como as novas produções, que evidenciam, por vezes, o cenário ideológico contemporâneo, repensando estereótipos e representações sociais, bem como estratégias discursivas e hipermidiáticas que exigem novas habilidades e competências de leitura.

O caráter da produção literária para crianças e jovens também promove uma trama de conexões que levam a pensar nos agentes sociais e culturais que emergem nessa relação, como família, escola, biblioteca, editoria (com editores, revisores, tradutores, artistas plásticos, ilustradores), mercado editorial, livraria, agentes que legitimam e promovem a circulação das obras, por vezes constrangendo-as a padrões ideológicos restritivos: se a literatura infantil e juvenil alargara-se à focalização de temas antes considerados tabus (RODARI, 1982), observando a preocupação de educar o leitor pelo diálogo instaurador de múltiplos pontos de vista, parece que assistimos a um recrudescer dessa abertura, observado em polêmicas recém instauradas nas mídias sociais. Reafirma-se a necessidade de validar a efervescência de vozes, na esteira da polifonia sustentada por Bakthin (1981), com vistas à multifacetada experiência literária, levando em conta a diversidade de aspectos e sentidos a serem considerados no ato da leitura crítica de textos que se apresentam em variados gêneros, linguagens e suportes e em que se incluem processos como criação, circulação, mediação, recepção. Todo texto literário, cabe ainda ressaltar, é sempre atravessado, de forma clara ou velada, por outros textos que o precederam ou lhe são contemporâneos, constituindo-se essencialmente dialógico e intertextual.

Outro ponto relevante que cumpre destacar é a abrangência dos estudos à roda da literatura infantil e juvenil e dos processos que abarcam a leitura literária. As pesquisas apontam, na visão de Ceccantini (2004), tanto para concepções mais aplicadas, direcionadas à formação do leitor e ao desenvolvimento da criança, como para focos mais teóricos, “mais preocupados com a autonomia do objeto focalizado e suas relações

com a série literária e a histórica" (2004, p. 23). O campo de estudos se alarga a várias áreas do saber, por meio de olhares interdisciplinares e multissemióticos, propiciando pesquisas teóricas e práticas no âmbito de diferentes ciências. Acredita-se fecundo o diálogo desta literatura com discursos produzidos por outras esferas de conhecimento, como a educação, a psicologia analítica e do desenvolvimento, a psicanálise, a história, a mitologia, a semiótica, a análise do discurso etc.

Face ao exposto, este simpósio, no âmbito de sua proposta, pretende aceitar trabalhos e fomentar debates que promovam reflexão e alargamento conceitual em torno da literatura para crianças e jovens, no que tange diferentes perspectivas, como: funções e fronteiras dessa literatura; análises críticas de obras literárias em diferentes gêneros, linguagens e suportes, sob fundamentação teórica diversificada; práticas de leitura e metodologias inovadoras; presença de textos e autores de e sobre literatura para crianças e jovens em livros didáticos e meios de comunicação; aspectos relacionados a produção, circulação e recepção; temas contemporâneos ligados a questões polêmicas importantes na formação de crianças e jovens, como identidade, representações étnico-raciais, de gênero, de faixa etária, de diversidade cultural etc., bem como representações mais próximas do verismo (ZILBERMAN, 2003) ou articulando a presença do maravilhoso e do fantástico, no âmbito do insólito ficcional.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

CECCANTINI, João Luís C. T. "Perspectivas de pesquisa em literatura infanto-juvenil" In: _____(org.) *Leitura e literatura infanto-juvenil*: memória de Gramado. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis-São Paulo: ANEP, 2004, p.19-37.

RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. São Paulo: Summus, 1982.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.

18 - CORPOS ACORRENTADOS, IDEIAS SUBVERSIVAS: LITERATURA E PERSEGUIÇÃO

Coordenação: Prof. Dr. Daniel Marinho Laks (UFSCar); Prof. Dr. Maximiliano Gomes Torres (UERJ-FFP); Prof. Dr. Jorge Vicente Valentim (UFSCar).

Resumo: Em um número considerável de países que, durante muito tempo, possibilitaram um debate público em quase completa liberdade, a mesma passou a ser cerceada e substituída pela imposição de um discurso específico que um governo autoritário - ou grupo político dominante - considerava conveniente. Assim, apesar de percebermos essa dinâmica na contemporaneidade em distintos espaços geopolíticos, cada qual com suas particularidades, a supressão do pensamento independente não se apresenta como um fato novo, tendo acontecido com bastante frequência em diferentes momentos do passado, próximo e longínquo.

O termo perseguição diz respeito a uma série de fenômenos e pode abarcar desde os tipos mais cruéis, exemplificado pelos tribunais da inquisição até o simples isolamento do divergente caracterizado pelo ostracismo social. No livro *Perseguição e a arte de escrever*, Leo Strauss cita exemplos de perseguição nos meios literários e culturais na Atenas dos séculos V e IV a. C, em alguns países muçulmanos do início da Idade

Média, na Holanda e na Inglaterra do século XVII e na França e Alemanha do século XVIII. Ademais, Strauss defende que um breve passar de olhos nas biografias, ou mesmo na folha de rosto dos livros de alguns dos principais pensadores da história do conhecimento – Protágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles, Maimônides, Descartes, Hobbes, Espinosa, Locke, Montesquieu, Voltaire, Rousseau, Kant –, basta para revelar que eles ou testemunharam ou sofreram perseguição durante certo período de suas vidas. Em muitos casos essa perseguição perpassa o simples isolamento social e se configura como um desconhecimento de si, numa busca incessante daquilo que Foucault chamou de "critério de normalidade de padrões".

A relação histórica entre literatura e perseguição produziu um número incontável de estratégias para a sobrevivência do autor e a divulgação de suas ideias, muitas vezes de forma absolutamente explícita. Assim, vemos em alguns dos maiores exemplos literários do passado uma grande quantidade de loucos, demônios, mendigos, bêbados e bufões responsáveis por enunciar em alto e bom som tudo aquilo que o autor não gostaria de ser responsabilizado por dizer.

A história da perseguição ao livre debate e a livre investigação, como já dito acima, não se localiza somente no passado distante. Ao longo do século XX, diferentes espaços geopolíticos conviveram com momentos de instabilidade econômica e política que culminaram em distensões do sistema de pensamento liberal e das formas democráticas de organização do Estado. Esses momentos propiciaram campo fértil para produções de modalidades nacionais de superação autoritária dos períodos de crise em diversos países. A instauração de regimes de caráter autoritarista contou, em várias ocasiões, com dispositivos específicos de produção da norma, aparelhos culturais que criavam um sistema de enquadramento ideológico, a fim de produzir o consenso.

De forma complementar à produção do consenso, funcionavam mecanismos de violência punitiva, criados para lidar com os indivíduos que se recusavam a se sujeitar. Nesse sentido, os aparatos ideológicos contavam com o controle dos meios de comunicação, com a censura de mídias e espetáculos e com a supressão rigorosa da liberdade de pensamento independente, liberdade de expressão e demais liberdades fundamentais, a partir da instauração de um sistema de policiais, tribunais especiais, perseguições políticas, prisões, exílios e até mesmo assassinatos. Agora, em pleno século XXI, vemos essas dinâmicas de perseguição a minorias - sociais, étnicas, raciais e sexuais - e cerceamento de corpos e de liberdades basilares iniciando um novo ciclo.

A influência da perseguição ideológica sobre a expressão narrativa não se relaciona apenas à necessidade daqueles que sustentam visões heterodoxas de desenvolverem estratégias peculiares de expressão, um dizer apenas nas entrelinhas capaz de escapar aos mecanismos de controle do Estado autoritário, mas mesmo à organização de formas de resistência, calcadas nas disputas por imaginários capazes, ao fim e ao cabo, de subverter as dinâmicas desfavoráveis de forças.

O presente simpósio pretende abrigar trabalhos que debatam sobre a produção literária e cultural durante momentos de perseguição política a minorias, englobando tanto análises sobre movimentos e obras produzidas nos períodos específicos de resistência ao controle político e ideológico quanto produções posteriores que retomem os acontecimentos passados sob um viés crítico. Ainda busca pensar o poder para além de uma hierarquia de comando vertical, mas, também, como atravessador dos tecidos sociais. Ou seja, uma estrutura que se performatiza nas práticas discursivas e não discursivas como mecanismos disciplinares/normatizadores que se naturalizam e se

consolidam nos processos de subjetivação dos sujeitos, afetando seus modos de ser e de agir, sobretudo no que se refere ao gênero e às sexualidades.

Referências

BUTLER, Judith. *Corpos em Aliança e a Política das Ruas:* notas sobre uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade:* a vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade:* o uso dos prazeres. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade:* o cuidado de si. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder.* São Paulo: Paz e Terra, 2017.
PELLEGRINI, Tânia. *Gavetas Vazias:* ficção e política nos anos 70. São Carlos: EDUFSCar, 1996.
SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, Memória, Literatura:* o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
STRAUSS, Leo. *Perseguição e a Arte de Escrever:* e outros ensaios de filosofia política. São Paulo: É Realizações, 2015.
TODOROV, Tzvetan. *Diante do Extremo.* São Paulo: Editora Unesp, 2017.

19 - CRÍTICA LIBERAL

Coordenação: Prof. Dr.Marcus Vinicius de Freitas (UFMG); Profa. Dra. Karla Fernandes Cipreste (UFU)

Resumo: A crítica liberal constitui uma vertente do pensamento crítico que, através de um resgate da tradição liberal – no cruzamento de suas dimensões política, filosófica, econômica e cultural - e de um reconhecimento de sua ressurgência na cultura contemporânea, busca criar uma alternativa ao pensamento anti-moderno. José Guilherme Merquior, em "Tarefas da crítica liberal" (*As ideias e as formas*, 1981, p. 28-36), assim define o termo: “Porque se encontram em risco dois valores fundamentais: A independência do espírito e a objetividade do conhecimento – necessitamos, com urgência de uma crítica liberal. A missão política da crítica liberal é combater a intolerância ideológica. Sua tarefa epistemológica – sua missão no campo do conhecimento – é restaurar o sentido da objetividade”. Essa última tarefa se volta contra uma mentalidade pretensamente “humanística” contemporânea - como coloca entre aspas o próprio Merquior – que rebaixa o humanismo à permissividade epistemológica e à indulgência indiscriminada face a teorias e interpretações, a qual se revela verdadeira abdicação intelectual. Em poucas palavras, esse humanismo rebaixado confunde liberdade crítica com licença relativista e elogio do irracionalismo. Retomar as noções de independência do espírito e de objetividade do conhecimento implica, assim, em uma revisão desse mesmo humanismo, em direção a figuras mais universais e menos locais. Sob o ponto de vista da cultura, a crítica liberal procura recuperar o papel afirmativo da Modernidade, em oposição às duas vertentes críticas que permanecem hegemônicas no interior dos estudos literários, sejam elas a modernista, de cunho eminentemente revolucionário, e a pós-moderna, de cunho predominantemente

desconstrucionista, ambas antimodernas. Assim, o simpósio acolherá, com grande interesse, trabalhos sobre o pensamento liberal, em especial no que concerne à literatura e à cultura, de autores tais como José Guilherme Merquior, Ernest Gellner, Roger Scruton, Eric Voegelin, Theodore Dalrymple, Daniel Bell, Friedrich Hayek, Ludwig Von Mises, Tzvetan Todorov, Brian Boyd, Luc Ferry, Alain Renaut, André Comte-Sponville, David Hirsch, Daphne Patai, Raymond Aron, Ortega y Gasset, Isaiah Berlin, Helmut Schoeck, Lionel Trilling, Frank Kermode, Alan Sokal, Thomas Sowell, Eduardo Gianetti, Julián Marías e Raymond Tallis, entre outros, que constituem um corpus bibliográfico à espera de investigação pelos estudos literários e culturais.

20 - CRÍTICA TEXTUAL EM TEMPOS SOMBRIOS: O EXERCÍCIO FILOLÓGICO DE ESCOVAR A HISTÓRIA A CONTRAPELO NO RESGATE DE OBRAS, DE LEITURAS E DE SENTIDOS NA LITERATURA

Coordenação: Profa. Dra. Ceila Maria Ferreira (UFF); Prof. Dr. Sandro Drumond Marengo (UFS); Profa. Dra. Viviane Arena Figueiredo (UFF)

Resumo: A Crítica Textual estuda a gênese, a transmissão e a recepção de textos literários e não literários. Quando o seu objeto é literário, se centra em seu processo de transmissão a partir de versões diferentes de uma obra, bem como busca examinar os vários suportes e formatos em que o texto literário foi transmitido. Além disso, o acesso aos manuscritos permite que se trilhe o caminho do mapeamento das mudanças realizadas (apagamentos, acréscimos, deslocamentos e substituições) a partir das marcações autorais e/ou não autorais nos autógrafos remanescentes (BLECUA, 1983). Outrossim, esse campo científico também abarca o estudo das estratégias e dos tipos de edições (CAMBRAIA, 2005), o que muito auxilia pesquisadores a entender a circulação de obras. No mais, ter também uma visão mais concreta das mudanças que uma obra vai sofrendo ao longo do tempo, nos remete ao entendimento de como os textos vão sendo transmitidos através do tempo. Ademais das mudanças naturais ocasionadas pelo efeito de sua transmissão temporal, os textos literários também estão sujeitos a alterações por força de censura, de variações no conceito e estabelecimento do cânone literário e do próprio conceito de literatura. Destarte o apontado anteriormente, é evidente que há uma relação estreita entre a Crítica Textual (ou seu apontamento amplo entendido como Filologia) e a Hermenêutica. A Crítica Textual nos dá subsídios para interpretarmos textos, pois, como disse Carlos Reis, em entrevista publicada na Revista **Convergência Lusíada**, no ano de 2005, trabalhar com Crítica Textual é um "corpo a corpo com o texto", impedindo, por exemplo, que situemos os textos literários em uma abstração. Como afirmam Rosa Borges e Arivaldo Sacramento de Souza é "[...] precisamente contra a abstração dos textos" [...] que se vê a relevância da crítica filológica. Nela, não se faz a oposição binária entre texto físico/material *versus* texto abstrato [...]" (2012, p. 54). Tal citação é importante, pois aponta para a importância da Crítica Textual, pois nesse ínterim consegue englobar, concomitantemente, tanto aspectos da materialidade textual quanto da formação e da circulação de seus sentidos literários. Como é perceptível, nosso campo de estudo trabalha com a historicidade e, sempre que possível, com fontes primárias. Essa particularidade permite com que pesquisadores em geral tenham acesso a textos que, ou são pouco acessados, ou que deixaram de circular. Dessa feita, contribuem para o resgate de leituras correntes de determinado lapso temporal, mas que não tiveram sua transmissão interrompida, por exemplo, pelo realinhamento de

concepções do cânone literário ou por censura ideológica ao seu conteúdo. Para ilustrar nossa afirmação, verificamos que não é muito comum encontrarmos citações, comentários, referências acerca do capítulo final da primeira, da segunda e da terceira versões, publicadas respectivamente em 1875, 1897, 1880/1889, de **O Crime do Padre Amaro**, de Eça de Queirós. Nelas, há referências à Comuna de Paris. Também não é comum encontrarmos referências acerca das variantes da primeira edição de "O Alienista", de Machado de Assis, saída em **A Estação,** de 15 de outubro de 1881 a 15 de março de 1882**,** em relação à segunda, também publicada pela Lombaerts & C, dessa vez em formato livro, na coletânea de contos intitulada **Papéis Avulsos,** em outubro/novembro de 1882. Logo, vimos que a Crítica Textual trabalha interdisciplinarmente com outros campos de saber/disciplinas, tais como a Literatura, a Linguística, a História, principalmente a Cultural (vide trabalhos de Chartier, como por exemplo: **Os desafios da escrita**) e a Sociologia. Esta abertura caleidoscópica de relações nos ajuda a desenvolver uma visão mais propensa sobre a mutabilidade textual bem como nos desenvolve uma capacidade de cunho mais aquilino para perceber os processos de mudança e, então, resgatar os textos e desenvolver comentários sobre eles em um exercício de "escovar a história a contrapelo", propiciando discursos de resistência e de abertura ao diálogo com o que foi silenciado, numa possibilidade de redenção (BENJAMIN, 2012) de parte da história dos vencidos e das minorias e de gêneros textuais literários não tão aclamados pela Academia. Nossa proposta, por meio deste Simpósio, é trabalhar com todos esses aspectos da pesquisa em Crítica Textual/Filologia, privilegiando o processo de formação, transmissão, apagamento e recepção de textos e de sentidos por meio do exame de suas materialidades e de seus sentidos formados também por essas materialidades, sem esquecermos de estratégias de preparação de edições que se aproximem ou que sejam representações de redações autorais, sem esquecermos do estudo de edições que se distanciam dessas representações, mas que fazem parte do estudo da história da transmissão desses textos. Assim procuramos contribuir para a divulgação da Crítica Textual no âmbito dos Estudos Literários e também para o estudo da Crítica Textual como resgate de autoras, de autores, de leituras, de sentidos de textos que foram silenciados, contribuindo também para a construção de histórias da literatura mais plurais e inclusivas.

Referência:

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. "O Alienista". In: **A Estação.** Jornal Illustrado para a familia. Rio de Janeiro, Lombaerts & C. 15 out 1881 -15 mar1882.

------. Papéis Avulsos. Rio de Janeiro: Lombaerts & C, 1882.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: ---. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas I. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 241-252.

BLECUA, A. **Manual de crítica textual**. Madrid: Castalia, 1983.

BORGES, R.; SOUZA, A. S. **Edição de texto e crítica filológica**. Salvador: Quarteto, 2012.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. SP: Martins Fontes, 2005.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002.

REIS, Carlos/ CUNHA, Maria do Rosário (eds). **O Crime do Padre Amaro**. Edição crítica das obras de Eça de Queirós. Lisboa: IN/CM, 2000.

REIS, Carlos/CASTRO, Ivo/MONTEIRO, Ofélia de Paiva. Sobre edições críticas: uma entrevista. In: **Revista Convergência Lusíada**, nº 21, 2005, p. 345-351.

21 - DE RUÍNAS E DE REINOS: A AMÉRICA LATINA EM SEUS LIMITES
Coordenação: Pedro Brum (UFSM); Jorge Hoffmann Wolff (UFSC); Bairon Oswaldo Vélez Escallón (UFSM)

Resumo: A proposta parte da necessidade presente de pensar a historia a partir de regimes de simultaneidade temporal que permitam ir além de qualquer metafísica do progresso e, ao mesmo tempo, ultrapassar os universalismos iluministas que acabaram por expulsar do campo toda manifestação de afetos, gestos, traços, paixões ou corporalidades. Em que medida divisões como universal e local, geral e contingente – assim como aquelas, correlatas, de metropolitano/periférico, alto/baixo, culto/popular, geral/particular, arte/*kitsch*, etc.– conservam sua operatividade em um mundo menos constituído por signos do que por *signaturas*? Como jogar ainda o jogo do reconhecimento e da identidade se a América Latina se apresenta protéica, andiómena, cintilante, aparecendo e desaparecendo como arrastada pelos tempos? Longe dos protocolos do iluminismo sacrificial, que sempre projetou os vencidos como efeitos de um inevitável dano colateral e, no fim das contas, justificado, este Simpósio objetiva debater epistemologias a partir das consequências, das catástrofes, para desse modo transformar as ruínas em sementes e, talvez, tornar audíveis aquelas demandas de justiça que constituem o espectro encanto de uma América Latina inédita, ou pelo menos insistentemente inaudita.
Palavras-chave: América Latina; estudos culturais; estudos literários.

22 - DESAFIOS DO PROFESSOR-PESQUISADOR NO ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS TÉCNICAS: DA TEORIA À PRÁTICA
Coordenação: Professora Doutora Cristiane Felipe Cortês (CEFET-MG); Professora Doutora Erica Cristina Bispo (IFRJ)

Resumo: Este simpósio surge da necessidade de pensar a especificidade do ensino de literatura nas escolas de educação básica e tecnológica do país, pois o profissional que assume o cargo de docente é, necessariamente, também pesquisador. Configura-se a simbiose desejada, mas rara, do professor de educação básica e produtor de conhecimento acadêmico, obtendo-se a concretização do que fora preconizado por Paulo Freire, “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (FREIRE, 1996, p. 14). Entretanto, a conjunção dos papéis de professor e pesquisador enfrenta desafios e entraves.
No âmbito acadêmico, a ocupação de professor da educação básica é vista, geralmente, como menor, o que fica provado na exclusão do docente da lista de concessão de bolsas ou identificação do mesmo como pesquisador, para solicitação de fomento, por exemplo. Nas escolas técnicas, o professor das disciplinas propedêuticas, dentre elas a literatura, invariavelmente, fica relegado ao grupo de conhecimentos menores, já que não se dedicam ao “ensinar a fazer”. Ademais, ao professor-pesquisador, está patente o anacronismo existente entre o currículo de literatura e as discussões e pesquisas relacionadas à teoria literária, por exemplo, desencadeando um abismo entre a pesquisa acadêmica e a prática educacional.

A lei 11.892/08 se erige como possibilidade de ponte entre a academia e o "chão da escola". Em 2008, a lei 11.892/08 instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica o que viabilizou um espaço pedagógico que se configura hoje como significativa possibilidade para atrelar resultados de pesquisas acadêmicas à prática de sala de aula. Isso porque os Institutos Federais de Educação tem em sua gênese a vocação do Ensino, além da obrigatoriedade na promoção de pesquisa e extensão em seus *campi*. Contudo, não se pode negar que o ensino técnico brasileiro surgiu a partir de três pilares que vão de encontro às disciplinas subjetivas e reflexivas: o treinamento das classes mais pobres para o mundo do trabalho, as influências do modelo tecnicista americano associada à repressão vivenciada durante o regime militar e a visão capitalista que reforça a submissão da classe subalterna à classe dominante (MARTINS, 2000, p. 105). Os pilares identificados por Martins (2000) revelam que "a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social não o é para outra" (CANDIDO, 1995, p. 173). Essa lógica alienante segue na contramão do que Antonio Candido aponta como função da literatura em seu caráter humanizador (cf. ***Ibidem***, p. 176). Ou seja, o espaço que deveria possibilitar o enlace da teoria da pesquisa com a prática de sala de aula, por vezes, não consegue se estabelecer.

Ao se considerar o estudo da literatura, atesta-se a necessidade de se educar para o pensar. Na formação técnica, amplia-se para uma reflexão sobre o capitalismo, a globalização e a revolução tecnológica; o que exige a atenção dos profissionais envolvidos com a educação e evidencia o desafio da profissão, já que a "literatura pode incutir em cada um de nós um sentimento de urgência de tais problemas" (***Ibidem***, p. 184). A despeito dos desafios presentes no sistema educacional brasileiro, cresce o interesse pelos debates acerca do ensino de literatura, haja vista a grande procura por simpósios e mesas-redondas em congressos cujo tema seja esse. Sendo assim, este simpósio visa a promover reflexões qualificadas, projetos e programas que, partindo da reflexão acadêmica, atravessem a ponte e rompam as fronteiras do espaço acadêmico aportando na prática em sala de aula. Nesse sentido, serão bem vindos trabalhos que discutam:

a) implementação de pesquisas acadêmicas nas práticas de sala de aula;
b) pesquisas sobre modificações e/ou questionamentos do currículo de literatura, para incorporar as pesquisas acadêmicas;
c) desenvolvimento de pesquisas com estudantes de ensino médio, no modelo de iniciação científica;
d) atividades de extensão que promovam, na comunidade, a difusão da produção acadêmica;
f) apresentação de projetos, grupos, linhas de pesquisa e programas que se dedicam ao ensino da literatura na EBTT;
g) projetos que usem o texto literário como meio para debater gênero e etnia na escola;
i) problematização das questões relacionadas à literatura, ensino e formação de professores;
j) reflexões sobre o distanciamento entre as teorias literárias e ensino de literatura;
l) reflexões sobre a seleção e escolha de textos literários para o trabalho educativo no espaço das EBTTs.

Referências:

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. rev. e ampl. SP: Duas Cidades, 1995.
FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. SP: Paz e Terra, 1996.
MARTINS, Marcos Francisco. **Ensino técnico e globalização**: cidadania ou submissão? Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

23 - ENSINO DA LITERATURA EM TEMPOS PERIGOSOS, OU CONTRA O ENFEITIÇAMENTO DO CINISMO. UMA PROPOSTA INGÊNUA, MAS INTELECTUALMENTE HONESTA, OU LENDO OS REALISTAS, DESDE BALZAC, PARA ENSINAR A SER E A VIVER JUNTO

Coordenação: Prof.Dr. Humberto Luiz Lima de Oliveira (CELCFAAM-UEFS); Profa. Dra. Maria Suzana Moreira do Carmo (UFU); Cécile Dolisane Èbosse (Université de Yaoundé 1)

Resumo: Em níveis cada vez mais intensos, uma poderosa e eficiente indústria cultural tenta convencer indivíduos do mundo todo a descobrir as virtudes supostamente incontestáveis do individualismo enquanto uma filosofia de vida (LIPPMAN:2008) sobretudo após o desmoronamento da antiga URSS. De fato, a revelação da supressão das liberdades individuais em nome de um coletivismo forçado - sob o reino da pobreza material- iria fornecer o ingrediente necessário para fazer germinar a crença no individualismo tornado uma espécie de nova religião onde pontificaria o novo deus chamado Mercado (FROMM:1950; SUNG:2018); tendo a Liberdade como sua contraface. Convencidos de que são eles mesmos os únicos responsáveis pelo seu próprio sofrimento ético-político (SAWAIA:1999), homens e mulheres deixam-se ir, resignam-se e abandonam o poder de tomar o destino nas mãos, logo submetem-se a esse novo deus já anunciado por Balzac em *Le Père Goriot* (1835). Como professores e professoras de Língua e Literatura que atuam no ensino fundamental e médio podem contribuir para desconstruir esta narrativa do pensamento único que pressupõe a abdicação da esperança num mundo mais justo e igualitário? O que fazer para (re)criar estratégias de libertação e empoderamento de professores e professoras? O que fazer para se contrapor a este estado de quase paralisia do pensamento? Acreditando que pode existir honestidade intelectual no pensamento aparentemente ingênuo, pensamos que cabe aos professores e professoras de Línguas e Literaturas (re) criar estratégias de libertação a partir da refundação do próprio projeto de educação (ADORNO: 2000; FREIRE:1987). Assim, ao desencanto do mundo retroalimentado diuturnamente pela grande mídia, caberia recuperar a fé nas potencialidades do humano oferecendo condições para uma educação do reencantamento do mundo (ASSMANN: 1998; LA TAILLE: 2003). Como principal ferramenta ou senha de passagem, acreditamos no ensino da Literatura, na tradição do realismo, e aqui considerada como um direito essencial do indivíduo (CÂNDIDO:2004). Isto porque, como um tipo de ‘remédio’ contra esta ‘feitiçaria’ do pensamento único que torna a humanidade meio entorpecida, meio embrutecida, a Literatura não continuaria nos acenando para um mundo de possíveis onde pontificam outras formas de viver, de amar, sonhar e de trabalhar, logo acenando para a constituição de um sujeito empoderado capaz de aderir a uma ética essencial, onde o “espírito do geômetra” em seu modo-de-ser-produção não exclua o “esprit de finesse”, em seu modo-de-ser-afetividade? (PASCAL *apud* BOFF: 1999).

Por isso, na feliz esperança que nos é sugerida por BOURDIEU (1993) se « tudo o que o mundo social fez, o mundo social mesmo pode desfazer", trata-se de encontrar numa seleção bem cuidadosa das diversas "soluções narrativas" aquelas que se constituam em contra discursos capazes de contribuir para vencer o cinismo que ameaça habitar mentes e corações, ensinando a ser e a viver junto (GAJANIGO:2011; MCLAREN:1997; PILATTI: 2012). Ou seja, uma educação capaz de dar ao indivíduo a capacidade de *"... endurecer pero sin perder la ternura jamás* (GUEVARA). Assim, para exorcizar o desencanto e a desilusão que habitam as escolas sob a égide das pedagogias acríticas e conservadoras, pensamos ser necessário buscar de novo o reencantamento do mundo que passa, fundamentalmente, pela articulação de redes de relações, pelo compromisso tácito de cada indivíduo, de cada professor e de cada professora na adesão às chamadas pedagogias da esperança inspiradas no respeito ao Outro. Para isso, imprescindível a escolha rigorosa de uma Literatura comprometida com a humanização do humano (STEINER: 1988) e que seja capaz de desvelar aos olhos do leitor a humanidade escondida sob a diferença e a alteridade. (LEVINAS: 1993). Enfim, parodiando Roberto Mendes (2011) em sua canção **Yayá Massemba** , esta proposta quer se constituir em um convite a quem queira nos ensinar a "*...aprender a ler para ensinar meus camaradas"!*

Palavras-chave: Literatura comparada, letramento literário, fruição, formação de professores, empoderamento.

Referências:

ADORNO,Theodor W. «Educação após Auschwitz». *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação*. Rumo à sociedade aprendente. Prefácio de Leonardo Boff. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BALZAC, Honoré de. *Le Père Goriot. In https://beq.ebooksgratuits.com/balzac/Balzac-39.pdf*

BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança.* Tradução Nélio Schneider. Rio de Janeiro: Contraponto / UERJ, 2006, t.1.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar. Ética do hu*mano. Compaixão pela Terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo. "Apresentação à edição brasileira". MCLAREN, Peter. *A vida nas escolas*. Uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas,1997.

BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo.* São Paulo: Alternativa, 2005.

CÂNDIDO, Antonio. *O direito à literatura e outros ensaios.* Rio de Janeiro: Angelus Novus, 2004.

CHOMSKY, Noam. "La Fabrique de l' Opinion publique" *in* http://www.*monde-diplomatique*.fr/2003/08/HALIMI/10314.m

DELORS, Jacques. (Org.) *Educação: um tesouro a conquistar*. Paris: UNESCO, 2000.

DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. «O nome dos outros: narrando a alteridade na cultura e na

educação». In (dir.) LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. *Habitantes de Babel*: políticas e poéticas
da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987 In http://dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_pedagogia_do_oprimido.pdf
FROMM, Eric. *L' Art d' aimer.* https://collectiflieuxcommuns.fr/IMG/pdf_IntroFromm.pdf , accèss le 03 août 016.
GAJANIGO, Paulo. « Amor em tempos de cinismo. E se levássemos o amor a sério?" In *http://www.academia.edu/2625509/Amor_em_tempos_de_cinismo_e_se_lev%C3%A1ssemos_o_amor_a_s%C3%A9rio_*
HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth. "Ação moral e estereótipos culturais". (Org.)
ARANTES, Valéria Amorim. Afetividade na escola. Alternativas teóricas e práticas. São
Paulo: Summus, 2003.
IMBERNÓN, F. "Amplitude e profundidade do olhar: a educação ontem, hoje e amanhã".
(Org) F. IMBERNÓN. A educação no século XXI. Porto Alegre: Artmed, 2000.
LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo do outro homem*. Tradução de Pergentino S. Pivatto.
Petrópolis: Vozes, 1993.
LIPPMAN, Walter. *Opinião pública*. Petrópolis: Vozes, 2008.
MCLAREN, Peter. *A vida nas escolas.* Uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da
educação. 2.ed. Tradução por Lucia Pellanda Zimmer et alii. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
MENDES, Roberto. *Yayá Massemba.* *https://www.google.com/search?rlz=1C1NHXL_pt-BRBR767BR811&q=roberto+mendes+massemba&stick=H4sIAAAAAAAAONgecQYzi3w8sc9YSm_SWtOXmP04OIKzsgvd80rySypFNLjYoOyVLgEpXj10_UNDZPKTOMt41PKNRik-LlQhZS4mvatOMTGwsEowMCziFW8KD8ptagkXyE3NS8ltVghN7G4ODU3KREAyGaZ5XYAAAA&sa=X&ved=2ahUKEwjq8ZaqkJjgAhVhF7kGHazNDWcQ6RMwGXoECAYQBA&biw=1360&bih=608*
MORIN, Edgar. *A Cabeça bem feita*. Repensar a reforma e reformar o pensamento. 5a.ed.
Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 2001.
PILATI IN HTTP://WWW.*OUTRASPALAVRAS*.NET/2012/07/25/A-RESPOSTA-POLITICA-
DO-REALISMO ACESSO EM 02 08 2012).
SAWAIA, Bader. *As artimanhas da exclusão*. Analise psicossocial e ética da desigualdade social.
12.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

STEINER, George. “Alfabetização humanista”. *Linguagem e silêncio*. Ensaio sobre a crise da palavra.
São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
SUNG, Jung Mo. *O 'Deus Mercado' e a religião capitalista, segundo Jung Mo Sung In https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-Deus-Mercado-e-a-religiao-capitalista-segundo-Jung-Mo-Sung/4/36390 acesso em 02.10.2018*

24 - ENSINO, LEITURA E LITERATURA: O CONTEMPORÂNEO NO NECESSÁRIO POSSÍVEL

Coordenação: Prof. Dr. Robson Coelho Tinoco (UnB); Profa. Dra. Adriana Demite Stephani (UFT)

Resumo: A complexidade das relações e recursos da contemporaneidade pressiona uma mudança de paradigmas nas diferentes esferas e espaços sociais inclusive, ou de maneira especial, no escolar. É nesse ambiente que muitos indivíduos terão sua rara, senão mesmo única, oportunidade de contato com a leitura e seu amplo universo de argumentos, teses, imagens, ideologias, opiniões, criações ficcionais. De fato, a escola ainda é o espaço concreto-simbólico de efetivação do direito inalienável à literatura (CANDIDO, 1995), espaço também idealizado por muitos como de formação de leitores literários, que precisam participar de novas, e interessantes, metodologias de leitura (PERRONE-MOISÉS, 2016). Nesse contexto contemporâneo líquido (BAUMAN, 2014), hiperdifuso e multidispersivo, as considerações sobre as novas funções do espaço escolar como também de educação literária – que sofrem influência direta das mudanças sociais contemporâneas em feérica busca pelo novo, pelo diferente, pelo pretensamente criativo – suscita diversas discussões/questionamentos sobre as atividades atuais com a leitura literária e, nesse foco, surgem invencíveis questões como: diante da efemeridade líquida das **ações contemporâneas**, há ainda condições efetivas de que esse direito alienável seja (ou deva ser) garantido pela escola? Ela consegue (tem a intenção de) realmente educar literariamente? Com o advento de novos suportes de leituras, onde reacomodar o essencial espaço cognitivo para o livro físico? Qual o neoperfil sócio-histórico do leitor imerso nesses atrativos suportes? Também, sob tal contexto, aumentam as inquietações ao se considerarem pesquisas que apontam haver na maioria das escolas brasileiras uma crise persistente no processo de formação de novos leitores. Tais dados, e já desde 1950, dão conta que, apesar do amparo de várias teorias de leitura, estudos e pesquisas, de metodologias e modelos, as escolas não têm, com exceções destacadas, conseguido intervir de maneira eficaz na formação do gosto pela leitura nem no efetivo letramento literário. Nota-se, assim, que há impasses e questionamentos quanto à participação efetiva (por interesse pessoal, prazer etc.) nesse processo de escolarização da literatura, ao lado de excelentes pesquisas e experiências que discutem e vislumbram a possibilidade real dessa relação literatura-escola. Ainda, é importante considerar a leitura literária não como ato independente, individual e solitário, mas (inter)ação coletiva, em que as perspectivas para o indivíduo – entendido como aluno-leitor – só podem ser devidamente encaradas em uma dinâmica culturalmente sócio-histórica, tanto quanto é decisiva a presença (ativa) do professor e a presença (passiva) do autor que fala no texto, entre as palavras. Considere-se, também, que tal problema se confirma nos livros didáticos (LDs), já que também nesses prevalece o reducionismo, presente seja no campo das propostas de atividades, que

reforçam o biografismo historicista, seja no restrito e desatualizado *corpus* literário, seja ainda no engessamento dos conceitos de gêneros textuais apresentados. Ressalta-se, enfim, a visão de leitura como interação, via texto, entre leitor e autor – que não deve ser confundido com o escritor. Isso porque o **diálogo** via leitura não poderia ser instaurado simplesmente entre o leitor e a materialidade linguística, uma vez que esta não pode, de fato, interagir com quem, ou o que, quer que seja. Nesse sentido, é fundamental entender que tal dialogia implica muito mais que uma dada interação entre dois elementos distintos (BAKHTIN, 2010). Seguindo essa perspectiva, e mantendo o foco na escola como espaço (ainda virtuoso) também de formação de leitores literários, o presente simpósio pretende agrupar trabalhos de pesquisas cujos objetos de estudo englobem os envolvidos no processo de letramento literário em espaços escolares (mediadores/professores e leitores/alunos) apresentando discussões teóricas e práticas que versem sobre a recepção do texto literário em contextos escolares. Portanto, interessam trabalhos de professores e pesquisadores, de distintas perspectivas teóricas e metodológicas, que: a) analisem as relações entre sociedade, educação e literatura apresentando problemas, perspectivas, propostas, pesquisas e práticas; b) proponham discussões a respeito de perspectivas (teóricas e metodológicas) em circulação sobre educação literária, ensino de literatura, didática da literatura e letramento literário; c) apresentem propostas diversas de trabalho com o texto literário em espaços escolares, inclusive trazendo experiências com novos suportes de leitura; e, d) sistematizem reflexões a respeito da formação e das práticas de professores para a mediação no ensino de literatura (da educação básica a de ensino superior). O objetivo essencial, sempre considerando a contemporaneidade e seus elementos constituintes, é reunir pesquisadores para uma reflexão sobre os rumos do letramento literário, identificando e divulgando discussões e experiências de leitura literária criativas e eficazes para o espaço escolar; sobretudo, o objetivo é o de propor alternativas aplicadas, reais, concretas para a situação atual acima apresentada.
Palavras-chave: sociedade contemporânea; ensino; leituras; literatura.

25 - ENTRE A CRISE E A SOBREVIVÊNCIA: NARRATIVAS DISTÓPICAS CONTEMPORÂNEAS

Coordenação: Profa. Dra. Júlia Braga Neves (Centro Universitário IESB); Profa. Dra. Marina Pereira Penteado (FURG)

Resumo: Ao longo das últimas décadas, a produção de narrativas distópicas cresceu significativamente. Embora o termo distopia tenha sido utilizado pela primeira vez por John Stuart Mill, em 1868, como o antônimo de utopia (JACOBY, 2007, p. 222), seu conceito foi melhor trabalhado durante os séculos XX e XXI. Caracterizado muitas vezes como uma categoria genérica única, na qual se pressupõe uma sociedade imaginária, geralmente ambientada no futuro, com estrutura própria e que, ao contrário da utopia, apresenta um universo mais degradado que o contemporâneo, a manifestação de termos como "distopia crítica" (BACCOLINI, MOYLAN, 2003) e "ustopia" (ATWOOD, 2011) colocam em evidência a pluralidade de definições do subgênero.
Teóricos como Alexandra Aldridge ainda estabelecem uma relação entre a distopia e os temas científicos e tecnológicos típicos da ficção científica (ALDRIDGE, 1984), excluindo obras canônicas como *1984*, de George Orwell, de sua classificação. No entanto, estudiosos, como M. Keith Booker, abrem a definição de distopia ao relacioná-

la com a crítica às condições sociais ou sistemas políticos existentes (BOOKER, 1994), permitindo que outros tipos de ficção especulativa sejam vistos como distópicos e não apenas a ficção científica. Propomos neste simpósio discutir conceitos de distopia, bem como tecer um debate sobre narrativas distópicas contemporâneas que, além de tratar da sociedade de controle e do medo do autoritarismo, têm enfatizado a destruição ambiental e as ansiedades em relação ao corpo.

Se após o colapso dos estados socialistas o número de obras distópicas aumentou, recentemente, com as contranarrativas ao aquecimento global, o crescimento dos movimentos de extrema direita no cenário político nacional e internacional e com a consolidação do neoliberalismo como forma de governança, essas narrativas têm chamado ainda mais atenção da crítica. Enquanto catástrofes ambientais trazem à tona a discussão sobre a intensificação da intromissão tecnológica na natureza, como vemos em a *Trilogia MaddAddam* (2003, 2009, 2013), de Margaret Atwood, e na série *Parábolas* (1995, 1998*)*, de Octavia Butler, o controle sobre o corpo também aparece como temática frequente, como em *O conto da aia* (1985), de Atwood, e também no romance da alemã Juli Zeh, *Corpus Delicti: um processo* (2013).

Muitas vezes, as narrativas distópicas recorrem ao transhumanismo para refletir sobre formas de impulsionar a evolução do intelecto e da fisionomia da espécie humana, aumentando assim a expectativa de vida e a "liberdade reprodutiva" e eliminando doenças que comprometam a capacidade de performance do ser humano (BOSTROM, 2005). É nesse sentido que o transhumanismo relaciona-se com o conceito foucaultiano de biopoder, pois à medida que se estende a vida e se aprimora o corpo, amplia-se também a capacidade de força de trabalho, regulam-se as formas de reprodução e excluem-se aqueles que não podem ou não conseguem adequar-se aos padrões (HALL, 2017). Ao intensificar a centralidade e a sobrevivência do ser humano, surge também a discussão sobre uma nova era: a do Antropoceno. Popularizado em 2002 pelo químico Paul Cruzten, este termo tem sido usado por um grande número de cientistas e pesquisadores para discutir as alterações que o planeta sofreu por causa da interferência humana nos últimos anos (TREXLER, 2015).

Nosso simpósio tem como objetivo discutir obras literárias, filmes e séries que reflitam sobre cenários distópicos. Abrimos espaço para contribuições que contemplem a distopia em relação às mudanças climáticas, ao autoritarismo e nacionalismo, ao controle sobre os corpos, principalmente no que se refere a minorias identitárias, e também às questões tecnológicas e científicas no transhumanismo e no Antropoceno.

Referências:

ALDRIDGE, Alexandra. The scientific world view in dystopia. Ann Arbor: UMI Research Press, 1984.

ATWOOD, Margaret. Ana Deiró (trad.). O conto da aia. Rio de Janeiro: Rocco, 2017 [1985].

_____. Léa Viveiros de Castro (trad.). Oryx e Crake. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

_____. In Other Worlds: SF and the human imagination. New York: Nan A. Talese/Doubleday, 2011.

_____. MaddAddam. Nova York: Anchor, 2013.

_____. Márcia Frazão (trad.). O Ano do Dilúvio. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

BACCOLINI, Raffaella e MOYLAN, Tom (Orgs.). Dark horizons: Science fiction and the dystopian imagination. New York: Routledge, 2003.
BOOKER, M. Keith. Dystopian literature: a theory and research guide. Wesport, CT: Greenwood Press, 1994.
BOSTROM, Nick. "The Defense of Posthuman Dignity". In: *Bioethics* n. 19, 2005, pp. 202-214.
BUTLER, Octavia. Carolina Coelho (trad.). A Parábola do Semeador. Campinas: Editora Morro Branco, 2018.
HALL, Melinda. The Bioethics of Enhancement: Transhumanism, Disability and Biopolitics. Lanham: Lexington, 2017.
JACOBY, Russel. Imagem imperfeita: pensamento utópico para uma época antiutópica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
TREXLER, Adam. *Anthropocene Fictions: The Novel in a Time of Climate Change*. Virginia: University of Virginia Press, 2015. Edição Kindle.
ZEH, Juli. Marcelo Backes (trad.). Corpus Delicti: um processo. Rio de Janeiro: Record, 2013.

26 - EPISTEMOLOGIAS DO ROMANCE: PERCEPÇÕES ESTÉTICIAS E SOCIOLÓGICAS COMO POSSIBILIDADES DE QUESTIONAMENTOS SOBRE A EXISTÊNCIA

Coordenação: Nailton Santos de Matos (UNINOVE); Glauco Correa da Cruz Bacic Fratric (UNINOVE)

Resumo: Este simpósio tem por objetivo abrir espaço para reflexões sobre arte e conhecimento. Busca-se entender os princípios que orientam as diferentes posturas epistemológicas e suas consequências no modo de organização estética do romance, como possibilidade de legitimação de um conhecimento sobre ser e estar no mundo. Tomando-se como base o teóricos como Lukács (1979) e Goldmann (1967) buscou-se fundamentar uma concepção histórico-cultural da produção dos conhecimentos como construtos orientados por estruturas psíquicas que são homólogas à vida social. Lukács (1979, p.75) acredita que cada fenômeno social "deve ser visto como parte de um complexo dinâmico de interação com outros complexos, como algo que é determinado – interna e externamente – por múltiplas leis". Aqui reside o princípio da dialética a partir da qual é possível "compreender e explicar" os fenômenos dentro de sua singularidade, particularidade e totalidade. Em *A origem da dialética*, Goldmann (1967, p.21) afirma que "todo aquele que se propõe estudar um sistema filosófico do passado, deve primeiro compreender as ligações entre os elementos fundamentais desse sistema e as condições sociais nas quais vivem os homens em cujo seio nasceu e se desenvolveu". Esse princípio goldmanniano pode ser aplicado à análise de qualquer produção cultural (literatura, ciência, arte, religião, mitologia etc.). De acordo com Goldmann (1972b), o trabalho do investigador consiste em revelar a estrutura significativa que sustenta todo comportamento humano a partir da compreensão dos traços de singularidade dessa atividade a qual só poderá ser compreendida se inserida dentro de uma estrutura mais vasta que lhe permita perceber os traços gerais do fenômeno dentro de uma totalidade. Desse modo, se todo fenômeno (literatura, ciência, arte, religião etc.) tem um número maior ou menor de totalidades relativas, conforme destaca Goldmann, e se cada uma dessas totalidades tem sua significação particular no interior dos grupos sociais que

produziu o fenômeno e nos quais se encontram as categorias mentais que estruturaram o fenômeno "a inserção dessa ou daquela visão do mundo em certas épocas precisas, resulta da situação concreta na qual se encontra os diversos grupos humanos no decurso da história [...]" (GOLDMANN, 1979, p. 94). Qualquer epistemologia que tenha a pretensão de explicar qualquer aspecto da realidade deve, segundo Goldmann, ter em mente que todo fenômeno humano deve ser analisado como processo, ou seja, dentro das relações que viabilizaram a construção dessa realidade. Para ele (1972, p.16), os fenômenos humanos se dão de maneira dialética e só desse modo é possível compreendê-los e explicá-los. "Talvez possamos precisar aqui os conceitos de compreensão e de explicação: a descrição de uma estrutura significativa e de seus vínculos internos é um fenômeno de compreensão. Mas a tentativa de descrever o futuro da estrutura mais vasta (pois é claro que estamos sempre em presença de uma estrutura relativa composta de estruturas parciais e que faz parte, ela própria, de estruturas mais vastas) tem um valor explicativo relativamente à estrutura englobada." Goldmann (1993, p.108) escreve que "o estudo das grandes obras filosóficas e literárias demanda um trabalho de análise extremamente cuidadoso, já que no limite é preciso tentar depreender a partir da visão de conjunto tanto o conteúdo como a forma exterior da obra. Desse modo, a produção literária deve ser tomada não apenas como um simples registro (*mimesis*) da realidade. Ela é, antes de mais nada, a materialidade no campo da abstração da consciência possível de uma classe social. Mesmo quando apresenta um conteúdo diferente daquele presente na consciência coletiva, ela é, na estrutura (forma), homóloga à consciência coletiva de sua classe social e deve, segundo Goldmann (1972, p. 64), "ajudar os homens tomar consciência de si mesmos e de suas próprias aspirações afetivas, intelectuais e práticas". Sendo assim, o presente Simpósio, "Epistemologias do Romance: percepções estéticas e sociológicas como possibilidades de questionamentos sobre a existência", tem interesse por estudos que exploram a relação entre literatura e sociedade de modo a sondar aspectos existenciais que emergem da narrativa ficcional e que possibilitam reflexões sobre os modos de ser e estar no mundo, tomando como referência os elementos estéticos inerentes à narrativa ficcional tais como enredo, narrador, tempo, espaço, personagens e a visão de mundo por ela representada.

Referências:

GOLDMANN, Lucien. *A criação cultural nas sociedades modernas*. Trad. Rolando Roque da Silva. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

_____. *A origem da dialética*: a comunidade humana e o universo em Kant. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. *Ciências humanas e filosofia*: o que é Sociologia? 12ª ed. Trad. Lupe Cotrim Garaude e José Arthur Giannotti. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1993.

_____. *Dialética e cultura*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LUKÁCS, Georg. *Ontologia do ser social*: princípios ontológicos fundamentais de Marx. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Ciência Humanas, 1979.

27 - ERICO VERISSIMO, UM A(U)TOR NO MUNDO

Coordenação: Profa. Dra. Fernanda Boarin Boechat (UFPR); Prof. Dr. Zama Caixeta Nascentes (UTFPR)

Resumo: Erico Verissimo (1905-1975), um dos escritores brasileiros mais conhecidos e populares do século XX no Brasil, deixou claro em diversos momentos de sua carreira que entendia o trabalho do escritor em diálogo com uma dimensão ética. Assim, observa-se que a vida literária para Erico , a saber , a relação da própria obra literária com o mundo extraliterário , entre obra e vida , mas também o papel político que assume o escritor por meio da obra e graças a ela, ocupa lugar central. Isso não significa que ele entendeu que caberia à literatura ou ao romancista dar soluções filosóficas , políticas, sociais ou econômicas , ou ainda que o valor da literatura estaria pautado na sua capacidade de configurar no texto literário aspectos sociais , mas no sentido de que os escritores e artistas deveriam ter uma consciência social e política que os tornaria responsáveis, uma vez que a obra , para Erico , não parece ser objeto alheio ao ambiente em que é concebido , ao indivíduo que o concebe ou que a recebe . É possível observar, nesse sentido, diversas declarações do escritor – em entrevistas, ensaios e também em sua produção ficcional – a associação recorrente do discurso literário a questões políticas, em especial quando destaca a voz do escritor como voz requerida e desejável no discurso extraliterário. A nosso ver, portanto, seria possível observar três aspectos centrais quando se trata da atuação de Erico Verissimo ao longo da carreira, discutidos em seus pronunciamentos no contexto extraliterário ou mesmo em sua obra. São eles: o escritor como porta voz de uma voz discursiva (através de sua obra e também graças a ela), a obra literária como voz discursiva e a linguagem em literatura como linguagem privilegiada capaz de se inserir no mundo da vida.

É importante ressaltar que na carreira Erico atuou não só como escritor de ficção, mas também como tradutor, editor, conselheiro literário e agente político – aqui em consideração à sua atuação na política de Boa Vizinhança (1933-1945), quando esteve por duas vezes nos Estados Unidos nos anos 1940, e depois dela, entre os anos 1953 e 1956, quando assumiu o cargo de diretor do Departamento de Assuntos Culturais da antiga *Pan American Union*, hoje *Organization of American States* ou "Organização dos Estados Americanos" (OEA) em Washington D.C.. Em vista dessa ampla atuação e aos moldes referidos sobre como ela se desenvolveu, é justo afirmar que Erico aproxima-se da figura do intelectual fruto da modernidade, já que ele por vezes assemelha-se a um crítico social que ganha voz no espaço público por meio de sua obra ou graças a ela , como já mencionado. Ainda nesse sentido, é possível notar que, com a presença pública que conquistava, o escritor desenvolve sua obra à medida que se via demandado a desenvolver e manifestar seus posicionamentos políticos. Dessa forma, cabe destacar que Erico passa a ocupar um lugar em um diálogo que se estende para além das fronteiras do Brasil e do literário, cujo trabalho e presença são reconhecidos em diversos países do globo, haja vista as traduções de suas obras e a interlocução política estabelecida com outros escritores e intelectuais. Nesse sentido, identificamos uma rede de associações, termo do francês Bruno Latour (2012), em que os atores não são somente os escritores , mas também as próprias obras . Trata-se de objetos /atores considerados como mediadores , ou seja , instâncias que não somente transportam significados em um social construído de associações , mas como instâncias que podem transformar, traduzir, modificar e até distorcer significados em uma "rede em trabalho" ou, como Latour (2012, p. 65) menciona, uma *worknet*.

A referida teoria do Ator Rede, de Bruno Latour (2012), dá-nos subsídios para propor um simpósio que visa discutir aspectos da obra de Erico Verissimo não em vias solipsistas, mas cujos traços apontam para a mencionada relação obra e vida, assim

como para a inserção intelectual do escritor. Trata-se de observarmos e discutirmos, a partir da obra literária, o contexto maior em que ela se insere. A partir da produção literária de Erico Verissimo – que compreende romances, contos e narrativas de viagem –, assim como em consideração a suas atuações específicas mencionadas aqui – de tradutor, editor, conselheiro literário e agente político –, abrigaremos trabalhos no presente simpósio que de alguma forma apontem para a ideia de um projeto literário de um a(u)tor que constantemente chama atenção para a relação entre obra e vida sem que caiamos em biografismos simplicistas sobre a produção do escritor.

Referências:

BOECHAT, Fernanda Boarin. *O vaivém dum gato: interfaces entre ficção e realidade nas narrativas de viagem* Gato preto em campo de neve *e* A volta do gato preto *de Erico Verissimo.* 415 f. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

BORDINI, Maria da Gloria. *Criação literária em Erico Verissimo*. Porto Alegre: L&PM Editores: EDIPUCRS, 1995.

CÁNDIDA SMITH, Richard. *Improvised continent:* pan-americanism and cultural exchange. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2017.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social:* uma introdução à teoria do Ator-Rede. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador: EDUFBA, Bauru: EDUSC, 2012.

MINCHILLO, Carlos Cortez. *Erico Verissimo, escritor do mundo*. São Paulo: Edusp, 2016.

NEUNDORF, Alexandro. *A emergência da modernidade na França durante o Segundo Império:* Das "Flores do Mal" de Baudelaire ao "J'accuse" de Zola. 262 f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

VERISSIMO, Erico. *Um lugar ao sol*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936.

_____. *Viagem através da literatura americana*. Rio de Janeiro: Instituto Brasil-Estados Unidos, 1941.

_____. *As mãos do meu filho:* contos e artigos. Porto Alegre: Edições Meridiano,1942.

_____. *Brazilian literature: an outline*. New York: Macmillan, 1945.

_____. *Noite e sonata*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1954.

_____. *Fantoches e outros contos e artigos*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1956.

_____. *Gato preto em campo de neve*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1956.

_____. *O ataque*. Rio de Janeiro: Editora Globo. s/d.

_____. *O prisioneiro*. Porto Alegre: Editora Globo, 1970.

_____. *Um certo Henrique Bertaso:* pequeno retrato em que o pintor também aparece. Porto Alegre: Editora Globo, 1972.

_____. *Solo de clarineta:* memórias. Porto Alegre: Editora Globo, 1973. vol. 1

_____. *Solo de clarineta:* memórias. Porto Alegre: Editora Globo, 1976. vol. 2

_____. *O senhor embaixador*. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.

_____. *Música ao longe*. São Paulo: Círculo do livro, 1978.

_____. *Clarissa*. Porto Alegre: Editora Globo, 1980.

_____. *O resto é silêncio*. Porto Alegre: Editora Globo, 1980.

_____. *A volta do gato preto*. 11. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1980.

_____. *México*. Porto Alegre: Editora Globo, 1980.

_____. *Olhai os lírios do campo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1985.

_____. *Israel em abril*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1987.
_____. *Caminhos cruzados*. São Paulo: Editora Globo, 1989.
_____. *Saga*. São Paulo: Editora Globo, 1995.
_____. *Breve história da literatura brasileira*. Tradução de Maria da Glória Bordini. São Paulo: Editora Globo, 1997.
_____. *A liberdade de escrever:* entrevistas sobre literatura e política. Org. Maria da Glória Bordini. São Paulo: Editora Globo, 1999.
_____. *Incidente em Antares*. São Paulo: Editora Globo, 1999.
_____. *O tempo e o vento, parte I:* O Continente I. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.
_____. *O tempo e o vento, parte I:* O Continente II. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.
_____. *O tempo e o vento, parte II:* O Retrato I. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.
_____. *O tempo e o vento, parte II:* O Retrato II. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.
_____. *O tempo e o vento, parte III:* O Arquipélago I. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.
_____. *O tempo e o vento, parte III:* O Arquipélago II. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.
_____. *O tempo e o vento, parte III:* O Arquipélago III. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.
_____. *Do diário de Sílvia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

28 - ESCRITAS CONTEMPORÂNEAS: INCURSÕES, AVALIAÇÕES E DESAFIOS AO COMPARATIVISMO

Coordenação: Adeítalo Manoel Pinho (UEFS-BA); Maria de Fátima Gonçalves Lima (PUC-GOIÁS)

Resumo: Esta proposta é a continuação de simpósio realizado nos Congressos Abralic de 2015, em Belém- PA, no Encontro 2016, no Rio de Janeiro, no Congresso Internacional 2017, no Rio de Janeiro e 2018 em Uberlândia, MG. Dado o êxito das apresentações e discussões naquelas oportunidades e por ser do âmbito do Projeto Procad/Capes PUC-Rio/UNEBSalvador/UEFS-Bahia/PUC-Goiás, que irá até 2019, consideramos esta proposta decisiva para as atividades do projeto. A continuação da proposta e realização do simpósio expressa ainda mais a consolidação de um grupo de trabalho multi-institucional e em instância nacional dentro do projeto. Para delinear os desafios presentes no título deste Simpósio, e aqui propostos para seguir como um convite instigador a pesquisadores interessados na atualidade das práticas culturais, artísticas e teórico-críticas, elegemos, no pequeno e exitoso ensaio de Giorgio Agamben, uma das suas postulações a O que é o contemporâneo: "Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro." A imagem potente de um "escuro" do tempo delineia metaforicamente a problemática a ser compartilhada pelos pesquisadores, em vertentes ou perspectivas compatíveis com seus objetos de interesse e investigação. Tal imagem se impõe quando se constata que, nas últimas décadas, na área dos estudos literários como nas ciências humanas, ocorreram alterações que reconfiguraram os pilares do território disciplinar,

abalando o domínio de objetos previsto, o elenco de instrumentos, métodos e, expressivamente, o corpo das proposições aceites como horizonte teórico dos estudos de literatura, outras artes e da cultura. Tais alterações repercutiram predominantemente na diluição de fronteiras entre as disciplinas, na multiplicação inovadora das questões e temas de investigação plausíveis para cada uma delas e na ampliação dos instrumentos conceituais e técnicas que as singularizam. Em paralelo às alterações no plano epistemológico, são expressivas também, nas últimas décadas, as alterações que ocorrem no âmbito da cultura e no campo artístico, especialmente no domínio do literário. No primeiro caso, a noção de "cultura" alargou-se, extrapolando a legitimidade que lhe atribuíram – igualmente, mas em circunstâncias diversas – o empreendimento civilizacional iluminista, o Estado nacional moderno e as elites cultas na alta modernidade estética, tornando a cultura e, principalmente, o valor cultural focos de instabilidade, conflito e disputa, por forças que saíram dos bastidores e passaram a disputar a significação cultural. Os dois eixos da significação e valor que atravessaram a área de Letras, afetando o âmbito dos estudos comparados: por um lado, problematiza-se a ligação mutuamente legitimadora entre literatura e nacionalidade, parte do processo de constituição dos estados modernos e matriz de toda a historiografia que por um século pautou os estudos da literatura; por outro, dá-se a contestação ao confinamento do valor cultural à esfera erudita, às artes canônicas e, consequentemente, à separação entre arte, cultura e o que pensadores como Edward Said e Stuart Hall designaram como a "mundanidade".Em grande parte, emanam deste cenário de mudanças epistemológicas e culturais o "escuro do tempo" ou os desafios do contemporâneo, que constituem o campo temático do debate aqui proposto, que deverá confrontar-se com o caráter intempestivo, insurgente ou disruptor da contemporaneidade, sistematizando e provendo instrumental teórico e crítico para lidar com as suas diversas dimensões ou concreções. O deslocamento ou a recusa de hierarquias instituídas tanto na dimensão epistemológica quanto na dimensão artísticocriativa geram a oportunidade para que estejam sob o foco deste Simpósio – como desafios que emergem das zonas de sombras do contemporâneo – as formas, expressões e domínios de experiência recalcados ou preteridos e sua potência intempestiva, tais como: (a) o corpo, em sua materialidade e enquanto superfície de inscrição e energia ético-estética; (b) os afetos, enquanto força disruptora a dar ensejo a outras formas de experiência e representação das vivências; (c) o comum e o cotidiano enquanto categorias transversais da cultura, a mobilizar uma rede de significados que remetem a espaços periféricos, tanto no cenário político e sociocultural quanto nos cenários textuais e artísticos; (d) a violência, a exclusão e a cidade como figurações do presente que convulsionam os limites da representação ao instaurarem, em diversas linguagens artísticas; (e) a lógica do testemunho, do biográfico e do documental, em flagrante desafio à compreensão estabilizada do que seria próprio do domínio ficcional. Ao acolher as perspectivas dos estudos de literatura e de outras linguagens artísticas, bem como dos estudos de produções, práticas e políticas da cultura, incorporando as dimensões de materialidade, de performatividade e de insurgência, próprias das estratégias criativas da atualidade, este Simpósio ambiciona empreender não apenas uma discussão estética e política que possibilite a acolhida analítica das forças e das formas artísticas e culturais do presente, mas – e principalmente – acentuar uma potência inovadora e transformadora que possa afetar práticas investigativas, formativas e educacionais na sociedade brasileira contemporânea. REFERÊNCIAS AGAMBEM, Giorgio. O que é o contemporâneo? e

outros ensaios. Chapecó: Editora Argos, 2009. HALL, Stuart. Da diáspora. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. SAID, Edward. Cultura e imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

29 – ESCRITAS DE SI: DIÁRIOS, CARTAS, TESTEMUNHO, AUTOFICÇÕES EM NARRATIVAS, POEMAS OU OUTRAS ARTES ESCRITAS E ELABORADAS POR ESCRITORES LATINO AMERICANOS

Coordenação: Margareth Torres de Alencar Costa (UESPI); Susana Beatriz Cella (UBA).

Resumo: A fala de si mesma na terceira pessoa, chamando-se pelo próprio nome, ocorre bem antes de compreender que também pode utilizar a primeira pessoa. Em seguida, todos utilizam "eu" para falar de si, mas esse "eu", para cada um, remeterá a um nome único que poderá, a qualquer momento, ser enunciado. Todas as identificações (fáceis, difíceis ou indeterminadas) acabam fatalmente convertendo a primeira pessoa em um nome próprio. Para Lejeune (2008), um autor não é uma pessoa. É uma pessoa que escreve e publica. Inscrito, a um só tempo, no texto e no extratexto, ele é a linha de contato entre eles. O autor se define como sendo simultaneamente uma pessoa real, socialmente responsável, e produtor de um discurso. Para o leitor, que não conhece a pessoa real, embora creia em sua existência, o autor se define como a pessoa capaz de produzir aquele discurso e imaginá-lo, então, "a partir do que ele produz. [...] se a autobiografia é um primeiro livro, seu autor é consequentemente um desconhecido, mesmo se o que conta é sua própria história, falta-lhe, aos olhos do leitor, esse signo de realidade que é a produção anterior de outros textos (não autobiográficos), indispensáveis ao que Lejeune chama de "espaço autobiográfico". Autoficção, termo utilizado contemporaneamente para se referir à autobiografia ficcional, teve como precursor Doubrovsky (1977) em seu romance *Fils*. A noção de autoficção, de acordo com esse autor, difere da teoria proposta por Lejeune (2005) na medida em que um autor pode optar por contar sua vida em 1ª ou 3ª pessoa, utilizando os elementos ficcionais a serviço de uma busca pela autoficção. No entanto Gusdorf (1991) afirma que as teses sobre a escrita de si foi o centro das discussões do seu trabalho e continha um estudo crítico do que seja autobiografia."*Cet arrièreplan commémoratif d'une expérience de vie, menée à bien dans la peine, dans la joie et dans l'honneur, sous-tend d'une manière inapparente ce livre.* (GUSDORF, 1991,p.12). No que diz respeito à literatura de testemunho, o estudo memorialístico é importante porque apresenta diversas partes da obra em que personagens rememoram as experiências traumáticas vividas individual ou coletivamente. Essa presença, no texto literário, revela personagens angustiados com a situação desumana a qual foram submetidos; podem caracterizar lembranças do convívio familiar, que retornam à mente do narrador. A memória coletiva é formada por lembranças dos indivíduos, ou seja, de vários grupos dos quais eles fazem parte. Paul Ricoeur (2007) chama a atenção para o fato de a memória e a história estarem juntas, ainda que de modo conflitivo. A contribuição de Seligmann-Silva (2003), Halbwachs (2006) e de Candido (2006), considerando que todos os acontecimentos e narrativas se passam no convívio em sociedade, viabilizará reflexão e entendimento sobre as narrativas de si escritas por mulheres em todas as épocas. Mesmo assim a posição de Gusdorf (1991) rebate alguns conceitos propostos por estes teóricos e como ele mesmo afirma: "*On appelle « mémoires » d'un*

personnage le récit fait par lui-même des événements de sa vie, curieux pluriel, au sujet duquel les lexicographes ne semblent pas s'être interrogés. Or les mémoires appartiennent au genre autobiographique, avec une insistance sur les événements objectifs plutôt que sur le vécu subjectif ; mais la ligne de démarcation entre Mémoires proprement dits et Autobiographie n'est pas claire ; les mémoires sont des autobiographies, même si la réciproque ne semble pas être vraie. (GUSDOR, 1991,p.14). Com relação á escrita de si através das outras artes vimos obras literárias pertencentes a este gênero transpostas ao cinema, aos quadros, em formato de graffiti nos muros da cidade ou vice verso, é possível ver telas, e filmes serem traduzidos aos textos ou ás músicas. Nesse sentido Santaella (2004) explica que o letor do século XXI é o "leitor movemente, aquele que surge do mundo em movimento, dinâmico, mundo híbrido, de misturas químicas, um leitor que é filho da Revolução Industrial e do aparecimento dos grandes centros urbanos: o homem na multidão" (SANTAELLA, 2004, p.19).Assim sendo, este simpósio pretende contribuir para a reflexão dos textos produzidos em prosa, poesia e outras artes no contexto da história, da memória, das literaturas de si, recebendo propostas de trabalhos que debatam os escritos produzidos por autores oriundos da América Latina ou que nela se fixaram adquirindo nacionalidade latino Americana.

Palavras-chave: Escritas de si; narrativas em prosa, poesia e outras artes. escritores latino americanos

30 - ESCRITAS DE SI: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

Coordenação: Prof[a]. Dr[a]. Carolina Duarte Damasceno (UFU); Prof. Dr. Júlio de Souza Valle Neto (UNIFESP); Prof. Dr. Ricardo Gaiotto de Moraes (PUC-Campinas)

Resumo: No Congresso ABRALIC 2018, o simpósio "Escritas de si na contemporaneidade: pactos e desdobramentos" contou com a participação vivaz de pesquisadores de diferentes universidades brasileiras. As comunicações, ao analisarem em largo espectro as escritas marcadas pelas interferências explícitas e performáticas do eu, criaram espaço propício para discussões profícuas sobre um dos temas proeminentes nos estudos literários contemporâneos. Neste ABRALIC 2019, o simpósio "Escritas de si: questões contemporâneas" reabre o espaço de reflexões sobre a "escrita de si", realçando alguns dos aspectos de interesse explorados na edição passada.

Como observa Starobinski (1970), as escritas pessoais, pautadas pela memória e pela (re)construção de imagens do passado e de si, sempre apresentaram uma tendência a desembocarem na invenção, a despeito das promessas de sinceridade e fidelidade à experiência vivida. Embora sempre tenha havido fronteiras entre as escritas de si e o universo ficcional, elas somente foram problematizadas pelos escritores a partir do século XX.

Na contemporaneidade, as formas de analisar a sinceridade e as escritas de si tornaram ainda mais inglórias as tentativas de "transformar o matagal da literatura do eu em jardim à francesa" (LEJEUNE, 2014, p. 21). Com a crítica à noção de sujeito, convenção de mais a mais problematizada, uma pergunta essencial para os gêneros pessoais – quem é o "eu" que escreve – ganha novas dimensões. Em *O pacto autobiográfico*, Lejeune (2014, p. 15-55) apresentou critérios que estabeleceriam os aspectos a partir dos quais o leitor passaria a ler uma narrativa considerando-a um relato

de caráter factual, cujo reconhecimento seria condição para se estabelecer um pacto de confiabilidade com o leitor.

O termo autoficção foi lançado pela primeira vez por Serge Doubrovsky em *Fils*, publicado em 1977. De acordo com Jacques Lecarme, a autoficção consistiria em um dispositivo muito simples, "uma narrativa cujo autor, narrador e protagonista compartilham da mesma identidade nominal e cuja denominação genérica indicia que se trata de um romance" (2014, p. 68). A novidade deste dispositivo instauraria um novo pacto ambíguo diante do leitor, uma vez que, agora, se a coincidência entre narrador/protagonista/nome do autor levaria a uma confiança no caráter factual da narrativa, a caracterização do texto como ficção levaria a uma suspensão dessa mesma confiança.

Se por um lado a coincidência entre tais instâncias, na autobiografia e na autoficção, opõe alguma resistência à guinada pós-estruturalista que, como se sabe, anunciava a "morte do autor" (BARTHES, 2004), por outro o mergulho no "mundo ficcional", específico da autoficção, aponta para a impossibilidade de definir o factual, tendo em vista que seu suposto referente, a realidade, passa por análoga dificuldade de conceituação – como lembra David Roas, "a realidade deixou de ser uma entidade ontologicamente estável e única, passando a ser contemplada como uma convenção, uma construção, um modelo criado pelos seres humanos" (2014, p. 86).

Para Manuel Alberca (2013), apesar da consciência da impossibilidade de reconstituição do real, a diferença entre autoficção e autobiografia estaria no fato de que, nesta última, o autor parte do pressuposto de que sua narrativa não é apenas ficção. Sobretudo a autoficção, mas também a autobiografia e o memorialismo, possibilitariam a multiplicação das personalidades do autor, caracterizando o gênero como um produto do mundo pós-moderno, devido à impossibilidade de se definir uma unidade para o sujeito. Nesse sentido, a partir das reflexões de Lipovetsky, Manuel Alberca afirma que a autoficção situa-se na falta de compromisso do sujeito contemporâneo em preocupar-se com a edificação de seu próprio ego (entidade, como se sabe, imprecisa e cambiante). Assim, a autoficção consistiria em "*una estrategia creativa que fluctúa entre lo inventado y lo real, entre lo novelesco y lo autobiográfico, en la que poder seguir el ego*" (2013, loc. 4001).

Este Simpósio propõe-se a estimular o debate sobre as escritas de si, abrangendo trabalhos que as abordem enquanto forma de expressão marcadamente literária, isto é, enquanto documento relevante para ramos distintos dos estudos literários (historiográficos, biográficos, hermenêuticos); em suas consequências para noções-chave da crítica (como o conceito de autor), bem como para variadas correntes da teoria literária; como ponto de indagação privilegiado na compreensão de diferentes obras em língua portuguesa e estrangeira – enfim, como forma de reabrir a discussão em suas inflexões contemporâneas mais sugestivas, capazes de aclarar a literatura de ontem e de hoje.

Referências

ALBERCA, M. **El pacto ambiguo**: de la novela autobiográfica a la autoficción. Madri: Biblioteca Nueva, 2013.

BARTHES, R. A morte do autor. In **Rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LECARME, J. Autoficção: um mau gênero? In: NORONHA, J. M. G. **Ensaios sobre a autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LEJEUNE, P. Autoficção & CIA. In: NORONHA, J. M. G. **Ensaios sobre a autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
ROAS, D. **A ameaça do fantástico: aproximações teóricas**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
STAROBINSKI. Le style de l'autobiographie. **Poétique.** Paris, v. 3, p.257-265, 1970.

31 - ESCRITAS PERFORMÁTICAS – NARRATIVA, FICÇÃO E DISSENSO

Coordenação: Raïssa de Góes (PUC-Rio); Frederico Coelho (PUC-Rio); Tiago Leite (FAMATH-RJ/PUC-Rio)

Resumo: A partir das conversas ocorridas na Abralic de 2018, realizadas na Universidade Federal de Uberlândia, e de seus desdobramentos, o segundo encontro do simpósio *Escritas Performáticas – narrativa, ficção e dissenso* (grupo de pesquisa composto por Adriana Maciel, Lia Mota, Raïssa de Góes, Tiago Leite e Frederico Coelho) pretende aprofundar a noção de escrita performática, noção que busca entender o gesto presente nas diferentes formas de linguagem, e a maneira como esse gesto – ação performática – se manifesta em formas de escrita distintas produzindo pensamento. Convidamos a todos que participaram e aos pesquisadores e artistas interessados a pensar a narrativa, tendo em vista as transformações que ocorreram em suas dimensões sociais, políticas e intelectuais desde o final do século XIX.

No campo da ficção, que não se opõe ao real, mas que age em dissenso, as narrativas constituem uma forma particular de pensamento e de produção de conhecimento. Há um adensamento intelectual na literatura no final do século XIX. Machado de Assis, Dostoiévski, James Joyce, Samuel Beckett, Virginia Wolff, Marcel Proust, Jorge Luis Borges e muitos outros, além de provocarem uma reinvenção na escrita, passaram a colocar a questão da existência, do pensamento reflexivo e da condição do sujeito moderno em primeiro plano. O narrador se torna um dispositivo-chave para tais processos críticos de escritas ficcionais. Vale lembrar que tal quadro se deu a partir de um diálogo com autores como Freud e Nietzsche – diálogos esses de mão dupla, já que ambos viam na ficção uma usina de força para seus temas e questões. Além disso, áreas como a psicanálise e a filosofia propuseram formas narrativas desafiadoras para os seus campos de saber e demais áreas da escrita. Ao permitir novas maneiras de pensar a ficção, as noções oriundas da arte da performance também contribuem para a discussão.

A artista Diana Taylor, professora do Departamento de Performance da Universidade de Nova York, vê na performance mais do que um campo artístico, a performance é, para ela, uma episteme, um modo de conhecer: "um sistema de aprendizagem, armazenamento e transmissão de conhecimento" (TAYLOR, p. 45). Nessa linha, o intuito do Simpósio é também pensar textos artísticos como corpus teórico. A performance, na escrita, pode ser pensada como aquela que rompe com a estrutura clássica, que escava a linguagem, que se apropria de diferentes fontes, mídias e suportes. Narrativa que não distingue da produção de pensamento e de sensibilidade, pois ambas acontecem juntas no corpo. A escrita performática é um ato, não apenas do corpo que risca o papel, mas do corpo que risca superfícies e que se deixa inscrever. Como escrita, ela é arquivo da cultura e ao performatizar a narrativa é, ao mesmo tempo, repertório. Organiza, em sua própria feitura, uma invenção singular na linguagem e age no tempo e no espaço de sua recepção. Essa escrita não ocorre apenas

na literatura. Ela está a acontecer em diferentes tipos de textos – dança, artes visuais, filosofia, música, cinema etc. As narrativas são práticas de composição de realidades. A escrita performática é narrativa que se desdobra por diferentes meios e tecnologias. Se a escrita tradicionalmente organiza pensamentos e ideias de forma linear e sequencial, a escrita performática possibilita a expressão simultânea de ideias. Ela não é apenas um estatuto do literário, a literatura é uma das suas possibilidades entre as várias formas narrativas. Nas artes visuais, a partir do final do século XIX, altera-se a ideia de representação, a bidimensionalidade é reafirmada e a pintura deixa de ser vista apenas como uma janela que dá a ver o mundo, apresentando uma realidade pictórica e não ilusória. As vanguardas estéticas do início do século XX evidenciam os processos e procedimentos artísticos e põem em questão a excelência técnica como medida de qualidade. A partir de então, os processos são, muitas vezes, apresentados, eles mesmos, como obra, em outras, são dados a serem levados em conta na percepção do(s) sentido(s) propostos pela obra, o que altera a forma como percebemos a arte de nosso tempo e também a dos séculos que nos antecede. É importante explorar tanto artistas que se tornaram críticos ou ensaístas quanto a escrita que se mostra parte da "obra", casos como os de Tunga e Lygia Clark. Entendendo que a noção de obra foi modificada durante esse período, poderíamos dizer que escritas como as dos artistas citados constituem um mesmo ato artístico, abarcando a sua produção visual, espacial e textual. O intuito é pensar textos artísticos como produtores de um corpus teórico. Ou seja, ir além dos questionamentos estanques sobre o que é arte e o que é literatura – não se trata de transdisciplinaridades –, e superar uma linha de corte entre esses campos, ou pelo menos, torná-la porosa. Buscamos ainda investigar como tais procedimentos operam e mostram-se capazes de uma produção de conhecimento, como ocorre na filosofia e ciência. Desta maneira, pretendemos rever a ideia de que arte é algo meramente ilustrativo de uma ideia, mas pode gerar, ela mesma, uma ideia. Gostaríamos, portanto, de contar com pesquisadores e artistas para participar deste simpósio: *Escritas performáticas - narrativa, ficção e dissenso*, recorte feito no campo da discussão entre a escrita e pensamento, para que, juntos, possamos ampliá-lo e adensá-lo nas discussões acadêmicas.

Referências:

BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita: seguido de novos ensaios críticos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CHIARA, Ana, SANTOS, Marcelo, VASCONCELLOS, Eliane (orgs). **Corpos diversos: imagens do corpo nas artes, na literatura e no arquivo.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.

CLARK, Lygia. "Caminhando". In:**Livro Obra**, 1964. Retirado de http://www.lygiaclark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarquivo=17 em 26 de agosto de 2017.

CLARK, Lygia. "Do Ato". In:**Livro Obra**, 1965. Retirado de http://www.lygiaclark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarquivo=17 em 26 de agosto de 2017.

DELEUZE, Gilles. **Kafka – por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. **O que é a filosofia?**. Trad. de Bento Prado Jr., Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
DERRIDA, Jacques. **Escritura e diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
_____. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
DIDI-HUBERMAN, G. **A imagem sobrevivente - História da arte e tempo dos fantasmas segunda Aby Warburg**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
DIDI-HUBERMAN, G. **A sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.
GUATTARI, Félix. **Lignes de fuite-pour un autre monde de possibiles**. Paris: Ed. L'aube, 2011.
GIL, José. **"Sem título": Escritos sobre arte e sobre artistas**. Lisboa: Relógio d'água, 2005.
GIL, José. "Abrir o corpo". In: **Lygia Clark – da obra ao acontecimento: Somos o molde.** São Paulo : Ed. Pinacoteca, 2005, p. 63-66.
HUBERMAN, Georges Didi. **O que vemos, o que nos olha**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1998.
NANCY, Jean-Luc. **Corpus**. Paris: Métailié, 2000.
NANCY, Jean-Luc. **El Intruso.** Trad. Margarita Martínez. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.
RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Ed. 34, 2005.
_____. **O inconsciente estético**. São Paulo: Editora 34, 2009.
_____. **O espectador emancipado**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.
ROLNIK, S. "Uma terapêutica para tem pos desprovidos de poesia". In: **Lygia Clark – da obra ao acontecimento: Somos o molde.** São Paulo: Ed. Pinacoteca, 2005 pp. 13-27.
SANTOS, Roberto Corrêa dos; REZENDE, Renato. **No contemporâneo: arte e escritura expandidas**. Rio de Janeiro: Editora Circuito: FAPERJ, 2011.
TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório:** Performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
VIDAL, Eduardo. Uma letra que não se lê . In: **A prática da Letra** . Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, 2000, p.25-30.

32 - ESCRITORES BRASILEIROS NO EXTERIOR, ESCRITORES ESTRANGEIROS NO BRASIL: INTERMEDIAÇÕES E RELAÇÕES COM OUTRAS ARTES

Coordenação: Profa. Dra. Márcia Valéria Martinez de Aguiar (Unifesp); Profa. Dra. Maria Cláudia Rodrigues Alves (Unesp); Prof. Dr. Valter Cesar Pinheiro (UFS)

Resumo: Quando se trata de refletir sobre a publicação e a recepção de uma obra em terras estrangeiras, muitos são os elementos que entram em consideração. Que razões levam à escolha, para edição, de um autor em determinado país ou época? Que papel têm os agentes literários, os passadores, os editores, os tradutores, os discursos políticos e sociais, os projetos editoriais e as estratégias de difusão de outras artes, como cinema, artes plásticas e música, nessa escolha? Em outras palavras, como a singularidade de certo texto será atualizada em dado horizonte histórico, geográfico e literário? Essa

problemática abrange pesquisas sobre a presença de autores estrangeiros no Brasil e, inversamente, investigações sobre a presença de escritores brasileiros no exterior.

Inúmeros são os estudos que examinam as afinidades entre autores estrangeiros e brasileiros ou o modo como certos escritores foram acolhidos no Brasil, refletindo sobre a maneira como foram traduzidos e/ou aclimatados em solo brasileiro em determinado período de nossa história. Numerosos também são os ensaios sobre a edição de autores brasileiros no exterior em que são analisadas as diversas variáveis que vieram a definir sua presença nesses países. Um dos casos mais conhecidos é o de Jorge Amado: se, nos Estados Unidos, sua tradução, na década de 1940, insere-se no quadro da política de boa vizinhança idealizada pelo presidente Roosevelt, na França, sua edição correspondeu à sua militância comunista de então. Quanto a Guimarães Rosa, publicado na Itália, França, Alemanha e Estados Unidos ao longo dos anos 1960, como explicar a defasagem, na França, entre a crítica positiva de *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas* e o fraco nível de venda desses livros, enquanto na Alemanha o romance do escritor mineiro esgota rapidamente três edições? Outros exemplos: Joaquim Nabuco, Ribeiro Couto e Sérgio Milliet tiveram algumas de suas obras publicadas exclusivamente no exterior. O primeiro, em razão do contexto político; o segundo e o terceiro, por terem vivido parte de suas vidas fora do solo nacional. Podemos observar que esse fenômeno acontece também em sentido inverso: tal é o caso do recentemente publicado *Diálogo entre filhos de Xangô* (correspondência entre Pierre Verger e Roger Bastide, com notas e prefácio de Françoise Morin e tradução de Regina Salgado Campos), editado exclusivamente no Brasil em 2017. Outros exemplos poderiam ainda ser lembrados, como Georges Bernanos que, exilado no Brasil, escreveu, em sua língua natal, obras que seriam inicialmente publicadas por seu editor no Rio de Janeiro. Quanto à relação interartes, encenações teatrais – como *Morte e vida severina*, laureada no IV Festival Mondial du Théâtre Universitaire de Nancy em 1966 – e realizações cinematográficas – como *Orfeu Negro*, Palma de Ouro em 1959, *O pagador de promessas*, Palma de Ouro em 1962, e *Vidas Secas*, Giano d'Oro em 1965 – teriam impactado a recepção literária posterior dessas obras? A boa recepção de nossa música – particularmente a popular – teria igualmente aberto espaço para outras formas de manifestações artísticas brasileiras no exterior?

Por diferentes que sejam as circunstâncias da edição de um texto no exterior, é preciso que o pesquisador as considere em sua análise: em que língua foi inicialmente escrita a obra estudada? No caso de ter sido traduzida, de que perspectiva foi realizada a tradução? Como foi escolhido o tradutor? Teve ele com o autor algum contato? Como a obra foi vista no sistema literário ou político que a acolheu? Foi lida com base nos mesmos parâmetros em dois locais e momentos diferentes? Que paratextos a acompanharam? Foi percebida em sua singularidade ou assimilada ao conjunto das obras de mesma nacionalidade? Causou impacto ou deixou indiferentes seus leitores? Que papel teria desempenhado, na recepção de um livro, o sucesso crítico de filmes, peças teatrais, exposições ou canções? Apenas o estudo da publicação de cada autor e obra em certo local e época pode responder a essas questões e formular aquelas a serem debatidas.

Evolução do trabalho desenvolvido nas três últimas edições da ABRALIC, nos simpósios "**Diálogos Brasil-França: tradição e renovação**" (2016-2017) e "**Escritores brasileiros no exterior, escritores estrangeiros no Brasil: experiências, textos e contextos**" (2018), o presente simpósio contempla diversas línguas e culturas e

acolhe investigações que abordem as experiências e o complexo processo de publicação e recepção de um escritor em um determinado país, refletindo sobre as mediações que se estabelecem entre o texto original e/ou traduzido, o seu horizonte de recepção – abarcando questões relativas ao possível impacto que a divulgação de outras artes possa ter provocado em sua leitura – e os vários atores que participam de sua edição, interpretação e divulgação em seu país de origem e/ou no estrangeiro.

33 - ESPAÇOS E AFETOS NA LITERATURA E O CINEMA BRASILEIROS: CARTOGRAFIAS, CORPOS E DESLOCAMENTOS

Coordenação: Dra. Rebeca Errázuriz Cruz (Universidade Adolfo Ibáñez, Santiago de Chile); Dra. Mónica González García (Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso, Chile); Dra. Natalia López Rico (Universidade de Chile, Santiago de Chile)

Resumo: Uma das mais recentes e produtivas consequências do chamado giro afetivo (Gregg; Seighworth, 2010), é aquela que relaciona os estudos do espaço e dos afetos - paisagens afetivas em Depetris (2016), geografia afetiva em Pile (2009) e geografias emocionais em Davidson, Bondi e Smith (2005), entre outros. Geografias, cartografias e mapas afetivos são denominadores comuns que, em muitos casos, não só remetem a conceitos, metáforas ou símbolos, mas que tratam, com efeito, da relação quase sempre tensa que se estabelece entre os espaços - sejam eles urbanos ou rurais, reais ou ficcionais - e os afetos que suscitam ou que são postos em circulação por diversos corpos que os habitam ou os atravessam.

A partir do século XX, vive-se no Brasil uma transformação social e cultural acelerada, motivada pela introdução e intensificação de diversos projetos de modernização que trazem consigo mudanças dos modelos de produção econômica e que consequentemente involucram deslocamentos de população, assim como o nascimento das indústrias culturais e os meios de comunicação de massa. Todas estas instâncias desempenham um papel na configuração de novas e diversas formas de subjetividades que elaboram imaginários especiais vinculados a estas experiências e põem em circulação diferentes afetos e formas de relacionamentos. Atualmente, estas transformações assumem a face de um modelo neoliberal que se movem em pequena e grande escala e que se promove como o único paradigma de modernização possível. Assim, no percurso destes contextos históricos e sociais a relação entre espaços e sujeitos se problematiza e de certa forma reflete as implicações e consequências de seus embates. Por um lado, estes sujeitos enfrentam as condições e transformações a que os submetem os próprios processos de modernização como uma experiência de restrição a um espaço muitas vezes sentido como alheio e hostil, que se vive como um estreitamento ou achatamento para a manifestação de seus afetos, cujo espectro fica visivelmente submetido à vivência mais crua. Mas os próprios sujeitos entretecem uma configuração afetiva do espaço desde a qual realizam suas relações sociais, suas identidades e suas práticas políticas e culturais; enfim, espaços e afetos funcionam como um eixo de interligação, como uma trama complexa na qual são os afetos dos indivíduos e seus regimes de corporalidade os que desenham, delimitam e definem o estatuto de um lugar e as fronteiras de um espaço. Os sentidos e os limites espaciais são efetivamente produzidos no vai e vem de um conjunto de indivíduos, e dita produção pode ou não entrar em conflito com os movimentos de biopolítica que definem os espaços e as regras dos deslocamentos fora e dentro dos mesmos.

Neste simpósio nos interessa analisar os modos em que esta relação entre subjetividades e espaços é apresentada e analisada na narrativa e no cinema brasileiros desde inícios do século XX em adiante, com o objetivo de vislumbrar um possível mapeamento do circuito de afetos (Safatle) que abarque não só a submissão de corpos e espaços a emoções e afetos predeterminados, senão também a sua potência produtiva e liberalizadora. Na história da literatura e do cinema brasileiros do século XX podemos rastrear um catálogo de espaços que têm sido efetivamente cartografados do macro ao micro, da manifestação das biopolíticas modernizantes às experiências dos sujeitos que vivem nesses espaços e lhes outorgam sentidos: são os sertões de Euclides da Cunha, mas também o sertão de Fabiano e Sinhá Vitória em *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e os sertões cinematográficos de Nelson Pereira dos Santos e Glauber Rocha ou o de Riobaldo en *Grande Sertão: veredas;* é a selva amazônica de Gálvez, mas também o Xingú de Nando em *Quarup* ou o olhar do retorno de Avá em *Maíra*, e a selva de *Macunaíma* de Joaquim Pedro de Andrade; é a vivência de Pedro Rubião diante das elites cariocas em *Quincas Borba*, e também de Macabea em *A hora da estrela*; é a vida na favela nos contos de João Antônio, mas também a vida de Zé Miúdo de Paulo Lins, de Zé Pequeno de Fernando Meirelles e Katia Lund ou o ódio favelado de Ferréz.

Referências:

DAVIDSON, Joyce; BONDI, Liz; SMITH, Mick (eds.). **Emotional geographies.** Ashgate: Aldershot, 2005.

DEPETRIS CHAUVIN, Irene. Geographies of Love(lesness). Space and Affectivity in Viajo Porque Preciso, Volto Porque Te Amo (Aïnouz and Gomes, 2009) and Turistas (Alicia Scherson, 2009). **Journal of Latin American Cultural Studies**, vol. 25, nº 2, 2016.

GREGG, Melisa; SEIGHWORTH, Gregory (eds.). **The affect theory reader**. Durham: Duke University Press, 2010.

MALPAS, Jeff (ed.) **The place of landscape: concepts, contexts, studies.** Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2011.

PILE, Steve. 2009. Emotions and Affect in Recent Human Geography. **Transactions of the Institute of British Geographers.** Disponible en https://rgs-ibg.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1475-5661.2009.00368.
Consultado el 15 de diciembre de 2018.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos. Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

34 - ESTRANHANDO A TEORIA EMPENHADA DE ANTONIO CANDIDO

Coordenação: Profa. Dra. Anita Martins Rodrigues de Moraes (UFF); Profa. Dra. Lúcia Ricotta Vilela Pinto (Unirio); Prof. Dr. Marcelo Moreschi (Unifesp)

Resumo: Este Simpósio aposta num pensamento inacabado e duramente empenhado em estranhar a obra de Antonio Candido e seu modo de repor na cultura tanto uma tradição crítico-espiritualista da nacionalidade e das totalizações teleológicas, etapistas e evolucionistas, quanto uma acomodação rija da ficcionalidade, da invenção e da teoria. Tudo isso resulta num processo de institucionalização acadêmico-universitária das humanidades e do desenvolvimentismo das letras no Brasil, ocorrendo em contexto de embate flagrante com os mundos múltiplos nos quais são constituídas nossas

subjetivações políticas. Imperativos edificantes e/ou cívicos e o ideal do nacional-classicizante impõem-se, então, às configurações da literatura e da crítica.

Confrontando o quadro de valores da obra candidiana a outros processos intelectuais provindos de escritores, ensaístas, críticos literários de diferentes extratos, países e linhagens, este simpósio visa contrapor-se a constelações afeitas a tal institucionalização. Trata-se de insistir no jogo polêmico, no confronto de perspectivas e no debate efetivo e aberto à diferença. Importa, assim, delinear contornos e limites de operações teóricas em vigência nas recontextualizações da literatura e suas relações com domínios discursivos outros, em busca de legibilidades denegadas por uma autognose do nacional.

Nos estudos que sugerem reflexões acerca dos problemas e limites da teoria, da crítica e da historiografia literária candidianas está nosso interesse. Desse modo, propostas envolvendo os estudos da materialidade da literatura, da historicidade de categorias e práticas discursivas, como também problemáticas configuradas no âmbito da teoria literária, da estética, da antropologia, da história, dos estudos culturais, feministas, pós-coloniais e das subalternidades, além de perspectivas interdisciplinares e comparatistas, serão bem-vindas.

Sem satisfazer, portanto, a qualquer propósito encomiástico ou laudatório, o objetivo é realizar um tipo de homenagem a Antonio Candido em que esteja implicado o embate efetivamente crítico com seus textos, ações e ideias, e não paráfrases de sua doxologia. Pretende-se constituir um feixe de pensamento divergente e heterogêneo que, ao evitar a performance da teoria candidiana, também não subsuma as linhas de força da crítica ao privilégio comumente concedido a uma suposta função edificante-estetizante da literatura.

Em suma, este simpósio acolherá propostas que tratem dos seguintes problemas, dentre outros:

- Ciências sociais, ideologia paulista, desenvolvimentismo e Antonio Candido;
- Candido, genealogias e a normalização do modernismo;
- Candido e o lugar da ideia;
- Naturalização de pressupostos e descomplexificação da teoria no ensaísmo de Antonio Candido;
- Aporias e limites da teoria, crítica e historiografia candidianas;
- Candido, letras coloniais e outros regimes discursivos;
- O nacional-literário: vetos, sequestros e denegações;
- Candido, esteticismo e experimentalismo;
- Candido e a nostalgia do nacional-popular e da humanização;
- A teoria empenhada: famílias e heranças críticas;
- Eurologocentrismo e universalidade ideológica em Antonio Candido;
- Razão imperial, colonialismo e especificidade cultural em Antonio Candido;
- Direito à literatura e discriminação social;
- As premissas antropológicas do pensamento candidiano;
- Candidismo e cordialidade no campo dos estudos literários no Brasil: sociabilidade, doxa e institucionalidade;
- Pós-humanismos, pós-modernismos, pós-colonialismos e a obra candidiana;
- Proposições cosmopolíticas no enfrentamento das cândidas alteridades: o pobre, o caipira, o irracional, o primitivo e o iletrado;

- Antonio Candido em comparação e confronto com escritores, ensaístas, críticos literários de diferentes extratos, países e linhagens;
- Estranhando as apropriações de Antonio Candido no ensino de literatura.
- Candido x Machado; Candido x Graciliano; Candido x Rosa; Candido x Clarice; Candido x Mário X Oswald.

A título de exemplo, e para provocar o debate crítico, destacamos breve bibliografia, desenhando caminhos possíveis, trajetórias dissidentes e não doxológicas:

BAPTISTA, Abel Barros. "O cânone como formação: a teoria da literatura brasileira de Antonio Candido". In: _____. *O livro agreste*. Campinas, Editora da Unicamp, p. 41-80.
HARDMAN, Francisco Foot. "Matem o Mito". O Estado de São Paulo, 21 /fev/2016.
LIMA, Luiz Costa. Concepção de história literária na *Formação*. In: *Pensando nos trópicos*. Rio de janeiro: Rocco, 1991, p. 149-166.
MOREIRAS, Alberto. "O nacional-popular em Antonio Candido e Jorge Luis Borges". In: _____. *A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001. p. 197-220.
MORICONI, Ítalo. "Horizontes formativos, lugares de fala: Antonio Candido e a pedagogia do poema". *Gragoatá* (UFF) , Niterói, v. 2, n.12, p. 23-46, 2002.
MOTA, Leda Tenório da. "*Clima* e *Noigandres*: a crítica literária brasileira entre dois fogos". *Revista USP*, São Paulo, n. 39, setetembro/no 1998. p. 120-129,
NATALI, Marcos. "Além da literatura". *Revista Literatura e Sociedade* (USP), v. 9, p. 30-43, 2006
PÉCORA, Alcir. "À guisa de manifesto". In: _____. *Máquina de gêneros*. São Paulo, Edusp, 2001, p. 11-16.
SANTIAGO, Silviano. "Anatomia da formação: A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo". Ilustríssima. Folha de São Paulo, 7 de setembro de 2014.
SISCAR, Marcos. "O discurso da história na teoria literária brasileira". In: _____. *Poesia e crise: ensaios sobre a "crise da poesia" como topos da modernidade*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2010. p. 197-210.

35 - ESTRATÉGIAS NARRATIVAS NA LITERATURA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

Coordenação: Prof. Dr. Ulysses Rocha Filho (UFG); Profª. Drª. Tainara Quintana da Cunha (FURG)

Resumo: Há muitos olhares em um mesmo espaço capazes de provocar caminhos do narrar diferenciados, não importando as motivações (de autobiografia ou enredada) mas convergindo, nas tramas, um relato ficcional que guarda, em essência, pressupostos do mundo real (tencionando aprofundar, questionar, testar, transformar ou alterar os limites do mundo conhecido). Para Candido (2000), o texto literário, antes de ser mera refração do que está ao seu redor, é catalisador das mudanças em seu entorno. Da mesma forma, considera-se a figura de um leitor não contemplativo porque agente transformador chamado ao texto por força da expressão artística, por sua vez, modelada pela habilidade do autor situado em algum ponto das relações que procura entender. Reconhecendo a transversalidade e a pluralidade do estudo da literatura contemporânea

produzida em língua portuguesa, o Simpósio propõem-se a receber trabalhos para comunicação que tratem de temas e estratégias recorrentes nas obras literárias produzidas em Portugal e/ou países de língua portuguesa no final do século XX ao XXI quer sejam: a releitura da tradição, a consciência crítica sobre o estatuto do fazer artístico, a hibridização entre os gêneros tradicionais, o lugar ocupado pelo artista. Assim, pensar as estratégias inovadoras da literatura portuguesa e/ou africana de língua portuguesa contemporânea é perceber todas as suas modificações desde finais do século, XX, incluindo uma perspectiva comparativista e, sobretudo a construção de um novo(s) sujeito(s) que emerge(m) do âmbito literário deslocando-se, em fluxo contínuo e paradigmático, em relação à sua própria cultura, do seu próprio universo histórico e social, vivenciado através de experiências particulares ou coletivas. As continuidades e rupturas emergentes na tradição cultural dos países de língua portuguesa, especialmente Portugal e África, territórios emergentes do pós-25 de Abril, levam a questionar, inclusive, a centralidade/marginalidade do sujeito, conforme Spivak (2010), tendo em vista o dimensionamento e a complexidade que assume na obra. A revisão de valores, o surgimento de novos temas paralelos àqueles em pauta na literatura, as tensões de foro coletivo ou individual são fatores que contribuem para o contingenciamento das múltiplas identidades do sujeito que se remodela na relação com o outro e com a exterioridade. Evidentemente, a construção de modelos literários e culturais próprios em um processo de auto-afirmação, a autoridade e as certezas instituídas pelo discurso hegemônico do colonizador são subvertidas, questionadas, desestabilizadas para produzir um novo discurso híbrido e libertador, em consonância com o momento político (re)tratado. As antigas questões, revisitadas no texto, somadas ao que de novo essa literatura possa oferecer permitem abordar temas como os retornados e as migrações atuais, bem como, os paradigmas identitários pós-coloniais e as estratégias do cenário político-cultural pautado por rápidas transformações e pela efemeridade das relações. Na medida em que a literatura de expressão portuguesa contemporânea abre-se àquilo que de inovador e substancial seus autores possam engendrar na representação do cenário pós-colonial de então, também endossa o debate sobre o que a caracteriza, aglutinando ao cânone antecedente questões temáticas e socioculturais oriundas do contexto em que ela mesma foi erigida. Desse modo, o momento literário em questão corresponde a uma periodização interseccionada com os fatores sociais e também, trata-se de um fenômeno cujo dimensionamento está entrosado com a instância canônica, ao mesmo tempo em que a ultrapassa, promovendo a revisão de valores estéticos e formais. Quanto ao texto, a literatura faz-se lugar de transformações na figura da personagem, do narrador, do tempo e do espaço enquanto elementos essenciais da narrativa permeada pela intertextualidade, de acordo com Reis (2006), e graças à expressão fabuladora do artista que experimenta sua própria inserção na obra literária. Na era da velocidade e dos inúmeros deslocamentos (de sentidos, valores, identidades), a fabulação de episódios descontínuos, heterogêneos e fragmentados aponta para a ultrapassagem do tempo das grandes narrativas norteadas pela abrangência da totalidade. Neste sentido, no Simpósio Estratégias Narrativas na Literatura de Expressão Portuguesa Contemporânea serão aceitos trabalhos que visem à discussão da atualização de temas nas obras do período delimitado sob os pontos de vistas da intertextualidade, do cânone, da experimentação e do comparatismo, de onde possam advir contribuições que fomentem a discussão a partir dos múltiplos olhares dos pesquisadores envolvidos, além de agregar e entrecruzar experiências brasileiras e estrangeiras em que pese à

possibilidade de divulgar os estudos culturais e literários no âmbito dos Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP).
Palavras-chave: Gêneros literários. Fronteiras e ambiguidades. Literaturas de língua portuguesa.

Referências:
ABDALA JUNIOR, Benjamim (org.). **Margens da Cultura**: mestiçagem, hibridismo e outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004.
CANDIDO, Antonio**. Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8ª ed., São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. **Foco narrativo e fluxo de consciência**: questões de teoria literária. São Paulo: Pioneira, 1981.
COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2014.
FERREIRA, Manoel. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. São Paulo: Ática, 1987. LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
KRISTEVA, Julia. **O Gênio do Feminino**: a vida, a loucura, as palavras. Hannah Arendt. Rocco: Rio de Janeiro, 2002.
REIS, Carlos. **História Crítica da literatura portuguesa**: do Neo-Realismo ao Post-Modernismo. Lisboa: Verbo, 2006. Vol. 9.
_____. Estudos narrativos: a questão da personagem ou a personagem em questão. In: **Pessoas de livro**: estudos sobre a personagem. 2ª ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. p. 13 - 41.
SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
TUTIKIAN, Jane. **Questões de identidade**: a África de língua portuguesa. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 41, n°3, p. 37-46, setembro, 2006.

36 - ESTUDOS RETÓRICOS E POÉTICOS

Coordenação: Prof. Dr. Marcus De Martini (UFSM); Prof. Dr. Marcelo Lachat (UNIFESP); Prof. Dr. Jean Pierre Chauvin (USP)

Resumo: Os estudos retóricos e poéticos vêm recebendo uma atenção renovada nos últimos anos, na academia, seja na esteira de trabalhos que procuraram resgatar a importância da disciplina de Retórica, como os de George A. Kennedy (*Classical Rhetoric and Its Christian and Secular Tradition*s) e Brian Vickers (*In Defense of Rethoric)*, seja, principalmente, na relação dessa com a crítica literária, na tentativa de retomar uma relação íntima com as poéticas anteriores à Modernidade. Se a crítica humanista e estilística de meados do século XX já alertava para a importância de uma reconstrução histórica das formas de escritura, como já se notava em Erich Auerbach, em seu clássico *Mimesis*, ou ainda no monumental *Literatura Europeia e Idade Média Latina*, de Ernest Robert Curtius, seria necessário ainda um pouco mais de tempo para que, no Brasil, houvesse um redirecionamento dos estudos literários nesse sentido. Sinais do interesse global que tem azeitado a produção da pesquisa científica em tais domínios ocorrem com a maturidade manifesta dos altos estudos acerca da obra de

escritores emblemáticos das letras luso-brasileiras, como o padre Antonio Vieira e o poeta Gregório de Matos. Assim, trabalhos como os de João Adolfo Hansen (*A Sátira e o Engenho*) e Alcir Pécora (*Teatro do Sacramento)* são fundamentais para os estudos poéticos e retóricos no Brasil. Também é notório o desenvolvimento da pesquisa sobre a obra teológica de Vieira, na condição de réu do Tribunal do Santo Ofício, realizada pela profa. Adma Muhana, grandeza na qual se inclui a edição dos "Autos do processo" de acusação a que o padre foi submetido durante décadas do século XVII, pela Inquisição de Portugal, e a publicação de textos proféticos do autor luso-brasileiro). Desse modo, esses trabalhos, dentre outros, foram emblemáticos para o resgate dessas formas de representação, já que apontam para a necessidade de reconstruir "arqueologicamente", nos dizeres de Hansen, textos anteriores ao final do século XVIII, que, não raro, eram lidos pela crítica sob viés anacrônico, ou, pior ainda, considerados de pouca ou nenhuma relevância para o leitor contemporâneo. Essa renovação tende a romper um círculo vicioso de desinteresse e desconhecimento das letras escritas antes que vigorasse a concepção dita "moderna" nas artes, pontualmente antes de meados do século XVIII, quando, como se sabe, todo a *forma mentis* e a escrita foram profundamente alteradas e mesmo rompidas. Observam-se, neste sentido, incentivos no mundo editorial, traduzido na publicação de numerosas obras jamais editadas, colocadas presentemente no circuito comercial de venda de livros, bem como estímulos no âmbito da pesquisa acadêmica, em alguns (poucos) nichos dos estudos clássicos e classicistas, para se recorrer a dois termos generalizantes, presentes na história literária. Isto posto, a tendência é que os estudos sobre as práticas retóricas e os fazeres de poéticas reconquistem algum espaço nos currículos escolares, no debate científico, no mercado livreiro, nas instituições globais de produção e disseminação dos saberes, como bibliotecas, institutos, academias e universidades - domínios de que vêm sendo predominantemente alijados por razões várias, cuja compreensão, debate e rejeição fazem parte do interesse deste Simpósio da Abralic, dentre outros mecanismos de ação reflexiva.

Assim, este Simpósio de "Estudos Retóricos e Poéticos" pretende discutir trabalhos nos campos da poética e da retórica, especialmente voltados para *corpora* das letras antigas e modernas (até o final do século XVIII), tendo como objetivos principais: elaborar um panorama das atividades de pesquisa realizadas no Brasil sobre preceptivas e produções retóricas e poéticas; estabelecer redes associativas de conhecimento e divulgação dessas pesquisas e de seus objetos; definir mecanismos institucionais para a troca de informações; agregar pesquisadores de temáticas afins com objetivo de divulgação de resultados de trabalhos; vitalizar a produção acadêmica brasileira nos domínios dos estudos retóricos e poéticos. Para tanto, propõem-se os seguintes eixos temáticos em que podem se inserir as propostas de comunicação:

- Retórica e poética nas letras clássicas ou antigas;
- Retórica e poética nas letras modernas;
- Manuscritura, história do livro e da cultura letrada;
- Relações entre as letras e o discurso da história;
- Retórica e poética e as disciplinas humanísticas;
- Retórica, poética e filosofia;
- Recepção de tratados de retórica e poética;
- Retóricas e poéticas medievais;

- Retórica e poética nas letras portuguesas e luso-brasileiras dos séculos XVI, XVII e XVIII.

Espera-se, desse modo, que os trabalhos deste Simpósio mostrem antes ruínas letradas do que construções atemporais anacronicamente idealizadas, recorrendo-se àquilo que enforma essas práticas letradas em seus próprios tempos, em especial, às *technai* retórica e poética e às matérias elaboradas tecnicamente, para que se compreendam melhor as especificidades de tempos que não são os da "modernidade literária".

37 - ESTUDOS SOBRE AS NOVAS TENDÊNCIAS LITERÁRIAS BRASILEIRAS CONTEMPORÂNEAS

Coordenação: Prof. Dr. Herasmo Braga de Oliveira Brito (UESPI); Prof. Dr. Alan Bezerra Torres (IFCE); Prof. Dr. Edilson Floriano Souza Serra (IFMT)

Resumo: O presente Simpósio traz como foco o estudo comparativo das produções literárias com intuito de analisar as suas configurações, circunscrevendo-se a uma temporalidade que vai da década de 60 do século XX aos dias atuais. A literatura brasileira contemporânea é heterogênea e de difícil definição. Ainda assim, algumas tendências são claras em seu interior. Ao lado de um conjunto majoritário de obras que se mantêm presas à ambientação e às preocupações mais tradicionais da narrativa no país. Para empreender tal estudo, valer-nos-emos das análises destas diversas tendências da Literatura Brasileira Contemporânea para configurá-las. Podemos ilustrar algumas destas tendências que o Simpósio se propõe a discutir: Neorregionalismo, Autofficção, *Ecce Homo Fictus*, Cidadania e Vulnerabilidade Histórica Contemporânea, Centramento do homem moderno, Migração, deslocamento e tradução na literatura brasileira contemporânea, Metaficção e romance histórico, A Descoberta do mundo em si, Entre Representação e Autorrepresentação dos Neomarginalizados. Assim, temos no tocante ao *Neorregionalismo Brasileiro*, como elementos para base da categorização: a autonomia feminina, a predominância não mais do espaço rural, mas sim urbano, a tônica da escrita como fator de resistência e de memória dos aspectos regionais. Podemos exemplificar essas caracterizações do Neorregionalismo Brasileiro em obras como: *Beira Rio, Beira Vida* de Assis Brasil - *Sombra Severa* de Raimundo Carrero - *Cinzas do Norte* de Milton Hatoum - *Coivara da Memória* de Francisco Dantas, *Galiléia* de Ronaldo Correia de Brito. Em relação à *Autoficção* entendida "como um apagamento do eu biográfico, capaz de constituir-se apenas nos deslizamentos de seu próprio esforço por contar-se como um eu, através da experiência de produzir-se textualmente". Entre os autores podemos citar: Silvano Santiago com *O Falso Mentiroso*, Cristovão Tezza com *O Filho Eterno*. A literatura de tendência denominada *Ecce Homo Fictus*, constitui-se em uma mescla de aspectos: biográficos, ensaísticos, de críticas literárias e artísticas, e momentos históricos, em meio a narrativas memorialistas. No Brasil, podemos citar a produção ficcional de Silvano Santiago *Em Liberdade* e *Machado*, Ana Miranda com *Boca do Inferno*. Diante da tendência *Cidadania e Vulnerabilidade Histórica Contemporânea* podemos destacar poemas de Tatiana Pequeno da Silva, a ficção de Rubens Figueiredo, e as notas autobiográficas de Marcus Vinicius Faustini, é possível identificar as configurações representativas do deslocamento coletivo das classes populares urbanas apontando para o passado histórico das tensões de raça, de classe, e de poder dentro. Em *Centramento do homem moderno*, temos na prosa contemporânea a fragmentação narrativa ao

entendimento do homem moderno, observamos que na prosa brasileira a partir da década de 1960, uma perspectiva de abordagem menos realista, influenciada, principalmente, por Clarice Lispector e João Guimarães Rosa. Na tendência *Migração, deslocamento e tradução na literatura brasileira contemporânea* uma pergunta chave é a formulação dos conceitos de literatura, o contemporâneo e o brasileiro. Ou, seja, como podemos pensar na literatura e, especificamente, a brasileira num momento contemporâneo quando a literatura expande e existe fora do seu campo previamente limitado à palavra escrita e quando a definição de nacionalidade em si existe em contestação e expansão? Em *Metaficção e Romance Histórico*, observamos na sua configuração um ecletismo formal, que faz o objeto percorrer as esteiras do ensaio e da ficção, o *romance* exige a análise dos intertextos que compõem o tecido verbal, direta e indiretamente em que os elementos essencialmente explícitos, constituídos por citações, paráfrases e outras referências diretas, merecem ser investigados não como anexos, mas suportes, partes constituintes da ideia de enredo e, até mesmo, da técnica dos autores. Na tendência *A Descoberta do mundo em si*, temos na obra de Clarice Lispector uma nítida representação da busca de respostas para o mistério do feminino, colocando a mulher confrontada consigo mesma e com o homem. E, *Entre Representação e Autorrepresentação dos Neomarginalizados*, observamos a possibilidade de notar a emergência de *novas vozes*, especialmente no que tange à representação de grupos sociais historicamente marginalizados (DALCASTAGNÈ, 2012).

Alguns dos teóricos a nos subsidiar nesta empreitada são: Araújo (2010), Bachelard (1993), Bakhtin (2011), Bueno (2006), Candido (2000, 2006), Chiappini (2014), Martins (2014), Rocha (2007), Williams (1989), Le Goff (2003), Ricouer (2007, 2010a, 2010b, 2010c).

Partiremos da seguinte questão-problema: quais os elementos configuradores destas tendências literárias contemporâneas brasileiras e como elas influenciam/atuam no Sistema Literário Brasileiro?

A hipótese é que essas tendências constituem a *leitmotiv* da Literatura Brasileira Contemporânea por serem as hegemônicas e por influenciarem as demais através das suas técnicas narrativas e abordagens temáticas. Portanto, buscamos identificar as contribuições para a formação de uma tradição literária, para a valorização da literatura nacional e para o fortalecimento da cultura brasileira.

Assim, esperamos contribuir para a produção de uma síntese compreensiva das tendências literárias contemporâneas brasileiras. Evitando subsumir a literatura à pura dimensão lúdica, pretendemos nos encaminhar para uma profundidade discursiva sobre as configurações das tendências, suas influências e sua relevância diante do cenário mundial de homogeneização da cultura.

38 - ETNOPOESIA E TRADUÇÃO: NECESSÁRIO DIÁLOGO

Coordenação: Profa. Dra. Ana Rossi (UnB); Profa. Dra. Giane da Silva Mariano Lessa (UNILA)

Resumo: Nesta proposta de simpósio, o foco será a etnopoesia entendida como a relação entre poesia - enquanto produção de conhecimento -, e sua relação com a etnologia/antropologia, cujo objeto é o estudo do homem, o *antropos*. Assim, a etnopoesia expressa a produção do conhecimento gerado por uma comunidade dada, em um espaço-tempo específico, quer esteja essa comunidade no âmbito rural, quer esteja

ela no âmbito urbano, e sendo que tal conhecimento organiza-se também do ponto de vista estético. Esse conhecimento organiza-se a partir de uma informação que é de ordem estética, com regras que constroem um conhecimento específico, visível a partir dos dispositivos da poesia impressa na página, ou nas inter-relações entre diferentes textos editados, ou também nas condições de coleta de um material oral e que nos chega compilado sob a forma escrita. Cada um desses elementos – outros decorrentes da pesquisa – deve ser trazido à tona no intuito de circunscrever as condições em que deu-se esse conhecimento, e por quais transformações passaram tais categorias analíticas presentes no material etnopoético. O que lemos é o resultado desse conjunto de decisões. Tais análises revelam as categorias analíticas que estruturam o material etnopoético, categorias essas passíveis de serem apreendidas por meio da tradução. Porque é apenas pela tradução que esse material chega até nossas mãos. Decorre daí a importância de refletir sobre a relação entre etnopoesia e tradução, esta última entendida como espaço epistemológico para a construção e transmissão de conhecimento.

Eis porque, traduzir constitui-se em um diálogo entre diferentes tradições linguístico-culturais em jogo, como, por exemplo, no caso da tradução das línguas indígenas, mas também de línguas consideradas próximas. Esse diálogo considera a relação complexa entre tradições linguísticas e culturais distintas, objetivando compreender a maneira como se deu essa relação, e seu impacto no âmbito da tradução a partir de variáveis – para citar apenas um exemplo - tais como a importância política das línguas e culturas em presença uma das outras. Isto implica um efeito unilateral, quando não devidamente observado, da língua politicamente mais forte sobre a língua politicamente mais fraca. No âmbito da tradução, essa relação deve ser explicitada e dialogada, de maneira a não obliterar as categorias analíticas de uma das línguas em questão, deixando que tais categorias sejam transpostas, sem controle, em proveito de uma e, claro, em detrimento da outra. O problema é que, desta maneira, desfaz-se as categorias analíticas – e suas relações cognitivas e epistemológicas - na base do conhecimento. Da mesma maneira, tradução é o resultado de um processo longo e complexo onde o que deve ser objeto da tarefa do tradutor – na perspectiva de Walter Benjamin - é identificar a lógica que impera no texto, seu contexto histórico-social, as condições de coleta do material caso estejamos falando de textos em outra dimensão temporal, ou estruturado na base da oralidade. Esse é o processo que permitiu a construção do texto, expressão do outro em sua alteridade. Por parte do tradutor, coloca-se a questão de como aproximar-se desse lócus poético, composto por uma indissociabilidade entre língua e cultura multimilenárias, e sabendo que o desconhecido é alcançado por meio do conhecido. Logo, referir-se à etnopoesia implica em estudar também as variáveis tradutórias que conotam e denotam o texto, e não apenas focar no resultado da tradução como algo desligado do contexto de sua produção. Por etnopoesia entende-se que a poesia traz consigo uma concepção de mundo que deve ser desvendada e não domesticada, nem apagada no âmbito da tradução.

Referências:

BENJAMIN Walter. “A tarefa-renúncia do tradutor” [trad. Susana Kampff Lages]. **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português**. Belo Horizonte. Fale/UFMG. 2008. p. 66-81

BENSE Max. **Pequena Estética.** São Paulo. Perspectiva. 2009. 3ª edição.

CADOGAN Leon. **Ayvu Rapyta. Textos Míticos de los Mbyá-Guarani del Guairá.** Asunción del Paraguay. Biblioteca Paraguaya de Antropologia-vol. XVI. Fundación "Leon Cadogan"-Ceaduc-Cepag. 1997.
CLASTRES Pierre. **Le grand parler: mythes et chants sacrés des Indiens Guarani.** Paris. Seuil. 1974.
CASANOVA Pascale. **La République mondiale des Lettres**. Paris. Seuil. Coll. "Points". 2008.
D'ANGELIS R. Wilmar. "Traduzir e/é dialogar". **caleidoscópio: linguagem e tradução**. v. 2. n.1. jan-jun. 2018. p.15-35
MARTINS LAMEIRÃO MATEUS. Andréa. **A poesia multifacetada de Jerome Rothenberg.** Tese de Doutorado. USP/FFLCH. 2014.
MALLARMÉ. Stéphane. **Igitur. Divagations. Un coup de dés.** Paris. Gallimard. 2003.
POUND Ezra. **ABC of Reading**. New York. New Directions. 1987.
ROSSI Ana Helena. Entrevista com Aryon Rodrigues. **Traduzires**. Postrad. v.1, n.2. 2012. p. 127-131
_____. "Leon Cadogan, antropólogo-tradutor do *Ayvu Rapyta*: um projeto ético baseado no conhecimento". Colóquio Yo el Supremo (1974-2014), Augusto Roa Bastos, Foz-do-**Iguaçu. 2014. [**http://dspace.unila.edu.br/123456789/1472**]. Consultado em 20 de janeiro de 2019.**
_____"Processos e experiências: pensando a tradução". **caleidoscópio: linguagem e tradução**. v.2. n.1. jan-jun 2018. p. 01-14
SCHNAIDERMAN Boris. **Tradução. Ato desmedido**. São Paulo. Perspectiva. 2015.

39 - EUROPA DO LESTE: DIÁSPORAS, CIRCULAÇÕES LITERÁRIAS, TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS

Coordenação: Prof. Dr. Bruno Barretto Gomide (USP); Profa. Dra. Claudia Pellegrini Drucker (UFSC)

Resumo: Este simpósio temático é um desdobramento dos simpósios de literatura russa realizados nos encontros nacionais e internacionais da ABRALIC de 2006 (Rio de Janeiro) 2007, 2008 (São Paulo), 2011 (Curitiba), 2013 (João Pessoa), 2015 (Belém) e 2016 (Rio de Janeiro). Eles foram criados com o objetivo de constituírem um espaço para a discussão permanente de temas de russística no âmbito de um congresso importante. Não havia, até então, espaço similar dentro da universidade e das associações científicas brasileiras. Esses simpósios temáticos ajudaram no fortalecimento acadêmico e profissional do tema, que vem passando, desde o começo da década de 2000, por um processo – fenômeno cultural dos mais significativos – de crescimento dentro da vida intelectual brasileira, com muitas traduções, congressos, teses e publicações. Nosso propósito, nos sete encontros anteriores e no que agora se prepara, foi sempre o de acolher não apenas pesquisas de eslavistas, mas também trabalhos comparativos realizados por professores e pós-graduandos de outras áreas e de um amplo conjunto de universidades espalhadas pelo país em toda a sua diversidade regional: história, ciências sociais, linguística, semiótica, jornalismo, filosofia e artes. Essa perspectiva interdisciplinar e comparativa deverá se manter na edição de 2019, em Brasília.
Para esta edição do evento, a proposta do simpósio é ir além do caso russo (sem excluí-lo) e abranger a Europa do Leste como um todo, em suas múltiplas realidades

lingüísticas, literárias e culturais. Trata-se de uma região que, apesar de ser pouco estudada pela universidade brasileira, é crucial para a política e a cultura moderna, inclusive para o desenvolvimento da literatura comparada e da teoria literária. Serão bem-vindas comunicações que trabalhem tanto com textos e autores "canônicos" como com os "esquecidos" dessas regiões. Dentro de uma perspectiva mais propriamente comparatista, o simpósio espera abordar a circulação de idéias, textos e indivíduos entre as regiões do Leste Europeu – o Báltico, os Bálcãs, a Hungria, os diversos países eslavos situados no "centro" (Polônia, República Tcheca, Eslováquia) e no "oriente" europeu (Rússia, Moldávia, Belarus e Ucrânia) –, bem como entre essas regiões, o restante da Europa e as Américas. Ao final do evento, espera-se que os estudos especificamente russos, que eram o foco do simpósio, ganhem novos contornos ao serem colocados em diálogo com esse universo mais amplo, com o qual ele tem tantas semelhanças e diferenças.

O simpósio dedicará espaço expressivo a comunicações que lidem com processos de transferência cultural entre a América Latina e a Europa do Leste. Esse processo será entendido não meramente como uma via de mão única que conduz do centro-leste europeu para países como o Brasil e a Argentina, mas também em seus aspectos multidirecionais, os roteiros que perfazem o trajeto inverso ou que movimentam textos, indivíduos e coletividades horizontalmente dentro das Américas (por exemplo, os paralelos e diálogos entre tradutores emigrados no Brasil, na Argentina e na França nas décadas de 1930 e 1940). Nesse sentido, a temática da emigração será central em nossas discussões. Propomos uma investigação sistemática do papel da emigração eslava, báltica, húngara e judaica em processos de transferência cultural, recepção e circulação das literaturas do leste europeu dos séculos dezenove e vinte. Procuraremos discutir em que medida a emigração foi decisiva para os processos transnacionais de transferências culturais – textos literários, interpretações histórico-sociais, iniciativas editoriais e de cunho religioso – para a América Latina. Serão feitos mapeamentos de trajetórias de intelectuais emigrados e de viajantes, e tentaremos avaliar a contribuição específica dos *tradutores*, que tiveram papel fundamental na divulgação de textos da Europa do Leste, muitas vezes de forma pioneira.

Como indicações bibliográficas preliminares para os participantes do simpósio, sugerimos os seguintes textos:

GOUSSEF, Catherine. *L´exil russe. La fabrique du réfugié apatride*. Paris, CNRS, 2008. (estudo sobre as categorias de "emigrado", "refugiado" e "exilado" no contexto russo-soviético-francês do entreguerras).

TIHANOV, Galin, "Why Did Modern Literary Theory Originate in Central and Eastern Europe? (And Why Is It Now Dead?)", *Common Knowledge*, Vol. 10, No. 1, 2004. (Sobre as relações entre o contexto intelectual da Europa do Leste, o formalismo russo e outras vertentes da crítica literária).

SCHLÖGEL, Karl. *Der große Exodus. Die russische Emigration und ihre Zentren 1917 – 1941*. Munique, 1994. (obra de referência que traz um amplo inventário crítico dos principais centros de emigração russa).

WOLLF, Larry, *Inventing Eastern Europe: the Map of Civilization on the Mind of the Enlightenment*, Stanford UP, 1994). (estudo sobre as representações e imagens de "Europa Oriental" surgidas na Europa "Ocidental" no século XVIII).

40 - FICÇÃO DE MACHADO DE ASSIS: SISTEMA POÉTICO E CONTEXTO

Coordenação: Profa. Dra. Juracy Assmann Saraiva (Universidade Feevale); Atílio Bergamini Junior – Universidade Federal do Ceará

Resumo: Machado de Assis é um escritor que revela, nas produções ficcionais, sua experiência de leitor e de apreciador de arte, o que pode ser explicado por aspectos do contexto sociocultural e por dados biográficos. Ambos parecem conciliar-se para registrar a progressão, *pari passu*, da instalação de uma sociedade, que buscava afirmar-se no contexto das nações civilizadas, e do processo de afirmação do mais reconhecido escritor brasileiro do século XIX. Sob esse ponto de vista, dados do contexto sociocultural do Rio de Janeiro e a biografia de Machado de Assis instituem fontes que, articuladas, alimentaram a memória do fazer artístico do escritor e se fazem presentes em suas obras.

A partir de 1840, ou seja, na década imediatamente posterior ao nascimento de Machado, registra-se, no Rio de Janeiro, o estabelecimento de um mercado editorial e a constituição de um sistema de produção, distribuição e circulação de livros, jornais e revistas, que favoreceu o surgimento de uma sociedade familiarizada com a cultura das letras, instituindo-se, também, um público apreciador da arte dramática e musical. Paralelamente, a partir de 1850, prosperaram empreendimentos dedicados à impressão de árias de óperas, de canções e de peças de compositores locais, bem como à comercialização de pianos e de outros instrumentos, o que estimulou o crescimento desse mercado e a disseminação de costumes que valorizavam, mesmo no âmbito doméstico, a apreciação da arte musical.

Biógrafos e críticos demonstram que Machado participou ativamente do contexto da sociedade carioca do Segundo Império. Com efeito, a emergência por meio dos jornais e, sobretudo, a produção como poeta e dramaturgo, conjugada à função de censor do Conservatório Dramático, função que exerceu a partir de 1862, promoveram a ativa inserção de Machado de Assis na vida cultural do Rio de Janeiro, a qual se expandia com a formação da classe burguesa, desejosa de usufruir de manifestações artísticas provenientes da Europa. Integrante das associações informais de escritores, compostas no espaço das livrarias, frequentador de gabinetes de leitura e de bibliotecas, membro atuante na imprensa nacional, crítico teatral, estimulador da criação de espaços para apresentações dramáticas e líricas, Machado de Assis vivenciou o exercício de sua produção literária paralelamente a de leitor e a de espectador de espetáculos teatrais ou musicais, e essa experiência ganhou forma no espaço da ficção.

Essa constatação fundamenta a proposta do Simpósio *Ficção de Machado de Assis: Sistema Poético e Contexto*, que, tomando textos ficcionais do escritor como ponto de partida, se estende para a sociedade do Rio de Janeiro, com o intuito de correlacionar menções intertextuais e meta-ficcionais a circunstâncias culturais do momento de sua produção, cujo conhecimento pode contribuir para a compreensão da significação textual e para desvendar elementos da poética machadiana.

Nesse sentido, o simpósio acolhe comunicações que, sob uma perspectiva comparatista, enfocam a relação do processo criativo de Machado de Assis com o sistema da literatura, com outras manifestações artísticas e com o contexto histórico da produção e da recepção de suas obras ficcionais. A partir desse foco centralizador, as comunicações podem tratar de aspectos composicionais de narrativas e da instalação de significados metafóricos e alegóricos que, frequentemente, tematizam eventos históricos; igualmente, podem restabelecer o diálogo dos textos machadianos com outros textos

literários e com elementos do teatro lírico e dramático, da música e da dança que o escritor incorpora às suas criações. A reflexão poética que se inscreve nos textos, a partir da qual Machado compõe a ficcionalização de uma teoria do fazer poético, também tem espaço no âmbito do simpósio, que abrange, igualmente, trabalhos que visualizem as marcas realistas que atravessam a prosa machadiana, revelando tensões pessoais e sociais, de que o sistema escravista é exemplo, e os vínculos entre Machado e o público leitor no Rio de Janeiro do século XIX e primeira década do século XX. A possível convergência entre os projetos editoriais de periódicos em que Machado publicou e a composição de suas obras é outro foco temático que o simpósio privilegia. Em síntese, o simpósio contribui para a divulgação de pesquisas que adotam o enfoque comparatista e valoriza a obra de Machado de Assis, vinculando-a ao momento sócio-histórico-cultural de sua produção e de sua recepção.

41 - FIGURAÇÕES DE POVO E NAÇÃO, POPULISMO E NACIONALISMO

Coordenação: Prof. Dr. Leonardo D'Avila (UBA/Capes); Tiago Hermano Breunig (UEPG/Unespar)

Resumo: Retomar as figurações do povo e da nação, associadas ao problema da construção da identidade, considerada de diferentes maneiras em diferentes momentos da organização social, significa questionar o sentido de uma identidade que se quer nacional. A construção da identidade nacional, como constata Renato Ortiz (1985), corresponde aos interesses dos grupos sociais na sua relação com o Estado, e implica, portanto, a mediação, de modo que devemos nos perguntar quem são os intelectuais, a que grupos e a que interesses servem na construção da identidade popular e nacional. Como compreender, sob essa perspectiva, as diferentes figurações e representações do povo na Literatura e nas outras artes e na Literatura? Que contribuições a arte e a Literatura oferecem para a compreensão do nacionalismo e do populismo?
Desde as primeiras experiências coloniais americanas, podemos perceber na América Latina uma intrínseca relação entre a cultura letrada e a racionalidade conquistadora, conforme Ángel Rama (1984). Na Literatura brasileira, por exemplo, identificamos a gradual construção de uma identidade nacional e, no limite, popular, desde o nativismo presente no Neoclassicismo, tal como se convencionou, posteriormente, a partir dos interesses de classe de determinados grupos sociais pela afirmação nacional, seguido pelas alegorias nacionais do Romantismo. Tais construções correspondem, evidentemente, a demandas de grupos sociais em que a trama da Literatura efetivamente circula, em detrimento da heterogeneidade social. Por outro lado, representam efetivamente uma transgressão da situação precedente, fornecendo elementos para a configuração de uma identidade popular e de um povo, entre eles, os sentidos, sobretudo os afetivos, que exercem um papel fundamental na constituição das identidades populares, ao modo das comunidades imaginadas teorizadas por Benedict Anderson. O fim do Romantismo coincide, por aqui, com o surgimento dos precursores de uma sociologia interessada na identidade nacional, explicada a partir de conceitos positivistas que informam igualmente a Literatura, e que não apenas justificam o contraste com as sociedades ocidentais, colonizadoras, como apagam os conflitos sociais sob o mito da unidade nacional. Em contraposição, o Modernismo problematiza as teorias raciais dos intelectuais tradicionais brasileiros, reconfigurando a construção

da identidade nacional, ao mesmo tempo que um conjunto de transformações sociais explicaria o populismo no Brasil, comumente associado com a revolução de 1930.

Como observa Ernesto Laclau (2011), ao interrogar a formação das identidades coletivas sob a forma do populismo a partir de uma perspectiva gramsciana, a totalidade social (unidade representativa da pluralidade de demandas insatisfeitas) constitui o resultado de uma articulação entre a dimensão significativa e a dimensão afetiva. Em sua imprecisão, o populismo, segundo Laclau, ao apontar para a plenitude ausente da comunidade, configura uma precondição para operações discursivas politicamente significativas. O populismo consiste, assim, em um significante vazio a que se subordinam os significados particulares das demandas populares, expressão social de identidades que emergem nas democracias modernas e se materializam por meio de uma construção discursiva contingente, resultante da hegemonia, a qual, ao cabo, articula a figura do "povo". Para tanto, são fundamentais a relação entre o sentido e o sentimento, pois, como nota Laclau, qualquer totalidade social resulta de uma articulação entre a dimensão da significação e a dimensão afetiva (articulação em que atuam Literatura e as outras artes), e o Estado. Afinal, o Estado, conforme Gramsci, combina particularidade e universalidade, na medida em que, para ele, uma particularidade – uma *plebs* – reivindica constituir hegemonicamente um *populus*, enquanto o *populus* (a universalidade abstrata) existe apenas encarnado numa *plebs*, o "povo" do populismo.

Desse modo, se o Estado brasileiro, muitas vezes, cooptou boa parte da idealidade para (des)construir imagens e conceitos de povo (ensaios de nacionalidade patrocinados ou não pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, ISEB, etc), em contrapartida, houve momentos em que a literatura excedeu os padrões a que se dirigia, opondo o desterritorializado ao territorializado (Deleuze), a terra à fronteira (Viveiros de Castro), o instinto à instituição (Antelo). As figurações de povo e nação, assim, podem se disseminar transversalmente, enquanto resistência a autoritarismos, liberação de corpos ou testemunho de violências.

Portanto, o simpósio promoverá discussões comparatistas e interdisciplinares relacionadas a manifestações artísticas e/ou conceituações teóricas de nacionalismos, povo, popular ou populismos, com especial interesse nas experiências latino-americanas, sobretudo a brasileira. Esperamos contribuições que investiguem: a) as figurações do povo, do popular e do populismo nas literaturas e nas outras artes; b) novos trabalhos de arquivo que repensem o nacional, as tradições populares ou expressões negadas pela historiografia tradicional; c) reflexões teóricas sobre as aporias do termo povo (Agamben), sobre as mudanças dos públicos de arte (Groys) ou sobre a construção da imaginação pública (Ludmer); d) a problemática das distintas concepções que o termo populismo abrange, bem como a sua consideração como fenômeno político efetivo (Laclau); e) questionamentos acerca da emergência de novos "populismos", especialmente aqueles relacionados com práticas e discursos neoconservadores.

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer*: o poder soberano e a vida nua. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANTELO, Raul. *Algaravia: discursos de nação. Florianópolis: EdUFSC, 1998.*

BASTOS, Elide, RIDENTI, Marcelo, ROLLAND, Denis (Orgs.). *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia, 5v. São Paulo: Ed. 34, 1997.
GRAMSCI, Antonio. *Cuadernos de la cárcel*: literatura e vida nacional. 3. ed. México, D.F.: Juan Pablos Ed., 1998.
GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
GROYS, Boris: *Volverse público*: Las transformaciones del arte en el ágora contemporánea. Tradução de Paola Rocca. Buenos Aires: Caja Negra, 2014.
LACLAU, Ernesto. *La razón populista*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.
LUDMER, Josefina. *Aquí América Latina*: una especulación. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010.
ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
RAMA, Ángel. *La ciudad letrada*. Hanover: Ediciones del Norte, 1984.
SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica*: Buenos Aires 1920-1934. Tradução de Júlio Pimentel Pinto. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Os involuntários da pátria*: elogio do subdesenvolvimento. Belo Horizonte: *Cadernos de Leitura*, n. 65. Edições Chão da Feira, mai. 2017.

42 - FIGURAÇÕES INSÓLITAS DE ESPAÇOS, TEMPOS E PERSONAGENS

Coordenação: Flavio García (UERJ); Marisa Martins Gama-Khalil (UFU)

Resumo: Neste simpósio, pretendemos acolher propostas de trabalho no campo dos estudos da ficção fantástica, em sentido *lato*, que tenham como objetivo a compreensão dos procedimentos insólitos de composição de espaço, tempo e personagens. A concepção de ficção fantástica norteadora será a modal e, nesse sentido, os trabalhos poderão ter como objeto de estudo diferentes vertentes do modo fantástico, como compreendido por Filipe Furtado no *E-dicionário de termos literários* de Carlos Ceia, tais como o fantástico, o estranho, o maravilhoso, a ficção científica, o gótico, o real(ismo) maravilhoso, o realismo mágico, o realismo animista, dentre outras possibilidades que, pela diversidade, nos escapam. Para Rosemary Jackson, principal base conceitual de Furtado, o fato de a literatura fantástica abdicar de uma representação mimética do mundo propicia o alargamento de possibilidades de construção literária. A estudiosa francesa Irène Bessière afirma, por sua vez, que a narração fantástica não pode ser definida como uma categoria ou gênero literário, porque ela implica uma lógica narrativa formal e temática. Bessière ainda assinala que a narrativa fantástica não se define apenas pelo inverossímil, mas, especialmente, por meio da justaposição das contradições dos variados inverossímeis que se fazem presente no nosso cotidiano. Entendemos que a ficção fantástica, que desvela diversos níveis de inverossimilhanças e faz irromper o insólito que nos rodeia, é deflagrada especialmente por um trabalho especial de composição de espaços, tempos e personagens. São variadas espacialidades que instigam a irrupção da ambientação insólita: não só os castelos góticos e as florestas soturnas, mas edifícios que desaparecem ou que crescem indefinidamente, jardins que

trazem mais de um nível existencial das coisas e seres. O tempo que se instaura em um mundo ficcional do fantástico revela-se insólito, como, por exemplo, a justaposição de tempos paralelos, o ingresso em um outro tempo ou as temporalidades invertidas, cíclicas, expandidas, congeladas, convergentes. A caracterização das personagens também implica a sugestão ou explicitação de uma ordem insólita, que vai desde o corpo metamórfico ao corpo monstruoso, sendo, enfim, personagens que se mostram a partir de uma diferença. Destarte, os trabalhos a serem inscritos neste simpósio poderão partir de uma argumentação de ordem teórica, como também refletir sobre a construção dessas variantes ficcionais por intermédio da análise de obras que apresentem em sua trama a irrupção do insólito, procurando evidenciar recursos em que o insólito seja desencadeado por intermédio de uma elaboração estética espacial, temporal ou actancial. Temos a consciência de que a proposta do simpósio se abre "quase" que indefinidamente, contudo, a abrangência não é total, uma vez que deixa fora de seu conjunto as construções ficcionais que têm base em uma representação marcadamente realista e não possibilitam a irrupção do insólito. Entretanto, admitimos que a abertura do enfoque do simpósio é ampla, pois vai desde narrativas em que há apenas a sugestão de eventos insólitos a narrativas em que o insólito é abertamente narrado ou aceito por personagens e/ou leitores. A abertura ampla da proposta deve-se ao fato de pretendermos demonstrar a enorme diversidade de formas de construção da ficção fantástica e, nesse sentido, possibilitar a reflexão sobre alguns pontos polêmicos que envolvem os estudos dessas variantes, como, por exemplo, rebater o fato de, na versão literária, estar encerrada temporalmente nos séculos XVIII e XIX, e a ideia de que para haver o fantástico é necessário que exista hesitação. A imagem de uma rede repleta de fios diversos possibilita-nos pensar também na constituição da ficção fantástica, no enredamento do mundo diegético apresentado por ela: um mundo em que espaços, tempos e personagens se intercalam, se justapõem, se embaraçam para nos mostrar que o ilógico faz parte de nossa lógica cotidiana. Consideramos esse mundo como rizomático, no sentido atribuído por Deleuze e Guattari, porque um elemento – espaço, personagem ou tempo, por exemplo – pode se conectar inesperadamente a outro e, na sequência desligar-se dele. A superposição de mundos ou de possibilidades de mundos é, ao nosso ver, uma das estratégias de construção da obra fantástica que, por essa perspectiva, pode ser entendida como heterotópica por natureza. A ficção fantástica, com a apresentação de um mundo aparentemente tão insólito e plural, age no sentido de promover a exageração ou o deslocamento do real e, por isso, sua representação não apresenta uma negação do real, mas incita uma revisão dele. Para que a revisão se concretize, é preciso mostrar que não existe "a" verdade, mas verdades, e dar um foco diferenciado aos fatos expostos ordenadamente pelas instituições, que tentam disciplinálos e arrumá-los, e é por esse motivo que a ficção fantástica promove constantes deslocamentos – históricos e estéticos. Esperamos, portanto, que os trabalhos reunidos neste simpósio demonstrem teórica e/ou analiticamente estratégias de construção da obra fantástica (envolvendo tempo, espaço e/ou personagens) e descortinem a sua potencialidade de revisão do real.

Palavras-chave: Insólito Ficcional; Processos de Composição; Espaços Ficcionais; Tempos Ficcionais; Personagens

43 - GÊNERO, CORPO E VIOLÊNCIA: REPRESENTAÇÕES DA MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Coordenação: Profa. Dra. Cynthia Agra de Brito Neves (UNICAMP); Profa. Dra. Fernanda Valim Côrtes Miguel (UFVJM)

Resumo: Quem são os sujeitos da ciência nas universidades e como constroem seus métodos, objetos e espaços de circulação de saberes e de pesquisas? A quem servem esses conhecimentos e com quais propósitos eles se articulam? Essas questões mais amplas se aproximam da desconfiança recente na suposta objetividade científica dominante e de interesses mais específicos no campo dos estudos literários contemporâneos ao sustentarmos que as configurações estéticas das obras de arte não estão dissociadas de uma formação ética das formas de vida. Defendemos que os textos literários podem "motivar empatias por parte do leitor para situações importantes em termos éticos" (Ginzburg, 2013, p. 24). Nosso interesse parte então de um questionamento sobre como a mulher vem sendo discursivamente representada ou autorepresentada na literatura brasileira contemporânea e como essas representações muitas vezes nos revelam temáticas da violência. Como são narradas as violências de gênero? Como reconhecer o silenciamento histórico das vozes de escritoras ao longo de nossa tradição literária canônica? Pode a literatura contemporânea denunciar essas violências? A proposta deste simpósio surge como espaço constrangido de privilégios que experimentamos na academia, mas igualmente como espaço para intervenção política possível e urgente, como reconhece Heloisa Buarque de Hollanda (2018), no desejo de enfrentar os retrocessos de nosso momento atual, explicitados recentemente em depoimentos públicos de políticos, como o famoso: "menino veste azul e menina veste rosa" – para ficarmos apenas com um dos exemplos controversos. Compartilhamos da formulação de Hannah Arendt (2006) ao afirmar que "sem diálogo não há política" e do seu posicionamento diante da tese da diferença entre culpa e responsabilidade. Segundo a filósofa, o lugar do privilégio não pode se afastar da responsabilidade de agir, mesmo quando este lugar de agenciamento político não se sente culpado pelas situações em que se manifestam as desigualdades. O conservadorismo autoritário atual ameaça os debates em torno das questões de gênero e feminismo, e isso não pode passar desapercebido. As discussões feministas têm avançado no campo acadêmico nas últimas décadas, muito em função das lutas e articulações dos movimentos sociais em várias partes do mundo. O nosso empoderamento recente parece dialogar com os caminhos historicamente trilhados e com um exame crítico sobre os limites dos avanços dessas discussões em amplas esferas. bell hooks (2000) argumenta que o feminismo não é propriamente um movimento pela igualdade, mas uma luta contra a opressão e contra a violência. A autora reconhece que as opressões não estão confinadas ao sexismo, elas se expressam em outros locais, como nas relações de classe, no racismo e no heterossexismo. Nancy Fraser (2006), em seu último livro, nos oferece um panorama interessante em que coloca em perspectiva as sucessivas ondas feministas e suas principais demandas, desde as lutas inicias em nome da justiça econômica – como a redistribuição de papéis sociais e a remuneração no trabalho – até as demandas mais atuais – como o reconhecimento das diferenças na igualdade e da igualdade na diferença, em que a noção de gênero é recolocada sobretudo como construção cultural e historicamente constituída, afastando-se das heranças dualistas, essencialistas e heteronormativas. Nesta última década, assistimos ao crescimento da demanda pela justiça política, na qual a noção de "lugar de fala" e o poder da linguagem são tomados como plano central das agendas e dos

debates, o que aponta para o fim da mediação discursiva e contesta a divisão excludente dos acessos da mulher aos espaços políticos. Discussões como as de Gayatri Spivak (1988); Judith Butler (1990), Regina Dalcastagnè (2012); Dijamila Ribeiro (2017) e Borges (2016) são importantes para pensamos os modos como a literatura tem sido usada para recalcar manifestações culturais, orais e escritas, de grupos culturalmente marginalizados e politicamente reprimidos. Acreditamos ainda que a linguagem poética, ao desestabilizar os lugares fixos e hegemônicos tradicionais, ultrapassa as contradições sociais e aponta para novas perspectivas de mudanças possíveis, tal como o modismo dos *slams*. Nesse sentido é que a poesia pode ser uma arma política, seja como espaço de memória, seja como resistência – ou reexistência, no neologismo de Souza (2011). Por fim, compreendemos a violência de gênero a partir de uma perspectiva histórica, (re)produzida por seres humanos em condições concretas e situadas, marcada pelo patriarcalismo, a base mais primária dos valores culturais que sustentam nossos saberes ocidentais e que precisam ser amplamente debatidos, assim como qualquer compreensão universalista de juízo de valor. Este simpósio busca, portanto, reunir trabalhos e pesquisas de diferentes reflexões críticas e teóricas interessadas nos debates aqui pontuados, sobretudo nos modos como as mulheres vêm sendo representadas ou autorepresentadas na literatura brasileira contemporânea. Interessa-nos as imagens estéticas das violências de gênero, como são construídas, quais os impactos delas nos modos de constituição das personagens, nas narrativas e nas poesias. A ideia é criar novas cartografias desses corpos femininos, baseadas em uma política capaz de deslocar as bases da racionalidade ocidental, as perspectivas eurocêntricas, os binarismos assimétricos e essencialistas.

Referências:

ARENDT, Hannah. O que é política? Trad. Reinaldo Guarany. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BORGES, Rosane da Silva. *Esboço de um tempo presente*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar, 16 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura Brasileira contemporânea*: um território contestado. Vinhedo: Horizonte / Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.

FRAZER, Nancy. *Fortunes of Feminism*: From State-Managed Capitalism to Neoliberal Crisis. Brooklyn: Verso Books, 2006.

GINZBURG, Jaime. *Literatura, violência e melancolia*. Campinas: Autores Associados, 2013.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Explosão feminista*. São Paulo: Cia das Letras, 2018.

HOOKS, bell. *Feminist Theory*: From Margin to Center. Second Edition. London: Pluto Press, 2000.

RIBEIRO, Dijamila. O que é lugar de fala? Letramento, 2017.

_____ *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência*: poesia, grafite, música, dança: hip-hop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores, XLVI).
_____ *Cultura e valor*. Trad. Jorge Mendes. Lisboa: Edições 70, 2000.

44 - HISTÓRIA LITERÁRIA, CRÍTICA E HISTÓRIA DA TRADUÇÃO: TRAMAS E SENTIDOS

Coordenação: Prof ª Drª Germana Henriques Pereira (UnB); Drª Marlova Gonsales Aseff (UFSC)

Resumo: A relação entre a história da tradução e a história literária se define por ausências e conflitos, apesar de evidentes objetos e metas conjuntas. É fato que a literatura traduzida e, principalmente, a atuação de escritores como tradutores até hoje receberam pouca atenção nas histórias da literatura brasileira. Trata-se, evidentemente, de um paradoxo, pois, no caso dos escritores-tradutores, os mesmos contribuem para a construção de um espaço literário nacional e legitimam, no mesmo gesto, o capital literário das nações centrais, como salienta Casanova (2002, p.179). No tocante à literatura traduzida, Even-Zohar pontua que "via de regra, as histórias das literaturas mencionam as traduções quando não há maneira de evitá-las, quando tratam, por exemplo, da Idade Média ou do Renascimento" (1990, p. 45). O problema é que a referência pouco sistemática a casos isolados não permite que se alcance uma ideia clara do papel exercido pela literatura traduzida em nosso sistema literário em diferentes épocas ou, nas palavras de Even-Zohar, da posição ocupada por esse tipo de literatura no nosso sistema. Entretanto, no campo da literatura, a tradução parece ser o veio fundamental para se compreender as vogas estéticas e suas reconfigurações, a invenção de técnicas narrativas e poéticas, bem como a renovação de temas e repertórios. Ignorar essa gama de textos constitui-se num problema para a historiografia, uma vez que, como lembra Lefevere, as reescrituras (entre elas, os textos traduzidos) "tendem a desempenhar um papel tão importante no estabelecimento de um sistema literário quanto ao das escrituras originais" (LEFEVERE 2007, p. 54), não somente porque a maioria dos leitores tem acesso aos textos da tradição ocidental por meio de traduções, mas porque, como dissemos há pouco, esse sempre foi um meio eficaz tanto de afirmar quanto de repelir modelos literários. Para Lambert, o conceito de literatura nacional que costuma orientar as pesquisas e o ensino da literatura está fundamentado sobre uma noção "ingênua" de fronteiras entre literaturas, sejam essas políticas ou linguísticas (2006, p.24). Ele ressalta que os gêneros literários em nossa época são bastante internacionais, mas que isso não os impede de assumirem também algumas características locais. Por isso, lembra que "a identidade das literaturas nacionais parece corresponder a realidades relativas e não a uma essência" (p. 34). No entanto, a insistência em se estudar a literatura nacional buscando uma suposta "autonomia" é um paradigma que ainda não foi devidamente rompido.
Isso tudo sem entrar na questão da tradução como criação e no modo como nossa cultura entende o conceito de autoria. Antoine Berman lembra que nem sempre houve a diferenciação entre tradução e criação, ao ponto de se considerar a primeira como uma escrita secundária e de menor valor. A distinção entre um texto original e um texto secundário (tradução, comentário, recriação, adaptação) não existia verdadeiramente na Idade Média, fato que só começa a mudar no Renascimento, quando começam a

aparecer as noções de original e de autor tais como as conhecemos hoje (BERMAN, 2011, p. 91).

Tendo essas questões no horizonte, este simpósio acolhe estudos sobre traduções que marcaram época na história literária brasileira, sobre antologias de poesia traduzida e coleções de romances publicados no Brasil no século 20 e 21, reflexões sobre traduções e retraduções de clássicos, de poesia, de prosa e de prosa poética. Serão igualmente bem-vindos estudos sobre o trabalho tradutório de escritores brasileiros, tanto em relação às circunstâncias de suas escolhas tradutórias, modos de traduzir, arqueologia da obra tradutória, relações com a obra própria ou reflexões acerca do ato de traduzir.

Referências:

CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras.* Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

BERMAN, Antoine. Da translação à tradução. Tradução de Marie-Hélène Torres e Marlova Aseff. *Revista Scientia Traductionis*, UFSC, 2011.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem studies. *Poetics Today - International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication*, Volume 11, n.1., 1990.

LAMBERT, José. Production, tradition et importacion: une clef pour la description de la littérature et de la littérature en traduction. In: *Functional Approaches to culture and translation – selected papers by José Lambert.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006.

LEFEVERE, André. Tradução, reescrita e manipulação da fama literária. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: Edusc, 2007.

45 - IMAGENS EM DISCURSO: ESCRITA DO OUTRO COMO ESCRITA DE SI

Coordenação: Prof. Dr. Nabil Araújo (UERJ); Prof. Dr. Elcio Cornelsen (UFMG)

Resumo: Ao cabo de sua incursão desmistificadora *Em torno de Roland Barthes: da "morte do autor" ao nascimento do leitor e à volta do autor*, Eurídice Figueiredo (2015, p. 65) constata: "A questão do autor continua central nos debates atuais sobre as escritas de si". Prova disto é o sucesso acadêmico-editorial do livro de Diana Klinger cujo título anuncia, com dicção de manifesto, um dos mais prolíficos nichos dos estudos literários na atualidade: *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Lançado em 2007 como "a melhor introdução ao assunto disponível no momento" (Ítalo Moriconi), em menos de uma década o livro alcançou sua terceira edição (2016) e o *status* de referência obrigatória, entre nós, quando quer que se debata seriamente a problemática da "autoficção". O cerne da potência programática do livro reside na fórmula antibarthesiana em seu subtítulo, "o retorno do autor", enunciada, é claro, em contraposição à famigerada declaração da "morte do autor" (1968), doravante superada: "a escritura como destruição da voz e do corpo que escreve seria um conceito datado, e talvez historicamente ultrapassado. [...] Acredito que na atualidade já não seja possível reduzir a categoria de autor a uma função" (KLINGER, 2016, p. 30); e ainda: "Sustentar a existência de *um retorno do autor* implica necessariamente entrar no debate sobre a produção da subjetividade em relação com a escrita. De fato, esses dois termos estão em estreita relação: da Antiguidade até hoje, a escrita performa a noção de sujeito" (Ibid., p. 23). Ora, mas justamente em vista dessa performatividade inerente

desde sempre à escrita é que a noção de autoficção "como uma característica própria da narrativa contemporânea" (KLINGER, 2008, p. 18) não se sustenta. Klinger lamenta que "em muitas das discussões acadêmicas e jornalísticas esse conceito [autoficção] tem adquirido uma amplitude tal que parece abranger desde *Infância* de Graciliano Ramos até os *blogs* pessoais" (Ibid., p. 18), mas o fato é que a concepção de uma *performance da subjetividade pela escrita* não pode e não deve ser circunscrita a uma determinada época, a menos que nos deixemos reger pelo fetichismo historicista do "contemporâneo"; ou a um determinado gênero discursivo, a menos que nos deixemos reger pelo fetichismo essencialista do "(auto)ficcional". Se "pensar o sujeito da escrita depois da crítica estruturalista do sujeito" (KLINGER, 2016, p. 28) tornou-se, de fato, uma tarefa incontornável para os estudos literários no século XXI, a mesma não se cumprirá a contento ignorando-se que "o debate sobre a produção da subjetividade em relação com a escrita" já vem sendo travado no âmbito do estudos da linguagem há pelo menos quatro décadas, desde que o pós-estruturalismo bakhtiniano trouxe para o centro da reflexão sobre o discurso a problemática polifônico-dialógica. Nesta perspectiva, aliás, não há "produção da subjetividade" que não se dê num horizonte de *alteridade* discursiva, reconhecendo-se, com isso, a coexistência e a codependência entre o que Klinger concebe como modalidades distintas de escrita: a "de si", a "do outro". Os textos, já clássicos, de Jacqueline Authier-Revuz – "Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso" (1982) – e de Oswald Ducrot – "Esboço de uma teoria polifônica da enunciação" (1984) – constituem marcos da "virada bakhtiniana" em direção às dinâmicas de coconstrução do Outro e de Si no discurso. Mais recentemente, um volume coletivo como *Imagens de si no discurso: a construção do ethos* (2005), organizado por Ruth Amossy, testemunha a amplitude e a vitalidade das pesquisas focadas nessas dinâmicas em domínios diversos. Na pesquisa literária, destacam-se, nesse sentido, os estudos de *imagologia*: outrora combatidos como resquício do paradigma historicista do comparatismo ocidental, são hoje "reconhecidos pelo *establishment* comparatista como uma das bases dos estudos culturais, e até mesmo do 'multiculturalismo'", observa Pageaux (2011, p. 109). O comparatista francês esclarece que "toda imagem procede de uma tomada de consciência [...] de um Eu em relação a um Outro, de um aqui em relação a um alhures. [...] é a expressão, literária ou não, de um distanciamento significativo entre duas ordens de realidade cultural" (Ibid., p. 110); "[uma] língua segunda para dizer o Outro e, consequentemente, para dizer também um pouco de si, de sua cultura" (Ibid., p. 111); e ainda: "Toda alteridade revela uma identidade – e vice versa" (Ibid., p. 111). Interessamo-nos, aqui, pelas dinâmicas de cocriação de imagens do Outro e de Si nos discursos, sem restrição de época ou gênero; mais especificamente pela maneira como uma "imagem de si" se revela a partir de uma "imagem do outro", ao modo de "de uma tomada de consciência de um Eu em relação a um Outro". Como essa "tomada de consciência" se performa, por exemplo, na construção de personagens narrativas a partir de um ponto de vista enunciativo? Desde seus primórdios – com Henry James, Percy Lubbock, E. M. Forster –, a moderna teoria da personagem se vê assombrada pela problemática do ponto de vista; depois do degredo a que a narratologia estruturalista a relegou, ela retorna pela via de uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa (cf. Rabatel). Tomando como mote a reflexão acerca da *figuração* como "conjunto de processos discursivos e metaficcionais que individualizam figuras antropomórficas, localizadas em universos diegéticos específicos, com cujos integrantes aquelas figuras

interagem, enquanto personagens" (REIS, 2018, p. 165), este simpósio se constituirá como espaço de teorização e de análise da tomada de consciência de um Eu em relação a um Outro nessa performance figurativa; em suma: da escrita do outro como escrita de si.

Referências:

AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso*: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso [1982]. Trad. de Alda Scher e Elsa M. N. Ortiz. In: _____. *Entre a transparência e a opacidade*: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2. ed. Trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

DUCROT, Oswald. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação [1984]. Trad. de Eduardo Guimarães. In: _____. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987. p. 161-218.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Em torno de Roland Barthes*: da "morte do autor" ao nascimento do leitor e à volta do autor. Santa Maria (RS): PPGL/UFSM, 2015.

KLINGER, Diana. Escrita de si como performance. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 12, p. 11-30, 2008.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro*: o retorno do autor e a virada etnográfica. 3. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

PAGEAUX, Daniel-Henri. Elementos para uma teoria literária: imagologia, imaginário, polissistema. Trad. de Katia A. F. de Camargo. In: _____. *Musas na encruzilhada*: ensaios de literatura comparada. Frederico Westphalen(RS)/São Paulo/Santa Maria(RS): EdURI/Hucitec/ EdUFSM, 2011. p. 109-127.

RABATEL, Alain. *Homo narrans*: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa. v. 1. Trad. de Maria das Graças S. Rodrigues, Luis Passegui e João G. da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2016.

REIS, Carlos. *Dicionário de estudos narrativos*. Coimbra: Almedina, 2018.

46 - IMAGINÁRIOS LATINO-AMERICANOS: LITERATURA E OUTRAS ARTES

Coordenação: Profa. Dra. Mariana Cortez (UNILA); Prof. Dr. Antonio Rediver Guizzo (UNILA); Profa. Dra. Alexandra Santos Pinheiro (UFGD)

Resumo: Na crítica literária contemporânea, a noção de imaginário apresenta-se como um importante vetor de análise das representações estéticas. Desde aportes teóricos que perpassam com maior profundidade pela investigação de possíveis estruturas da consciência humana (tais como a fenomenologia, o estruturalismo figurativo, a psicanálise e, mais recentemente, a neurociência) até aportes que se voltam sobretudo às condições materiais e históricas de uma sociedade ou campo de análise (tais como o materialismo histórico e suas releituras), observa-se a profusão de termos como simbolização, simbólico, símbolo, imagem, imaginação e imaginário em diversas investigações que se voltam à análise das relações sociais e das relações do homem com

o mundo, como também nas investigações que se voltam à interpretação das representações artísticas destas relações. Em outras palavras, recuperando e ampliando o sentido da observação de Gilbert Durand (2002 [1992]), o imaginário é considerado o denominador por meio do qual é mediada toda produção e compreensão humana. No âmbito da crítica e teoria literária, observamos profícuos esforços em pesquisas que se voltam para a investigação destes diferentes "imaginários" (compreendendo o termo em toda sua amplitude e polêmica) que compõem os fenômenos estéticos Estes estudos visam a analisar como os imaginários, tanto a partir das relações internas evidentes nas sintaxes imagéticas construídas pelos autores quanto a partir das inter-relações entre as imagens de uma obra e os imaginários sociais com os quais ela dialoga, se configuram. Sob tal perspectiva, pesquisadores como Juremar Machado Silva (2012 [2009]) afirmam que "O homem só existe na realidade imaginal". A afirmação do sociólogo, embora orientada em pressupostos não completamente similares, também dialoga, por exemplo, com as ideias de Jacques Lacan e Slavoj Žižek, para quem, a partir de uma leitura psicanalítica, o concreto apenas se realiza por meio do processo imaginário do indivíduo. A Literatura Comparada, neste sentido, é um espaço privilegiado para o desenvolvimento de pesquisas que possam colaborar para evidenciar os imaginários manifestos na literatura e outras artes, visto que possibilita investigações que transcendem as fronteiras político-administrativas dos países do continente e constituem espaços transfronteiriços de pesquisa. Neste Simpósio, tomamos o termo imaginário como fundamentação das reflexões que serão apresentadas, já que se trata de uma noção dinâmica capaz de suscitar diferentes interpretações dos fenômenos artísticos e literários. Assim, a partir dos possíveis contextos investigativos que o termo imaginário provoca, o Simpósio tem por objetivo central conhecer, discutir e articular pesquisas voltadas à compreensão dos imaginários manifestos em obras de autores latino-americanos. A aproximação da literatura brasileira à literatura hispano-americana conforma o corpus de análise das discussões a serem propostas. Pretende-se, assim, problematizar as seguintes questões: 1) quais as semelhanças e diferenças na construção dos imaginários estéticos latino-americanos; 2) como os imaginários, no âmbito das proposições teórico-críticas, evidenciam-se hoje; 3) como se manifesta o imaginário da América Latina em outros contextos. Portanto, propõe-se no simpósio "Imaginários Latino-Americanos: literatura e outras artes" a discussão sobre a convergência articulada de investigações voltadas para a compreensão das conformações imaginais manifestas na literatura e artes latino-americanas, sobretudo, em estudos que se articulem na inter-relação entre as configurações estéticas aparentes na materialidade dos objetos artísticos e as condições materiais (naturais, históricas, econômicas e/ou culturais) de representação, produção, e/ou recepção de tais textos. A partir desta proposta, a intenção do simpósio é promover o fortalecimento da produção científica na área da Literatura Comparada, na área dos Estudos do Imaginário, na área da teoria, crítica e historiografia literária latino-americana, assim como nos contatos com aportes teóricos: Estudos Culturais, Estudos Decoloniais, Filosofia Pós-Humanista entre outros. Além disso, esse momento de reflexão pretende discutir as teorias, historiografias e cartografias imaginárias diversas, problematizando a viabilidade e aderência de aportes teóricos, modelos interpretativos e pressupostos metodológicos constituídos em territorialidades, culturas e temporalidades diversas (geralmente originárias da Europa) na compreensão dos fenômenos literários da América Latina. Por fim, todas as investigações que, por diferentes vertentes, analisem textos estético-literários situados

no contexto latino-americano são bem-vindas para participarem do debate aqui proposto. Desejamos, assim, compor um debate que reúna múltiplos olhares em torno do tema e que, ao final, possa propiciar a construção de sínteses que possibilitem vislumbrar pontos de contato e divergência na constituição dos imaginários que conduzem as representações literárias latino-americanas, como também os diálogos estabelecidos com outras artes.
Palavras-chave: Literatura Comparada; Imaginários; América Latina

47 - LEITORES E LEITURAS NA CONTEMPORANEIDADE
Coordenação: Profa. Dra. Andrea Saad Hossne (USP); Profa. Dra. Patrícia Trindade Nakagome (UnB)

Resumo: **"**Clássico não é um livro (repito) que necessariamente possui estes ou aqueles méritos; é um livro que as gerações de homens, urgidas por razões diversas, leem com prévio fervor e com uma misteriosa lealdade" (Borges, 1999, p.169). Assim conclui Borges seu texto "Sobre os clássicos", no qual é possível notar que a experiência profunda da leitura sustenta a literatura mais do que a própria materialidade do texto. Há também a indicação de uma estreita relação entre leitura e segredo, afinal algo de imponderável cerca a passagem da literatura enquanto potência para sua efetivação, sempre única, no ato da leitura. Com isso, abre-se uma dificuldade para os estudos literários, nos quais, como alerta Compagnon (2006), sempre houve uma "desconfiança" em relação ao leitor, de modo que ou se optava por ignorá-lo, ou por formular uma teoria "como uma disciplina da leitura ou uma leitura ideal" (2006, p.143). Leitores e leituras são fundamentais para a literatura ao mesmo tempo em que não ocuparam um lugar destacado no debate crítico. Por essa razão, neste simpósio, eles serão discutidos a partir de uma variedade de perspectivas que permita dar conta de sua complexidade. Trata-se de uma reflexão plural que considera tanto as diferentes vozes de leitores quanto as variadas formas possíveis de concretizar a leitura. Alguns dos eixos centrais do simpósio são: teoria da leitura / recepção; ética da leitura; formas distintas de leitura; recusa do literário; novos espaços críticos; pesquisas com leitores empíricos; e formação de leitor. Com esses diferentes eixos, pretende-se estimular o debate sobre o papel da crítica literária na contemporaneidade frente a um cenário marcado tanto por uma expansão nos modos de ler quanto por uma persistente limitação de acesso à literatura, em meio à problemática atual das diferentes conceituações do que seja o literário. Enfrentaremos, assim, as seguintes questões: como a crítica literária, na sua manifestação majoritariamente acadêmica, lida com a pluralidade de leitores e leituras (e os entraves a eles colocados), que estão fora dos muros das universidades? As formas tradicionalmente valorizadas pela crítica acadêmica são capazes de lidar com os desafios democráticos de novos leitores e suas reivindicações? Como pontos a serem debatidos em torno dessas questões, indicamos: 1) análise da recepção de obras literárias, verificando como se chegou ao seu estado atual de apreciação; 2) análise de obras que tiveram grande impacto junto ao público, mas não receberam equivalente recepção crítica; 3) análise de gêneros e suportes que colocam em xeque os limites daquilo que é definido por literário e recebam alta valoração pelo seu público, tais como HQs, narrativas de videogames etc; 4) discussão sobre formas contemporâneas de leitura literária, como as realizadas em canais de *booktubers* e *fandoms*; 5) reflexão

sobre o caráter ativo da leitura, levando em conta aspectos como imaginação, criação e performance; 6) revisões bibliográficas sistemáticas sobre teorias da leitura; 7) apresentação de concepções teóricas mais atuais sobre o lugar da leitura e do leitor nos estudos literários, ampliando um debate ainda restrito à estética da recepção; 8) análise da representação de leitores no discurso da crítica literária e em obras literárias; 9) pesquisas envolvendo leitores empíricos, em especial para entender os critérios de valor que norteiam suas escolhas, muitas vezes distanciado daqueles estabelecidos na crítica literária; 10) discussão sobre aspectos importantes à leitura e ao leitor e que muitas vezes escapam aos parâmetros críticos: afetos, fé, gosto, diversão; 11) discussão sobre o papel e a atuação de um tipo específico de leitor, o crítico literário, considerando principalmente as implicações éticas de sua atuação em um país com tantos não leitores; 12) reflexão sobre aqueles que, de alguma forma, se distanciam da condição de "leitor ideal" prevista pela crítica: crianças, iletrados etc; 13) O não leitor, a recusa da leitura e o lugar da cultura não letrada; 14) proposições de formas de intervenção e mediação para difusão/debate da literatura junto a leitores reais em escolas, universidades ou outros espaços. Os aspectos anteriormente apontados não esgotam o debate sobre leitores e leituras, servindo apenas como um referencial para os participantes do simpósio. Outras discussões e diversas perspectivas teóricas e metodológicas são bem-vindas.

Referências:
BORGES, Jorge Luis. Sobre os clássicos. In: *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1999. p. 167-169, v. 2
COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria*: Literatura e senso comum. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006.

48 - LEITURAS CONTEMPORÂNEAS DE VIRGINIA WOOLF
Coordenação: Prof. Dr. Davi Pinho (UERJ); Profa. Dra. Maria Aparecida de Oliveira (UFAC); Profa. Dra. Nicea Helena de Almeida Nogueira (UFJF)

Resumo: Em 1974, Julia Kristeva publicou *Des Chinoises*, no qual ela afirma que o suicídio de algumas escritoras modernistas revela a impossibilidade de um sujeito feminino na linguagem historicamente falocêntrica. "Eu que quero não ser" é o título de seu quinto capítulo, uma formulação de Marina Tsvetaeva, e é lá que o suicídio de Virginia Woolf aparece como recusa da ordem simbólica, o que permite que Kristeva qualifique Woolf como uma escritora que escolheu "afundar sem palavras no rio" (1974, p. 157). A assinatura "Virginia Woolf" encena um debate intenso nos estudos feministas da década de 70, no qual Kristeva se insere. Na academia anglófona, *A Literature of Their Own* (1977), de Elaine Showalter, forma uma geração de leitores que perceberão em Woolf o medo da identidade feminina, o que faz da "mente andrógina" que Woolf anuncia ao final de *A Room of One's Own* (1929) uma rota de fuga do feminino nessas leituras críticas. Por outro lado, e em resposta a Showalter, Toril Moi (1985) dirá que Virginia Woolf é uma escritora da desconstrução *avant la lettre*, que sabe que história é texto e a escrita a sua produção, o que dá lugar central à androginia enquanto antídoto para os binômios hierarquizantes da tradição metafísica, em especial na relação masculino/feminino.

O que está em jogo nesse embate é o nome Virginia Woolf enquanto uma assinatura modernista (Agamben, 2008) que ora lhe fecha no vocabulário dos formalistas de Bloomsbury, ora no vocabulário do feminismo ginocêntrico, ou ainda na esteira da desconstrução de Derrida e dos saberes rizomáticos de Deleuze. No entanto, como vêm revelando os estudos woolfianos recentes, a questão estética em Woolf está inextricavelmente entrelaçada à questão política que figura em sua obra. E essa questão é o feminino enquanto negatividade profanada tanto pela forma quanto pela produção de sentidos de suas obras, o que lança a autora em busca de novas formas de escrita em movimento de eterno devir-outro (Braidotti, 2011).

Nessa perspectiva contemporânea, todas as leituras críticas, teóricas e filosóficas de Woolf são importantes para o que ela definiria ao final da vida como sua filosofia, seus momentos de ser e não ser ("A Sketch of The Past"). Ao contrário dos embates entre o poético e o material, vale pensar hoje como as leituras de Virginia Woolf do século passado não se excluem mutualmente, mas são complementares no pensamento woolfiano, centrífugo por excelência (Allen, 2010). Voltar aos textos woolfianos – sua produção ensaística, ficcional, biográfica e autobiográfica –, nos permite achar os pontos de conexão em seu mosaico de perspectivas (Banfield, 2000): os sentidos que sua forma deixa escorregar para o nosso presente. Ao pensar o mosaico, fica claro que qualificar o mergulho de Virginia Woolf como "sem palavras" registra apenas a cena que aconteceu no Rio Ouse – uma cena que, em 2019, após tantos anos de pesquisa sobre a obra da autora, não sustenta a intensidade intelectual, o comprometimento poético ou ainda o engajamento político de suas palavras cada vez mais vivas.

Na guinada estético-política dos estudos woolfianos (Zwerdling, 1986; Goldman, 1998 & 2004; Braidotti, 2011), convidamos trabalhos que se debrucem sobre releituras de toda e qualquer questão que sua vasta obra suscite – da forma do conto, ensaio e romance modernistas à escrita de si ou a uma filosofia feminista. Assim, faremos de Woolf nossa contemporânea em um diálogo sobre escrita, estética e política. Afinal, se levamos a sério os choques de realidade que Virginia Woolf diz sentir ao escrever (cf. "A Sketch of the Past"), entendemos que a escrita de Woolf está sempre dentro e fora de seu tempo, uma escrita contemporânea no sentido agambeniano (2006), sempre referida ao passado do passado mas também à sua presença, como formulou T.S. Eliot (1919). Hoje, quando tanto do que se anuncia na produção tardia da autora parece mais uma vez ativar quadros de guerra incessantes (cf. *Three Guineas*, 1938), não podemos ainda ter medo de Virginia Woolf. Desse modo, almejamos acolher trabalhos que contemplem os seguintes temas, ou quaisquer outros que estejam em diálogo com a vida, a obra e/ou o tempo de Virginia Woolf:

- Woolf e o feminismo, o modernismo, as artes e/ou o Bloomsbury Group;
- Woolf e o pós-modernismo, o pós-estruturalismo e/ou a filosofia;
- Woolf e os estudos *queer*;
- Woolf e o trauma, a guerra e/ou o fascismo;
- Woolf e/em tradução e adaptação;
- Woolf e o Império e/ou os estudos pós-coloniais;
- Woolf e a Ecocrítica;
- Woolf e os estudos pós-humanos;
- Woolf transnacional, transcultural, transtemporal;
- Woolf e a teoria crítica e/ou a psicanálise;
- Woolf Leitora/ Leitores de Woolf.

I am suspended between life & death in an unfamiliar way.
The Diary of Virginia Woolf, 18/02/1922

Referências:
AGAMBEN, Giorgio. **The Signature of All Things: On Method**. Tradução de L. Disanto e K. Attell. New York: Zone Books, 2009a. [2008]
AGAMBEN, Giorgio. What is the Contemporary?. In: AGAMBEN, G. **What is an Apparatus? and Other Essays.** Tradução de D. Kishik e S. Pedatella. Stanford: Stanford University Press, 2009b. [2006] P. 39-54.
ALLEN, Judith. **Virginia Woolf and The Politics of Language.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010.
BANFIELD, Ann. **The Phanton Table:** Woolf, Fry, Russell and the Epistemology of Modernism. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
BRAIDOTTI, Rosi. **Nomadic Theory:** The Portable Rosi Braidotti. New York: Columbia University Press, 2011.
GOLDMAN, Jane. **Modernism, 1910-1945:** Image to Apocalypse. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2004.
GOLDMAN, Jane. **The Feminist Aesthetics of Virginia Woolf:** Post-Impressionism and the Politics of the Visual. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
KRISTEVA, Julia. About Chinese Women. Tradução de Sean Hand. In: MOI, Toril (Org.). **The Kristeva Reader**. Oxford: Blackwell Publishers, 1986. [1974] P. 138-159.
MOI, Toril. **Sexual/Textual Politics:** Feminist Literary Theory. New York: Routledge, 1985.
SHOWALTER, Elaine. **A Literature of Their Own:** British Women Novelists from Brontë to Lessing. Princeton: Princeton University Press, 1977.
ZWERDLING, Alex. **Virginia Woolf and the Real World.** Berkeley: University of California Press, 1986.

49 - LITERATURA CARIBENHA E GUIANENSE ESCRITA POR MULHERES

Coordenação: Juliana Pimenta Attie (UNIFAP); Natali Fabiana da Costa e Silva (UNIFAP); Viviane Ramos de Freitas (UFRB)

Resumo: Pensar na cultura caribenha e guianense é pensar em territórios que durante anos tiveram – e a ainda têm – sua cultura e linguagem violentamente substituídas pelas do colonizador. Nessa dinâmica de apropriação e imposição, comum à maioria das nações colonizadas, permeia a literatura a busca pela identidade e os percalços para sua expressão. Primeiramente, deve-se levar em conta a influência de países dos continentes europeu e africano na formação da identidade dos caribenhos e dos guianenses, tendo em vista o processo colonizatório e escravocrata. Em segundo lugar, é preciso considerar também a questão da diáspora. Conforme Hall (1999, p.1), "[...] a migração tem sido um tema constante na história do Caribe" e, nessa conjuntura, as identidades tornam-se múltiplas. Sobre essa multiplicidade de identidades, é relevante pensar que,

nos estudos pós-coloniais caribenhos e guianenses, encontramos duas correntes que abordam a questão da identidade. A primeira, representada principalmente pelo pensamento de Frantz Fanon e Aimé Cesaire, entende que a cultura caribenha deve buscar uma essência, uma identidade unificadora e fortalecedora dos povos caribenhos. Já a outra vertente procura ressaltar a heterogeneidade dos povos de origem caribenha e compreende a identidade como um elemento processual. Guardadas as diferenças entre as perspectivas, observamos o desejo pela reconstrução do passado histórico e por dar voz aos sujeitos silenciados pelo colonizador, ou, nas palavras de Spivak (2014), os subalternos. Para a teórica indiana, são subalternos os sujeitos excluídos do mercado, da representação política e legal, e impossibilitados de participarem plenamente do extrato social dominante. Em *Twentieth Century Caribbean Literature*, Alison Donnel (2006, p. 5) aprofunda a discussão e identifica quatro momentos críticos através dos quais os paradigmas da crítica literária caribenha foram estabelecidos em torno de um conjunto de questões: 1) anticolonialismo, nacionalismo; 2) migração e diáspora; 3) a centralidade da etnia afro-caribenha; 4) a concepção das mulheres como duplamente colonizadas. Donnel aponta o início da década de 1990 como o momento em que começaram a surgir estudos críticos sobre narrativas de mulheres caribenhas, pela primeira vez consideradas como um conjunto distinto. Esses primeiros estudos feministas sobre o trabalho de escritoras caribenhas foram orientados pelas demandas de uma crítica voltada para a diáspora negra. Já em relação ao quarto momento crítico, Donnel introduz a noção de colonização dupla ("double colonisation"), que para ela consiste numa descrição simplificada da complexa posição das mulheres negras inseridas na ordem social patriarcal e colonial imposta pelo colonialismo e suas consequências (DONNEL, 2006, p. 138). Conforme apontam os autores de *The Empire Writes Back,* o termo firmou-se como uma descrição durável do status das mulheres no colonialismo (ASHCROFT, GRIFFITHS, TIFFIN; 2002, 206). Donnel pontua que o termo de fato ofereceu uma identidade ideológica para a escrita de mulheres afro-caribenhas – e ousamos dizer que isso ocorre igualmente para a escrita das mulheres afro-guianenses e/ou crioulas –, que permitiu a sua incorporação em estudos mais abrangentes sobre a escrita de mulheres negras, que surgiram no final da década de 1980 e início da década de 1990. No entanto, a autora argumenta que o termo também criou um discurso crítico em torno da invisibilidade e do silêncio, que não tem sido útil para situar a escrita de mulheres caribenhas como parte de uma tradição ou história literária regional de longa data. Donnel propõe como substituto o termo agente duplo ("*double agent*"). Desse modo, no lugar de conceber as mulheres (escritoras) pós-coloniais como duplamente destituídas de poder, Donnel coloca em primeiro plano a ideia do quanto as escritoras caribenhas são capazes de mobilizar as questões de gênero, etnia e identidade cultural como locais de resistência e afirmação. A noção de "agente duplo" alude ao domínio da espionagem, disfarce e subterfúgio, bem como à capacidade de agência que passou sem reconhecimento. Nesse sentido, o termo potencialmente abre possibilidades para as mulheres caribenhas e suas obras literárias serem lidas como resistentes, textos rebeldes que exigem uma compreensão mais específica e diferenciada da "mulher caribenha", tanto como posição do sujeito como sujeito posicionado (DONNEL, 2006, p. 139). Essas questões também podem ser identificadas na produção literária da região das Guianas – que compreende a Guiana Francesa, o Suriname, a República da Guiana, o Amapá e parte de Roraima, no Brasil. Nesse ponto, vamos ao encontro do pensamento de Pizarro, em *Reflections on the historiography of Caribbean*

Literature (1988), sobre a necessidade de se refletir sobre as delimitações dos territórios caribenhos para além da definição mais tradicional do espaço compreendido pelo mar do Caribe, abarcando outros países da América Latina que compartilham especificidades histórico-culturais no que tange à escravidão, à exploração das terras, à pirataria, à tirania (como os regimes ditatoriais), entre outras questões. Diante disso, esse simpósio é um convite para dirigir o olhar ao trabalho de escritoras caribenhas e guianenses, radicadas ou não no Caribe ou na região das Guianas, mas comprometidas com uma escrita situada. As interlocuções com essas escritoras permitem explorar de que forma as questões morais, políticas, religiosas, espirituais encenadas por esses textos são capazes de ampliar, contestar, deslocar, ou propor novas travessias de fronteiras raciais, sexuais e culturais.

Referências:

ASHCROFT, Bill Frances; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The Empire Writes back*: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures. New York: Routledge, 2002

DONNEL, Alison. *Twentieth-Century Caribbean Literature*: Critical Moments in Anglophone Literary History. London: Routledge, 2006.

HALL, Stuart. *Thinking the Diaspora*: Home-Thoughts from Abroad. Small Axe, Durham (North Carolina), p. 1-18, 1999.

PIZARRO, Ana. Reflections on the historiography of Caribbean Literature. Tradução J. Ann Zammit. *Callaloo*. Baltimore, John Hopkins University Press, n.34, p.173-185, 1988.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* Tradução de André Pereira Feitosa e Marcos Pereira Feitosa; Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: UFMG, 2010

50 - LITERATURA DE CAMPO E GEOPOESIA: PASSAGENS DA CULTURA POPULAR E ETNOFLÂNERIES POR BRASIS LIMINARES

Coordenação: Willi Bolle (USP); Augusto Rodrigues da Silva Junior (UnB); Ana Clara Magalhães de Medeiros (UFAL)

Resumo: A Literatura de campo e a geopoesia surgem no contexto do centro-periférico de um país de dimensões continentais. Um mapa de brasis liminares, distantes do mar, revela que as literaturas e culturas brasileiras continuam em *formação.* Embora o palco do interior tenha sido muito percorrido (econômica, política, etnográfica e intelectualmente), ainda há muito por dizer das paragens *centroestinas* e nortenses do Brasil. Este Simpósio Temático pretende empreender um trabalho coletivo das passagens (percorridas pelos *etnoflâneurs*). Cada participante deverá acrescentar uma *vereda* ao painel pensamental: via processo de teoria em progresso, uma espécie de autoconsciência do inacabamento da crítica e cada centelha fará parte de uma polifônica constelação analítica. Convocamos colecionadores (no sentido benjaminiano) para enformar uma enciclopédia da geopoesia. O próprio deslocamento para o encontro, na comunhão das visões da história, constitui a literatura de campo. Dos diversos modos de representar surge a proposta de reescrever essa história – contada oralmente, experimentada performaticamente, continuada pelos leitores. Traçando *etnoflâneries* de campo, nos movimentos de enfronteiramento, nas migrações das vocalidades, veredas

polifônicas emergem como caminhos da cultura popular. Nesse sentido, investigar as vertentes despontadas nos cerrados e sertões, bem como nos banzeiros e vazantes, nos permitirá perscrutar vozes e corpos individuais e coletivos das mais diversas manifestações. No âmbito da respondibilidade, pretendemos experimentar a geopoesia em performances culturais e analisar os modos de fazer da literatura de campo, em poemas e canções, prosas e dramas, relatos e textos desde o período colonial que nos levam, ainda, a seguir os rastros e as vozes dos que de tão longe, há tanto, vêm dizendo. Agregamos, assim, um pensamento da pluralidade e do inacabamento que acionam entendimentos de culturas em trânsito, em transes, contra abordagens monológicas (BAKHTIN, 2008). Assim, os estudos de geopoética e de geocrítica, em diálogo com investigadores brasileiros da cultura, tais como Darcy Ribeiro, Carlos Rodrigues Brandão, Hermilo Borba Filho, dentre outros, caminham para a celebração da carnavalização na literatura comparada. A crítica polifônica, que nasce do literário, arranja-se com vozes de poetas do cotidiano, como os goianos/mineiros/brasiliários Cora Coralina, José Godoy Garcia, Anderson Braga Horta e Cassiano Nunes; prosadores das gentes e tropas migrantes, a exemplo de Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Élis; dramaturgos e cineastas que fazem do Planalto Central espaço universal: Dulcina de Moraes, Geraldo Lima, Hugo Zorzetti e Vladimir Carvalho; além de cantores e versistas populares de nomes apagados pela histografia, cujas obras perpetuam-se nas entoações das festejos móveis e imóveis. Das artes de brasis liminares, formados pelo centro, oeste e norte pretendemos *sulear* uma constelação de categorias. Consideramos essencial atualizar e ampliar a discussão dos *dramas sociais*, *campos plurais* e *metáforas dinâmicas*, na linhagem do pensamento de Victor Turner, com vistas a perfazer poéticas do centroeste-norte. A crítica polifônica ganha vida entre os povos cerradeiros, centroestinos, nortistas, sertanejos, caipiras, indígenas, quilombolas e outras variáveis de *brasis liminares*. Expressões que ordenam ideias, mas também espraiam forças *inclassificáveis* de raízes e rizomas de um país de culturas diversas. Pelos vales, vãos, bacias, planaltos, *altiplanos*, rios, quilombos, aldeias, espaços de *rexistência* vão se compondo em territorialidades imaginárias e políticas. Conforme advertem Benjamin/Bolle, o literário não aceita uma delimitação precisa de fronteiras. É desse movimento oscilatório que se configura a capacidade que a geopoesia e a literatura de campo apresentam. Pequenos índices que aparecem prodigiosamente no arranjo dos diversos recursos literários e artísticos, numa espécie de *língua in opere*, fabulosa e fabularmente em movimento, enformando a crítica polifônica. Enfim, pesquisas e inquietações que versem sobre manifestações da literatura oral e escrita no campo da poesia, da prosa, do teatro, do cinema, da performance e de vocalidades várias são convidadas a compor e espraiar as discussões deste Simpósio.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento:* o contexto de François Rabelais. 6. ed. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Ed. Org. por Willi Bolle. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. 3 vols. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

BOLLE, Willi. “Um painel com milhares de lâmpadas” – Metrópole & Megacidade.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Ed. Org. por Willi Bolle. Trad. Irene Aron e Cleonice

Paes Barreto Mourão. 3 vols. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018, vol. III, p. 1707-1746.
GARCIA, José Godoy. *Araguaia Mansidão*. Goiânia: Editora Oriente, 1972.
MEDEIROS, A. C. M. et al. (Org.). *Os parceiros de Águas Lindas*: ensino de literatura pelas letras de Goiás. 1ed. Goiânia: R&F Editora, 2018, v. 1.
ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas.* São Paulo: Abril Educação, 1982.
SILVA JR, Augusto. R. Editorial. Cultura popular, oralidade e performance. Cerrados – Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura (Poslit/UnB). V. 22, n. 35, 2013. p. 7-10. Disponível em: http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/10934/pdf_2

51 - LITERATURA DO CÁRCERE E RESISTÊNCIA: MORTE E CEMITÉRIO DOS VIVOS

Coordenação: Profa. Dra. Cíntia Carla Moreira Schwantes; Prof. Dr. Sergio Guilherme Cabral Bento

Resumo: Para Antonio Candido (2004) há uma ligação clara entre a Literatura e os Direitos Humanos. O crítico propõe o direito à arte da palavra como uma necessidade essencial, uma vez que ela constitui um dos acessos de cada ser humano a sentimentos diversos e à consciência sobre as garantias que nos assistem. Neste sentido, há uma ampla construção literária voltada para a constituição e cristalização dos direitos essenciais (fundamentais e humanos) da pessoa e da própria democracia, como evidenciou a historiadora Lynn Hunt (2009).
Seguindo o modelo ibérico que se instaurou na América Latina, da época colonial brasileira até a atualidade houve momentos de centralização do poder político ou estatal e, paralelamente, de resistência, podendo ser citadas as insurreições de Canudos, Farroupilha e Inconfidência Mineira; já suas representações na literatura abrangeram autores como Euclides da Cunha, Letícia Wierschowski, Tomás Antônio Gonzaga, entre outros. Da mesma forma, grandes mudanças estruturais suscitaram manifestações da arte da escrita, tais como a Proclamação da República, com Lima Barreto, Machado de Assis e outros; instauração do Estado Novo, com Graciliano Ramos, João Ubaldo Ribeiro e David Nasser, por exemplo; e a ditadura militar imposta de 1964 a 1985, com nomes como os de Ferreira Gullar, Rui Castro, Carlos Heitor Coni, Alex Polari e Érico Veríssimo.
Entende-se que, na história do Brasil, houve poucos momentos de fato democráticos, e consequentemente, viu-se a deflagração de grandes violações de direitos humanos e fundamentais. Atualmente, experimentamos o mais longo período democrático na história nacional, fato amplamente demonstrado por documentos históricos, jurídicos e literários, que servem de ponto de partida para estudos sobre o contraste entre a realidade e a construção do ideal do Estado brasileiro, tal como apontam as obras do jurista e literato Miguel Reale, que, inclusive, vivenciou, apoiou e se indignou com a instauração do último regime ditatorial brasileiro.
Vale lembrar que há uma preocupação constante com a manutenção das normas jurídicas pactuadas em determinado período, buscando-se a denominada segurança jurídica, ou seja, a previsibilidade sobre a aplicação do Direito. As consequências de suas mudanças são analisadas pelos estudiosos da Justiça de Transição ou transitólogos, tais como Juan Linz (2015), que entende que é necessário adotar uma série de medidas

políticas e jurídicas que buscam superar um regime autoritário e por consequência consolidar a nova democracia.
Como era esperado, os fatores e os resultados desses momentos são sentidos em outras áreas do saber, como os estudos literários, que são marcados por variados escritos de resistência que demonstram a micro história de cada um daqueles momentos. Podemos citar como exemplo Bosi (2002), Sarmento-Pantoja. (2015), entre outros.
Assim, propomos um simpósio interdisciplinar sobre literatura de resistência enfocando obras históricas, literárias e jurídicas que demonstrem o cotidiano de inconformismo sobre os abusos cometidos na mudança ou manutenção de regimes autoritários experimentados no Brasil, de nossa colonização à atualidade. Além disso, visa-se a reflexão de resquícios dos tempos de exceção presentes em um tempo histórico democrático, seja por meio do trauma, seja pelos aparelhos institucionais que mantenham, em algum nível, conexão ou afinidade com um passado repressivo. Desse modo, serão bem-vindas comunicações que:

a) tragam um debate teórico sobre a literatura como um direito humano fundamental;
b) analisem obras em que a violação dos direitos humanos seja uma questão central;
c) delimitem um *corpus* que tangencie as relações entre direito e literatura;
d) proponham uma reflexão sobre temas como autoritarismo, ditadura e democracia a partir de obras literárias;
e) estudem manifestações narrativas, poéticas e artísticas em tempos de cerceamento democrático, levantando questões como exílio, repressão, perdas e resistência.

Referências:
BARBOSA, Rui. **Amnistia Inversa: Caso de Teratologia Jurídica.** Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1935.
BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2004.
FICO, Carlos. **Além do Golpe: Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar**.
LINZ, Juan. **Autoritarismo e Democracia**. Lisboa: Livros Horizonte, 2015.
REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e Democracia no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
SARMENTO-PANTOJA, Augusto; PINHEIRO, Veridiana Valente; SARMENTO-PANTOJA, Tânia (Org.). **Literatura e resistência: olhares e perspectivas.** Belém: PPGL/UFPA, 2014.

52 - LITERATURA E DIREITO: DIÁLOGOS, ANÁLISES, POSSIBILIDADES
Coordenação: Cristiano Paixão (UnB); André Karam Trindade (UniFG); Douglas Antônio Rocha Pinheiro (UnB)

Resumo: Ao propormos um Simpósio acerca das interrelações entre Literatura e Direito, observamos, de plano, que essas conexões são abertas, plurais e marcadas pela imprevisibilidade de seu resultado. Disso decorre o caráter único desta oportunidade.
Num primeiro momento, a aproximação entre Literatura e Direito pode parecer apenas um exercício metafórico de linguagem. Mesmo se fosse o caso, já haveria uma forte

contribuição para a pesquisa porque a metáfora, que não é um fim em si mesma, preserva a capacidade criadora da linguagem e, por consequência, do próprio direito. Um estudo metafórico, além disso, também permitiria desvelar os possíveis projetos ideológicos ocultos por detrás de uma linguagem jurídica que, situada na cultura, indevidamente se apresenta como neutra. Porém, estudos de direito e literatura não se baseiam apenas numa aproximação aleatória. A narratividade é ínsita ao direito. A maneira como os fatos e os sujeitos são esteticamente ordenados numa decisão judicial demonstra como a narrativa jurídica não só descreve mas igualmente prescreve. Assim, a pesquisa acerca das potencialidades narrativas em textos literários pode permitir uma reflexão crítica e propositiva da maneira como o direito constrói sua própria narrativa por meio de decisões, reflexões doutrinárias, exposições de motivos legais e história constitucional.

Além disso, estudos sobre a relação entre literatura e direito não abrandam, mas sim reforçam, o compromisso ético-social do direito. O reconhecimento da dimensão narrativa do direito não admite o esmaecimento das fronteiras entre ficcionalidade e realidade, sequer uma legitimação de práticas jurisdicionais que inventam suas próprias narrativas de justiça despregadas do horizonte hermenêutico social em que se produzem. O objeto estético exclusivamente literário, mesmo quando cria sua própria realidade, acaba evocando uma realidade pré-existente ético-cognitiva. A narratividade do direito não é produzida de modo desconectado das narrativas sociais que balizaram a elaboração legislativa e das narrativas presentes que, no momento decisório, ressignificam os conceitos jurídicos vagos e polissêmicos na facticidade da vida. O direito como narrativa deve ser sempre um ato responsível, ou seja, dialogicamente responsivo e eticamente responsável.

Logo, a aproximação do direito com a literatura não reduz o potencial crítico da análise jurídica. Não se trata aqui de uma mera delimitação de aspectos formais da justiça poética, tais como: ritmo, entonação, articulação, motivo, gênero. Um olhar que se volte para o todo da obra literária deve considerá-la em sua forma arquitetônica, percebendo, para além do material, a tensão constante entre forma e conteúdo, uma complementaridade que não é estranha ao direito no dialogismo estabelecido entre normas substantivas e processuais. Não há, pois, como pensar a forma desconsiderando o conteúdo e vice-versa. O conhecimento cultural se produz nesta fronteira, nesta intersecção. A compreensão dos vários tropos narrativos permite apontar leituras diacrônicas que desestabilizam as leituras jurídicas sincrônicas dadas.

Há, sempre, contudo, riscos no estabelecimento dessa interlocução entre Literatura e Direito. O diletantismo e a superficialidade são ameaças sempre presentes.

Desta forma, é preciso ajustar o rumo das investigações, conferindo a elas maior rigor. De acordo com as pesquisas mais articuladas na área, entre autores brasileiros e estrangeiros, algumas perspectivas de investigação sobre as relações entre Literatura e Direito se apresentam:

(1) textos literários que abordem elementos de direito, justiça, Estado, poder, permitirão revelar olhares condensados diacrônicos, futuros plurais de um passado anterior à realidade presente jurídico-estatal, que podem ou não ter se cumprido; textos literários fora do cânone ocidental, por outro lado, permitirão a emergência de narrativas subalternas, surpreendentes, que fogem da temporalidade hegemônica e do padrão normativo do direito – alguns dos quais, inclusive, objeto de reapropriação por grupos historicamente excluídos das esferas decisórias do direito e do Estado;

(2) a partir da narrativa literária, será possível a observação de alguns aspectos singulares da problemática e da experiência jurídica retratados pela literatura – como a justiça, a vingança, o funcionamento dos tribunais, à ordem instituída, o papel dos juízes, suas representações e outras;

(3) a relação entre processos de construção de obras literárias e seus vínculos com o Direito pode dar ensejo à análise de questões específicas de caráter normativo – mediante o qual se investiga a regulação jurídica dada à Literatura, no que diz respeito à propriedade intelectual, direitos autorais, liberdade de expressão, censura e outras repercussões.

53 - LITERATURA E DIREITOS HUMANOS: MARCAS DA OPRESSÃO EM OBRAS LITERÁRIAS

Coordenação: Profa. Dra. Divanize Carbonieri (UFMT); Profa. Dra. Leni Nobre de Oliveira (CEFET-MG); Prof. Dr. Evaldo Balbino (UFMG)

Resumo: O presente simpósio pretende gerar discussões acerca das estratégias narrativas ou líricas que, em obras literárias, questionam situações de opressão ou de desrespeito aos direitos humanos. A literatura tem sido a arte comumente ensinada em sala de aula em forma de disciplina nas grades curriculares de forma sistemática, em detrimento das demais artes. Portanto, ela é uma das principais formas de difusão de ideias e de conscientização para as novas gerações. Desde os primórdios, há registro da importância da preservação das narrativas oficiais e pessoais como algo de interesse público, daí a importância dos narradores tribais na preservação da memória, dos costumes, dos conhecimentos, das crenças e dos valores de uma coletividade, o que também se expande para o campo das nacionalidades, já que não existe um povo que não tenha ou não busque seu passado histórico ou mítico, preservado ou reinventado. Também é à margem dos discursos oficiais que se abrem as fendas dos discursos minimais, os quais preservam as marcas desejáveis e indesejáveis da memória de construção de um povo. Mesmo nos discursos oficiais estão presentes as marcas das estruturas ideológicas do discurso dos enunciadores autorizados, os quais preservam importantes dados para que se leiam verdades evidentes ou camufladas. Porém, de forma inigualável, o texto literário preserva, de modo intencional e não intencional, informações presentes no subconsciente do(a) escritor(a)/poeta que se confundem com o conhecimento coletivo e se tornam recorrentes em narrativas de países, lugares, épocas e escritores diferentes. Nessas expressões, a presença dos minorizados por sistemas diversos, sejam esses protagonistas da produção literária ou não, torna-se importante elemento a ser observado, já que, na enunciação, o sujeito se projeta com suas ideologias e, através dessa projeção, consegue atingir o espaço da recepção, que se transforma no campo profícuo para os debates e da integração entre discurso e leitura. Tendo isso em vista, serão enfocadas, neste simpósio, principalmente investigações sobre os modos como a literatura interroga ou subverte as hierarquizações de raça, gênero, sexualidade e classe social presentes em coletividades humanas. Espera-se que noções como colonialidade do poder, do saber e do ser perpassem essas análises. Para Aníbal Quijano (2005), o eixo principal da colonialidade do poder é a ideia de raça, que tem origem no período do colonialismo histórico, mas que sobreviveu a ele, operando ainda na atualidade. A divisão racial da população mundial e a atribuição das formas de trabalho menos prestigiadas às raças consideradas inferiores continuam estabelecendo

nefastas hierarquias que não apenas são retratadas pelos escritores como também acabam influenciando as concepções em torno do fenômeno literário. Nesse sentido, a colonialidade do poder envolve também a do saber, já que os conhecimentos considerados válidos são principalmente aqueles dos grupos dominantes. Boaventura de Sousa Santos (2010), por exemplo, percebe tal mecanismo no que denomina de pensamento abissal, responsável por estabelecer um abismo, uma linha divisória radical, entre as epistemologias ocidentais ou dominantes e as não ocidentais ou não dominantes. A visibilidade do pensamento abissal se "assenta na invisibilidade de formas de conhecimento que não [se] encaixam" nas formas dominantes de conhecer e que compõem os "conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses ou indígenas [situados] do outro lado da linha" (SANTOS, 2010, p. 33). Um pensamento pós-abissal, por outro lado, seria aquele fundamentado numa "copresença radical", que "significa que práticas e agentes de ambos os lados da linha são contemporâneos em termos igualitários" (SANTOS, 2010, p. 53). Assim, não existiria conhecimento mais atrasado ou mais avançado, tradicional e moderno. Todos os conhecimentos devem ser entendidos como simultâneos e igualmente relevantes para que o abismo seja superado. Isso pressupõe que se deve combater também a ideia de superioridade entre diversas concepções do fenômeno literário. Ramón Grosfoguel (2011) aprimora a noção de colonialidade com o seu conceito de heterarquias. Assim, hierarquias raciais e econômicas devem ser interrogadas tanto quanto as de gênero, as de sexualidade, as espirituais e, no que nos concerne mais de perto, as literárias. Em outras palavras, a colonialidade do poder e do saber implica uma colonialidade do ser, em que certas experiências do existir humano são consideradas inferiores a outras. Dessa forma, são esperados trabalhos que partam desses pressupostos, explicitando as relações da literatura com os direitos humanos e as lutas coletivas contra diversas formas de opressão.

Referências:

GROSFOGUEL, Ramón. Decolonizing post-colonial studies and paradigms of political-economy: transmodernity, decolonial thinking, and global coloniality. In *Transmodernity:* Journal of peripheral cultural production of the luso-hispanic world, 1(1), 2011, 1-37.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber*: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, setembro de 2005, pp. 227-78.

SANTOS, Boaventura de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de S.; MENESES, Maria P. (org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

54 - LITERATURA E DISSONÂNCIA

Coordenação: Prof. Dr. André Dias (UFF); Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues (UFMS); Prof. Dr. Felipe Gonçalves Figueira (IFF/RJ)

Resumo: A proposta do simpósio é examinar a manifestação da dissonância em diferentes obras literárias das mais variadas nacionalidades, com vistas a compreender o modo pelo qual alguns autores se constituíram, através dos discursos literários, como

vozes questionadoras de seus tempos, sociedades e condições existenciais. O tema está associado aos artistas e intelectuais que analisaram de maneira profunda aspectos primordiais de diferentes épocas e construíram uma crítica contundente aos mais distintos valores presentes nessas realidades sociais. A ideia central é abrir espaço para o diálogo entre pesquisadores que investigam variados autores, cujas obras expressam inquietações e questionamentos, tanto na esfera social quanto na ideológica ou na existencial. O que se espera é que os trabalhos apresentados no âmbito do Simpósio **Literatura e Dissonância** discutam, entre outras questões, o problema teórico do intelectual frente às variadas ideologias, quer sejam elas hegemônicas ou não, e o problema histórico dos escritores diante do *status quo*, manifestado na esfera da política, da moral, dos costumes, da economia, etc.

Mikhail Bakhtin, falando sobre o grande tempo histórico e o trabalho dos escritores, chama atenção para o seguinte fato: "o próprio autor e os seus contemporâneos veem, conscientizam e avaliam antes de tudo aquilo que está mais próximo do seu dia de hoje. O autor é um prisioneiro de sua época, de sua atualidade. Os tempos posteriores o libertam dessa prisão, e os estudos literários têm a incumbência de ajudá-lo nessa libertação." (BAKHTIN, 2003, p. 364). Sendo assim, ao abordarmos a temática **Literatura e Dissonância**, temos clareza de que todo autor, para o bem e para o mal, é antes de tudo um homem de seu tempo. Desse modo, aos que se ocupam da investigação literária cabe a desafiadora tarefa de, dialogicamente, atualizarem os diversos discursos literários produzidos nos mais variados tempos e espaços históricos. Agindo assim, os estudiosos da literatura contribuirão para manter a vivacidade de distintos autores e suas obras. Sobre a criação romanesca, o pensador russo adverte que "o *autor-artista pré-encontra* a personagem já dada independentemente do seu ato puramente artístico, não pode gerar de si mesmo a personagem – esta não seria convincente" (BAKHTIN, 2003, 183-184). Em outras palavras, nenhuma personagem é fruto do gênio criador de um autor adâmico, pois a matéria de memória da literatura está no mundo social, local de onde os escritores extraem os motivos para criar. De maneira análoga, a palavra do outro é fundamental para a tomada de consciência de si e do mundo, segundo aponta ainda Bakhtin: "como o corpo se forma inicialmente no seio (corpo) materno, assim a consciência do homem desperta envolvida pela consciência do outro" (BAKHTIN, 2003, p. 374). Dessa forma, as premissas bakhtinianas apresentadas aqui fundamentam o desenvolvimento das nossas reflexões e ajudam a ampliar os sentidos das análises.

O fórum, observada a perspectiva da dissonância no campo dos estudos literários e do comparativismo, acata propostas que vão desde o enfoque do ensino da literatura, passando pela questão do trabalho crítico, até chegar à discussão teórica das experiências literárias e da diversidade de textualidades contemporâneas. Seja no espaço das territorialidades, cujos limites se esvaem diante da instantaneidade das comunicações globais, seja no âmbito do regional esvaziado no mesmo diapasão — em que os conceitos de literatura e de literariedade vigentes nos séculos XIX e XX perdem sentido com as realizações e as propostas estéticas dos autores do século XXI —, procura-se o dissonante na antiga ordem hierarquizada, no recente e finado mundo bipolar ou no universo multilateral que se instaura. Há que se considerar, ainda, estudos comparativos entre autores que, mesmo distantes no tempo e no espaço, fixam a seu modo o questionamento de valores hegemônicos e não hegemônicos. Tais autores,

independente se no âmbito da prosa ou no da poesia, acabam por constituir uma aproximação literária mediada pelo estado de permanente inquietação.
Do ponto de vista da historiografia literária, qualquer que seja o modo analítico proposto, os problemas se sucedem, pois os últimos anos têm sido de deslocamentos incessantes dos postulados teóricos. Tais deslocamentos transformaram em cada vez mais inglórios os embates com o mundo concreto, considerando a acelerada mutabilidade das circunstâncias sociais, políticas, históricas e das representações simbólicas, no âmbito das artes em geral e da literatura em particular. Assim sendo, no estudo da circulação, das tramas e sentidos construídos pela literatura cabe, inclusive, questionar as significações do conceito de literariedade. Tal questionamento pode incorporar novas e dissonantes acepções ao termo, tanto na perspectiva dos cânones consagrados, quanto dos cânones emergentes.
Levantar questionamentos, de preferência contundentes, e, eventualmente, produzir alguma conclusão, ainda que provisória, é o que se espera alcançar com o presente Grupo de Trabalho, cuja sequência de participações na Abralic, sempre com intensa adesão dos colegas, indica a importância e a pertinência do debate proposto.

Referências:
BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: a estilística.* Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência.* São Paulo: Cia das Letras, 2002.
DIAS, André. *Lima Barreto e Dostoiévski: vozes dissonantes.* Niterói, RJ: Editora da UFF, 2012.
SARTRE, Jean-Paul. *Que é literatura?* Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989.
TEZZA, Cristovão. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo.* Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
TEZZA, Cristovão. *O espírito da prosa: uma autobiografia literária.* Rio de Janeiro; Record, 2012.
VARGAS LLOSA, Mário. *A verdade das mentiras.* Trad. Cordelia Magalhães São Paulo: ARX, 2004.

55 - LITERATURA E DRAMATURGIA: ENTRE O PALCO E A ACADEMIA
Coordenação: Profa. Dra. Suzi Frankl Sperber (UNICAMP); Profa. Dra. Sandra Luna (UFPB)

Resumo: O XVI Congresso Internacional da ABRALIC (Circulação, tramas e sentidos na Literatura) tem como objetivo e princípio projetar e dar continuidade ao fluxo dos diálogos e intercâmbios intelectuais entre as diferentes linhas e correntes comparatistas das áreas interdisciplinares que a ABRALIC congrega. Objetiva, também, integrar pesquisadores da área de estudos literários e culturais implicados na discussão de problemas característicos do contexto atual de produção, recepção e transmissão de textos literários e de outras disciplinas.
Assim sendo, a proposta do presente simpósio é trabalharmos com diferentes relevos da paisagem teatral dramatúrgica. Esperamos congregar testemunhos e experiências

diferentes. A saber, esperamos tratar a dramaturgia em relação a diferentes tipos de possíveis interações entre o dramaturgo e outras figuras: o diretor, o dramaturgo e o dramaturgista; o ator e o dramaturgo; o ator no drama como parte de uma escrita coletiva e uma improvisação. Inserem-se ainda em nosso campo de interesse investigativo: recepção e encenação de clássicos; diálogos entre a dramaturgia do passado e do presente; dramaturgia enquanto escrita coletiva e improvisação.
A palavra dramaturgia abrange dois sentidos: a escrita de um texto dramático e a passagem das ideias (e palavras) para a cena. No entanto, há espetáculos em que não há texto escrito, uma vez que o processo de criação começa (ou parece começar) imediatamente na cena aberta – ou quando o espetáculo trabalha a memória e o testemunho: neste caso, o que é dramaturgia?

56 - LITERATURA E ENSINO: REFLEXÕES, EXPERIÊNCIAS E PROPOSTAS
Coordenação: Profª. Drª. Ana Crélia Dias (UFRJ); Prof. Dr. Sérgio Fabiano Annibal (UNESP); Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves (UFCG)

Resumo: A reabertura do GT Literatura e Ensino da ANPOLL, em 2016, vem favorecendo o diálogo de pesquisadores de diferentes universidades do país acerca dos problemas seculares que o ensino de literatura enfrenta no país. De uns tempos para cá, o ensino de Literatura tem sido mais debatido, corroborando pesquisas de professoras como Rocco (1981), Leite (1983), Bordini e Aguiar (1988), Zilberman e Lajolo (2009) que já tratavam de questões ligadas à formação do leitor desde a década de 70. O espaço desprivilegiado nos Parâmetros Curriculares Nacionais trouxe alguma reação aos defensores dos estudos literários, apontando negligência na ausência de profundidade do documento a discussão sobre o lugar da literatura, sem refletir, no entanto que essa negligência deu-se muito provavelmente pela dificuldade dos especialistas em Literatura de lidar com as relações de sua área com a educação. Ainda sem muita definição do incômodo e sem saber como firmar o espaço da leitura literária como necessária à educação, foram retomados os caminhos de discussão inaugurados pelas professoras e pesquisadoras mencionadas, dos quais, aliás, elas nunca se afastaram, o que faz uma "grande descoberta" de hoje ser apenas um reaquecimento de algo que elas e outras já disseram em algum momento de suas vastas pesquisas na área. O profissional de Letras, muitas vezes pouco amparado em relação às questões concernentes ao ensino de Literatura na formação inicial, precisa abrir espaço para a leitura de Literatura na escola, mas, já diante dessa premissa, esbarra-se em muitas outras indagações: que Literatura ensinar? Estarão os leitores preparados? Como lidar com o fato de que nem sempre os estudantes têm grande experiência leitora? Para que servem crítica e teoria na sala de aula da educação básica? Muitas das questões apontadas pelas pesquisas desde a década de 70 permanecem atuais, embora tenha crescido, a partir do final do século passado e início deste, estudos publicados em revistas através de dossiês, livros com reflexões sobre o ensino, relatos de experiências e diagnósticos. Documentos oficiais, como as OCEM-2006, além de trazer a contribuição destas pesquisas, abriam-se para novas práticas em sala de aula. Por outro lado, o ensino de literatura nas Universidades, especificamente nos cursos de Letras, permanece ainda afiliada ao historicismo que já foi questionado pelos próprios historiadores (vide Bosi, 2002). Nos últimos anos, com as discussões e problematizações trazidas pelos estudos culturais, observam-se algumas mudanças, sobretudo na abertura para leitura de produções literárias mais diversificadas,

representativas de minorias que se alojavam ao largo do cânone acadêmico. Entretanto, discussões essenciais, como o espaço para as leituras do texto e a escrita literária na sala de aula ainda não avançaram. Neste contexto, este Simpósio acolhe trabalhos que reflitam sobre questões relativas à construção de reflexões epistemológicas do ensino de literatura, a partir do seguinte eixo de pensamento: que teoria(s) cabe(m) na escola? Qual é o espaço da crítica literária no ensino de literatura na educação básica? A partir deste eixo, serão acolhidas propostas voltadas para formas diferenciadas de experiências com o texto literário no contexto escolar; reflexão sobre mudanças curriculares, nos diferentes âmbitos de ensino, inclusive na Universidade, que possam estar ocorrendo; o ensino de literatura e a intertextualidade: singularidade dos processos; diálogos entre a literatura e outras artes como um caminho que contribua para formação de leitores no ensino básico; investida na escrita literária por parte dos estudantes; pesquisas que correlacionem literatura, ensino e questões ligadas a sexualidade, gênero, classe/comunidade, raça/etnia etc.; discussões sobre a abertura, nos últimos anos, dos mestrados profissionais em Letras e seu papel na produção e consolidação de um saber concernente à educação literária; o ensino de literatura na atualidade: o imanentismo e os fatores externos ao literário como suportes. Outros trabalhos que se norteiem pelo eixo de Literatura e Ensino também serão aceitos, ainda que não enumerados nos temas expostos, uma vez que a proposta de nosso Simpósio é construir e ampliar os debates já existentes, para que, por meio da reflexão teórico-crítica da prática docente nas salas de aula de literatura, novas e transformadoras ações se concretizem.
Palavras-chave: Literatura; ensino; educação literária; formação de leitores.

Referências:
BORDINI, M. da Glória; AGUIAR, V. Teixeira de. *Literatura*: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
BOSI, Alfredo. Por um historicismo renovado: Reflexo e reflexão em história literária. In; BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência.* São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
LEITE, Lígia Chiappini de M. *Invasão da catedral*: literatura e ensino em debate. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
ROCCO, Maria T. Fraga. *Literatura/ensino*: uma problemática. São Paulo: Ática, 1981.
ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *A formação da leitura no Brasil.* São Paulo: Ática, 2009.

57- LITERATURA E MÚSICA: TEORIA, HISTÓRIA E CRÍTICA
Coordenação: Prof. Dr. Dennys Silva-Reis (UnB/POSLIT); Prof. Dr. Daniel Padilha Pacheco da Costa (UFU)

Resumo: As diferentes relações entre a literatura e a música são, de modo geral, constituídas por um gigantesco campo de diálogos e convergências. Algumas dessas convergências são estudadas pela disciplina que, surgida no século XVIII, permitiu reuni-las sob o nome de **Estética**. No entanto, essas duas artes também nutriram as mais distintas rivalidades e divergências, baseadas em hierarquias de valor econômico e simbólico e disputas por prestígio social e artístico. Esses movimentos de aproximação e afastamento, que sempre existiram em todos os tempos e lugares, por mais antigos e distantes que possam ser, podem ser considerados segundo as mais distintas modalidades, dependendo de sua inscrição na história e na geografia (CAZNAK, 2003).

No ocidente, as primeiras manifestações dessa confluência entre Literatura e Música foram as epopeias homéricas (PARRY, 1987). Essa indissociabilidade originária entre a poesia e a música fez com que as primeiras definições de poesia tivessem sido realizadas com base em noções musicais. Concepção hegemônica durante a chamada Idade Média, Platão (2002) definiu a harmonia e o ritmo como os elementos distintivos da poesia, antes de Aristóteles (2015) circunscrever à imitação o domínio do poético. Desde o início da modernidade até as vanguardas do século XX, o **lirismo** desenvolveu uma nova relação entre a poesia e a música (DARBEAU, 2004, MORAES, 1983), fortemente baseada em uma concepção musical da própria linguagem poética. A literatura talvez nunca tenha se emancipado totalmente da música, seja ela entendida em sentido próprio ou figurado. O romancista francês Louis-Ferdinand Céline, por exemplo, definiu seu estilo coloquial e emotivo como uma pequena música (DONLEY, 2000).

Aqui, a noção de literatura não deve ser entendida apenas, em sentido estrito, como uma modalidade prestigiada de escrita surgida na modernidade europeia, mas também, em sentido amplo, em sua relação intrínseca com as formas da linguagem, inclusive aquelas próprias de culturas inteira ou fortemente marcadas pela oralidade. Dessa perspectiva, a própria distinção entre a literatura e a música pode se mostrar problemática, dada a necessária importância – que pode ser maior ou menor, mas jamais inexistente – da dimensão sonora da linguagem.

Os **Estudos Performáticos** e os **Estudos Orais** mostraram sobremaneira a importância de outra ramificação da intersecção entre Literatura e Música: as literaturas orais, as narrativas folclóricas, o sujeito cancioneiro e a contação de histórias (FERNANDES, 2007; ZUMTHOR, 2014). Todas essas linhas de estudos eram, até pouco tempo, ainda subalternizadas, e hoje são matéria bruta de um campo híbrido que traz para a Academia textos pouco conhecidos como, por exemplo, as chamadas textualidades indígenas (MATOS, 2007).

Com a **Narratologia** (REIS, LOPES, 1988), uma parte significativa da literatura pôde ser vista como narração. Por outro lado, a música também buscou métodos de narrativizar os sons, as melodias e o próprio silêncio, como evidencia a existência de uma área inteira dedicada a esta arte: a sonoplastia (CHION, 2010). Elos entre teatro, radionovela, telenovela, cinema, dança, ópera, dentre outras artes foram essenciais para as múltiplas reciprocidades, ainda pouco discutidas, entre Literatura e Música (KAYE & LEBRECHT, 2009; SILVA-REIS, 2018).

A **Tematologia**, ou estudo dos temas (BRUNEL, PICHOIS, ROUSSEAU, 1995), é uma das linhas teóricas mais discutidas e estudadas no Brasil. Com efeito, essa área oferece contribuições singulares para a compreensão e apreciação de temas, conteúdos, personagens, ações e arquétipos artísticos partilhados por músicos e escritores (OLIVEIRA, JOST, 2016). Somado a isso, a repetição ou a permanência de um tema pode contribuir significativamente para a reflexão das artes ou da própria sociedade.

Da comunicação, a vertente da **Intermedialidade** traz à tona o modo pelo qual a materialidade de uma arte pode ser transfigurada em outra (DINIZ, VIEIRA, 2012; DINIZ, 2012). Este campo, além de trabalhar as influências, as intertextualidades, interdiscursividades, bem como as questões semióticas, coloca em jogo as relações entre a corporeidade da Música e a Literatura. As questões sentimentais e as oriundas da percepção recebem particular destaque neste tipo de estudo (MOSER, 2006).

Cabe mencionar também que a perspectiva da **Melopoética** ganhou grande impulso nas últimas décadas (OLIVEIRA, 2002, 2012). O estudo semântico dos sentidos, somado aos recursos musicais (progressão, pausas, ritmo, intensidade, etc.), também constitui uma metodologia de estudo híbrida entre música e literatura, em que letra e melodia são indissociáveis, formando um só texto ou obra artística a ser analisada (BARBE, 2011; LYRA, 2010; REIS, 2001). Nesta direção, surgem os estudos da canção, da tradução musical e da associação da melopoética a outras poéticas artísticas (OLIVEIRA, RENNÓ, FREIRE, AMORIM, ROCHA, 2003). Por vezes, a melopoética é entendida como recurso mnemônico ou memorialístico, viés ainda pouco estudado.

A partir do exposto, este simpósio pretende reunir pesquisas voltadas para a compreensão das múltiplas relações entre a literatura e a música, segundo diferentes perspectivas teóricas, históricas e críticas. São esperados trabalhos que (1) relacionem, singularizem ou circunscrevam as relações entre as duas artes; (2) apresentem agentes artísticos que transitem entre a música e a literatura; (3) proponham formas de otimizar essa relação no ensino de literatura; (4) salientem determinados gêneros (musicais ou textuais) propícios ao hibridismo das duas artes; (5) tragam novas propostas teóricas e metodológicas para este domínio; (6) discutam ou revisem a história e a crítica musical-literária brasileira ou estrangeira; e (7) investiguem o potencial musical-literário de obras nos âmbitos político, social ou cultural.

Referências:

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.

BARBE, Michèle (org.). **Musique et arts plastiques**: la traduction d'un art par l'autre. Paris: L'Harmattan, 2011.

BRUNEL, P.; PICHOIS, C.; ROUSSEAU, A. M. **Que é literatura comparada?** São Paulo: Perspectiva, 1995.

CAZNAK, Yara Borges. **Música**: entre o audível e o visível. São Paulo: UNESP, 2003.

CHION, Michel. **Le son**. Traité d'acoulogie. 2ª ed. Paris: Armand Colin, 2010.

DARBEAU, Bertrand. **Poésie et Lyrisme**. Paris : Flammarion, 2004.

DINIZ, Thaïs F.; VIEIRA, André S. (orgs.). **Intermidialidade e estudos interartes**. Desafios da arte contemporânea 2. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/Faculdade de Letras da UFMG, 2012.

DINIZ, Thaïs Flores N. (org.). **Intermidialidade e estudos interartes**: desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

DONLEY, Michael. **Céline musicien**: la vrai grandeur de sa 'petite musique'. Librairie Nizet: Saint-Genouph, 2000.

FERNANDES, Frederico. **A voz e o sentido**: poesia oral em sincronia. São Paulo: UNESP, 2007.

KAYE, Deena; LEBRECHT, James. **Sound and Music for the Theatre**: The Art & Technique of Design. 3 ed. Burlington/Abingdon: Focal Press, 2009.

LYRA, Pedro. **Poema e letra-de-música**. Um confronto entre duas formas de exploração poética da palavra. Curitiba: CRV, 2010.

MATOS, Cláudia N. Textualidades Indígenas no Brasil. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). **Conceitos de literatura e cultura**. Juiz de Fora: UFJF, 2012.

MORAES, J. Jota. **O que é música?** São Paulo: Brasiliense, 1983.

MOSER, Walter. As relações entre as artes: por uma arqueologia da intermidialidade. In: **Revista Aletria**; jul – dez, 2006, p. 42 a 65. Disponível em: .

OLIVEIRA, Marcos V. F.; JOST, Miguel. Literatura e Música - Apresentação. In: Revista Ipotesi - **Revista de Estudos Literários**. V. 20 n. 1. Juiz de Fora: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFJF, 2016. Disponível em: https://ipotesi.ufjf.emnuvens.com.br/ipotesi/article/view/1247.
OLIVEIRA, Solange R. **Literatura e música**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
OLIVEIRA, Solange R. **Perdida entre signos**: literatura, artes e mídia, hoje. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012.
OLIVEIRA, Solange R.; RENNÓ, Carlos; FREIRE, Paulo; AMORIM, Maria Alice; ROCHA, Janaína. **Literatura e música**. São Paulo: Senac/Itaú Cultural, 2003.
PARRY, Milman. **The making of homeric verse**: collected papers of Milman Parry. Oxford: Oxford University Press, 1987.
PLATO. **The Collected Dialogues of Plato**. 2t. New Jersey: Princeton University Press, 2002.
REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.
REIS, Sandra L. F. **A linguagem oculta da arte impressionista**: Tradução intersemiótica e percepção criadora na literatura, música e pintura. Belo Horizonte: Mãos Unidas, 2001.
SILVA-REIS, Dennys. A literatura no rádio e na televisão: traduções intersemióticas na América Latina? **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, vol.57, n.1,, 2018.
ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. 3. ed. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Inês de Almeida, Maria Lucia Diniz Pochat. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

58 - LITERATURA E OUTRAS ARTES (MÚSICA, PINTURA, DANÇA, CINEMA, TEATRO): RELAÇÕES INTERARTÍSTICAS

Coordenação: Prof. Dr. Francisco Antonio Ferreira Tito Damazo (UNITOLEDO); Prof. Dr. Agnaldo Rodrigues da Silva (UNEMAT)

Resumo: Este simpósio é um espaço para reflexões e discussões sobre as relações entre a literatura e outras artes (música, pintura, dança, cinema, teatro). O estudo comparativo entre artes e obras literárias, fundado na relação interartística, tem se apresentado de forma eficaz quanto à capacidade de envolver e seduzir o leitor, constituindo o ponto inter-relacional para o diálogo entre obras literárias, na perspectiva da intertextualidade, bem como entre a literatura e outros sistemas semióticos artísticos. Afinal, já em si mesma, a complexidade do literário se configura envolta por camadas cuja natureza, espelhada por sua linguagem, suscita perceptíveis traços homológicos com outras linguagens artísticas. Este espaço se abre também para experiências de leitura literária pela ótica das artes vivenciadas no ensino da literatura, seja no âmbito da literatura oral, seja no âmbito da expressão da arte literária por meio dessas outras artes, ou nas homologias possíveis de serem estabelecidas entre elas, como, por exemplo, através da musicalização de poemas, ou ainda pelas letras de canções da música popular brasileira que atingem a categoria de poesia; seja na possível visualização da obra de arte por meio das artes plásticas, ou mesmo da encenação de obra literária. Este procedimento tem demonstrado em atividades voltadas aos estudos e à pesquisa o grande interesse por parte de metodologias educacionais contemporâneas, considerando que os diferentes se compõem no todo. O propósito é tornar este espaço aberto para as pesquisas que propendam à investigação das mais diversas e sutis relações entre a literatura e as outras

artes, dando, assim, mais visibilidade às múltiplas possibilidades dessa instigante atividade de pesquisa. É público e notório, nos dias de hoje, o avanço do conhecimento por meio da inter-relação entre as mais diversas áreas das ciências e, por conseguinte, das artes. É consensual também o entendimento de que não se pode perder de vista que as coisas, os seres são um todo, de cuja relação integrada e interacional depende a plenitude de sua existência. Nesse sentido é que se pode afirmar que as mais diversas manifestações artísticas, guardadas suas especificidades, permitem-se dialogicidades múltiplas consubstanciadas em proximidades e diferenças. Aproximam-se pelo fato de que, dentre outros, todas elas têm o estético como primeira plana. Este é o dínamo de seus fazeres. Move-as o belo como fator e resultado de uma expressão que, sem obliterar a realidade, constrói – e com ela simultaneamente se constrói – uma linguagem elevada à categoria do inusitado, do singular, em que a ética e a moral se estabelecem sob o primado do estético. O olhar arguto do artista faz-se pelo viés da percepção desautomatizada. Suas inquietações e inconformismos, instigados por fina sensibilidade e visão crítica do mundo em que se inserem, fazem-no criar a obra de arte, cuja dimensão poética não se alinha com este seu universo e tampouco dele se desaliena. Ao contrário, configura-se como uma realidade, cuja beleza consiste na confluência da capacidade de emocionar, sensibilizar, ao mesmo tempo em que confronta. Este procedimento, reitere-se, é particular e comum a todas as artes. E sua comparação, tomando cada uma com sua forma e linguagem, pode conduzir à consecução de realidades e visões daí resultantes, mas com percepções também diferentes. Assim é que suas diferenças, em razão de suas peculiaridades, permitem olhares múltiplos muitas vezes sobre os mesmos temas, possibilitando leituras diversas e pertinentes. Compará-las, confrontá-las, sem dúvida, abrem para dimensões de sentido, ampliando o campo de análise, interpretação e compreensão da realidade. A esse respeito, em sua clássica *Obra Aberta*, Umberto Eco diz que "Das estruturas que se movem até aquelas em que nós nos movemos, as poéticas contemporâneas nos propõem uma gama de formas que apelam à mobilidade das perspectivas, à multíplice variedade das interpretações. Mas vimos também que nenhuma obra de arte é realmente "fechada", pois cada uma delas congloba, em sua definitude exterior, uma infinidade de leituras possíveis. " (Eco, 1969). Portanto, é pautando-se nessas reflexões que este simpósio se propõe a dar continuidade a um trabalho de pesquisa iniciado em 2008 quando da sua primeira proposição ao congresso da Abralic realizado na USP e os seguintes: 2010 (Curitiba), 2013 (Campina Grande), 2015 (Belém), 2016/2017 na Uerj e 2018 em Uberlândia, cujos resultados podem ser observados em publicações, troca de experiências e participação de pesquisadores em grupos de pesquisa em diversos centros acadêmicos, enriquecendo a amplitude do conhecimento da Literatura Comparada.

Referências:

BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte. São Paulo*: Ática, 1985.
BRASIL, Assis. *Cinema e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
ECO, Umberto. *Obra Aberta: Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. Tradução Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, p. 67, 1969.
_____. *A Definição da Arte*. Tradução José Mendes Ferreira. Rio de Janeiro: Elfos Ed., Lisboa: Edições 70, 1995.
DORIA, Gustavo Alberto Accioli. *Moderno teatro brasileiro: crônica de suas raízes*. São Paulo: Serviço Nacional do Teatro, 1975.

GONÇALVES, Aguinaldo José. *Transição & Permanência. Miró / João Cabral: Da Tela ao Texto*. São Paulo: Iluminuras, 1989.
_____. *Laokoon Revisitado*: *Relações Homológicas entre Texto e Imagem*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
_____. *Signos (em) cena: ensaios – variações acerca de modulação no trabalho de arte: fragmentos críticos.* Cotia – SP: Ateliê Editorial, 2010.
OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. *Literatura e Música: modulações pós-coloniais*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
OLIVEIRA, Valdevino Soares de. *Poesia e Pintura – Um Diálogo em Três Dimensões*. São Paulo: UNESP, 1999.
TINHORÃO, José Ramos. *Música popular: um tema em debate*. São Paulo: Editora 34, 1997.
TATIT, Luiz. *Análise semiótica através das letras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
TODOROV, Tzvetan. *A Beleza Salvará o Mundo: Wilde, Rilke e Tsvetaeva: os aventureiros do absoluto*. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.
WISNIK, José Miguel. *Sem receita: ensaios e canções*. São Paulo: Publifolha, 2004.
_____. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

59 - LITERATURA E OUTRAS MÍDIAS: PROCESSOS E ESTRUTURAS DAS RELAÇÕES

Coordenação: Dra Aurora Gedra Ruiz Alvarez (UPM); Dra Cristine Fickelscherer de Mattos (UPM); Dra Daniella de Aguiar (UFU)

Resumo: Em *Comparative Literature: Method and Perspective*, de 1961, Henry Remak defende além do cruzamento de fronteiras entre literatura e filosofia, história, ou ciências sociais, também as relações entre as diferentes manifestações da expressão literária, bem como entre a literatura e as artes em geral. Desde então, este último diálogo tem se mostrado cada vez mais produtivo, principalmente com o advento das novas tecnologias, que geraram novas mídias ou renovaram as mídias da tradição, vitalizando esses cruzamentos e ressaltando sua presença. Nesta senda de pesquisa, surgiram os Estudos da Intermidialidade, liderados por nomes representativos dessa área como, Claus Clüver, W. J. P. Mitchell, Liliane Louvel, Jürgen H. Müller, Irina Rajewsky, Lars Elleström e muitos outros. Intermidialidade é uma noção que se refere a todos os tipos de relação entre duas ou mais mídias, duas ou mais artes, mídias e artes. Este fenômeno relacional ocorre em todas as culturas e épocas, tanto em atividades do cotidiano como em atividades especializadas; não está restrito à arte erudita ou à incorporação das novas mídias digitais e, portanto, exemplos são encontrados em diversos contextos, desde práticas indígenas e ancestrais, até formas de comunicação do dia a dia. Os problemas mais persistentes dos Estudos de Intermidialidade envolvem as formas de relação entre as artes e as mídias, e a própria definição de mídia. Diversos autores propuseram tipologias e classificações para descrever as possíveis relações entre duas ou mais mídias. Nota-se que as práticas artísticas contemporâneas alargam e/ou dissolvem frequentemente as fronteiras entre artes e mídias e podem, em assim fazendo, ampliar o conceito de mídia bem como de intermidialidade. Deste modo, há uma importante relação de retroalimentação entre o desenvolvimento conceitual e a criação

artística. Dentro deste escopo, este simpósio se abre aos interessados em contribuir com os estudos comparados entre a literatura e as diversas mídias que com ela dialoguem, apreciando perspectivas conceituais acerca dessa relação, processos intermidiáticos nela instalados ou diferentes possibilidades de leitura oferecidas pelas várias soluções estéticas criadas por diferentes autores nessas interações, como nas adaptações, por exemplo, ou em variadas formas de inscrição de referências intermidiáticas estabelecidas nesses cruzamentos de fronteiras.

Referências:

AGUIAR, Daniella & QUEIROZ, João (orgs.) **Tradução, transposição e adaptação intersemióticas.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2016.

ARBEX, Marcia (Org.). **Poéticas do visível**: ensaios sobre a escrita e a imagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation**. Understanding New Media, Cambridge, MA; London: MIT Press, 2000.

CLÜVER, Claus. Estudos Interartes: conceitos, termos objetivos. **Literatura e Sociedade 2:** Revista de teoria literária e literatura comparada, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 37-55, 1997.

_____. Intertextus/Inter artes/Inter media. **Aletria**: Revista de Estudos de Literatura, UFMG/FALE, Belo Horizonte, n. 14, p. 9-39, jul./dez. 2006.

CORSEUIL, Anelise R.; CAUGHIE, John (Org.). **Palco, tela e página**. Florianópolis: Insular, 2000.

DINIZ, Thaïs F. N. (Org.). **Intermidialidade e estudos interartes**: desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

DINIZ, Thaïs F. N. & VIEIRA, André Soares (Org.). **Intermidialidade e estudos interartes**: desafios da arte contemporânea, vol. 2. Belo Horizonte: Rona Editora: FALE/UFMG, 2012.

ELLESTRÖM, Lars. **Media Borders, Multimodality and Intermediality**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

_____. **Media Transformation**: the Transfer of Media Characteristics among Media. Houndmills: Palgrave Macmillan, 2014.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Extratos traduzidos do francês por Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Cadernos do Departamento de Letras Vernáculas. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Letras, 2005. 99 p.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução de André Cechinel. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

MITCHELL, W. J. T. **Picture theory**: essays on verbal and visual representation. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.

MOSER, Walter. As relações entre as artes: por uma arqueologia da intermidialidade. **Aletria**: Revista de Estudos de Literatura, FALE/UFMG, Belo Horizonte, n. 14, p. 40-63, jul./dez. 2006.

OLIVERIA, Solange Ribeiro de. **Perdida entre signos**: literatura, artes e mídias, hoje. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012.

PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

RAJEWSKY, Irina O. Intermidialidade, intertextualidade e "remediação": uma perspectiva literária sobre a intermidialidade. Tradução de Thaïs F. N. Diniz e Eliana

Lourenço de Lima Reis. In: DINIZ, Thaïs F. N. (Org.). **Intermidialidade e estudos interartes**: desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.
_____. Potential Potentials of Transmediality: the Media Blindness of (Classical) Narratology and its Implications for Transmedial Approaches. In: TORO, Alfonso 210 de. **Translatio**. Transmédialité et transculturalité en littérature, peinture, photographie et au cinema. Paris: L'Harmattan, 2013. p. 17-36.
REICHMANN, Brunilda (Org.). **Assim transitam os textos**: ensaios sobre intermidialidade. Curitiba: Editora Appris, 2016.
STALLKNECHT, Newton & FRENZ, Horst (orgs), **Comparative Literature**: Method and Perspective. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1961.

60 – LITERATURA E RELIGIOSIDADE

Coordenação: Dr. João Leonel (Universidade Presbiteriana Mackenzie); Dr. Marcos Aparecido Lopes (UNICAMP); Dr. Alex Villas Boas (PUC/PR)

Resumo: No Ocidente contemporâneo, a religião é um fenômeno que suscita debates acalorados por sua expansão e diversidade nas principais esferas da vida social. Sensíveis ao impacto moral, político e, mais precisamente, às formas de produção da subjetividade moderna e das identidades pessoais e coletivas, as áreas de humanidades (a antropologia, a sociologia, a história em seus diversos matizes, a psicologia, além da própria ciência da religião) fazem da religiosidade um dos seus focos de pesquisa, construindo no ambiente acadêmico certa acumulação crítica, que se traduz na constância de alguns núcleos temáticos e na estabilidade de um aparato conceitual para a análise do fenômeno.
No século XX, com a suposta autonomia de um campo específico dos estudos literários, alguns críticos e intelectuais se dedicaram à compreensão do fenômeno religioso na sua interface com os diversos gêneros literários. Mas, em geral, a regra tem sido um silêncio obsequioso ou, paradoxalmente, uma tolerância à diferença sem a pesquisa vigorosa do que é irredutível e comum aos dois "objetos". No entanto, é fato que a religião e suas expressões ocupam espaço relevante, tanto na literatura mundial, quanto nas literaturas de língua portuguesa. As raízes da própria ideia de literatura, como a conhecemos hoje, se encontram interligadas com o sagrado e a religiosidade. Assim, a mélica e a épica gregas, por exemplo, não podem ser plenamente compreendidas, se não considerarmos suas relações com o imaginário religioso em seus contextos originais de produção. Momentos importantes da história da literatura ocidental estabelecem conexões com a religiosidade: os poemas barrocos de Quevedo e Góngora, o teatro de Shakespeare, Os Lusíadas, de Camões, a prosa de James Joyce, ou os contos de Jorge Luis Borges são alguns dos exemplos possíveis dessa relação instigante. No caso específico da literatura brasileira, é possível percebermos o diálogo fecundo entre poesia, representação ficcional e religiosidade, que já se inicia entre nós, por exemplo, nas práticas letradas de um José de Anchieta e Gregório de Matos, perpassa o arcadismo, romantismo e a obra de Machado de Assis. Ao longo dos séculos XX e XXI, a literatura brasileira continuará esse diálogo nas obras de escritores como Jorge de Lima, Augusto Frederico Schmidt, Cecília Meireles, João Guimarães Rosa, Jorge Amado, Ariano Suassuna, Milton Hatoum, Adélia Prado, Hilda Hilst, Conceição Evaristo, entre tantos outros que poderiam ser citados.

Considerando o desafio teórico e crítico para a constituição de um campo interdisciplinar nas relações entre literatura e religião, este Simpósio discutirá as seguintes questões: (1) de que modo se manifesta a experiência religiosa nas obras literárias; (2) como se estabelecem as relações intertextuais entre poesia, romance e textos religiosos; (3) em que medida as manifestações poéticas do sagrado são uma reserva semântica para a crítica à modernidade; (4) as políticas de identidade, que discutem raça e gênero, estabelecem que pactos hermenêuticos com a religião e a literatura, e, por fim, (5) qual o estatuto da memória em textos religiosos e literários. A abordagem proposta não se inscreve diretamente nas áreas de estudos que tratam da religião, seja a teologia ou as ciências da religião, uma vez que elege o tema da religiosidade e investiga sua presença na literatura a partir de teorias e análises próprias ao campo. Todavia, o alcance crítico e especulativo desse campo se amplia e se consolida no diálogo vigoroso com as humanidades.

Referências

ALTER, Robert. A arte da narrativa bíblica. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
_____; KERMODE, Frank. Guia literário da Bíblia. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
ARMSTRONG, Karen. A Bíblia: uma biografia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
_____. Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. São Paulo: Cia. de Bolso, 2009.
_____. Uma história de Deus. São Paulo: Cia. de Bolso, 2008.
BLOOM, Harold. Abaixo as verdades sagradas: poesia e crença desde a Bíblia até nossos dias. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.
CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. São Paulo: Publifolha, 2000 (Grandes nomes do pensamento brasileiro).
EAGLETON, Terry. Como ler literatura: um convite. Porto Alegre: L&PM, 2017. Ebook.
_____. Teoria da literatura: uma introdução. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
ELIOT, T. S. Religion and Literature. In: KERMODE, Frank (Ed.). Selected Prose of T. S. Eliot. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1975. p. 97-106.
Espírito da letra, o: temas de literatura e teologia. Religião & Cultura. Departamento de Teologia e Ciências da Religião – PUC/SP, v. III, n. 6, jul/dez, 2004.
FERRAZ, Salma. As faces de Deus na obra de um ateu. 2. ed. rev. e ampl. Blumenau, SC: Edifurb, 2012.
FRYE, Northrop. O código dos códigos: a Bíblia e a literatura. São Paulo: Boitempo, 2004.
JASPER, David. The Study of Literature and Religion: An Introduction. 2nd. Ed.Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2009.
KNIGHT, Mark; MASON, Emma. Nineteenth-Century Religion and Literature: An Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2006.
_____; LEE, Louise (Eds.). Religion, Literature and the Imagination: Sacred Worlds. London: Continuum, 2009.
KORT, Wesley A. “Religion and Literature” in Postmodernist Contexts. Journal of the American Academy of Religion, Oxford University Press, v. LVIII, n. 4, p. 575-588, 1990.
KUSCHEL, Karl-Josef. Os escritores e as escrituras: retratos teológico-literários. São Paulo: Loyola, 1999.

LEONEL, João. Religião e linguagem literária: contribuições da literatura para a interpretação de textos religiosos. Reflexão, Puccamp, v. 41, p. 47-59, 2016.
LOPES, Marcos Aparecido. Da poesia como exercício espiritual. Forma breve (Universidade do Aveiro, Portugal), v. 1, p. 133-146, 2014.
_____. A santidade do poema: ascese da forma, metamorfose dos símbolos em Orides Fontela. Teografias, v. 03, p. 185-198, 2013.
MAGALHÃES, A. Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2000.
MALANGA, Eliana Branco. A Bíblia Hebraica como obra aberta: uma proposta interdisciplinar para uma semiologia bíblica. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2005.
MILES, Jack. Deus: uma biografia. São Paulo: Cia. de Bolso, 2009.
MORI, Geraldo Luiz de; SANTOS, Luciano Costa; CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro (Orgs.). Aragem do sagrado: Deus na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Ed. Loyola, 2011.
NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares. São Paulo: Paulus, 2015.
PAZ, Octavio. O arco e a lira. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
PERRONE-MOISÉS, Leila. Mutações da literatura no século XXI. São Paulo: Cia. das Letras, 2016.
QUEIROZ, Maria Eli de. Machado de Assis e a religião. Considerações acerca da alma machadiana. Aparecida (SP): Ideias e Letras, 2008.
VILLAS BOAS, Alex; SILVA CAMPOS, Darlene Aparecida. Patativa do Assaré: Teologia e Literatura Latino Americana à maneira do Povo. Teoliterária: revista brasileira de literaturas e teologias, v. 7, p. 53-87, 2017.
_____. Teologia em diálogo com a literatura: origem e tarefa poética da teologia. São Paulo: Paulus, 2016.
WOOD, James. Como funciona a ficção. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
ZABATIERO, Júlio P. T.; LEONEL, João. Bíblia, literatura e linguagem. São Paulo: Paulus, 2011.

61 - LITERATURA E TESTEMUNHO: TEORIAS, LIMITES, EXEMPLOS

Coordenação: Prof. Dr. Marcelo Ferraz de Paula (UFG); Prof. Dr. Marcelo Paiva de Souza (UFPR); Prof. Dr. Wilberth Salgueiro (UFES)

Resumo: Contemporaneamente, a noção de testemunho vincula-se à chamada “literatura do Holocausto”, como a narrativa de Primo Levi e a poesia de Paul Celan, por exemplo, mas também à literatura eslava – polonesa e russa, em especial – sobre o Gulag, como as obras de Gustaw Herling-Grudziński e Varlam Chalamov, entre outros (cujo antecedente histórico mais próximo é constituído pelas obras literárias oitocentistas versando sobre as penas dos condenados à Sibéria). Na América Latina, destaca-se um amplo e variado conjunto de textos votados à memória e à denúncia de fatos reveladores do viés autoritário, discriminatório e excludente de nossas sociedades, abrangendo desde Graciliano Ramos e Rigoberta Menchú a Ferréz, desde Miguel Barnet e Paulo Lins aos Racionais MC’s. A proposta do simpósio é estudar as relações entre literatura e testemunho, a partir de alguns traços e textos que caracterizam este “gênero”, como, por exemplo: registro em primeira pessoa; compromisso com a verdade e a lembrança; desejo de justiça; vontade de resistência; valor ético sobre o valor estético;

representação de um evento coletivo; forte presença do trauma; sintomas de ressentimento; vínculo estreito com a história; condição de minoridade etc. A ideia é, portanto, "manter um conceito aberto da noção de testemunha: não só aquele que viveu um 'martírio' pode testemunhar" (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 48), entendendo, assim, que "testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro" (GAGNEBIN, 2006, p. 57). Pensar o que há de testemunho na literatura significa, a um só tempo, pensar as intrincadíssimas teias entre verdade e ficção, entre ética e estética, entre história e forma. Percebe-se que a avassaladora existência da "literatura de testemunho", na sua salutar diversidade conceitual, promove um inevitável abalo na noção de cânone e de valor literário, além de alterar o quadro dos agentes ou produtores de literatura: textos e registros de presos, torturados, crianças de rua, favelados, empregados domésticos, prostitutas, sem-teto, povos tradicionais, enfim, todo um grupo "subalternizado" que agora depõe e se expõe não só em nome próprio, mas também em nome de muitos. Nesse sentido, é preciso destacar que "o estudo do testemunho articula estética e ética como campos indissociáveis de pensamento. O problema do valor do texto, da relevância da escrita, não se insere em um campo de autonomia da arte, mas é lançado no âmbito abrangente da discussão de direitos civis, em que a escrita é vista como enunciação posicionada em um campo social marcado por conflitos, em que a imagem da alteridade pode ser constantemente colocada em questão" (GINZBURG, 2012, p. 52). Seja na versão iniludivelmente dramática da experiência da Shoah e de outros genocídios, que geraram um conjunto de textos rubricados como "literatura de testemunho", seja na versão lírica ou romanesca por vezes mais "suavizada" da experiência cotidiana da violência no Brasil e no mundo, temos um elemento absurdamente comum: a ação do homem contra o homem. O Simpósio pretende reunir, em suma, pesquisadores e interessados na problemática do testemunho e suas relações com o literário, apresentando [a] estudos teóricos que discutam os limites e as confluências entre estes discursos (o literário, tradicionalmente ligado à estética; e o testemunho, produzido a partir de um propósito ético) e mormente [b] estudos que analisem obras específicas que exemplifiquem tais relações – quer obras já consagradas nesta perspectiva do testemunho, quer obras menos conhecidas ou mesmo não analisadas à luz do paradigma testemunhal. No XII Congresso Internacional da Abralic, ocorrido em 2011 em Curitiba, este Simpósio teve uma primeira edição; no XIII Congresso, em 2013, em Campina Grande, ocorreu uma segunda edição; em 2015, em Belém, a terceira; em 2017, no Rio de Janeiro, a quarta edição; em Uberlândia, em 2018, houve o quinto encontro de estudiosos. Nestes encontros, além de questões eminentemente teóricas, o debate envolveu nomes como Alan Pauls, Aleksander Henryk Laks & Tova Sender, Alex Polari, Ana Maria Gonçalves, Art Spiegelman, Ayaan Hirsi Ali, Bernardo Élis, Bernardo Kucinski, Boris Schnaiderman, Cacaso, Caio Fernando Abreu, Carlo Levi, Carlos Drummond de Andrade, Carolina Maria de Jesus, Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Charlotte Delbo, Chico Buarque, Czesław Miłosz, Davi Kopenawa & Bruce Albert, Eduardo Galeano, Ferréz, Deborah K. Goldemberg, Eduardo Galeano, Eliane Potiguara, Elie Wiesel, Elisa Lucinda, Ferréz, Gonçalo M. Tavares, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Igor Mendes, João Antônio, Júlio César Monteiro Martins, Kaka Werá Jecupé , Lara de Lemos, Lídia Tchukóvskaia, Lima Barreto, Luis Fernando Verissimo, Luiz Alberto Mendes, Mario Benedetti, Miron Białoszewski, Paulo Ferraz, Paulo Leminski,

Paulo Lins, Pedro Tierra, Pierre Seel, Primo Levi, Racionais MC's, Reinaldo Arenas, Renato Tapajós, Ricardo Aleixo, Ricardo Piglia, Roberto Bolaño, Ruth Klüger, Sérgio Sampaio, Sérgio Vaz, Stefan Otwinowski, Svetlana Aleksiévitch , Tadeus Różewicz, Tereza Albues, Ungulani Ba Ka, Władysław Szlengel e W. G. Sebald. A ideia é estender o debate, seja em relação a estes nomes, como, naturalmente, incorporar outros autores e textos em que o problema da literatura e do testemunho se deixe perquirir.

Referências:

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006, p. 49-57.

GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. *Crítica em tempos de violência*. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2012, p. 52.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 45-58.

62 - LITERATURA E TRADUÇÃO DO SÉCULO DE OURO ESPANHOL: POESIA, PROSA E TEATRO

Coordenação: Prof(a). Dr(a). Andréa Cesco (UFSC); Prof. Dr. Miguel Ángel Zamorano (UFRJ); Prof. Dr. Wagner Monteiro Pereira (UFPR/ USP)

Resumo: A literatura espanhola dos séculos XVI e XVII, também denominados Século de Ouro, é o objeto de estudo de diversos grupos de pesquisa no Brasil. Entre eles, muitos se detêm na problemática implicada na tradução de textos literários desse período, como o Núcleo Quevedo (UFSC) e o grupo Estudos e Traduções de Teatro Espanhol (UFRJ). A complexidade do fazer tradutório não é novidade. Já no Século XVI, Frei Luis de León e Juan Luis Vives sinalizavam-se partidários de uma tradução literal, o que se enquadra no *éthos* quinhentista espanhol, que teve como base a *Doctrina de la Imitatio auctoris*, marcada pelos ideais de imitação a autores clássicos para alcançar a "perfeição" poética. Em outras palavras, a tese central era a de que nada maior que Homero e Virgílio – entre outros clássicos – o que fazia com que tentar superá-los fosse inútil e se mostrasse soberbo e bárbaro ao mesmo tempo. Como destaca John Milton (2010), na Renascença, o tradutor era visto de forma inferior – até mesmo como um simples servo – ao autor da obra original, ao ponto de Lope de Vega alcunhar os tradutores como "contrabandistas de cavalos". É apenas no século XX que surgem teorias que pensam a tradução de forma menos empírica e em relação com diferentes áreas. Nesse sentido, tem papel fundamental o texto de Walter Benjamin, *A tarefa do tradutor* (2008), cuja ideia central é a de que na tradução de uma obra poética deve-se privilegiar a forma significante em detrimento da simples transmissão do conteúdo da língua original para a traduzida. O texto de Walter Benjamin funcionou como um ponto de partida para diversas discussões sobre a prática tradutória no século XX. Haroldo de Campos, em *Da transcriação*: *poética e semiótica da operação tradutora* (2011), atentou para a complexidade que uma tradução poética implica e relaciona a língua pura de Benjamin com um lugar semiótico da poesia. Tal dificuldade fez com que linguistas como Roman Jakobson (1975) verificassem a impossibilidade de uma dominação total e absoluta sobre essa linguagem poética, o que acarretaria a impossibilidade de sua tradução. Só restaria ao "tradutor" seu papel de levar a cabo uma transposição criativa,

que se metamorfosearia, na teoria de Haroldo, naquilo que o teórico denomina "transcriação". Na direção oposta de se propor uma arqueologia, dever-se-á incluir um novo poema em um novo tempo e espaço, para alcançar o que Eugene Nida e Charles Taber (1970) denominam tradução por equivalência dinâmica, muito mais focada nos efeitos do texto traduzido e adaptada ao novo leitor no âmbito de sua comunidade linguística. Paulo Henriques Britto, em *A tradução literária* (2012), afirma que um texto considerado difícil e estranho em sua cultura de origem deve ser traduzido no sentido de provocar as mesmas reações de estranhamento nos leitores da cultura de chegada, pois, para ele, quando traduzimos textos poéticos devemos, sem dúvida, considerar muito mais o som do que o sentido, e ainda o número de sílabas, seus acentos, a posição de vogais e consoantes nas palavras, e até mesmo a aparência do texto (como os versos são construídos quanto à forma), pois são estes elementos que produzem o tão almejado efeito estético; não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, sua iconicidade. Tal ideia também se alinha à óptica derridiana de sobrevida do texto poético, que dialeticamente o considera traduzível e intraduzível. Em síntese, para Derrida (2005, p. 105), o texto traduzido surge como uma espécie de *revenant*, um espectro localizado dentro de um "aqui-e-agora", um novo *éthos* que confirma dois pontos cruciais na visão do filósofo francês: a alteridade – "tout autre est tout autre" e a liberdade criadora que efetiva o caráter inventivo do poeta-tradutor. A tradução deve ser considerada a partir de suas múltiplas formas e interligações. Significa olhar não mais para aquele lugar que está apenas entre dois polos, mas sim para caminhos da diferença, do divergente, do desviante. Em diálogo com a língua pura de Benjamin (2008), Derrida afirma que o tradutor busca tocar o intocável, mas tal estado de perfeição acaba por nunca ser alcançado. Isto posto, a literatura barroca apresenta uma dificuldade ainda maior por apresentar uma linguagem múltipla, sintetizada pela ideia de "dobra", de Deleuze (2005). Portanto, esse simpósio pretende estabelecer diálogos entre pesquisadores cujo objeto de pesquisa é a literatura do Século de Ouro espanhol e a relação que esta mantém com o fazer tradutório. São pertinentes tanto trabalhos teóricos sobre teoria da tradução, como exemplos práticos de traduções de textos espanhóis dos séculos XVI e XVII.

Referências:

BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor*. Belo Horizonte: UFMG, 2008

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Copiart: Florianópolis, 2013

BRITTO, Paulo Henriques. *A Tradução Literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012

CAMPOS, Haroldo de. *Da transcriação poética*: poética e semiótica da operação tradutora. Belo Horizonte: UFMG, 2011

DELEUZE, Gilles. A dobra. Leibnz e o Barroco. São Paulo: Papirus, 2005

DERRIDA, Jacques. *Sovereigneities in question*: the poetics of Paul Celan. Nova York: Fordham University Press, 2005

GARZELLI, Beatrice. *Traducir el Siglo de Oro*: Quevedo y sus contemporáneos. Nova York: Idea, 2008

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Perspectiva, 1975

MILTON, John. *Tradução*: teoria e prática. São Paulo: Martins Fontes, 2010

NIDA, Eugene; TABER, Charles. *The theory and practice of translation*. Leiden: Brill, 1970
PAVIS, Patrice. "Para uma especificidade da tradução teatral: a tradução intergestual e intercultural" em *O teatro no cruzamento de culturas*. São Paulo: Perspectiva, 2008

63 - LITERATURA, CINEMA, TEATRO: TRAMAS, MEMÓRIAS E SENTIDOS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Coordenação: Anna Paula Soares Lemos (Unigranrio); Barbara Simões Daibert (UFJF); Vanessa Cianconi (UERJ)

Resumo: O conjunto de imagens, o ritmo, o contexto, os tons, o sentido, entram em jogo quando se fala de fazer a travessia dos signos de um idioma a outro, de um código a outro, de um ponto de partida (referente) a sua transcriação. As práticas de linguagem tematizam e instituem questões identitárias. Saberes, memórias, críticas e limites de expressão se colocam em questão quando o movimento de tradução de linguagens entra em cena.

O tradutor Paulo Bezerra, no artigo *Tradução como criação* compara o movimento de traduzir com o ritmo do adágio, um ritmo gradativo e lento de entrar em contato com outros valores culturais, outra percepção, outra literatura e outra oralidade para depois retornar a si mesmo e interpretar, recriar o ritmo da obra entendida em seu contexto referente. Como no adágio, é preciso estabelecer uma sequência de passos e de posições complexas em um ritmo lento, como que a primeira parte de um pas de deux clássico, para que o resultado final não gere entendimentos equivocados que podem ser perpetuados na história justamente por uma busca de literalidade que leva em conta apenas a palavra como referente.

Segundo Paulo Henriques Britto, a tradução – e seus limites para a utilização deste conceito – pode ser no seu caminho de travessia estrangeirizadora ou domesticadora.

> A tradução domesticadora visa facilitar o trabalho do leitor, modificando tudo aquilo que lhe poderia causar estranheza, aproximando o texto do universo linguístico e cultural que já lhe é familiar. A estratégia estrangeirizadora faz o contrário: ela mantém muitas das características originais do texto – referências nada óbvias para o leitor da tradução, recursos estilísticos desconhecidos na cultura-alvo, até mesmo alguns elementos do idioma-fonte – com o intuito de aproximar o leitor do universo linguístico e cultural da obra original. (BRITTO, 2012: p. 21).

Tanto uma como outra forma de lidar com a linguagem estabelece uma operação com sentidos e não com significados, que deve afastar a ilusão da literalidade, uma literalidade impossível de ser atingida salvo pelo jogo da poesia.

Como não se traduz uma língua, mas sim uma linguagem, que é "o mundo do sentido", nos termos de Octavio Paz, o suporte material constitui-se como um aspecto essencial à compreensão das narrativas.

> O mundo do homem é o mundo do sentido. Tolera a ambigüidade, a contradição, a loucura ou a confusão, não a carência de sentido. O próprio silêncio está povoado de signos. Assim, a disposição dos edifícios e suas proporções obedecem a uma certa intenção. Não carecem de sentido - pode-se dizer, com mais precisão, o contrário - o impulso vertical do gótico, o equilíbrio tenso do templo grego, a redondeza da estupa budista ou a vegetação exótica que cobre os muros dos santuários de Orissa. Tudo é linguagem. (PAZ, Octavio. O arco e a lira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. P. 25).

Neste sentido, literatura, cinema e teatro mudam suas estruturas textuais - entendendo texto como tecido de linguagens - conforme os suportes que dialogam com suas relações de escrita, leitura e respectivas formas de recepção.

Desse modo, não nos ateremos apenas a análises semântico-narrativas e, sim, trataremos das tramas, memórias e sentidos no mundo contemporâneo que podem gerar a crise do espectador e abrir espaço para a chegada de um "visitante" que engaja seu corpo de observador em performance e exercício livre de suas capacidades e potenciais. Abrangeremos então o texto literário, o roteiro e a criação cinematográficos, o texto teatral, sua divulgação e sua apresentação, a adaptação e roteirização para televisão ou cinema, as traduções e transcriações, o uso do corpo na linguagem teatral, além das perspectivas da memória e de suas relações.
Para Antonio Negri, por exemplo, quando se fala de memória não há mais o lado de fora, nem o nostálgico, nem o mítico, nem alguma urgência para a razão nos desengajar da *espectrabilidade* do real. Não há mais nem lugar, nem tempo – e este é o real. A invocação do fantasma como memória, capaz de expressar a persistência do passado no presente, está nessa nova *espectrabilidade* ao alcance de uma ilusão real. Somente o 'Unheimlich' de Freud permanece na ilusão que estamos inseridos.
Este simpósio temático, em resumo, tem como propósito reunir estudos que coloquem no centro de sua reflexão os aspectos materiais e imateriais envolvidos na relação Literatura, Cinema e Teatro com a chegada da contemporaneidade.

64 - LITERATURA, CULTURA E IDENTIDADE NA/DA AMAZÔNIA: CIRCULAÇÃO, TRAMAS E SENTIDOS NA LITERATURA
Coordenação: Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões – UFPA (Coordenadora Geral em 2019); Roberto Mibielli - UFRR (Coordenador Geral em 2017); Luciana Marino do Nascimento – UFAC/UFRJ (Coordenadora Geral em 2018)

Resumo: Este simpósio Literatura, Cultura e Identidade na/da Amazônia, tem se repetido ao longo dos últimos 10 anos de Abralic, dele, muita discussão produtiva, três livros e vários artigos nos anais do evento resultaram. O primeiro livro, *Nós da Amazônia: Literatura, Cultura e Identidade na/da Amazônia*, foi lançado em 2014. O segundo, *Traços e Laços da Amazônia*, foi lançado também pela Letra capital em 2016, o terceiro, homônimo ao simpósio, em formato digital, organizado a partir das discussões tanto de 2016 quanto de 2017, foi publicado em 2018. A cada ano temos

visto crescer a quantidade de trabalhos sobre a região, ao mesmo tempo em que vemos também crescer a ignorância sobre ela.

É bem verdade que boa parte do conhecimento sobre esta Região ainda está por ser construído. A diversidade de fronteiras e de culturas, dentro e fora das comunidades indígenas locais, é um dos elementos que merece destaque. Tanto é que muitas pessoas que imaginam ser este um espaço privilegiado em termos naturais – e mesmo humanos, como as existentes entre as comunidades indígenas, de seringueiros e garimpeiros, por exemplo – não percebem que esta diversidade abrange as culturas urbanas. Não sabem, também, que há universidades, pesquisa, tecnologias em desenvolvimento neste meio/lugar. A imagem que prevalece, via de regra, é a de um "lugar periférico", subdesenvolvido ao extremo ("primitivo", para alguns), fechado em seus limites regionais, pobre, tomado pela floresta, em que há grande diversidade de culturas indígenas e pouca *intelligentzia*.

No Brasil, em especial, este imaginário (a que chamaremos senso comum) construiu e mantém a equivocada ideia de que além de una, enquanto região, a Amazônia é brasileira. Este fenômeno é mais visível quando observamos os *spans* e *fakenews* que circulam na internet e que alimentam, à custa de mentes menos esclarecidas, a paranoia de que querem tomar-nos a Amazônia e internacionalizá-la. Mas além de abranger vastas áreas urbanas, como Belém e Manaus (ambas com população acima de um milhão de habitantes cada), a Amazônia já é internacional. Basta verificar a existência das outras amazônias fronteiriças: a venezuelana, a boliviana, a colombiana, a peruana, a equatoriana...

O simpósio que propomos não pretende dar conta de toda esta diversidade cultural, mas abrigá-la. Pretende contrastá-la, compará-la, tanto interna, quanto externamente, questionando as fronteiras e limites de sua regionalidade/universalidade, além de mostrar uma fatia desta construção/invenção em seus múltiplos aspectos. Ao abrigarmos trabalhos de temática Amazônica, pretendemos exercer a comparação tanto no que concerne aos objetos abordados em cada trabalho, na sua relação com o cânone central, quanto na relação entre seus centros, como também nas relações constituídas entre centros, margens e periferias, dentro e fora do âmbito amazônico, propondo sempre o necessário debate entre seus autores/pesquisadores.

Nesse sentido, este simpósio objetiva a discussão acerca dos limites, das confluências linguísticas e culturais da/na Amazônia, nas perspectivas da Teoria da Literatura, dos Estudos Culturais e da História (e áreas afins), deslocando-se o eixo da análise da cultura, desfazendo ideias já constituídas, com vistas a tornar possível o debate em torno das identidades híbridas, de uma compreensão delas frente às estruturas globais e às novas configurações do lugar do periférico, das fronteiras e das culturas, das migrações e a construção diaspórica que se apresenta nesses contextos, bem como, da circulação, tramas e sentidos da Literatura neste universo.

Nosso simpósio pretende privilegiar questões relativas à literatura (sua teorização, suas possibilidades, suas categorias, o modo como se apresentam ao leitor os narradores, o que propõem como narrativa, que tipo de intervenção pedagógica é feita a partir do objeto literário, por exemplo); privilegiar a estética de contos, fábulas e mitos da literatura latino-americana, de origem oral ou escrita. Também é nosso objeto de investigação a identificação e interpretação de certo discurso identitário, a partir do estudo comparado de textos literários diversos, enfocando questões culturais

específicas, quase sempre oriundas ou emanadas, da produção literária/mitológica amazônica, de sua circulação, tramas e sentidos.
Visa-se, deste modo, a compreensão das representações do ser amazônida, quer no habitat, quer longe dele, em seus anseios locais/universais, seja através da leitura das diversas relações de confronto entre a textualidade amazônica e a produção cultural na América Latina, ou do levantamento crítico da(s) identidade(s) plasmada(s) na produção literária da Região. Neste sentido, reunir-se-ão, inicialmente, professores pesquisadores das IFES de Roraima e do Acre, bem como, vêm se somando a esses, nos últimos dez anos de reuniões nacionais e internacionais da ABRALIC, pesquisadores dos demais estados amazônicos, bem como de outras paragens, interessados em temas e textos literários oriundos desta, ou sobre a Região.
Palavras-chave: Literatura; Amazônia; Cultura e Identidade; Literatura da/na Amazônia.

65 - LITERATURAS EM ABISMO: A PERSPECTIVA INTERSEMIÓTICA EM DEBATE
Coordenação: Prof. Dr. Fernando de Mendonça (UFS); Profª Drª Maria do Carmo de Siqueira Nino (UFPE)

Resumo: Retomando discussões iniciadas em edições anteriores da ABRALIC, este simpósio se organiza como um espaço para o debate de reflexões críticas voltadas à relação da literatura com as outras artes (cinema, fotografia, música, pintura, teatro, etc.), baseando-se numa perspectiva de análise intersemiótica e tendo como propósito ampliar e aprofundar os estudos advindos deste ramo da literatura comparada. Adotar a Intersemiose como postura de observação, continua sendo uma oportunidade para discutir as experiências literárias nas textualidades contemporâneas, notadamente marcadas pelo diálogo de linguagens e a hibridez de formas e mídias. Com o objetivo de melhor delimitar este complexo âmbito de pesquisa, multifacetado por natureza, propomos a aplicação do conceito de *mise en abyme* como uma âncora teórica, um denominador e ponto de interseção para as leituras que aqui possam emergir. Advinda de uma técnica romanesca explorada por André Gide, a partir dos últimos anos do séc. XIX, a expressão deriva de um termo que, na heráldica, vem se referir ao ponto em que diversas figuras e formas se relacionam, dentro de escudos e medalhões, compondo *em abismo* o fundo de uma imagem sem, necessariamente, se tocarem. Posteriormente teorizada por Lucien Dällenbach (1977; 1979), que aprofundou o caráter especular e destacou a presença desta ideia de composição narrativa como uma constante passível de identificação, da Antiguidade aos tempos modernos, esta consciência nos surge como um método de investigação para melhor uniformizar o heterogêneo cenário aberto pela relação das artes. Assim, importa não somente verificar a maneira como variadas obras podem se relacionar, mais do que isso, torna-se relevante perceber a influência destas relações no gesto criativo, em si mesmo. Uma obra que se constrói *em abismo*, segundo Dällenbach, vem também se desdobrar numa 'autotextualidade', em outras palavras, numa 'intertextualidade autárquica', passando a depender intrinsecamente do diálogo com outros textos e linguagens para subsistir como forma autônoma e original. Sobreposição de camadas que logo se percebe como um *modus operandi* muito expressivo e recorrente na literatura contemporânea, seja em obras que ultrapassem o verbo escrito para alcançar novos domínios de visualidade e, até mesmo, sonoridade; ou literaturas que vêm encontrar nas tecnologias eletrônicas, na cibernética e na rede

virtual, novos horizontes de possibilidades textuais. O conceito de *mise en abyme*, desde os romances e apontamentos ensaísticos de André Gide, presta-se como instrumento de análise comparatista, pois instaura numa obra a reflexividade direta por outra(s) obra(s), seja através de semelhança ou de contraste. Jogo de reflexos a ser resgatado por Dällenbach, ao definir uma narrativa *em abismo* como obrigatoriamente estruturada por meio de um 'relato espelhado', assim como determina Umberto Eco (1989) em sua teoria de espelhamentos, ampliando o caráter vertiginoso das artes que se alimentam ininterruptamente. Diante disso, o simpósio propõe uma ampla discussão de obras que recorram a caminhos em composição especular, seja no direcionamento de textos que apontem para outros textos (obras dentro de obras), mas especialmente, no caso de linguagens que se voltem para outras linguagens, desafiando a percepção e inovando as estéticas contemporâneas. Acompanhando uma tendência dos estudos mundiais em literatura comparada, como se pode constatar pela recente organização de um periódico internacional da *Università degli Studi di Verona* (2014), integralmente voltado para pesquisas que contemplem a *mise en abyme* como escopo principal de análise crítica, espera-se contribuir aqui para a discussão e divulgação do tema. Diante da alta procura por esta proposta na XIV ABRALIC, a renovação do simpósio visa oportunizar um maior contato entre pesquisadores brasileiros que já se dediquem ao assunto.

Referências:

ANKER, Valentina; DÄLLENBACH, Lucien. A Reflexão especular na pintura e literatura recentes, in **Art Internacional**, vol. XIX/2, fevereiro 1975. (Trad. do original em francês: Maria do Carmo Nino)

Bernardo, Gustavo. O livro da metaficcao. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

DÄLLENBACH, Lucien. Intertexto e autotexto. In: _____; et al. **Intertextualidades**. Tradução de Clara Crabbé Rocha. Coimbra: Almedina, 1979, p. 51-76.

_____. **Le récit spéculaire**: essai sur la mise en abyme. Paris: Editions du Seuil (Poétique), 1977.

ECO, Umberto. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

GIDE, André. **Os moedeiros falsos**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

GOULET, Alain. L'auteur mis en abyme (Valéry et Gide). **Lettres Françaises**: revista da área de Língua e Literatura Francesa, Araraquara/FCL-UNESP/Laboratório Editorial, n. 7, p.39-58, 2006.

MISE EN ABYME: international journal of comparative literature and arts. Verona: Università degli Studi, 2014- . ISSN 2284-3310. Disponível em: <https://journalabyme.wordpress.com/> Acesso em 23 Abr. 2016.

Stam, Robert. A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

_____. Reflexity in film and literature – from D. Quixote to Jean-Luc Godard. New York: Columbia University Press, (1985) 1992.

66 - LITERATURAS, AFRICANIDADES E DESCOLONIZAÇÃO

Coordenação: Dr. Felipe Fanuel Xavier Rodrigues (UERJ); Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira (CEFET-MG); Dr. Paulo Dutra (SFASU)

Resumo: Dando continuidade ao projeto de acolher comunicações dedicadas ao estudo da vida, obra e pensamento de autores e autoras de ascendência africana, cuja imaginação literária provém de vivências da afrodescendência em localidades formalmente descolonizadas, às margens das quais a africanidade constitui *leitmotif* de literaturas que se situam dialeticamente dentro e fora de sistemas literários hegemônicos, apresentamos esta proposta de simpósio. O objetivo é explorar os contornos críticos e teóricos das produções literárias engendradas a partir das histórias, culturas e instituições de pessoas de origem africana, bem como o impacto dessas literaturas em contextos de desigualdades e demandas sociais. Ao declarar o período de 2015-2024 como a Década Internacional dos Afrodescendentes, as Nações Unidas reconheceram a urgência de se colocar na ordem do dia a promoção e proteção dos direitos humanos de um contingente de aproximadamente 200 milhões de pessoas de ascendência africana espalhadas pelo mundo. A discussão dessa pauta acarreta ressonância política e histórica no contexto brasileiro. Apesar de o Brasil gerar a segunda maior população afrodescendente atual, os jovens negros (pretos e pardos) são as principais vítimas de homicídio no país (CERQUEIRA *et al*., 2016). O fenômeno, já descrito como "genocídio negro", expõe os efeitos funestos da persistência do racismo e impõe reflexões acerca da cultura como local de luta e sobrevivência para afrodescendentes que vivem em democracias desiguais. Na genealogia do racismo contemporâneo – onde quer que seja flagrante –, constam ontologias construídas para fundamentar sistemas de segregação racial que cercearam os direitos dos negros em territórios controlados por projetos colonialistas etnocêntricos. Contudo, o imprevisível surgimento de literaturas de sujeitos que perspectivam tradições africanas, afirmam identidades negras e tematizam experiências em ambientes hostis manifesta a dinâmica cultural de afrodescendentes cuja escrita contrapõe práticas textuais e interpretativas que essencializaram seus corpos e os trataram como objetos. Trata-se de um processo de descolonização, isto é, um processo histórico em que sujeitos legatários do mal-estar colonial "recriam" a si mesmos como seres humanos, rompendo, portanto, com a conformidade à lógica de um mundo em que a discriminação racial perdura.
Palavras-chave: Literatura Afrodescendente; Africanidade; Identidade Negra; Racismo; Descolonização.

Referências:
CERQUEIRA, Daniel *et al*. *Atlas da Violência 2016*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2016.

67 - MITO E POÉTICAS DO IMAGINÁRIO
Coordenação: Prof. Dr. Alexandre Nunes (UFG); Prof. Dr. Fábio Cavalcante de Andrade (UFPE); Prof. Dr. Felipe Aguiar (São Miguel)

Resumo: A literatura e, consequentemente, os Estudos Literários, sempre estabeleceram um diálogo intenso com as linguagens e saberes que lhes fazem fronteira. Em alguns momentos esse diálogo foi mais poroso que em outros. Atualmente a perspectiva transdisciplinar representa um espaço de questionamento tanto em relação à noção mais tradicional e estável de literatura, como em relação aos métodos de abordagem de viés formalista do texto literário. Nessa perspectiva transdisciplinar, podemos situar os

Estudos do Imaginário que, embora tenham desde cedo eleito a literatura como um de seus objetos preferidos de reflexão, estendem-se para as mais diversas áreas e linguagem artísticas. A proposta desse simpósio é discutir as ressonâncias e aplicações das reflexões voltadas para a perenidade da linguagem do mito, do símbolo e da imaginação na literatura e nas artes contemporâneas. Dentro de uma perspectiva poiética (do termo grego "poiesis"), de um fazer criador que mergulha no manancial de imagens que fundamenta nossas relações com o mundo, com o outro e com nós mesmos; propomos a partilha de um olhar sobre a textura profunda e velada da cultura em sua dimensão individual e gregária. É possível pensar a valorização da imaginação num grande arco que parte de pensadores como Nietzsche e o historiador e teórico das artes Aby Warburg, até os encontros do círculo de Eranos, a fenomenologia das imagens simbólicas de Gaston Bachelard, o estruturalismo figurativo de Gilbert Durand e o imaginário social de Cornelius Castoriadis; chegando a uma geração mais recente de pensadores, tais como James Hillman, Carlo Ginzburg, Giorgio Agamben e Georges Didi-Huberman. Vê-se uma espécie de amplificação do trabalho das chamadas "hermenêuticas restauradoras", para usar a terminologia de Durand, ao interpretarem o mito, o símbolo e a imagem simbólica como elementos fundamentais na constituição da cultura e da sociabilidade humanas. Didi-Huberman, por exemplo, insiste numa consagração de sua escrita às imagens. Ao invés da linguagem ser instrumentalizada para dar conta de um saber filosófico que se define exteriormente a ela, é justamente ela – a linguagem – que se transforma, em sua oscilação entre o dizível e o visível, no caminho possível para acompanhar o aparecimento das imagens, reconhecendo-as na sua dimensão gestual – de gesto criador e, por isso mesmo, epistemológico. Acreditamos que a questão da imagem que tanto interessou a Warburg, ele mesmo um pesquisador de grande inclinação trans-disciplinar, pode significar a via para uma reflexão muito produtiva inclusive no tocante à literatura, ao deslocar o próprio conceito de literatura para o âmbito mais amplo de um possível pensamento estético contemporâneo, marcado, ele mesmo, por um princípio pluralista incontornável. Pensadores, teóricos e filósofos de tendência multidisciplinar, como Walter Benjamin e Georges Bataille, que se interessaram pela imagem e pela vida das imagens no contexto da sensibilidade moderna e contemporânea, também devem ser considerados importantes temas de comunicação para este simpósio. A idéia de constelações de imagens e imagem dialética de Benjamin, assim como a noção de experiência interior e dispêndio de Bataille e os estudos em torno da Arte da Memória, de Francis A.Yates constituem construtos teóricos profundamente sintonizados com as reflexões mais atuais sobre o imaginário, em suas repercussões artísticas e sociais. Outro desdobramento direto do conjunto de inquietações que esses autores representam é a questão da memória, vista também sob a ótica não apenas da visibilidade da imagem, mas também de sua legibilidade. Sobre a questão da memória, observa-se sob a ótica da legibilidade da imagem que Não há memória sem imagens, assim como não há imagem sem memória. Ampliando esse princípio, diríamos igualmente que não há memória sem fantasma, para usar o inaugural termo aristotélico para se referir à força da imaginação; assim como não há fantasma sem memória. O tempo residual e a anterioridade que desencadeiam o presente são pressupostos basilares da esfera imaginativa – que não a determinam necessariamente, mas a influenciam. A relação das imagens com a memória na literatura e na arte contemporânea, e com temporalidades disjuntivas, através de noções como as de anacronia, representam também importantes pontos de passagem

para a reflexão que este simpósio procurará proporcionar. Por fim, a disposição do simpósio é abrigar comunicações que nos permitam refletir sobre as relações entre mito, arte e memória – do ponto de vista da literatura contemporânea em seu constante diálogo com as mais variadas linguagens artísticas (teatro, fotografia, música, cinema e dança). Nessa reflexão, ao que parece, devemos buscar compreender o percurso da imagem e do imaginário no pensamento estético moderno e contemporâneo em seus vínculos com a cultura e com a sociedade.

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. Nudez. Trad. de Davi Pessoa. São Paulo: Autêntica, 2014.
BATAILLE, Georges. O Erotismo. Trad. de Fernando Sheibe. São Paulo: Autêntica, 2013.
CALASSO, Roberto. A Literatura e os deuses. Trad. de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
DIDI-HUBERMAN, Georges. A imagem sobrevivente: história da arte e tempo das fantasmas segundo Aby Warburg. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
_____. A semelhança informe: ou o gaio saber visual segundo Georges Bataille. Trad.de Caio Meira, Fernando Scheibe e Marcello Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.
PAZ, Octavio. A Outra Voz. Trad. de . São Paulo: Siciliano, 1992.
SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Além do visível: o olhar da literatura. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016. WARBURG, Aby. Histórias de fantasmas para gente grande: escritos, esboços, conferências. Trad. de Lenin Bicudo Bárbara. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. OLIVEIRA, Alexandre et Al. Deslocamentos críticos / Itaú Cultural. São Paulo: Babel, 2011.

68 - NARRATIVAS E DESLOCAMENTOS: VIAGENS, DIÁSPORAS, IDENTIDADES, PERFORMANCE E OUTRAS ARTES

Coordenação: Profa. Natália Oliveira Fontes (UFV); Prof. Dr. Acauam Silvério de Oliveira (UPE); Prof. Dr. Adélcio de Sousa Cruz (UFV)

Resumo: O campo literário não se constituiu a partir do éter, possui trajetórias diversificadas. Entretanto, essa **pluralidade** e **multiplicidade** de vozes e **poéticas** foi sendo recortada, censurada por muitas vezes. Interessam-nos as **narrativas** e seus **deslocamentos**: relatos e/ou ficção de **viagens**, as **diásporas**, a **performance**, as **outras artes** e, as **identidades** tecidas dentro da pletora dessas poéticas. É sabido que tais deslocamentos nunca foram à base de consenso: a colonização e outros processos movimentaram massas populacionais, quase sempre, à revelia dos propósitos mais subjetivos. A literatura estava desconectada do real, aparentemente, sempre abrigou em seu campo a **necropolítica** (MBEMBE, 2018), lançando as vozes **dissonantes**, ora para o fundo do oceano, ora para as margens do cânone.

Referências

CARLSON, Marvin. *Performance: uma introdução crítica*. Trad. Thaïs Flores Nogueira Diniz; Maria Antonieta Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DALCASTAGNÈ, Regina. Pluralidade e escrita. In *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte/Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012. p.7-16.
FRIEDMAN, Susan. *Mappings: Feminism and the Cultural Geographies of Encounter*. New Jersey: Princeton U P, 1998.
MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.
MILLS, Sara. *Discourses of Difference: An Analysis of Women's Travel Writing and Colonialism.* London and New York: Routledge, 1991.
NAPOLITANO, Marcos. A síncope das idéias: a questão da tradição na música popular brasileira. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.
PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. 2nd ed. New York: Routledge, 2008.
SUSSEKIND, Flora. Objetos verbais não identificados: experimentos literários de difícil classificação. In *O Globo* – Cultura – Caderno Prosa. 21 de setembro de 2013. Disponível em: http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/09/21/objetos-verbais-nao-identificados-um-ensaio-de-flora-sussekind-510390.asp
WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.
_____. *Questões de música e política no Brasil*. Sem receita: ensaios e canções. São Paulo, Publifolha, 2004.
ZUNTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

69 - NATURALISMO/NATURALISMOS

Coordenação: Haroldo Ceravolo Sereza (USP); Leonardo Pinto Mendes (UERJ); Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina (UFRJ)

Resumo: O propósito desse Simpósio é discutir os princípios da estética naturalista e debater suas principais manifestações literárias, de qualquer nacionalidade, tanto no século XIX, quanto nos séculos XX e XXI. As propostas introduzidas por este movimento estético democrático, que ousava nos temas e apresentava procedimentos discursivos específicos, garantiu sua difusão pelo mundo (Becker & Dufief, 2018), atraindo escritores de diversos países que adotavam o naturalismo como uma forma de se alinhar à modernidade numa geografia específica que não cabia nas fronteiras das literaturas nacionais. Tal força de representação ultrapassou igualmente seu período histórico e sobrevive até hoje, mostrando que a temporalidade literária obedece a regras específicas dos campos literários (Casanova, 1999). O princípio naturalista fundamental é retratar "a vida como ela é", estudando personagens de diversas classes sociais em seus cotidianos, mesmo quando desprezíveis ou abjetos. Este método de observação e de criação deu origem a uma infinidade de críticas tanto à brutalidade e à imoralidade do naturalismo quanto à pretensão ingênua de representar fielmente a realidade. Entretanto, ingênua era a acusação de que os escritores naturalistas eram ingênuos, pois em vários textos-chave da estética, como o prefácio da segunda edição de *Thérèse Raquin* (1867) e o ensaio *O romance experimental* (1880), Émile Zola esclarece que o objetivo era criar uma "ilusão" da realidade, pois se o romance naturalista adotava procedimentos científicos para reagir contra um romantismo gasto então muito em voga, cabia a cada artista em seu "temperamento" individual o ato da criação. Daí que

não se deva falar de "escola" e em "discípulos", pois cada escritor tomou os princípios da estética e os moldou à sua maneira – o que nos permite hoje falar de "naturalismos" (Becker & Dufief, 2017). Destacamos esse mal-entendido como um entre vários reducionismos impingidos ao naturalismo, retratado pela historiografia tradicional como uma estética menor, falsa e ingenuamente científica, muitas vezes reduzida a um clichê. Estudos recentes em vários países vêm desvendando um quadro mais sofisticado e complexo, capaz de acomodar uma gama de vertentes naturalistas no século XIX e XX, em suas relações com o gótico, o decadentismo, a literatura licenciosa, elegendo ora a representação trágica da existência, ora uma exploração dos enredos repetitivos e da desilusão (Baguley, 1995). Na literatura brasileira oitocentista esses desdobramentos parecem capazes de abarcar uma gama bem maior de autores e textos do que a historiografia tradicional conseguiu identificar. A onda naturalista do século XIX deu origem a métodos de pesquisa e criação, bem como a formas de expressão que foram retomadas por escritores ao longo dos séculos XX e XXI. A forma de abordar a realidade como elemento constitutivo da obra servirá a pintores, fotógrafos, cineastas e autores de novela, que nela verão um modo legítimo de se falar sobre o mundo e as sociedades. Flora Süssekind, ao analisar o romance brasileiro do século XX, refere-se às vagas naturalistas nos anos 1930 e 1970. Também aponta, nos temas tratados na obra de Ferréz, Dráuzio Varella e Paulo Lins, nos anos 2000, para uma retomada dos postulados centrais do naturalismo. O desejo de expressar dimensões pouco atraentes da realidade, a primazia dada à descrição de conflitos sociais, os temas do preconceito racial e da diversidade sexual, assim como o desejo de documentar situações de opressão e exclusão de sujeitos vistos como subalternos constituem elementos do pacto naturalista de leitura que se renova e se reproduz na contemporaneidade. O leitor encontra obras que se posicionam como retratos e debates que dialogam com o tempo imediato e que sugerem tomadas de posição sobre violências e situações quotidianas. O elemento extraliterário é um componente central da obra, e a busca por verossimilhança decorre tanto do discurso da experiência pessoal quanto da pesquisa científica ou jornalística. Rancière (2010) aponta que, ao abolir hierarquias e criar obras que não respeitavam a organização até então vigente, o naturalismo do século XIX criou, por meio do "efeito de realidade", o "efeito de igualdade", que está diretamente ligado, para ele, à possibilidade de associação livre de imagens. Rancière dirá ainda que a literatura que privilegia o descrever sobre o narrar permite que o "aristocrático emprego da ação" seja "bloqueado pela democrática coleção desordenada de imagens". Com a perspectiva renovada de um naturalismo democrático, múltiplo e desordenado, reconhecível nos séculos XIX, XX e XXI, convidamos pesquisadores a enviar propostas de trabalho que incorporem novas questões de pesquisa e estudos de caso ao debate sobre o naturalismo.

Referências:

BAGULEY, David. *Le Naturalisme et ses genres.* Paris : Nathan. 1995

BECKER, Colette & DUFIEF, Pierre-Jean (dir.). *Dictionnaire des naturalismes*. 2 vols. Paris : Honoré Champion, 2017.

_____. Présentation du *Dictionnaire des naturalismes*. *Excavatio,* vol. XXX, 1-10, 2018.

CASANOVA, Pascale. *A República mundial das Letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

CATHARINA, Pedro Paulo. Revendo o naturalismo. In: MELLO, Celina & CATHARINA, Pedro Paulo (org.). *Cenas da literatura moderna*. Rio de Janeiro: 7Letras, 71-90.
_____. Circulation and Permanence of French Naturalist Literature in Brazil. *Excavatio*, vol. XXVII, p. 1-21, 2016.
DUBOIS, Jacques. *Les romanciers du réel*. De Balzac à Simenon. Paris: Seuil, 2000.
MENDES, Leonardo & FERREIRA, Alexandre Amaral. Virgílio Várzea, escritor naturalista. *Soletras*, n. 27, p. 233-253, 2014.
MENDES, Leonardo & OLIVEIRA, Paola. As trajetórias de *Suicida !* (1895) e *O terror dos maridos* (1896), romances naturalistas esquecidos de Figueiredo Pimentel. *Soletras*, n. 30, p. 118-138, 2015.
MENDES, Leonardo & DIAS, Riane Avelino. Pedro Rabelo, escritor naturalista. *Soletras*, n. 34, p. 285-311, 2017.
PELLEGRINI, Tânia. *Realismo e realidade na literatura* ; um modo de ver o Brasil. São Paulo, Alameda, 2018.
RANCIÈRE, Jacques. O efeito de realidade e a política da ficção. Trad. de Carolina Santos. Revista Novos Estudos, nº 86. São Paulo: Cebrap, março 2010.
SEREZA, Haroldo Ceravolo. O Cortiço, romance econômico. *Revista Novos Estudos*, n. 98. São Paulo: Cebrap, mar. 2014.
SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
_____. Desterritorialização e forma literária. Literatura brasileira contemporânea e experiência urbana. *Literatura e Sociedade*, n. 8. São Paulo: FFLCH, 2005.
ZOLA, Émile. *O romance experimental e o naturalismo no teatro*. Trad. Italo Caroni, Célia Berrentini. São Paulo: Perspectiva, 1982.

70 - NOVAS TENDÊNCIAS EM LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: DO IMPRESSO AO DIGITAL

Coordenação: Profa. Dra. Elizabeth Cardoso (PUC-SP); Profa. Dra. Ilsa do Carmo Vieira Goulart (UFLA-MG)

Resumo: Desde a década de 1980, a literatura infantil vem passando por transformações agudas tanto na temática – proliferação dos temas anteriormente visto como tabus – quanto no formato – experimentalismos no livro impresso alçando-o a categoria de livro imagem e objeto livro – (ZILBERMAN, 2005; COLOMER, 2003). Destacam-se também as subdivisões do gênero em literatura digital e aplicativos literários, *graphic novels*, romances de fantasias e suas séries, literatura para bebês, entre outras.
Portanto, refletir sobre a literatura endereçada à infância e à juventude, hoje, perpassa reaver pontos, já colocados pela teoria e pela crítica, e elaborar novas indagações. Entre as questões, já clássicas, figuram temas como: a definição do gênero; a discussão sobre sua potência literária e estética; as complexas relações entre a formação do leitor e escola, família, mercado editorial, autoria e interesse dos leitores; a relação palavra e imagem. No contemporâneo, tais temáticas persistem ao lado de novas questões em torno da literatura digital, do livro imagem, do livro objeto, da literatura para bebês, especialmente no que diz respeito ao acesso, à legibilidade, à literariedade e à autoria. Tais temas remetem a questões sobre os suportes de leitura e sinalizam para modos distintos de ler e de interagir com o texto (CHARTIER, 1998). As interações com o suporte exigem do leitor outras habilidades de leitura. Em suporte digital, o hipertexto

apresenta uma estrutura multilinear, o que requer do leitor-usuário tomar decisões na condução da leitura, delimitar os rumos do texto, a partir de alguns cliques (SANTAELLA, 2012). A multimodalidade textual encontra na dinamicidade da tela, a junção de escrita, imagens, cenas, áudios, nas quais a manipulação direta oportuniza ao leitor-usuário múltiplas possibilidades de leitura que não se restringem à linguagem verbal, mas multimodal.

Os elementos empregados nas narrativas digitais podem ser inalteráveis ou podem utilizar mecanismos de hipermodalidade, quando diferentes categorias se integram na hipermídia, tornando-se não lineares e não cronológicas, possibilitando ao leitor, escolhas quanto ao percurso a ser seguido, o que possibilita a cada inovação de versão, o seu armazenamento. (LEMKE, 2002)

Apontando para a necessidade de caracterizar os ambientes digitais, onde ocorrem as narrativas digitais, Murray (2003) assevera que estes podem ser: procedimentais, ou seja, são resultantes do pensamento algorítmico de comportamento e das regras; participativos, visto que provêm de reconstituição codificada de respostas comportamentais; espaciais, uma vez que há o processo interativo da navegação; enciclopédicos, devido à capacidade de armazenamento de dados. A era digital proporciona um modelo de literatura heterogênea, ao passo que se atrela a vários elementos, desde imagens, sons, animações em um único texto (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001).

Tem-se na potência da linguagem híbrida, presente na literatura infantil e por suas múltiplas mediações, um crescente acesso de gêneros digitais direcionados às crianças. Essas tendências indicam práticas discursivas em constante transformação envolvendo a expressão verbal e não-verbal, a tradição e a vanguarda, a contação e a leitura, o impresso e o digital, o livro e o objeto livro. Nessa mutação sígnica a infância lê e é escrita, determina e é influenciada, registra-se e transforma acionando os estudos mais diversos e multidisciplinares à pesquisa e à extensão.

Este simpósio centra-se em trabalhos acadêmicos voltados para a literatura infantil e juvenil que inova seja na temática, na forma e/ou no gênero. Rompendo e ampliando barreiras limitadoras sobre indicação de faixa etária, materiais **mais indicados**, definições de gêneros, temas tabus, mídias **mais adequadas**. Pretende-se reunir os pesquisadores que atuam com a literatura infantil e juvenil que escapa às classificações, que provoca e questiona métodos tradicionais de formação de leitor, que desloca o mediador, que revê o papel da escola e da família, que explora novos formatos e mídias, que dialoga, adapta ou reescreve a tradição oral e seus contos em novos suportes, a literatura infantil e juvenil que encanta, questiona e inspira.

Referências

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: o leitor ao navegador. São Paulo: Unesp, 1998.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading Images**: The Gramar of visual design: 2. Ed. Londres: Routlegde, 1996.

_____. Introdução. In: KRESS, G. **Multimodal discourse**: the modes and media of contemporary communication. Trad. de Laura H. Molina. Londres: Arnold, 2001, pp 1-23. Disponível em: www.fba.unlp.edu.ar/textos/kress_van_leeuwen_discurso_multimodal.pdf. Acesso em:

10 set. 2014.
LEMKE, J. L. **Travels in hypermodality**. Visual Communication, 2002.
MURRAY, J. **Hamelet no Holodeck:** o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo: Itaú Cultural: UNESP, 2003.
SANTAELLA, Lucia. **Como eu ensino:** leitura de imagens. Editora Melhoramentos, 2012.
ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

71 - O DIÁLOGO ENTRE O TEXTO LITERÁRIO/ARTÍSTICO E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS: FIANDO OS SENTIDOS NA SALA DE AULA

Coordenação: Profa. Dra. Edvânea Maria da Silva (IFPE); Prof. Dr. José Jacinto dos Santos Filho (UPE); Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva (UFAL)

Resumo: A atualidade exige que o texto literário, em diálogo com as outras formas artísticas e midiáticas, seja não só pensado a partir de suas interações, interconexões, inter-relações pelos Estudos Literários, mas também compreendido como essa imbricação está sendo trabalhada no ensino da literatura, considerando que cada relação literária estabelecida provoca um novo sentido. Entende-se que o leitor lê signos e por estes interagem com o mundo ao seu redor, estabelecendo conexões consigo mesmo e com o contexto sociocultural. Esta proposta objetiva discutir o texto literário e as tecnologias digitais voltadas à formação do leitor literário contemporâneo e, dessa maneira, acolhe propostas que analisam as diversas formas pelas quais o texto literário se inter-relaciona nos processos intersemióticos, ou nos de intermidialidades. Sébastien Joachim (2012) afirma que a tradução intersemiótica foi outrora chamada por Etienne Souriau de Literatura e outras artes. É pertinente entender que a tradução intersemiótica ou *transmutação* foi por Roman Jakobson (1970, p. 65-72) definida como sendo aquele tipo de tradução que "consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais", ou "de um sistema de signos para outros, por exemplo, da arte verbal para a música, a dança, o cinema ou a pintura", ou vice-versa, como acrescenta Plaza (1987, p. XI). Pela relevância da temática, é ponto de discussão neste simpósio o fazer literário e o uso desse tipo de texto em sala de aula, tendo em vista as implicações dessa forma de tradução entre os signos verbais e os não verbais. O ensino de literatura, nos dias atuais, tem exigido do professor um olhar mais atento sobre suas ações em sala de aula com o texto literário e sobre a forma como esse texto está sendo intermediado e veiculado pelos novos suportes tecnológicos para a formação do leitor, como destaca Cosson (2014). Dialogar sobre o ensino de literatura é também refletir sobre as várias relações em que o texto literário mantém com as artes e as novas tecnologias digitais, ou seja, é interligar um diálogo crítico e epistemológico entre literatura, artes e tecnologia digital. Flávio Kothe (1981) diz, por exemplo, que a tradição literária com seus gêneros literários já consagrados pode servir de engrenagem satisfatória para a similitude do sistema literário, dessa forma, fornece trilhas de estudos para a inserção dos gêneros literários nos espaços do cinema, da televisão, nas páginas da *internet*, como os blogs e plataformas de compartilhamento como *youtube*, *facebook* dentre outros. A literatura atua amplamente na formação do homem, como é evidenciado por Candido (2012), porque cumpre uma finalidade – a de humanizar. Assim, refletir sobre as inter-relações do texto literário com os demais sistemas de reprodução e de veiculação da produção

artístico-literária é compromisso de quem lida com a literatura de forma humanizadora. Neste sentido, considera-se fundamental a compreensão das diversas maneiras como o texto literário está sendo veiculado e como essa diversidade intertextual está repercutindo na leitura e na formação do leitor. Ao refletir sobre intermidialidade, deve-se considerar a transposição midiática, combinação de mídias e pensar as referências intermidiáticas, como discute Rajewdky (2012). Outro aspecto que cabe neste simpósio são as discussões sobre adaptação do texto literário para outros sistemas sígnicos adaptados para os meios digitais e como isso contribui com a formação do leitor. Vale ressaltar que as ideias sobre adaptação são compreendidas, de acordo com Linda Hutcheon (2011, p. 30), em síntese, como "uma transposição declarada de uma ou mais obras reconhecíveis; um ato criativo e interpretativo de apropriação/recuperação; um engajamento intertextual extensivo com a obra adaptada". Por essas ideias, faz-se necessário pensar como na sala de aula estão sendo trabalhados os processos adaptativos do texto literário e como estão sendo discutidos com os leitores. Entende-se leitura do texto literário, à luz de Larrosa (2003), como formação e a formação como leitura. Essa compreensão de leitura está relacionada à subjetividade do leitor, porque se deve "pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos de-forma ou nos trans-forma), como algo que nos constitui ou nos põe em questionamento com aquilo que somos" (LARROSA, 2003, p. 25-26). Por essa razão, o trabalho com a literatura nos dias de hoje não pode se furtar, pois, de uma reflexão de como a leitura de tal texto deve ser problematizada no ensino da literatura, considerando as novas tecnologias digitais, as relações interartes, os estudos de bases culturais e os sistemas semióticos envolvidos.

Referências:

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**, Campinas, SP, dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 29 jan. 2019.

COSSON, Rildo. **Círculo de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis, SC: UFSC, 2011.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1970.

JOACHIM, Sébastien. **Interdisciplinas**: psicanálise, semiótica, literatura aplicada, literatura comparada. Recife: UFPE, 2012.

KOTHE, Flávio. **Literatura e sistemas intersemióticos**. São Paulo: Cortez, 1981.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**: estúdios sobre literatura y formación. México: FCE, 2003.

PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

RAJEWSKY, Irina O. Intermidialidade, intertextualidade e "remediação": Uma perspectiva literária sobre a intemidialidade. In: DINIZ, Thaïs Flores Nogueira. (Org.). **Intermidialidade e estudos interartes**: desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

72 - O FANTÁSTICO NAS LITERATURAS ESTRANGEIRAS

Coordenação: Claudia Fernanda de Campos Mauro (Unesp-Araraquara); Fernanda Aquino Sylvestre (UFU); Josilene Pinheiro-Mariz (UFCG)

Resumo: O simpósio em questão propõe uma reflexão em torno do processo de mobilização do fantástico envolvido na composição de obras pertencentes a diversas literaturas estrangeiras. Os trabalhos propostos deverão se concentrar na investigação de textos narrativos ficcionais em que, de alguma forma, se dá o surgimento do insólito; devem contemplar, portanto, a reflexão acerca do surgimento do elemento portador do sentimento do incômodo, do inusitado, do inverossímil, do impossível, etc, ou seja, devem discutir em que medida se dá a desestabilização do real. Na tradicional acepção de Todorov, o fantástico é um gênero de certa forma instável, que se afirma por seu caráter de hesitação. De acordo com o teórico, a hesitação se faz presente na narrativa, expressa por meio da voz da personagem auto ou homodiegética, que leva o leitor também a um sentimento de hesitação. Para o estudioso, o leitor é transportado para o fantástico, quando, em um mundo como o que vivemos, ocorrem acontecimentos peculiares, como a presença de vampiros, demônios etc. O que chama atenção na literatura fantástica é justamente o seu caráter ambíguo, tanto a crença absoluta, quanto a total incredibilidade afastam o leitor do âmbito do fantástico, que ocorre, então, na incerteza acima citada. O estranho, também para Todorov, estaria relacionado à ocorrência de acontecimentos insólitos, chocantes, extraordinários que, embora provoquem reações próximas às do âmbito do fantástico, podem ser explicadas pelas leis da razão. Além do fantástico e do estranho, Todorov define, ainda, o maravilhoso, como aquele em que os elementos sobrenaturais não provocam estranhamentos, sendo naturalmente aceitos pelo leitor. É importante ressaltar que o enraizamento no cotidiano é fato obrigatório para a noção de fantástico, pois só se considera algo insólito, quando ele é comparado com uma realidade não-fantástica. Pode-se considerar, então, que a ficção fantástica é uma obra aberta, que coloca em xeque a realidade, permitindo a efabulação do leitor pelas vias da imaginação. O fantástico trabalha tensionando o natural e o sobrenatural, o possível e o impossível, evidenciando a impossibilidade da linguagem em expressar o real. Ao tornar incompatível o natural e o sobrenatural, a obra literária fantástica põe em relevo as fissuras do modelo realista de representação. Para o teórico contemporâneo Roas (2014), é fundamental que seja levado em conta o efeito provocado pelo fantástico: *la transgresión que provoca lo fantástico, la amenaza que supone per la estabilidade de nuestro mundo, genera ineludiblemente una impresión terrorífica en los personajes como en lector*. Vale considerar que Roas sustenta a ideia de que a transgressão do fantástico provoca terror nos personagens e no texto e, por terror, entende a ameaça à estabilidade do nosso mundo. Roas discute a importância do leitor para a concretização do fantástico, ressaltando que o gênero só existe com a participação do leitor, uma vez que cabe a ele o confronto entre a história narrada com a realidade, considerando os contextos culturais envolvidos no processo de criação de obras de caráter fantástico. Por isso, pode-se concluir que o fantástico depende sempre do que se considera como real e este sempre depende do que se conhece. O estudioso italiano Remo Ceserani (2006) aborda temas como a noite, a escuridão, o mundo obscuro e as almas de outro mundo, a vida dos mortos, a loucura, o duplo, a aparição do estranho, do monstruoso, do irreconhecível, as frustrações do amor romântico e o nada. De acordo com Ceserani, esses temas permeiam e marcam a literatura fantástica como um modo literário. Nota-se que todos esses temas levam o leitor ao campo do medo, da inquietação, já que suscitam algo de desconhecido, incontrolável, obscuro, não explicado pelas leis da razão. Como se pode observar, nessa breve exposição considerando alguns teóricos do fantástico, aqui entendido como um gênero amplo, o

termo apresenta diversas vertentes: maravilhoso, realismo mágico, estranho, entre outros que não foram mencionados como o gótico, a ficção científica e a fantasia. É importante lembrar que a mobilização do elemento fantástico/insólito podem se dar através, especificamente, da personagem, do espaço, do tempo, da ação, etc ou por meio articulação entre diferentes categorias narrativas. Assim, a proposta deste simpósio é acolher comunicações que abordem o fantástico em suas diversas vertentes, tendo como corpus narrativas de línguas estrangeiras ou de línguas estrangeiras comparadas com a literatura brasileira.

73 - O Gótico ONTEm E HOJE: LIMITES E FRONTEIRAS
Coordenação: Prof. Dr. Alexander Meireles da Silva (UFG); Prof. Dra. Fabianna Simão Bellizzi Carneiro (UFG); Prof. Dr. Júlio França (UERJ)

Resumo: 255 anos de publicação de *O Castelo de Otranto* (1764), de Horace Walpole, o romance iniciador da vertente romanesca do Gótico. 255 anos de nascimento de Ann Radcliffe, a mais importante representante do Gótico inglês no século dezoito. 210 anos de nascimento de Edgar Allan Poe, crítico, poeta e contista renovador do Gótico nos Estados Unidos nas primeiras décadas do século dezenove. 200 anos de "O Vampiro" (1819), de John William Polidori, conto que introduz o personagem do vampiro na prosa. As diferentes efemérides celebradas pela Literatura Gótica em 2019 relacionadas a eventos de mais de dois séculos fomentam reflexões não apenas sobre o surgimento e desenvolvimento da tradição gótica, mas também nos convida a indagar sobre o seu futuro. Afinal de contas, ao se pensar na produção desta modalidade fantástica nos dias de hoje, quais são os rumos do Gótico hoje e no futuro? Assim como os monstros que surgem e assombram sua narrativa como resultado de ações e maldições de indivíduos para serem então combatidos, a Literatura Gótica é marcada por fases em que ela ascende, como resposta a contextos histórico-culturais específicos, se dissemina em formas variadas e parecer desaparecer em virtude do desgaste de sua forma. Este ciclo tem início em 1764, com *O Castelo de Otranto*, estabelecendo um modelo seguido por diferentes escritores e escritoras no que se refere ao espaço, linguagem, temas e personagens explorados. Esta fase dura até fins do século dezoito quando a repercussão de *O monge* (1796), de Matthew Gregory Lewis sinalizou o fim do gótico inglês de raízes setecentistas abrindo caminho para as influências da Revolução Industrial e das teorias e pesquisas científicas do século dezenove. Sob a sombra dos artistas românticos na Inglaterra e nos Estados Unidos o Gótico se renova na forma tanto da criatura científica que ganha vida pelas mãos de uma jovem rebelde quanto nos pesadelos vivos de viciados e loucos de um escritor igualmente viciado e louco. Nesse meio tempo, o Gótico também se dilui para se popularizar junto às camadas populares inglesas, atendendo aos anseios das massas por histórias arrepiantes regadas a sangue e reviravoltas muitas vezes incoerentes. Esse foi o período de reinado dos *Penny Dreadfuls* quando a violência de barbeiros *serial killers* descrita em *Sweeney Todd*: O barbeiro demoníaco da Rua Fleet (1846-1847) se equiparava aos atos de vampiros e lobisomens como em *Varney, o vampiro* (1845-1847) e *Vagner, o Lobisomem* (1857). Todavia, com a aproximação do fim do século, o Gótico ressurgiu das sombras fortalecido para abarcar as angustias e ansiedades do ambiente finissecular do Império Britânico em uma Londres enegrecida pela fuligem das fábricas, temerosa das ameaças externas e internas ao *status quo* e sacudida por posturas artísticas decadentes e teorias

científicas que discutiam o lugar divino do ser humano, a constituição da mulher e a função da Arte. Atualizando temas e estruturas do Gótico setecentista, *O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde* (1886), *O retrato de Dorian Gray* (1891) e *Drácula* (1897) o Gótico vitoriano mais uma vez mostrou a relevância desta vertente do Fantástico como mediador cultural de seu tempo. E no século vinte? Já no início do novo século o monstro gótico encontrou outro território para assombrar: o Cinema. Foi na sala escura do Cinema que o Gótico encontrou terreno fértil para estabelecer raízes, crescer e se disseminar até a década de sessenta, primeiramente dentro do Expressionismo Alemão, na sequencia, na adaptação de obras da Literatura Gótica inglesa em produções dos Estúdios Universal nos Estados Unidos e da Hammer Film Productions na Inglaterra, além de filmes inspirados nos contos de Edgar Allan Poe de diretores como Roger Corman. Foi a partir da década de setenta, porém, a partir da contemplação de questões trazidas a tona pelos movimentos ligados a Contracultura e da emergente cultura da Informática que o Gótico passou a estar, como salienta Fred Botting em *Gothic* (1996) "em todos os lugares e em lugar nenhum". Assim, retornamos a questão inicialmente colocada: Quais são os rumos do Gótico hoje e no futuro? É a partir do contínuo reinventar-se desta vertente do modo fantástico que este simpósio acolherá comunicações de pesquisadores e pesquisadoras que abordem a mutabilidade, adaptabilidade e disseminação do Gótico na Literatura e no Cinema no que se referem a temas, convenções ou estruturas narrativas.

74 - O GÓTICO, O FANTÁSTICO E A FICÇÃO CIENTÍFICA: O REAL E O FICCIONAL NAS TRAMAS DO DISCURSO

Coordenação: Profa. Dra. Naiara Sales Araújo (Universidade Federal do Maranhão); Prof. Dr. Gonzalo Ignacio Portals Zubiate (Ucsur- PERU)

Resumo: O Gótico, o Fantástico e a Ficção Científica são estilos que estabelecem profundo diálogo, principalmente no tocante à estética, e aproximações temáticas. Apesar de se tratarem de gêneros consolidados por determinada crítica literária, o Gótico e o Fantástico foram relegados a uma literatura de baixo valor acadêmico, principalmente por conta do conteúdo temático e por serem dependentes de outras formas, como o romantismo, por exemplo, mas não alcançarem um determinado patamar. A Ficção Científica também ocupara lugar desprivilegiado em tais discussões, tendo em vista a característica de literatura especulativa que carregara durante muito tempo. O Grupo de Estudos em Ficção Científica e Gêneros Pós-modernos na Era digital, – FICÇA – da Universidade Federal do Maranhão, tem se debruçado em estudos, pesquisas e produções que resgatem textos que nos levem a esta reflexão e sempre em diálogo com outras áreas do conhecimento e outras formas de expressão artística. Por isso, este simpósio tem como objetivo discutir e analisar as mais variadas relações entre literatura e outras artes no tocante às figurações do fantástico, do gótico e da ficção científica. Com o intuito de analisarmos diferentes modalidades de discurso, daremos espaço tanto ao discurso Literário quanto ao discurso cinematográfico e seus múltiplos elementos de construção de sentido. Aqui será enfatizado, dentre outros aspectos, o dialogo entre as literaturas brasileira e euroamericana no tocante às temáticas do Fantástico, do Gótico e sua interface com a Ficção científica. Tendo em vista a emergência de uma estética denominada afrofuturista, este simpósio também se abre para receber trabalhos que se interessam por este gênero que valoriza elementos

tradicionais com futurístico e se baseiam na perspectiva do realismo mágico em estreita relação com a Ficção Científica. Atencão especial será dada às figurações ficcionais do insólito Brasileiro por se tratar de um terreno ainda pouco explorado no universo da crítica literária, como já falado. Do universo da Literatura Euroamericana, contemplaremos obras de José Saramado, Horace Walpole, Michael Ende, Edgar Allan Poe e Toni Morrisson, Philip K, Dick, Isaac Asimov, dentre outros. Para o afrofuturismo, obras como a de Lesley Nneka Arimah, nascida no Reino Unido, mas de vivência Nigeriana, é a nossa principal referências literárias. Para a construção do suporte teórico dos trabalhos aqui debatidos traremos à baila as ideias de Tzvetan Todorov, H.P. Lovecraft, Irlemar Chiampi, Joseph Campbell, Adam Robert, Paul Alkon, Darko Suvin , Homi Bhabha e Stuart Hall entre outros. Nossa análise comparativa e crítica lançará mão de discussões já existentes em âmbito nacional e internacional no tocante ao conceito de Literatura Fantástica, Literatura Gótica e Literatura de Ficção Científica, além de outros gêneros relacionados a estes focando nas relações entre as figurações e as representações do real ou ficcional, bem como nas discussões em torno do conceito de Ficção Científica e seus subgêneros, sempre levando em consideração fatores históricos, sociais e culturais que impulsionam a criação artístico-literária. Percebe-se, principalmente com a Ficção Científica, que a forma de pensar/ver o futuro tem relações profundas com a percepção que o indivíduo tem do presente, colocando os nossos autores como agentes importantes na circulação de uma crítica contundente da realidade. A compreensão de um texto com tal estilo e carregado de temas relevantes sobre a vivência do homem em sociedade e as profundas consequências dessa relação, depende dos sentidos apreendidos pelo leitor/espectador nas tramas das produções. A literatura fomenta discussões que ultrapassam o tempo e o espaço, por isso, tais discussões podem ser conduzidas pelo viés da memória e da importância de se recorrer ao passado para explicar fenômenos do presente numa perspectiva futura. A Ficção Científica, e a ficção de uma maneira geral, nos permite perceber o tempo numa profunda relação dialógica, rompendo barreiras tais como o que foi, o que é e o que será.

Palavras Chave: Gótico; fantástico; Ficção Científica

Referências:

CALENTI, C.; WOMACK, Y.; ESHUN, K.; CLARK, A.; FREITAS, Kenia Cardoso Vilaca de (Orgs.). **Afrofuturismo**: cinema e musica em uma diaspora intergalactica. Disponivel em: <http://www.mostraafrofuturismo.com.br/Afrofuturismo_catalogo.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2016.

CAMARANI, Ana Luiza Silva. **A Literatura fantástica: caminhos teóricos**. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2014.

CAMPRA, Rosalba. **Territórios da ficção fantástica**. Rio de Janeiro Dialogarts Publicações, 2016.

CAUSO, Roberto de Sousa. **Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

GARCÍA, Flavio; FRANÇA, Júlio; PINTO, Marcello de Oliveira (orgs.). **As Arquiteturas do medo e o insólito ficcional**. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2013.

LOVECRAFT, H.P. **O Horror sobrenatural em literatura**. Trad. Celso M. Paciornick. São Paulo: Iluminuras, 2007.

MACHADO DE ASSIS. **A outra vida**. In.: BATALHA, Maria Cristina (org.). O fantástico brasileiro: contos esquecidos. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2011.

75 - O LUGAR DO OUTRO: REFLEXÕES SOBRE REPRESENTAÇÕES DA ALTERIDADE

Coordenação: Profa. Dra. Rafaella Cristina Alves Teotônio (UFPE); Prof. Dr. Tiago Barbosa da Silva (IFS)

Resumo: A ideia de lugar, parte do espaço com a qual se forma uma relação histórica, relacional e identitária (AUGÉ, 2012), tem se diluído em razão do trânsito e do movimento, característico das sociedades modernas, realizando-se sobremaneira enquanto ficção, já que seus elementos básicos residem na crença no isolamento, perpassada, quase sempre, pela ideia de cultura no singular ou específica de um meio, como diria Michel de Certeau (2012), em seu **A Cultura no Plural**. Diante dessa realidade, o lugar do outro na representação literária é quase sempre uma criação do sujeito-autor, encapsulando, de certa forma, um esforço de leitura, uma tentativa de ver o outro**,** de ver o mundo, num diálogo que projeta, no sujeito observado, em seu lugar, valores e visões que não correspondem, exatamente, a realidade representada. A partir de Santos (2013, p. 636), pode-se dizer que, através das representações do lugar do outro, o autor pode impor uma visão que concorre "para a produção e reprodução de uma modalidade de violência simbólica," através da qual se naturaliza condições de subordinação. Esse processo acontece através de palavras e expressões aparentemente inofensivas que, normalmente, "utilizamos para pensar o mundo, mas sobre as quais não pensamos" (*ibid*.), determinando uma posição para nós mesmos e também para o outro. Logo, a diferença que se estabelece entre a posição de observador e a posição do observado, oculta um mecanismo que, mesmo inconsciente, hierarquiza saberes e modos de viver, sobretudo se considerarmos o lugar do enunciador nessa relação. Ainda segundo Santos (2013, p. 638), essa estratégia rende-se àquilo que caracteriza a história da ocidentalização do mundo, na qual se cria "uma 'estrutura de sentimentos,' impregnando de tal forma e com tal força nossa visão de mundo que a tarefa de superação parece impossível." Essa verticalização dos sujeitos e de suas práticas faz parte da conversão do espaço em lugar, revelando um processo que, mesmo reprodutor de injustiças, participa ativamente da ordenação do que é visto, atribuindo posições para as pessoas, construindo os lugares nos quais nos situamos e onde situamos o outro. Trata-se de pensar, na esteira do que elaborou Mikhail Bakhtin (2011), acerca do termo **exotopia,** que significa “olhar para fora de si". Para Bakhtin, no processo de criação da obra literária o autor participa de um movimento de troca de olhares, nas quais as imagens do **eu** e do **outro** se conectam. Em seus estudos, o teórico russo propôs-se pensar a relação do autor com a personagem na mesma dimensão **eu-tu**. Ao criar um personagem, movido de sua experiência singular diante do mundo, o autor busca, a partir da alteridade, revesti-lo de “carne” externa. Para isso, precisa extrair de sua experiência enquanto pessoa, de seu olhar para o outro, o sentido que resulta no acabamento de sua criação estética. Compreender, identificar-se com o outro e produzir na conexão entre o lugar que ocupa o sujeito e o lugar que ocupa o outro um espaço de sentido excedente. É sobre este **sentido excedente**, capaz de cristalizar as imagens dos sujeitos no mundo da escrita, produzindo os saberes localizados (HARAWAY, 1995) e visões sobre diversos grupos sociais que pretendemos analisar e discutir neste simpósio.

Como o **outro,** diferente de nós, do nosso lugar/espaço e, portanto, com um lugar/espaço diferente é representado na literatura? Como o **eu** escreve o lugar/espaço do **outro** ou como o **outro**, enquanto um **eu**, escreve o seu lugar/espaço na literatura do **outro**? Em outras palavras, gostaríamos de discutir sobre as relações de alteridade na escrita literária. Para isso, aceitamos trabalhos que analisem as relações entre autor, representações e personagens, assim como os que discutam o lugar do **outro-marginalizado/outro-diferente** na escrita do **eu-hegemônico** ou como o **outro-não-hegemônico** escreve na língua/literatura que "não é sua" (DERRIDA, 1996). Deste modo propomos uma discussão sobre representações literárias do lugar do **outro**, que viabilizem uma reflexão sobre o papel da literatura na construção da realidade e das hierarquias sociais, descortinando aquilo que Édouard Glissant (2005), em seu **Introdução a uma Poética da Diversidade**, chama de "drama da relação", ou do encontro-choque entre diferentes.
Palavras-chave: Lugar. Espaço. Alteridade. Representação. Exotopia.

Referências:
AUGÉ, M. **Não Lugares:** Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. 9 ed. Campinas: Papirus, 2012.
BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da Criação Verbal**. Prefácio a edição francesa Tztevan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
CERTEAU, M. **A Cultura no Plural.** Tradução de Enid Abreu Dobránszky. 7 ed. Campinas: Papirus, 2012.
DERRIDA, Jacques. **O monolinguismo do outro:** ou a prótese de origem Porto: Campo das Letras, 1996.
GLISSANT, É. **Introdução a uma Poética da Diversidade.** Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.
HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Tradução de Mariza Corrêia. In: **Cadernos Pagu** (5). 1995, p. 07-41.
SANTOS, R. J. O 'Étnico' e o 'Exótico': Notas Sobre a Representação Ocidental da Alteridade. In: *Revista Rosa dos Ventos*, pp. 635-643, out-dez, 2013.

76 - O REALISMO ARTÍSTICO E A CRÍTICA LITERÁRIA DIALÉTICA

Coordenação: Prof. Dr. Juan Pedro Rojas (UnB); Prof. Dr. Edvaldo Aparecido Bérgamo (UnB)

Resumo: Este Simpósio, intitulado *O realismo artístico e a crítica literária dialética* tem por objetivo debater a relação entre literatura e vida social, especialmente a articulação entre a experiência do capitalismo periférico e a discussão sobre o realismo artístico em suas relações dialéticas. O conceito de realismo artístico foi desenvolvido desde a perspectiva dos estudos literários por George Lukács, e possivelmente um dos aspectos mais fecundos desta teoria se encontre em suas observações a propósito das consequências estéticas do desenvolvimento do capitalismo ocidental.
É importante ressaltar que o conceito de realismo é entendido não como uma periodização literária, mas como categoria estética com dimensão ontológica, como

parte essencial da formação do homem como ser social. Trata-se, então, de debater as relações entre a vida social e a forma literária de forma dialética.

De acordo com Lukács, o conhecimento da estrutura profunda e do dinamismo histórico da sociedade só pode ser alcançado, em aproximações cada vez mais amplas, por meio do trabalho conceitual, ao passo que a obra literária, não podendo expor abstratamente a "essência" da sociedade, vale-se de meios próprios para figurá-la. Por isso, o realismo exige uma figuração rica e complexa do homem nas circunstâncias sociais de sua concretude.

O espaço do simpósio se oferece portanto como uma instancia onde problematizar estas questões que tem a ver com a realização da arte literária, como forma estética que proporciona apreender a conexão entre a sociedade , de um lado, com sua complexidade histórica, e a obra de arte , por outo , com sua complexidade estética. Busca-se então debater como a forma artística, é capaz de, enquanto forma estética, tornar-se conhecimento de uma realidade desigual, devolvendo ao homem a possibilidade de enfrentar os limites impostos pela desumanização em um mundo que se mostra hostil à arte, às relações humanizadas e à emancipação do gênero humano.

A desumanização na vida cotidiana e na produção literária é produto da processo de dominação próprio das sociedades modernas . O inumano é uma relação entre seres humanos que não são conscientes de sua própria natureza. Esta compreensão da inumanidade e a tarefa humanizadora da arte é um dos objetivos fundamentais da proposta crítica dialética de autores como Lukács, Adorno, Benjamin, Antonio Cândido , Roberto Schwarz entre outros. Eles abriram um espaço importante dentro dos estudos literários. Uma das consequências que esta constelação de estudos nos revela é que a vida falsa, desumanizada própria da modernidade introduz um estranhamento nas relações humanas , evita a oposição ao sistema e reforça a aceitação do mundo injusto.

Outras das consequências desta relação complexa entre arte e sociedade é a "hostilidade do capitalismo ao nascimento de uma verdadeira cultura". Ao ser a arte o autorreconhecimento genérico dos indivíduos, e ter uma relação estreita e crítica com a vida social, o mundo burguês o hostiliza. A vida burguesa se caracteriza pela repetição regular, sistemática, pela rotina do cumprimento do dever, por aquilo que tem de ser feito sem consideração ao prazer ou desprazer. Em outras palavras: o domínio da ordem sobre o estado de alma, do permanente sobre o momentâneo, do trabalho pacato sobre a genialidade movida a sensações.. A partir dessa compreensão fenomenológica da existência burguesa estabeleceu-se uma contradição entre essa existência e a arte que passa a ser vista como o lugar da vida verdadeira. A dificuldade em conciliar a ordenação do mundo burguês com a arte, culmina no ideal da autonomia da arte frente à realidade objetiva, a arte pela arte. Esta problemática se transformou em outra linha de estudos críticos do realismo.

Nesse sentido, este Simpósio propõe congregar trabalhos que abordem estudos teóricos e críticos de autores diversos da literatura ocidental , seja em análises críticas de obras em particular ou de proposições de comparação entre autores de línguas diversas, tendo como chave metodológica o conceito de realismo. Assim, dentro desse escopo, esperam-se trabalhos que: 1) contemplem leituras teóricas ou críticas de autores da literatura ocidental; 2) abordem, de forma comparada, textos em diversas línguas, especialmente no âmbito da América Latina. Considera-se, portanto, a complexidade e premência deste tema para a atualidade, e, por isso, pretende-se um debate sobre a literatura produzida em regiões periféricas em relação à atualidade do conceito de

realismo como chave crítica, a fim de compreender a relação sempre dinâmica e dialética entre a realidade social e as formas artísticas.

Referencias

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1987.
LUKÁCS, Georg. Estética. La peculiaridade do estético. 4 volumes. Tradução de Manuel Sacristán. Barcelona/México: Grijalbo, 1972.
ADORNO, Theodor. "Lírica e sociedade". Em: Benjamin, Walter *et alii*. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1983: 194.
CANDIDO, Antonio. Formação da Literatura Brasileira. 7. ed. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1993.
SCHWARZ , Roberto. Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

77 - O RIGOROSO ENLACE DA URDIDURA: DO SENTIDO POLÍTICO NA TRAMA OSMANIANA

Coordenação: Profª Drª Elizabeth Hazin (UnB); Profª Drª Maria Aracy Bonfim (UFMA)

Resumo: Este Simpósio se origina de anotações de leitura das últimas três obras do escritor pernambucano Osman Lins (1924-1978): *Nove, novena* (1966), *Avalovara* (1973) e *A rainha dos cárceres da Grécia* (1976), empreendida pelas pesquisadoras. A partir da consciência de que tais livros representavam uma profunda mudança no percurso escritural de Osman Lins, destacaram-se alguns de seus aspectos formais como algo a ser aprofundado em investigação futura, e um deles cresceu em importância à medida que o tempo foi passando: a questão do sentido político enredado na trama em que está imersa cada uma dessas obras e a que ele adere tão sutil e perfeitamente que já não é possível encará-lo senão como algo que instiga a reflexão sobre a relação entre forma e conteúdo, entre literatura e sociedade, entre real e ficção. No capítulo intitulado "O escritor e a sociedade", o último do ensaio *Guerra sem testemunhas*: o escritor, sua condição e a realidade social, Osman Lins deixa clara sua posição: "O escritor não pode pretender abalar com os seus escritos as sólidas posições da insensatez, da força, da maldade – mas também não pode ignorá-las; não pode submeter sua obra às injunções do tempo – mas também não pode tender a agir como um ser fora do tempo. (...) Não é mais possível, em nossa época, a um homem de instrução mediana, ignorar o conflito básico com que nos defrontamos, a insurreição dos ofendidos contra os ofensores. (...) Assim, não apenas o escritor, mas qualquer homem que, tendo consciência desses problemas, ou dos problemas que com estes se relacionam, age como se os desconhecesse, é um traidor do seu semelhante, quando não de si mesmo". Tal posição é corroborada pelas palavras do pintor catalão Antoni Tàpies em seu livro *A prática da arte*: "Tenho dificuldade em compreender o ato de criação se não fizer depender tudo de uma atitude pessoalíssima e muito circunstancial, tanto temporalmente como geográfica e culturalmente. Nunca consegui imaginar o artista a trabalhar *sub specie aeternitatis*, desenvolvendo um conceito de Belo como valor imutável, tal como não o consigo ver submetido a um programa ou ideologia que não responda a circunstâncias, a fatos reais, que ele, como pensador independente, terá precisamente de contribuir para desvendar".

O Simpósio aqui proposto pretende trazer à luz esse matiz de Osman Lins, na tentativa de decifrá-lo: entender de que modo essa preocupação existe e e em que medida participa de seu texto. Alguém que enxerga no ato de escrever uma espécie de missão deve forçosamente trazer em seu discurso uma cor política.

Assim, esse Simpósio tem como finalidade receber trabalhos que enfoquem não apenas os três livros anteriormente mencionados, mas tudo o que Lins produziu, aí incluídos também seus primeiros livros, seus ensaios, artigos de jornais, seus depoimentos em entrevistas concedidas a jornais e periódicos, o material contido em seu arquivo (como manuscritos e correspondência com escritores e amigos), sua tese de doutorado. Serão bem-vindos trabalhos que atestem de que modo e com que intensidade o sentido político expresso nos textos desse autor é capaz de provocar o leitor; de como esse sentido está entranhado ou não na forma artística ou no seu conteúdo; de que maneira suas experiências e leituras, bem como os acontecimentos de sua época, forjaram seu discurso ficcional e não-ficcional. Por fim, trabalhos que mostrem o percurso do pensamento político osmaniano em torno de sua preocupação com a formação do hábito de leitura, levando-se em consideração fato concreto que o motivava a escrever - a necessidade premente de fazer o brasileiro tornar-se um verdadeiro leitor, pois afinal – segundo as palavras, ainda uma vez, de Antoni Tàpies em seu livro já citado: "(...) a configuração da expressão artística está intimamente ligada ao problema da liberdade da 'sua' leitura: ao fato de simplesmente se permitir que as pessoas possam ler. Faz parte, por isso, do problema mais geral da alfabetização do país, da necessidade de continuar a lutar, num nível diferente, contra aquilo que mantém o atraso de toda uma política cultural, em suma, da política". Para a consecução dos trabalhos, podem ser tomados como referenciais teóricos os seguintes textos: 1) o de Hayden White intitulado *El contenido de la forma*: narrativa, discurso y representación histórica (Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A, 1. edición ,1992); *Os problemas da estética*, de Luigi Pareyson (São Paulo: Martins Fontes, 1997); *A revolução da arte moderna*, de Hans Sedlmayr (Lisboa: Livros do Brasil, s/d); *A necessidade da arte*, de Ernst Fischer (Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983). Os dois últimos foram extremamente lidos e citados por Osman Lins em seus ensaios e ajudará por certo na compreensão do quanto as leituras desse autor entraram em seu bem urdido tecido ficcional.

78 - O TEATRO EM LINHAS DE TRANSFORMAÇÃO: *LE THÉÂTRE AUTREMENT*

Coordenação: Profa. Dra. Maria da Glória Magalhães dos Reis (Universidade de Brasília); Prof. Dr. Walter Zidaric (Université de Nantes)

Resumo: Gilles Deleuze no ensaio **Um manifesto de menos,** sobre a obra de o ator, dramaturgo, encenador e cineasta italiano Carmelo Bene, discute o aspecto crítico do teatro procurando enfatizar a sua importância política. Na conclusão de seu ensaio o autor afirma que

> O Teatro surgirá como o que não representa nada, mas apresenta e constitui uma consciência de minoria enquanto devir-universal operando alianças aqui e ali conforme o caso, segundo linhas de transformação que saltam para fora do teatro e assumem uma

> outra forma, ou se reconvertem em teatro para um novo salto. (DELEUZE, 2010, p. 64)

Em outro ensaio **O esgotado**, igualmente publicado no Brasil na obra organizada por Roberto Machado, intitulada **Sobre teatro**, Deleuze analisa, desta vez **Quad** de Samuel Beckett e para isso usa os conceitos de língua I, língua II e língua III. O que Deleuze chama de língua I seria uma língua dos nomes, das relações sintáticas, também definida pelo autor como "imaginação combinatória, 'manchada de razão'" (p. 79). A língua II não é mais a dos nomes, mas a das vozes que procede "por fluxos" misturáveis (p. 76), "imaginação manchada de memória' (p. 79). Por fim, a língua III, a língua dos hiatos, dos buracos, dos rasgões; a língua "das imagens, sonantes, colorantes" (p. 81).

A partir dessas reflexões, propomos, neste simpósio, discutir sobre de que maneira outras linguagens (como a dança, o cinema, a música, o circo e as novas tecnologias) as línguas (as línguas estrangeiras, as línguas de sinais – como LIBRAS – Línguas de Sinais Brasileiras) e as experiências estéticas envolvendo pessoas com diferentes formas de deficiências físicas (ver Pippo Delbono, na Itália; a peça Ícaro de Luciano Mallmann, no Brasil e outras) aliam-se ao teatro transformando-o e criando esse devir-universal do qual fala Deleuze.

Para Jean-Frédéric Chevalier, que estuda a contribuição de Gilles Deleuze para o teatro na obra **Deleuze et le théâtre:** rompre avec la répresentation (2015), apesar das poucas ocasiões nas quais Deleuze escreveu sobre o tema, a arte é um bloco de sensações, um composto de percepções e afetos. Dentro dessa perspectiva, a questão que nos interpela seria portanto: como intensificar a percepção e a expansão do afeto e com isso provocar outras maneiras de se recompor no mundo?

Em *Différence et Répétition* (1968) Deleuze afirma que: "a obra de arte deixa o campo da representação para se tornar "experiência", empirismo transcendental ou ciência do sensível" (p. 39, tradução nossa, ênfase do autor). Nessa direção, Chevalier discute que para Deleuze o teatro compreende todas as artes, as poéticas da língua e do movimento (CHEVALIER, 2015, p. 135). O teatro, dessa forma, não teria nada de fixo, mas apresentaria, de fato, uma capacidade integrativa. É dessa capacidade própria à atividade teatral, dessa possiblidade, dessa potencialidade que pretendemos tratar a partir de um ponto de vista interdisciplinar abrindo espaço para pesquisas em dramaturgia, interpretação, dança, música, circo, educação, psicologia e outras áreas que se interessem à intersecção das áreas afins que constam nesta proposta.

Inspirados, portanto, nesta ideia do devir no teatro e de que, como para Deleuze (1968) "O teatro é movimento real; e de todas as artes que ele usa, ele extrai um movimento real" (p. 18) e levando em consideração a afirmação de Jean-Pierre Sarrazac que o "drama se desenvolve fora de seus próprios limites, *no exterior de si mesmo*, por cruzamentos e hibridizações sucessivas. O drama moderno e contemporâneo se dá inteiramente em linhas de fuga; está sujeito a uma desterritorialização permanente" (p. 331, ênfase do autor), propomos o debate sobre este teatro feito *autrement*, de outra forma, por múltiplas linhas de fuga, excitando a vontade de devires múltiplos e explorando os possíveis.

Em guisa de conclusão, pretendemos levantar a discussão sobre um teatro de "variações presentes, um teatro que faça crescer nosso desejo de estar, aqui e agora, vivos" (CHEVALIER, 2015, p. 143, tradução nossa).

Referências:
CHEVALIER, Jean-Frédéric. **Deleuze et le théâtre :** rompre avec la représentation. Bensançon : Les Solitaires Intempestifs, 2015.
DELEUZE, Gilles. "Um manifesto de menos" e "O esgotado". In.: MACHADO, Roberto. **Sobre teatro:** Um manifesto de menos; O esgotado / Gilles Deleuze. Tradução Fátima Saadi, Ovídio de Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
DELEUZE, Gilles. **Différence et répétition.** Paris : Presses Universitaires de France – PUF, 1968.
SARRAZAC, Jean-Pierre. **Poética do drama moderno.** Tradução: Newton Cunha, Jacó Guinsburg, Sonia Azevedo. São Paulo: Perspectiva, 2017.

79 - O VIVIDO E O DEVANEIO NA LITERATURA BRASILEIRA DE EXPRESSÃO AMAZÔNIDA: MEMÓRIAS DAS FLORESTAS E DOS RIOS

Coordenação: Itamar Rodrigues Paulino (UFOPA); Maria de Fátima Matos de Sousa (UFPA); Ana Maria Vieira (UFOPA)

Resumo: Apresentada ao mundo de forma insipiente e insuficiente pela História Literária Brasileira, o tema *Amazônia* sempre esteve atrelado à biodiversidade. Atualmente, porém, já despontam no horizonte literário estudos com visão mais aprofundada sobre o ser humano amazônida. Essas questões não são novas, os escritores Inglês de Sousa e José Veríssimo, nascidos em Óbidos, representam expressões literárias com força regional ímpar no cenário moderno brasileiro. A literatura na Amazônia moderna e contemporânea expressa um complexo conflito entre a valorização das diversas expressões culturais regionais e a busca de universalização do pensamento amazônida. Em outros termos, o conflito está em como apresentar ao mundo uma forma singular local de aproximação da realidade que sirva de representação universal, contemplando variados modos linguísticos e expressões das vivências coletivas e individuais, e que ajude o leitor amazônida, ou não, a constituir suas próprias percepções de verdade, a organizar suas memórias e a conhecer-se e reconhecer-se na sua condição humana. Se essa representação universal é possível, é difícil afirmar. O que nos interessa, porém, não é nos fechar em um conceito universal; pois o próprio termo *Amazônia* já desempenha essa função universalizadora. Importa-nos discutir de maneira ampla essas formas de representação, considerando que desde o século XVI a literatura amazônida tem apresentado enredos que descrevem o ambiente natural, realidade social e diversidade sociocultural local, utilizando linguagens próprias da região, experimentando formatos estéticos que articulam texto e contexto, para demonstrar um pensamento possível sobre a existência humana, a partir da *Floresta Tropical* e provocar reflexões sensíveis na humanidade. Ousamos, sem a pretensão de universalismo literário, apresentar o desafio de pensar uma possível *condição amazônida de uma época*, aproveitando que o mundo nas últimas décadas tem passado por novas configurações em seus modelos sociais, redefinindo a si a partir de conceitos do tipo sustentabilidade, ecologismo, ambientalismo, preservação, conservação, devastação, exploração, resistência, entre outros. Pensar a condição amazônida de uma época é uma proposta provocativa porque nela há o encontro severamente conflituoso entre o debate efervescente do jeito colonizador de pensar o meio ambiente, com o jeito nativo de perceber a fragilidade da floresta e a necessidade de sua preservação. Entre as diversas áreas de conhecimento que tecem *tramas e sentidos* na e sobre a Amazônia

encontra-se a literatura, lugar de criação e recriação da maneira de se observar, apreender e apresentar a realidade. Na literatura há um universo de falas e narrações que compõem o enredo provocativo e *fascina* o leitor, pois mistura imaginário e real e possibilita percepções e conhecimentos de si e o mundo. Nesse caso, é importante haver circulação de propostas ficcionistas como as de Inglez de Souza, José Veríssimo, Saladino de Brito, Milton Hatoum, Benedito Nunes, Dalcídio Jurandir, entre outros, que procuram apresentar ao mundo uma Amazônia a ser universalizada e concepções de mundo a partir e pelos habitantes da floresta e cidades nela encravadas, com identidades culturais singulares e deslocadas do tecido nacional. Assim, trejeitos indígenas, caboclos, ribeirinhos, quilombolas, extrativistas e migrantes são exaltados e transparecem nas obras de autores amazônidas, que reivindicam para si a condição de agentes, com o legítimo direito de apresentar ao mundo as culturas das comunidades locais, outrora esquecidas e excluídas, por meio de produtos literários, servindo de voz das minorias e impondo crise no pensamento burguês local de cultura europeia, o qual teima em desconsiderar as vozes na apresentação ao mundo dessa região. As obras que resultam dessa dinâmica causam fascínio por conta da forma desprendida como esses escritores se embrenham na feitura de um texto, revelando um universo no qual não há fronteiras entre o real e a representação imaginária, e cujos sonhos e devaneios têm consequências reais que trespassam a redoma da vida rígida e angustiante na Floresta. A efervescência literária vinda da floresta amazônica é um começo de conversa que toma forma de análise que pavimenta a via para se penetrar no território do imaginário e do mistério no coração da floresta, torrão que em pleno século XXI ainda não foi totalmente desencantado, para dali produzir jogos despretensiosos entre *linguagem, vivido e devaneio*.

Palavras-chave: Literatura. Amazônia. Cultura. Memória.

Referências:

AZEVEDO, I. Marinho de. *Puxirum***: memória dos negros do oeste paraense.** Belém: Instituto de Artes do Pará (IAP), 2002.

BARRETO, Mauro Vianna. **O romance da Vida Amazônica. Uma leitura Socioantropológica da Obra de Inglês de Souza**. São Paulo: Letras à margem, 2003.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia.** Manaus: Valer, 1994.

VERÍSSIMO, José. **Estudos de Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: H. Garnier. 1903.

VERÍSSIMO, J. **Cenas da Vida Amazônica.** Rio de Janeiro: Organização Simões, 1957.

KUNDERA, Milan. **A Arte do Romance**. São Paulo: Nova Fronteira, 1988.

LOUREIRO, João de Jesus Paz. **Cultura Amazônica: uma diversidade diversa**. In: Diversidade Cultural Brasileira. Belém: Casa Rui Barbosa, 2009.

_____. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de Índio.** São Paulo: Callis, 2000.

PAULINO, I. R. **Entre les remous de l'imaginaire et les houles du réel : un regard sur la littérature amazonienne brésilienne dans la contemporanéité.** Em OLIVIERI-GODET, Rita (org.). Cartographies littèraires du Brèsil actuel. 1ª ed. Bruxelles: Peterlang, 2016. v. 14.

REGO, Jose Lins do. **Inglez de Souza e os naturalistas**. Em: *A manhã.* Rio de Janeiro, 7/set/1941. [Suplementos literários].

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos: ensaio sobre dependência cultural.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.
SIMÕES, Célio. **Retratos e Fatos Literatura Obidense.** Crônica. I FECIMA. Óbidos, 2012. Disponível em: http://academiaobidense.wordpress.com/2012/08/01/retratos-e-fatos-da-literatura-obidense/ Acessado em 22.12.2017.
SOUZA, Herculano Marcos Inglês de. **O Coronel Sangrado.** Coleção Cenas da Vida do Amazonas. Belém: UFPA, 1968.
SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus-AM: Valer, 2009.
TUPIASSÚ, Amarílis. **"Amazônia, das travessias lusitanas à literatura de agora".** In: Estudos Avançados, vol. 19, nº 53, p. 299-320, ISSN 0103-4014, 2005. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ea/v19n53/24095.pdf. Acesso em 30 jan. 2015.
VIEIRA, Edithe Carvalho. *Amazônia: contos, lendas, ritos e mitos*. Belém: Instituto de Artes do Pará (IAP). 2010.

80 - OS ESTUDOS LITERÁRIOS EM TRÊS TEMPOS: CLASSICISMO, MODERNIDADE, PÓS-MODERNIDADE

Coordenação: Prof. Dr. Constantino Luz de Medeiros (UFMG); Prof. Dr. Roberto Acízelo de Souza (UERJ)

Resumo: No prefácio à primeira edição (1948) de sua *Análise e interpretação da obra literária*, cujo subtítulo é "introdução à ciência da literatura", Wolfgang Kayser aponta para a necessidade de que as ciências, inclusive aquela que denomina de ciência da literatura, façam periodicamente uma revisão de suas concepções basilares. A acertada observação do estudioso alemão continua atual, principalmente ao contemplarmos a multiplicidade de enfoques críticos e orientações teóricas, surgidos no bojo das denominadas correntes críticas pós-estruturalistas. Este simpósio pretende agregar pesquisas que se identifiquem tanto com os fenômenos estritamente literários – ou seja, problemas de teoria, crítica e história da literatura, questões sobre o cânone literário, valor, tradição literária, historiografia literária, história da crítica literária – como pesquisas sobre temas literários em sentido mais amplo. O que se busca são reflexões sobre realizações históricas no longo curso dos estudos literários, à luz do debate ora em curso no meio acadêmico, entre orientações desenvolvidas no âmbito dos estudos literários *stricto sensu* e diretrizes identificadas com os estudos culturais.

81 - PERSPECTIVAS DA FICÇÃO PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA: VOZES NARRATIVAS E POÉTICAS

Coordenação: Profa. Dra. Gabriela Silva (URI); Profa. Dra. Evelyn Blaut Fernandes (UFRJ); Profa. Dra. Ilse Maria Vivian (UFSM)

Resumo: A segunda edição do simpósio "Perspectivas da ficção portuguesa contemporânea" contempla a literatura portuguesa a partir da diversidade de modos de representar a história (afastando-se ou aproximando-se dela) e das diferentes vozes que expressam suas visões de mundo. As construções literárias levantam a representação da cultura portuguesa em proximidade ou distanciamento com os temas históricos e as questões identitárias, questionando a concepção do sujeito português decorrente de uma literatura que busca a revisitação de seus temas, para além da permanente reavaliação histórica (ainda hoje pertinente nos estudos literários por se tratarem de vozes de

extrema importância como contraponto e sustentação do não esgotamento dos referidos temas). Pensar a literatura portuguesa contemporânea é perceber todas as modificações advindas da contemporaneidade: um novo sujeito emerge das construções literárias deslocando-se em relação à sua própria cultura. Nesse recorte temporal, as modificações têm sido demarcadas e estudadas sob diversos focalizadores numa tentativa de construir poéticas singulares na literatura portuguesa. Se a ficção, por um lado, potencializa o real, transgredindo a temporalidade e permitindo analogias, intertextualidades e outras maneiras de integração entre momentos históricos e condições do sujeito nestes contextos, é justamente a dinâmica dessas representações, seus enquadramentos e perspectivas que se iluminam, assim como os diferentes diálogos que se estabelecem entre si e com outras obras. É primordial, portanto, o espaço para discussão e apresentação das ideias dessa literatura, numa multiplicidade de focos que cresce em novas formas de perceber as modificações alinhadas às constantes transformações da própria literatura portuguesa. Sendo esse o ponto de partida, este simpósio recebe propostas de comunicação que visem à discussão da atualização de temas em obras literárias produzidas em Portugal da segunda metade do século XX ao século XXI sob os pontos de vista da intertextualidade, do cânone, da experimentação e do comparatismo. No âmbito de pesquisas concernentes ao universo da ficção contemporânea que compreende deslocamentos de estruturas, paródias e revisitações de temas já conhecidos, além de estudos sobre poéticas, vertentes, vozes, percepções do sujeito e temáticas voltadas para a compreensão da realidade histórica contemporânea, são também aceitas propostas de comparação com obras de épocas anteriores, não apenas presentes nos sistemas literários como também na interação da arte da palavra com as demais artes e áreas do conhecimento.

Palavras- chave: literatura portuguesa; contemporaneidade; intertextualidade; comparatismo.

82 - POESIA CONTEMPORÂNEA: CRÍTICA E PERFORMANCE

Coordenação: Prof. Dr. Leonardo Davino de Oliveira (UERJ); Prof. Dr. Carlos Augusto Bonifácio Leite (UFRGS)

Resumo: A poesia teria empobrecido com o fim das vanguardas? A adjetivação global da poesia ainda é possível? A modernidade foi superada? Essas perguntas nortearam as edições passadas do Simpósio *Poesia contemporânea: crítica e transdisciplinaridade*. Agora interessa-nos a performance e suas derivações. A vocoperformance, por exemplo, partindo do pressuposto de críticos como Paul Zumthor, Philadelpho Menezes e Luiz Tatit, para quem, sob diferentes perspectivas, mesmo em sua forma escrita tradicional, a poesia abriga uma dimensão verbivocal, recupera a entoação embrionária da palavra grafada, ao mesmo tempo em que produz a presença sequestrada da poesia com a hegemonia da comunicação escrita. O fato é que a poesia contemporânea é notadamente marcada pela ruptura das fronteiras entre gêneros, estéticas e éticas composicionais. Ou pela ideia de "pós-utopia", pensada por Haroldo de Campos (1997). Isso dificulta a apreensão holística do poema, que, por sua vez, tem exigido o acionamento cada vez maior de saberes variados por parte do crítico, do leitor e de quem faz poesia. Aliás, a poesia é algo que se faz? Para Marcos Siscar (2010), por exemplo, "o mesmo processo de esvaziamento do contemporâneo é reconhecível, inclusive, em análises que pretendem abordar de frente a literatura do presente" (p.171). Entre o "me dê um

cigarro" modernista de Oswald de Andrade e o "me segura que eu vou dar um troço" marginal (desbundado) de Wally Salomão, há o desenvolvimento ético e estético do conceito verbivocovisual dos concretos, que leva à poesia procedimentos feitos por precursores, tais como Sousândrade. De modo mais evidente, tais artifícios serão trabalhados pelos poetas a partir do início do século XX, com o acelerado desenvolvimento das tecnologias e mídias audiovisuais. E toma corpo (o corpo do poeta, inclusive) a partir da década de 1960, no Brasil, em especial, a partir da Tropicália, com sua abertura às possibilidades de relação antropofágica entre as diversas perspectivas estético-artística-filosóficas. Mas pode ser identificado desde a nossa poesia colonial (HANSEN, 2006). A Tropicália, tomada como uma releitura da antropofagia oswaldiana, estimulou o amálgama do popular com o erudito. Foi quando a política ganhou destaque nas Artes, em especial na canção popular, no caso do Brasil. É também nesse período, entre 1960 e 1970, que, se por um lado, vivenciamos grande emergência das teorias imanentistas, quando a crítica se concentra no texto em si, por outro lado, percebeu-se também a demanda pelo debate coletivo da memória, o que levará à produção de uma poesia empenhada na liberação do corpo. A poesia demanda mais do que escrita e papel. Para Paul Zumthor (2007), se "a noção de 'literatura' é historicamente demarcada, de pertinência limitada no espaço e no tempo", a poesia é a arte "de uma linguagem humana, independente dos modos de concretização e fundamentada nas estruturas antropológicas mais profundas" (p. 12). Por isso, a partir da definição dada por Giorgio Agamben (2009) para o que é o contemporâneo, pretendemos debater a ressignificação das formas composicionais clássicas, ou seja, a permanência e as ressonâncias de um discurso poético da tradição, em consonância com a modernidade na poesia atual. O objetivo principal desse Simpósio é promover a reflexão sobre o universo estético e cultural da poesia contemporânea, associando linguagens e instrumentos teóricos das diversas áreas disciplinares - articulando elementos que transpassam entre, além e através das disciplinas e dos suportes: música, canção, artes plásticas, fotografia, vídeo, internet -, a fim de iluminar a atualidade da crítica de poesia. Crítica que reflete e refrata a crise de identidade e de representação porque perpassa a poesia (CAMPOS, 1979; SISCAR, 2010); crítica que não é, a priori, mais que a obra, mas, pelo contrário, absorve a obra. Vejam-se, por exemplo, a grande quantidade de criações críticas, obras engajadas e críticas criativas que tem caracterizado boa parte da produção atual. Topos que problematiza a própria divisão entre arte e não-arte. Bem como a crítica encomendada que segue as leis de mercado. Portanto, esperamos reunir pesquisadores em torno da poesia feita no presente recente, sabendo que este presente é e está expandido. São bem-vindas ao simpósio as propostas de comunicações que versem sobre a tentativa de estesia, leitura e crítica da poesia contemporânea, colaborando para conferir maior aproximação à formulação conceitual dessa poesia. A proposta é tornar este espaço um ambiente aberto às investigações das mais diversas e sutis abordagens do fazer poético, a fim de desautomatizar e dar visibilidade à arte da palavra, na Academia, no ensino e no cotidiano.

Bibliografia:

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: 2009, Argos.
CAMPOS, Haroldo de. A arte no horizonte do provável. São Paulo: Perspectiva, 1977.
_____. "Ruptura dos gêneros na literatura latino-americana". In: MORENO, César

Fernandez. América Latina em sua literatura. São Paulo: Perspectiva, 1979.
_____. O arco-íris branco. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
ECO, Umberto. Obra Aberta: Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, p. 67, 1969.
PLAZA, Julio. Tradução intersemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2003.
SISCAR, Marcos. Poesia e crise: ensaios sobre a "crise da poesia" como topos da modernidade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.
ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
Palavra-Chave: Poesia, Contemporâneo, Crítica, Performance.

83 - POESIA E TRANSGRESSÃO

Coordenação: Prof. Dr. Cristiano de Sales (UTFPR); Prof. Dr. André Cechinel (UNESC)

Resumo: O simpósio se propõe a dar continuidade aos debates iniciados no Congresso Internacional da ABRALIC 2018. Trata-se da reedição de uma proposta que nos permitiu e continuará permitindo discutir juntos o caráter transgressor da poesia em diferentes autores e poéticas. Acreditamos na urgência dessas conversas e estudos em tempos de arbitrariedades históricas que tendem a minimizar as ciências humanas e as artes.

O arlequim que Mário de Andrade nos apresenta em muitos momentos de sua *Paulicéia Desvairada* opera de maneira precisa na proposição de uma estética modernista para a literatura brasileira. O modo como esse personagem aparece dentro da outra personagem, São Paulo, evoca um dos temas mais caros ao grupo que se empenhou na utopia modernista da década de 1920, a saber, o devaneio. Este, que carregava também um desejo de liberdade, ganhou corpo em versos harmônicos – uma invenção formal de Mário. Essa refinada artimanha de amalgamar forma e conteúdo não apenas colocou o poeta paulistano no centro do movimento como também revelou um potente modo de transgredir. A transgressão, sabemos, ocupa lugar cativo nas tentativas de teorização acerca do modernismo. No entanto, não se pode baratear esse conceito no mero sentido de desvio ou negação de um sistema em curso (seja este sistema estético ou ideológico), pois, como fez o autor de *Macunaíma*, transgredir consiste sobremaneira em estabelecer contato com a tradição da qual se intenta libertar. Modificar algo num sistema demanda transformação e não se transforma nada encerrando a dialética entre a herança material-cultural e o novo que se pretende fazer aparecer.

O ser contemporâneo de Agamben não é o que vê os limites do tempo e o nega, mas sim aquele que estabelece dialéticas distintas e desestabiliza o dispositivo do tempo. Por isso o arlequim de *Paulicéia* tentou cantar na cidade e foi levado pela polícia, porque seu canto não compunha mais melodias como queria a industrialização moderna que tomava conta da cidade, seu canto fazia harmonias com outros desejos, outros sonhos, oferecia outro ritmo. A transgressão estava em se permitir devanear. Ela é uma das principais potências do que chamamos modernismo em literatura. É uma potência que nos faz hoje acreditar que é característico da poesia transgredir.

Tendo em vista o cenário maniqueísta que se transformou a arena pública dos debates que tocam a política no Brasil hoje, e que esse binarismo chegou a colocar objetos de arte no centro de uma discussão antes moralista do que estética, queremos com esse

simpósio colocar em questão o caráter transgressor da poesia nos meios em que ela ainda opera (e isso inclui espaços instituídos, como universidades e escolas, e não instituídos, como circuitos que independem do academicismo). Tendo em vista também que vivemos hoje cenários muito antes distópicos do que o cenário utópico que sedimentou o ato de transgredir como marca da poesia, queremos discutir a transgressão em diferentes momentos históricos, abrindo, com isso, espaço para estudiosos dos diferentes períodos e tradições poéticas.

Seja pelo inutensílio de Paulo Leminski – para quem a rebeldia era um bem absoluto que se manifestava na linguagem por meio da poesia –, ou pelos corpos riscados de Ana Cristina Cesar – onde o contorno de um seio e os traços da escrita de um poema se confundiam na tentativa angustiada de não separar a poesia da vida –, ou ainda na assumida luta inglória com o corpo da linguagem a que se entregou Ferreira Gullar, o rastro estendido no tempo que faz de certas escritas algo canônico (mesmo que em princípio à margem) parece trazer sempre a cicatriz de uma subversão num sistema operante. Mesmo quando nos afastamos das constelações de Mallarmé ou da postura mais radical de Rimbaud, encontramos vozes que permaneceram no tempo e no espaço porque desestabilizaram algo, não legitimaram o *status quo* da vida ou da literatura. E isso não é um mérito moderno, ocorre desde muito antes das interpretações românticas que damos à história da literatura.

Enquanto Baudelaire parecia entender e explicar algo da Modernidade com seu cisne atordoado no asfalto, ou com a passante que desperta paixões à última (e não à primeira) vista, Walt Whitman libertava o verso com eloquência contagiante. Rilke equilibrava conteúdo e forma de maneira cirúrgica não para dizer o que fazia a poesia moderna, mas para escancarar justamente o que as teses sobre a lírica moderna não davam conta de explicar. De certo modo foi o que fez também o marujo Neruda que não cessou de sonhar e se fazer lírico, ou Hilda Hilst que ousou fazer de deus uma via de acesso sensorial (sensual) e não um fim. Cecília, que transgrediu a objetividade triunfante de Drummond para assumir-se só e afinada com uma subjetividade ibérica...

Enfim, o que entrelaça esses poetas, bem como tantos outros artistas, é o fato de não deixarem estabilizar algo. Essa é a potência que nos interessa.

84 - POÉTICAS AMERÍNDIAS: PROBLEMATIZAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

Coordenação: Prof. Dr. Devair Antônio Fiorotti (UFRR); Prof. Dr. Pedro Mandagará (UnB); Profª Drª Rita Olivieri-Godet (URennes2)

Resumo: Dentre os desafios que a contemporaneidade impõe aos estudos literários, um dos mais difíceis é lidar com a produção periférica. O conceito de periferia pode se referir a muitos países das Américas, países com produção literária de pouco reconhecimento dentro de um cânone literário pretensamente universal. Para além do ponto de vista nacional, "periferia" também se refere à literatura das minorias, como negros, gays e mesmo mulheres, tendo em vista que, em países como o Brasil, sua produção é minoritária dentro do campo literário. Este simpósio propõe pensar literaturas que, do ponto de vista tradicionalista, podem ser consideradas ainda mais periféricas: as literaturas feitas por indígenas das Américas, oriunda em grande parte da oralidade, que circula em meios tanto escritos quanto orais. Assim como a noção de **primitivo**, muitas vezes relacionada aos povos indígenas em carácter inferiorizante,

a noção de **periferia** traz à tona uma discussão sobre a centralidade de certas práticas intelectuais. Ambos os termos são relativos a um modelo espacial e/ou cultural: de uma **civilização** e/ou de um **centro**, respectiva e reciprocamente. A relatividade desses termos significa que eles podem ser deslocados, principalmente para pensar tensões de poder impostas por um cânone estabelecido, em geral, por homens brancos, de meia idade, oriundos de camadas privilegiadas da sociedade.

Entendemos que, desde um ponto de vista tradicionalista, há problemas nessa proposta. Pretendemos justamente discutir esses problemas, abraçando a diversidade e a complexidade da produção literária ameríndia. Estamos cientes de questionamentos que negam até o nome literatura para se referir a essas práticas retóricas, estilizadas, para usar termos recorrentes no meio teórico daquilo que chamamos aqui de artes verbais ameríndias ou de literatura ameríndia. Acreditamos que a força dessa literatura vem propriamente desse "tênue fio entre a escrita e a oralidade", como diz Daniel Munduruku (2008). De fato, podemos ver que, historicamente, há uma relação complexa entre o oral e o escrito nas práticas retóricas ameríndias. Importantes produções, como o *Popol Vuh*, do povo maia, vêm de sistemas de escrita anteriores ao genocídio causado pelos europeus quando da colonização. Genocídio contra indígenas que não teve fim e pode ser ainda identificado, por exemplo, na realidade brasileira, justificando esse simpósio em outros níveis de relevância, como em seu caráter social e mesmo ético em relação ao trato histórico brasileiro com seus povos primevos (FIOROTTI; FERREIRA, 2018).

Mesmo após a colonização, houve experiências de criação de sistemas próprios de escrita, como o silabário cherokee norte-americano do início do século XIX. Considerando os sistemas europeus de escrita, no entanto, a produção literária ameríndia foi criada, registrada e publicada ao longo dos últimos séculos, em situações complexas de registro, autoria e inserção no campo intelectual. Muitas vezes publicada sob a égide da antropologia, a produção ameríndia encontrou em diversos momentos um espaço literário próprio, que gerou uma tradição sólida de publicação nos Estados Unidos e Canadá, e tradições nacionais que se vêm fortalecendo na América Latina. No contexto atual de intensificação dos contatos entre sociedades ocidentais e povos ameríndios, nota-se a existência simultânea de várias expressões literárias e artísticas ameríndias à medida que esses povos se apropriam da escrita e dos recursos técnicos audiovisuais, recorrendo a vários gêneros e suportes: narrativas orais tradicionais, narrativas míticas, ensaios políticos, "(auto)antropologia", literatura juvenil, textos romanescos e políticos, produção audiovisual e musical. Tal produção questiona os paradigmas das sociedades nacionais ocidentais e propõe uma interrogação sobre o modo de habitar um lugar, contribuindo para a reconfiguração dos sistemas literários e dos imaginários nacionais. Ao lado disso, diversas práticas orais e línguas continuam vivas em suas comunidades (OLIVIERI-GODET, 2017; GRAÚNA, 2013).

Partindo desses pressupostos e reconhecendo a complexidade do cenário, esse simpósio recebe comunicações que apresentam, problematizam ou buscam pensar a diversidade da produção das artes verbais ameríndias na contemporaneidade, com o objetivo de esboçar uma cartografia dessa literatura e detectar suas singularidades, dialogando com as áreas dos estudos culturais e da antropologia.

Referências:

FIOROTTI, Devair Antônio; FERREIRA, Sonyellen Fonseca. Xununu Tamu: um genocídio contra indígenas que não termina. In DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea*: criação, crítica e recepção. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. Disponível em https://www.edito rafi .org/product-page/literatura-ind%C3%ADgena-brasileira-contempor%C3%A2nea-cria%C3%A7%C3%A3o-cr%C3%ADtica-e-recep%C3%A7%C3%A3o. Acesso: 20/01/2019.
GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.
MUNDURUKU, Daniel. Literatura indígena e o tênue fio entre escrita e oralidade. Overmundo, Lorena, 30 nov, 2008. On-line. Disponível em: https://goo.gl/ifyvYV. Acesso em: 21 jan. 2019.
OLIVIERI-GODET, Rita. "A emergência de autores ameríndios na literatura brasileira". Ciclo de Debates *Cultura Brasileira Contemporânea: novos agentes, novas articulações*. Departamento de Teoria literária e literatura comparada – USP, 2017. Disponível em http://www.cdc.fflch.usp.br/sites/cdc.fflch.usp.br/files/OLIVIERI-GODET_A%20emerg%C3%AAncia%20de%20autores%20amer%C3%ADndios%20na%20literatura%20brasileira.pdf Acesso em: 21 jan. 2019.

85 - POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS DO GÊNIO NÃO ORIGINAL

Coordenação: Profa. Dra. Joana Matos Frias (Fac. Letras da Univ. do Porto | Portugal); Prof. Dr. Pablo Simpson (Univ. Estadual Paulista de São José do Rio Preto | Brasil); Prof. Dr. Sofia de Sousa Silva (Universidade Federal do Rio de Janeiro | Brasil)

> *If you're not making art with the intention of having it copied, you're not really making art for the 21st century.*
> Kenneth Goldsmith

Resumo: Diversos pensadores têm apontado como uma das características mais preponderantes das práticas artísticas da pós-modernidade – ou do pós-modernismo – a tendência para uma certa recusa dos pressupostos de originalidade, de criação individual e de propriedade autoral que em grande medida estiveram subjacentes ao processo histórico de construção da Modernidade, sobretudo a partir do Romantismo e de seu programa literário, conforme indicado, entre tantos autores, por M. H. Abrams em *The Mirror and the Lamp: Romantic Theory and the Critical Tradition*, cuja hipótese geral assinala a passagem de uma teoria mimética da representação enquanto espelho refletor de ações, para, no Romantismo, uma teoria expressiva da arte: da arte como exercício da fantasia do sujeito.
Em certa medida, à narrativa reconstituída por Abrams à entrada da segunda metade do século XX poderia dar-se uma continuidade fundada num novo elemento simbólico, a tela ou ecrã, quer considerando a sua significação propriamente interartística (a que subjazem as relações exogâmicas da literatura com os domínios das artes visuais, em particular com o tão modernista cinema), quer admitindo o seu valor sociocultural de dispositivo, responsável pelo agenciamento de vários tipos de lógicas hipertextuais e hipermediais, tão em voga na contemporaneidade. Quer dizer que, nesta perspetiva, o ecrã/ a tela poderão ser entrevistos como os grandes protagonistas daquele *cultural turn*

que Fredric Jameson diagnosticou como definidor da emergência da pós-modernidade, ao mesmo tempo que representam a passagem de uma concepção do ato artístico assente no poder demiúrgico do próprio criador – "pequeño dios", na inesquecível síntese de Vicente Huidobro – para uma concepção que visa evidenciar a força inexorável dos próprios meios e dos suportes materiais da expressão.

O distanciamento face a alguns dos pressupostos mais elementares e constitutivos da Modernidade tem sido assim transversal a vários campos artísticos e pode ser constatado e identificado em diferentes modalidades de gestos apropriatórios, alguns deles já claramente presentes na alta modernidade e em certas vanguardas artísticas, de Lautréamont a Apollinaire, passando por Braque e Picasso: num gesto antiexpressivo de pendor pós-romântico, T. S. Eliot apontou, por exemplo, para uma poesia que seria, ao mesmo tempo, "escape from emotion" e "escape from personality", tomada por um imperativo moral do trabalho, do trabalho artístico, com uma dimensão também comunitária (ELIOT, 1964, p. 10). A descrição de Eliot caberia na perfeição a obras como a de Oswald de Andrade, na qual, de acordo com a epigramática síntese de Décio Pignatari, poderíamos reconhecer uma poesia *ready-made*, uma poesia da posse contra a propriedade.

Historicamente, nas últimas décadas, estas manifestações de posse – da colagem à intertextualidade ou ao *sampling*, passando pelo *pastiche* ou pela paródia – têm se intensificado e tido consequências decisivas para a própria esfera da arte, e/ou para a separação entre o artístico e o não-artístico, o literário e o não-literário, conforme exemplarmente assinalou ainda Jameson nos seus ensaios de referência dedicados ao assunto. Trata-se, sem dúvida, de um aprofundamento cada vez mais problematizante, autorreflexivo e frequentemente irônico de práticas muito diversificadas, que na nossa atualidade se têm apresentado como uma demonstração de resistência ao avassalador presentismo, graças ao exercício de uma arte da memória muito especial, que o conceito de arquivo também poderá ajudar a esclarecer.

No domínio poético específico que nos interessa, o estudo de Marjorie Perloff publicado em 2010, *Unoriginal Genius: Poetry by Other Means in the New Century*, possibilitou uma visão sistemática destas questões em termos histórico-literários, fornecendo um conjunto de elementos que nos permitem observar a força do fenômeno nas propostas das últimas décadas à luz de um projeto como o do livro das *Passagens* de Walter Benjamin, passando pelo concretismo brasileiro, na direção dos mais recentes exercícios provocatórios do norte-americano Kenneth Goldsmith. A proposta de Perloff encerra um (aparente) paradoxo que importa discutir, uma vez que o conceito de gênio sobre o qual assentou todo o projeto filosófico e artístico moderno desde os grandes textos de Estética do século XVIII, ao pressupor o papel fulcral que a natureza (*physis*) desempenha na formação do criador – de acordo com a célebre fórmula de Kant segundo a qual o gênio seria a natureza dando regra à arte –, dificilmente pode admitir uma vinculação à intencional falta de originalidade, dado que esta pressupõe sempre algum tipo de trabalho (*techné*).

É intuito deste simpósio promover a discussão teórico-crítica deste complexo e instigante processo histórico, a partir da leitura de obras poéticas específicas, nas quais sejam identificáveis procedimentos intertextuais, interartísticos e intermediais que possam enquadrar-se no âmbito de uma tal reflexão. Neste sentido, serão privilegiadas propostas que incidam sobre conceitos ou aspectos históricos/teórico-críticos articulados em torno da noção de gênio não original, além de propostas que trabalhem

sobre obras poéticas em particular e que se articulem na relação entre a poesia e outras artes/outros mídia e/ou o discurso interartístico/intermedial da própria poesia.

Referências:

ABRAMS, M. H. *O espelho e a lâmpada: teoria romântica e tradição crítica*. Trad. Alzira Leite Vieira Allegro. São Paulo: Editora da Unesp, 2010. (ed. orig.: *The Mirror and the Lamp: Romantic Theory and the Critical Tradition*, 1953)

BROCKELMAN, Thomas P. *The Frame and the Mirror: On Collage and the Postmodern*. Evanston: Northwestern University Press, 2001.

COMPAGNON, Antoine. *La seconde main ou Le travail de la citation*. Paris: Seuil, 1979.

ELIOT, T. S. *Selected Essays*. New York: Harcourt, Brace & New World, Inc., 1964.

EVANS, David (ed.). *Appropriation*. Whitechapel: Documents of Contemporary Art, 2009.

GOLDSMITH, Kenneth. *Uncreative Writing*. New York: Columbia University Press, 2011.

JAMESON, Fredric. *The Cultural Turn: Selected Writings on the Postmodern 1983-1998*. London | New York: Verso, 1998.

PEDROSA, Celia et alii (org.) *Indicionário do contemporâneo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

PERLOFF, Marjorie. *O gênio não original: poesia por outros meios no novo século*. Trad. Adriano Scandolara. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. (ed. orig.: *Unoriginal Genius: Poetry by Other Means in the New Century*, 2010)

86 - POÉTICAS INDÍGENAS EM FOCO

Coordenação: Profª. Drª Graça Graúna (UPE); Profª. Drª Maria Silvia Cintra Martins (UFSCar)

Resumo: O tema deste Simpósio reafirma o nosso compromisso com a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas, aprovada em 2007, ao convocar a comunidade internacional a se mobilizar para assegurar total respeito pela dignidade, pelo bem-estar e pelas liberdades fundamentais dos povos indígenas. O foco do Simpósio trata das poéticas indígenas em suas diferentes manifestações. Nesta perspectiva, serão bem-vindos trabalhos em torno da literatura e das artes indígenas em geral, incluindo o cinema, as cantorias, a contação de histórias, a pintura corporal, a dança, a música, os cantos xamânicos, o ato de declamar, o grafismo rupestre e o grafismo urbano de autoria indígena, entre outras artes visuais. Sendo o congresso da ABRALIC de teor acadêmico, serão bem-vindos, de toda maneira, trabalhos que se façam acompanhar de performances ou representações. Além disso, em se tratando das artes indígenas, que possuem, por natureza, viés transdisciplinar, também será possível e desejável que temáticas como as dos direitos de indígenas sejam abordadas, conjuntamente à temática das poéticas indígenas. Um exemplo da poética indígena reside no poema declamado por Ailton Krenak (liderança indígena) no dia 3 de agosto de 2018, durante uma roda de conversa sobre literatura indígena, no Congresso da ABRALIC, em Uberlândia/MG; trata-se do poema “Continuum”, que ele escreveu em 2005, na Serra do Cipó/MG. Continuum também pode ser o conjunto de acontecimentos sequenciais e ininterruptos, tais como sugerem as reflexões da ABRALIC 2018 acerca

de circulação, tramas e sentidos na Literatura. Nesse ritmo, o Simpósio POÉTICAS INDÍGENAS EM FOCO nos aproxima (em vários sentidos): das canoas, dos rios e riachos; das montanhas, das serras; das lutas, dos sonhos; do programa "Voz Indígena" (junto à Rádio UFSCar, da Universidade Federal de São Carlos, que já conta com 65 edições) liderado por João Paulo Riberio (indígena guarani), que, em sua pesquisa de doutorado, propõe a poética do traduzir para o Nheengatu a obra "Vidas Secas", de Graciliano Ramos, abrindo, com isso, um leque de possibilidades: a valorização e retomada das línguas indígenas; a valorização das culturas indígenas, incluindo-se, nesse caso, o xamanismo, já que o acadêmico guarani propõe que o ato tradutório se dê na esteira das práticas xamânicas, chamando-nos a lembrar a importância do xamã como um tradutor entre mundos; a revisita da obra de Graciliano Ramos, por meio de uma abordagem que prevê o multinaturalismo e o perspectivismo indígena. O Simpósio também abrange a poética do sonho azul nos versos do mapuche Elicura Chihuailaf. A poética de Elicura denuncia a sua condição de indígena exilado. Na entrevista ao *site* Crítica.Cl, ele comenta que apesar do deslocamento, a poesia revela que a cada dia ele "aprende a apreciar o que significa habitar no meio de uma diversidade tanto na natureza quanto entre os homens". A percepção do mundo indígena também é notória na poesia charrua de Maria Huebilu a nos lembrar que os ancestrais continuam vivos em nós, assim como a crônica de Severiá Idioriê, entre outros textos escritos por mulheres indígenas no volume 4, da Revista LEETRA Indígena, da UFSCar, em 2014. Desse modo, seguimos, nesta XVI ABRALIC, no continuum – como diria o poeta – entre literatura e outros saberes como sugere a voz da terra na poética indígena. E a propósito do Ano Internacional das Línguas Indígenas – dedicado pela ONU ao ano de 2019 – cabe reiterar o direito de sonhar um mundo melhor; o direito de intuir os sentidos da literatura indígena e tudo que nos aproxime da poesia necessária, como sugere o poética do "Continuum", no rastro dos nossos ancestrais.

Referências:

ABRALIC. Circulação, tramas & sentidos. Congresso Internacional. Uberlândia/MG, 2018.

CHIHUAILAF, Elicura. Sonho azul. Disponível em: https://issuu.com/grupo. leetra/ docs/ leetra_vol4. Acesso em 05.jan.2019.

CHIHUAILAF, Elicura. Entrevista. Disponível em: http://critica.cl/entrevistas/entrevista-al-poeta-elicura-chihuailaf-"el-estado-protege-saqueo-del-territorio-mapuche" . Acesso em 05.jan.2018

GRAÚNA, Graúna. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

HUEBILU, Maria. **Abuelas**. Disponível em: grauna3@gmail.com. Acesso em 05.jan.2019.

IDIORIÊ, Severiá. Quem somos? Para onde vamos? Disponível em: https://issuu.com/grupo. leetra/ docs/ leetra_vol4. Acesso em 05.jan.2019.

KRENAK, Ailton. **Continnum**. Poema declamado na Mesa "Vozes ameríndias", Congresso da Abralic/2018, Uberlândia, MG.

LEETRA Indígena. Volumes 1 a 18. São Carlos: UFSCar/ Grupo de Pesquisa LEETRA. Disponível em: www.leetra.ufscar.br

MARTINS, Maria Sílvia Cintra (Org.). **Ensaios em Interculturalidade**: Literatura, Cultura e Direitos de Indígenas em época de globalização. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2014.
RIBEIRO, João Paulo. **Guia Turístico: Tikanga rikue**: uma profética do traduzir. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

87 - POLÊMICAS INTELECTUAIS NA AMÉRICA LATINA ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX: RETÓRICA, CULTURA E HISTÓRIA

Coordenação: Profa. Dra. Silvia Maria Azevedo (UNESP); Profa. Dra. Marina Silva Ruivo (UNIR)

Resumo: Fenômenos da cultura de âmbito mundial que se registram em diferentes períodos da História, as polêmicas intelectuais configuram-se como um dos traços marcantes da vida político-cultural na América Latina, entre os séculos XIX e XX. A exemplo do que aconteceu no Brasil, frequentemente os debates resultaram do trânsito de seus autores em redações, editoras e gabinetes de homens influentes. Os interesses alheios, até certo ponto escusos, acompanham as contendas em suas variadas formas e sob múltiplas vozes. Articuladas em variados veículos e gêneros – manifestos, ensaios, correspondências, suplementos literários, revistas, entrevistas, debates, folhetos de cordel -, as polêmicas arregimentaram grande parte da intelectualidade, tanto da elite considerada letrada (jornalistas, literatos, juristas, médicos, políticos), quanto da esfera dita popular (repentistas, cantadores e cordelistas). Formas de intervenção discursiva que combinam as palavras escritas à imagética de seu tempo, as polêmicas intelectuais na América Latina percorreram os séculos XIX e XX com alarde e sem descanso, com participação de profissionais de diversos setores, em meio às singularidades históricas, políticas e culturais de cada tempo e país. Em sua configuração, os debates obedecem a determinados protocolos retóricos, tendo em vista a consagração dos próprios atores envolvidos junto aos diversos auditórios. Com o aval dos veículos - fossem eles de pequena, média ou grande tiragem -, a disseminação da palavra muitas vezes foi processada mediante a legitimação dos pares, envolvendo interesses de personagens diretamente envolvidos nas disputas ligados a variadas instâncias do poder. Naturalmente, os registros de textos de natureza antagônica revelam algumas dubiedades. Isso interessa particularmente às Letras, no âmbito dos estudos linguísticos e literários, já que a fatura do texto não apenas segue alguns expedientes discursivos pré-moldados, mas permite apontar o caráter artificial e postiço da polêmica em si. Ao lado de algum refinamento na linguagem, a contagiar também os modos e tons de dizer, uma coisa e outra não impediram o elemento ruidoso, entre opiniões e réplicas. A razão parece clara: quase sempre os autores exprimiam-se de determinado modo também como tentativa de ostentar sua habilidade em tecer argumentos contra um alvo em particular, convocando simultaneamente a adesão do público leitor. Objetivando localizar e analisar certas marcas de conteúdo, forma e expressão que aproximam os protagonistas de tais contendas de âmbito político e cultural, propomos responder algumas questões de forma e fundo, dentre as quais: 1. Em que medida as polêmicas envolvendo os intelectuais estariam mais ou menos ligadas a figuras públicas e/ou instituições de poder, nos países de origem? 2. Sob que aspectos as divergências no campo das ideias poderiam revelar o caráter personalista das figuras que se converteram em autênticos focos irradiadores dos debates? 3. De que modo se pode relacionar o teor

e a qualidade das discussões a problemáticas relacionadas ao contexto sócio-histórico dos debates em marcha? 4. Afinal, o que se entende por ―polêmica intelectual‖, especialmente naqueles países onde a produção de cultura, e o acesso por parte dos pares, bem como dos leitores em geral, é tímido? 5. Como avaliar o efetivo alcance de determinados debates, considerando a circulação de textos e imagens nos veículos disponíveis, a partir de meados do século XIX? 6. Seria a polêmica, em si, uma maneira apelativa e institucionalizada de clamar pela maior atenção de um público rarefeito, ainda em fase de constituição? O resgate das discussões sobre temas aderentes à cultura de cada país pode lançar novas luzes sobre a canonização da própria crítica, cujos efeitos podemos sentir ainda hoje.
Palavras-chave: Polêmicas; Retórica; Intelectuais; História

88 - POSSIBILIDADES DE COOPERAÇÃO ACADÊMICA POR MEIO DA CIRCULAÇÃO E DO TRÂNSITO NA LITERATURA
Coordenação: Prof. Dr. Gerson Roberto Neumann (UFRGS); Prof. Dr. Alexandre Silva dos Santos Filho (UNIFESSPA); Prof. Dr. Márcio Araújo de Melo (UFT-ARAGUAÍNA)

Resumo: A circulação de conhecimento, o trânsito e o intercâmbio de experiências acadêmico-científicas são fundamentais para o alargamento da visão de mundo do ser humano, que naturalmente se desloca de seu lugar para conhecer espaços que lhe possam oferecer condições melhores de vida. O exemplo mais claro desses deslocamentos são as atuais migrações e o movimento para os grandes centros urbanos. Também as viagens de "descobrimento" do século XVI, assim como as viagens científicas dos viajantes do século XIX marcam uma forma de aquisição de conhecimento e de (trans)formação do viajante, pois, conforme Claude Levi Strauss (1955) e Ottmar Ette (2001), todo viajante não é mais o mesmo depois de voltar de sua viagem. O viajante se transforma e também transforma os locais por onde passa. O ser humano está em constante movimento.
Nesse sentido, pretendem-se discutir no simpósio proposto relações e parcerias movidas a partir de trocas literárias no cenário brasileiro, entre regiões, especialmente do sul com a região amazônica, e também as que extrapolam fronteiras tidas como nacionais, passando a uma abordagem des-fronteirizada, pensando em comarcas, áreas, regiões (Pizzarro, 2005; Rama, 2007). Assim, podem ser propostas diversas questões, como: o que é e a partir de onde se é estrangeiro? A arte e a literatura pertencem a uma região, a uma nação? A quem pertencem ou podem pertencer? Como podemos definir pertencimento? Cada movimento prevê novas articulações em diferentes níveis continuadamente (viajantes como Alexander von Humboldt, Arsène Isabelle, Auguste de Sain-Hilaire, Carl Friedrich Philipp von Martius, para citar apenas alguns ilustres, tiveram os mais diferentes contatos com o local visitado).
A possibilidade de abrir espaço para discutir cooperações acadêmicas tem como objetivo central reunir projetos de pesquisa que se alinham, sob uma perspectiva transdisciplinar e a partir de movimentos transareais (Ette), para a compreensão de processos complexos e diversos que envolvem questões de natureza contextual, olhares e sentidos produzidos sobre regiões aparentemente – e muitas vezes tidas como - homogêneas, como a Amazônia, o Pampa, o Pantanal, os Andes, articulando saberes que se integram na interface de estudos das Literaturas, das Artes e da Formação de

pesquisadores e estudiosos. A análise de diferentes práticas de linguagens (produção linguística, literária e artística) e de práticas de formação, mobilizando pressupostos téorico-metodológicos advindos dessas diferentes áreas de interesse, se entrecruzam sob um viés transdisciplinar.

O desafio de investigar sentidos produzidos sobre as diferenças no domínio cultural, linguístico, literário e artístico deve ser enfrentado sob a perspectiva intercultural (MAHER, 2007) que deve estar presente em todos os interesses de pesquisa nos diferentes campos do conhecimento. Os estudos literários e artísticos mobilizam a análise da configuração em regiões em construções discursivas diversas – literatura, relatos autobiográficos, crônicas de viagens, narrativas orais e escritas, narrativas míticas, produções poéticas contemporâneas, artes visuais, de modo a compreender o repertório produzido nas mais diversas regiões, numa perspectiva intercultural e transtemporal.

A literatura, como expressão mais íntima de um grupo, de um povo, de um ser, traz em si um emaranhado de relações complexas, deve ser sempre objeto de abordagem para que possa entender (*Erkenntnis*), ou pelo menos se possa ter uma aproximação a essa intimidade, para que possa existir uma con-vivência, uma troca. Em torno da literatura há movimento, há vida que não para. A literatura é o movimento, levando consigo ou sendo parte carregada na fluidez do movimento do tempo. Conforme Ette, no texto "Pensar o futuro: a poética do movimento nos Estudos de Transarea", a

> literatura é [...] um saber em movimento, cuja estrutura multilógica possui significativa importância para a sobrevivência do mundo do século XXI e o desafio de garantir a convivência na paz e na diferença. Também o jogo da literatura permite a continuidade de um pensar simultâneo em múltiplos contextos e lógicas culturais, sociais, políticas e psicológicas. (ETTE, 2016, 195-196)

A partir da presente proposta de ST para o Congresso da ABRALIC, pretende-se oportunizar a discussão das relações e das trocas de conhecimento entre indivíduos que têm interesses em comum e que buscam, nessa aproximação, reforçar e estabelecer um vínculo transareal e interdisciplinar.

Referências:

Ette, Ottmar. Pensar o futuro: a poética do movimento nos Estudos. *ALEA*, Rio de Janeiro. vol. 18/2, mai-ago. 2016b, p. 192-209.

Ette, Ottmar. *Literatur in Bewegung. Raum und Dynamik grenzüberschreitenden Schreibens in Europa und Amerika*. Göttingen: Verbrück Wissenschaft, 2001.

Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Tropiques*, Plon, Paris, 1955.

Mahler, Terezinha. Machado. A Educação do entorno para a interculturalidade e o plurilinguismo. In: Kleiman, A.; Cavalcanti, M. (Orgs.). *Linguística aplicada – suas faces e interfaces*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007, p. 255-270.

Pizzarro, Ana. Imaginario y discurso: la Amazonia. In: Jobin, José Luís et.al. (org.) *Sentidos dos lugares*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005.

Ranciére, Jacques. *A Partilha do Sensível, Estética e Política*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2005.

Rama, Angel. *Transculturación narrativa en América Latina*. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2007.
Rama, Angel. *La Ciudad Letrada*. Santiago: Tajamar Editores, 2005.

89 - PÓS-COLONIALISMO, RESISTÊNCIA E RELIGIOSIDADE NAS LITERATURAS AFRICANAS

Coordenação: Prof. Dr. Silvio Ruiz Paradiso (UFRB); Prof. Dr. Dejair Dionísio (UFGD)

Resumo:A religião e a religiosidade se tornam importantes dentro do espaço colonial, ju stamente por serem elementos presentes na mentalidade e discurso tanto do colonizador como na do colonizado. O tema é indissolúvel ao processo de colonização, uma vez que ambos os grupos antagônicos se serviram do fenômeno religioso para justificar a política colonial (colonizadores, missionários cristãos), ou resistir ao processo, revidando a opressão e desconstruindo discursos, engendrando o processo de descolonização (colonizado, curandeiros, pajés).
Dentro do mundo colonial (ou pós-colonial), o fato é que antes do processo de invasão, muitos povos colonizados possuíam seu conjunto de crenças, mitos e rituais, a fim de adorar seu passado e todos que nele habitam (antepassados, heróis, divindades teogênicas, etc.). Nisso, a crença passa a ser a resposta para o não explicável, fonte de benção, de terra fértil, contra epidemias, ou seja, consolo e resignação. A religião/religiosidade passa a ser reflexo desse grupo agora "periférico", "outremizado", "invadido", uma fundamentação de consolo e legitimação que, por dar força em suportar as mazelas da colonização, faz dela (a religião e suas práticas) um recurso social para dela fazerem sua fortaleza: "Nascemos fracos e indefesos [...] o fiel que entrou em contato com o seu deus [...] se tornou mais forte. Ele sente dentro de si, mais força, seja para suportar os sofrimentos da existência, seja para vencê-los" (Alves, 1989:64). Da mesma forma, com o grupo invasor, que verá na Religião, pressupostos para o domínio, supremacia e conquista de outros povos.
A crença não é um fenômeno isolado, desenvolve-se em um contexto plural, social, econômico e cultural. Fé, crença e religião são da natureza humana, seja do vencedor ou do vencido, do invasor ou do invadido, pois como observa Rubens Alves (Loiola, 2011:162) "quando se esgotam os recursos da técnica', florescem sempre um representante do sagrado: o padre, o feiticeiro [...]" – e como tais personagens floresceram no confronto colonial! Analisar a prática religiosa africana (tradicional ou não), bem como a cristã, em uma literatura altamente política revela a verdadeira função das literaturas pós-coloniais. Mia Couto, Chinua Achebe, Wole Soyinka, Boaventura Cardoso, Pepetela, Ben Okri, Ahmadou Kourouma, Paulina Chiziane, Odete Semedo, entre outros autores africanos veem nas práticas religiosas tradicionais de África, metáforas, símbolos e analogias altamente positivas para a construção literária, cujo intuito é, além de despertar emoções através da poética, trazer reflexões, denúncias e espaço para a reconstrução histórica e para a voz de etnias silenciadas. Esses autores africanos, de produções literárias qualitativa e quantitativamente significativas, se encontram em um projeto estético próprio dos estudos pós-coloniais, baseado em conceitos de resistência, revide, contra argumentação, subversão, ou seja, elementos que visam o discurso enquanto poder, como revela Foucault em *Microfísica do poder* (1979). Essas produções africanas, em especial, têm a capacidade

de produzir esse discurso literário politizado, na relação entre colonizador e colonizado). As literaturas africanas abordam a problemática colonial e pós-colonial análoga a elementos e fenômenos religiosos. O fato particular das literaturas africanas em relação aos aspectos religiosos de suas obras está em sua literariedade clamar uma *africanidade* e de acordo com Salvato Trigo (1981) um texto literário africano "tem sua africanidade latente, quando procura a inspiração no *tradicionalismo religioso, isto é, no animismo*" (p.147. Grifo meu). Em The post colonial studies: key concepts Second edition (2007:188), Ashcroft et al., revelam a necessidade de se começar a atrelar os estudos da religião junto com os estudos pós-coloniais, visto que os escopos religiosos e políticos estão atrelados no âmbito colonial, e problematizam: " Religion could thereafore act either as a means of hegemonic control or could be employed by the colonized as a means of resistence". Mas não são apenas os teóricos que entendem o valor dos estudos da religião ao estudo literário e pós-colonial. Muitos autores africanos, como Chinua Achebe, Pepetela e Mia Couto, por exemplo, acreditam que escrever sobre África e colonização sem dar a devida importância à religião, não é escrever sobre África e sobre o colonialismo. Desta forma, este simpósio quer discutir, questionar e problematizar as manifestações da religião e das religiosidades nas literaturas africanas pós-coloniais (anglófonas ou lusófonas) tanto no âmbito do colonizador como do colonizado, através de uma estética própria, que apresente as ambivalências, lutas simbólicas e o pensamento político do mundo [pós] colonial.

90 - PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA NAS PESQUISAS DO PROFLETRAS

Coordenação: Dra. Rosiane Maria Soares da Silva Xypas (UFPE); Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva (UFT)

Resumo: O ProfLetras (Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional) assume como desafio desenvolver pesquisas que apontem para novas práticas de ensino-aprendizagem na educação básica, dentre as quais se situam as que envolvem a formação de leitores de literatura. Contrariamente a um ensino tradicional de literatura que prioriza aspectos apenas formalistas e estruturalistas nos estudos literários e diante do interesse cada vez maior de jovens leitores sobre outras textualidades, como ainda a atenção crescente da escola por abordagens do texto literário que limitam a leitura à apreensão da estrutura dos gêneros (SILVA e MELO, 2018), as pesquisas desenvolvidas o âmbito do Programa se multiplicam em diferentes abordagens e perspectivas teórico-práticas que têm em vista modos distintos de ler e se apropriar da literatura nos (des)limites da escolarização. Em comum, podemos identificar nos trabalhos analisados a rejeição ao estudo tradicional traduzido na leitura para assimilar a caracterização das obras nos respectivos períodos literários, o emprego do texto literário para interesses de natureza puramente gramatical ou abordagens que privilegiem uma análise essencialmente estrutural dos textos. Ultrapassados os limites das práticas ainda persistentes na escola, uma questão emerge: com efeito, o que efetivamente tem se apresentado como alternativas que visem efetivamente a garantir a competência leitora e o gosto pelo literário? Pela própria orientação das diretrizes do programa, os trabalhos produzidos no ProfLetras devem ser de natureza interventiva, tomando como objeto de investigação e ação aulas em escolas públicas dos anos finais do ensino médio, nas quais o pesquisador é também o docente da disciplina de Língua Portuguesa, sendo a

literatura um de seus conteúdos. Em princípio inserindo-se sob a dimensão interdisciplinar, esse conteúdo pode mostrar-se disperso, tratado assistematicamente ou mesmo ausente nas práticas de leitura na escola. Tendo em vista a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), podemos atestar que orientações oficiais são dadas para o tratamento da literatura no ensino fundamental. Embora esteja presente no referido documento, fica evidente o interesse maior atribuído aos textos midiáticos ou ainda a tradução dos textos literários em diferentes mídias, favorecendo a perspectiva de um leitor que se faz autor, não apenas por uma filiação de natureza discursivo-enunciativa, mas principalmente por uma orientação de ordem mais pragmática ou que vise a envolver os jovens leitores em práticas mais afins ao seu pretenso universo de interesse. Vale ressaltar ainda que a leitura na BNCC (BRASIL, 2018), no tocante ao ensino fundamental, compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para fruição estética de textos e obras literárias. Particularmente, compreendemos a leitura literária como campo de investigação de processos interpretativos do sujeito-leitor lendo aliando-as às práticas avaliativas. Nesse cenário, o que propõem as pesquisas do ProfLetras? Este simpósio propõe reunir trabalhos desenvolvidos por docentes pesquisadores desse programa para compartilharem suas experiências, tornando possível delinear as contribuições que vêm produzindo para a Educação Básica. Que caminhos o docente pesquisador têm desenvolvido no que diz respeito à formação de leitores literários no ensino fundamental? Que orientações teóricas vêm subsidiando essas produções? Quais são os aspectos convergentes e divergentes que marcam a produção de 42 universidades que representam o total de 49 unidades do ProfLetras distribuídas pelas 5 regiões do país no que diz respeito aos resultados desse grande esforço nacional? Convidamos, assim, esses pesquisadores para este simpósio que visa constituir-se como um grande encontro para diálogos, momentos de reflexão conjunta, trocas de experiências, buscando adensar a dimensão crítica e reflexiva que deve orientar as práticas de ensino e de pesquisa que envolvem o ensino de literatura, a formação de leitores na escola e o letramento literário. Partimos do pressuposto de que o campo aplicado produz sua própria teorização, a rever, refazer, reatualizar a dimensão teórica. Em outras palavras, esse campo pode permitir, além de uma reflexão sobre as práticas, uma ponte mais que essencial sobre teorias, pondo-as à prova para fortalecer a prática pela teoria e ampliar a teoria graças à prática. No caso das pesquisas sobre a literatura na escola, a discussão demanda avanços, enfrentando ainda o ranço de que pesquisar o ensino se trata de um problema menor para os estudos da área. Para o ProfLetras, restam a urgência e o compromisso com a escola.

Palavras-chave: leitura literária; educação básica; prática docente; ProfLetras.

Referências:

COSSON, R. *Letramento literário*: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. A formação do professor de literatura: uma reflexão interessada. In: PINHEIRO, A. S.; RAMOS, F. B. (Orgs). *Literatura e formação continuada de professores*: desafios da prática educativa. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p. 11-26.

_____. *Círculos de leitura e letramento literário*: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014. 189p.

FIORIN, J. L. Objeto artístico e experiência estética. In: LANDOWSKI, Eric; DORRA, Raúl; OLIVEIRA, Ana Cláudia (Orgs.). *Semiótica, estesis, estética.* São Paulo/Puebla: EDUC/UAP, 1999, p. 101 – 118.
FREITAS, M. R. S. *Contribuições do digital para a formação do leitor literário:* interações na leitura de "A Hora da Estrela". 2016. 158 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína.
ROUXEL, A. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? *Cadernos de Pesquisa*, v.42, n.145, p.272-283, jan./abr. 2012.
_____. Autobiografia de leitor e identidade literária. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia (Orgs.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura.* São Paulo: Alameda, 2013, p. 67 – 87.
SILVA, L. H. O. Não vejo o mundo com seus olhos: inquietações sobre a leitura e a literatura na perspectiva da semiótica didática. In: BRITO, A. R.; SILVA, L. H. O.; SOARES, E. P. M. (Orgs.). *Divulgando conhecimentos de linguagem:* pesquisas em língua e literatura no ensino fundamental. Rio Branco: NEPAN, 2017, p. 195-211.
SILVA, L. H. O.; MELO, M. A. O que pode o leitor? *EntreLetras (Online),* v. 6, p. 120-132, 2015.
_____. Por um retorno ao texto e seus (dis)sabores: pesquisas sobre literatura no ProfLetras. *EntreLetras (Online),* v. 9, p. 86-102, 2018.
MELO, M. A.; SILVA, L. H. O. O leitor atrapalhado e a formação docente. Revista *Brasileira de Literatura Comparada*, v. 35, p. 63-75, 2018.
SOUZA, L. F. *Literatura negra e indígena no letramento literário*: um estudo sobre a identidade leitora de alunos do ensino fundamental II. 2015. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, Uberlândia.
XYPAS, R. *A leitura subjetiva no ensino da literatura*: apropriação do texto literário pelo sujeito leitor. 1a. ed. Olinda: Nova Presença, 2018. 110p.
_____. A leitura subjetiva no ensino de literatura: O texto do leitor em L'Analphabète de Agota Kristof. *Revista Eletrônica de Educação* - RELEDUC, v. 1, p. 33-48, 2018.
_____; ROUXEL, A. Ousar ler a partir de si: desafios epistemológicos, éticos e didáticos da leitura subjetiva. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 20, p. 10-25, 2018.

91 - QUESTÕES METAFÍSICAS NA LITERATURA: EPISTEMOLOGIA DO ROMANCE COMO DEBATE ONTOLÓGICO DO FAZER ARTÍSTICO

Coordenação: Profa. Dra. Ana Paula Aparecida Caixeta (UnB); Profa. Dra. Maria Veralice Barroso (UnB/SEEDF)

Resumo: A busca por questões que configuram elementos constitutivos do fazer artístico no espaço da narrativa é ação elementar para os estudos da Epistemologia do Romance. Desse modo, a proposta deste simpósio assume ser reflexo de uma trajetória de olhares assumidamente preocupados com a gênese do fazer romanesco, construída a partir do grupo homônimo à teoria em questão. Com provocações que tangenciam ordens das mais diversas áreas, propondo-se interdisciplinar, a Epistemologia do Romance é evocada aqui como ponto de partida basilar para lidar com aspectos inerentes aos elementos que compõem o romance – em consequência, outras artes. Da

figura autoral ao leitor inquieto, perverso por natureza, o debate que aqui se incita preocupa-se em reunir abordagens e reflexões que coadunem com o espaço literário em um movimento intra e extratextual, cujos esforços transportam-nos para questões importantes da arquitetura estética construída pelo sujeito que cria, abrangendo um caráter que não se fecha em uma ou outra proposição teórica ou análise, mas que contextualiza e relativiza possibilidades de interpretações a partir de gestos filosóficos que se propõem comprometidos com várias áreas do conhecimento, especialmente a Filosofia e a Literatura. Por ter em seu berço a necessidade de entendimento do humano a partir da arte, a Epistemologia do Romance aproxima-se de uma linha entendida como metafísica, por compor, em seu processo de análise uma configuração ontológica da arte que contempla olhares contemporâneos no sentido de buscar as multiplicidades envolvidas no contexto da criação, da recepção e, dialeticamente, da experiência estética. É um olhar metafísico por estar atrelado a uma pretensão maior de assumir como possibilidade o conhecimento do objeto estético, podendo ele ser literário ou não, cujas estruturas forneçam vestígios de escolhas importantes, nascidas pelo ato criativo que também se propõe gestual: estético e filosófico. As influências teóricas que corroboram para tais escolhas são oriundas de uma gama de estudiosos e literatos, com destaque para Hermann Broch, Milan Kundera, Carlos Fuentes, Glauco Mattoso, Eliane Brum, Michel Foucault, Immanuel Kant, Friedrich Hegel, G. Gadamer, dentre outros de relevância evidenciada. As possíveis temáticas acolhidas na proposição aqui fomentada devem atentar-se às mais variadas questões do sujeito moderno e contemporâneo, preocupando-se em explorar o objeto estético, na busca por questões que possibilitem o pensar acerca do humano a partir da forma sensível da arte, num movimento que se assuma ousado, especialmente por ocupar espaços de discussão negligenciados em outras linguagens que não a da forma da arte. Desse modo, procura-se aqui refletir em que ponto o olhar metafísico que aceita problemas que são de caráter universal, como questões da condição humana, mas representados pela forma da arte a partir do particular, são sustentados em um terreno fecundo de discussão no que tangem as esferas da vida e suas propriedades ontológicas. O que se coloca aqui como movimento dialético entre o universal e o particular, tensionados pela arte, é o objeto construído com uma intencionalidade que deixa rastros, especialmente ao esboçar motes que estão intrínsecos ao indivíduo, mas que refletem uma coletividade e um comportamento passível de ser representado pelo espaço da arte. É importante reforçar que a ocupação desse espaço não se dá, em muitas das vezes, de modo leviano e puramente intuitivo. Ao contrário, em muitas obras são encontradas pegadas curiosas da intenção do artista, por demonstrar consciência e racionalidade acerca de suas escolhas estéticas mais propícias para dar conta de temas espinhosos do cotidiano humano. Dentre estes, o sexo, a sexualidade, as relações afetivas discrepantes de uma moral vigente ou padronização ou questões ligadas à morte e decadência humana ganham reverberação na narrativa literária – e por que não em outras manifestações artísticas – por não se comprometerem com nenhum elemento externo que os julgue enquanto valores e princípios éticos e morais. Assim sendo, acredita-se que a proposta aqui apresentada possa contemplar possibilidades de discussões sobre assuntos hodiernos que se apresentam problemáticos diante de um cenário atual complexo, cujas reações à arte pairam sobre fenômenos da superficialidade e dificuldade de compreensão daquilo que se quer dizer sobre nós mesmos e nossas mais emergentes sensações. Nesse sentido, o simpósio **“Questões metafísicas na literatura: epistemologia do romance como**

debate ontológico do fazer artístico" demonstra especial interesse por trabalhos que procurem refletir acerca de aspectos voltados à condição humana presentes nas narrativas literárias, muitas vezes, silenciados pelas morais vigentes tais como: o belo *versus* o feio, as relações corpo *versus* alma, sexualidades, erotismo, sedução, o riso nas suas mais diversas manifestações, abjeções... Da mesma forma, pretende acolher trabalhos que busquem pensar o romance moderno, sua constituição estética, história e trajetória pela modernidade enquanto espaço de acolhimento dos conflitos e angústias humanas.
Palavras-chave: Epistemologia do Romance; Metafísica; Estética.

Referências
BROCH, H. *Os sonâmbulos*. Trad. Wilson H. Borges. S.P: Germinal, 2003.
_____. *Espírito e espírito de época:ensaios sobre a cultura da modernidade*. Trad. Marcelo Backes. 1ª edição- São Paulo: Benvirá, 2014.
_____.*Création Littéraire et connaissance*. Trad, do alemão. Albert Kohn. Paris: Gallimard, 1966.
BRUM, E. *Uma duas*. São Paulo: Leya, 2011.
FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1 – A vontade de saber*. (Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque). São Paulo: Edições Graal, 2011.
FUENTES, C. *Geografia do romance*. Trad. Carlos Nougué. RJ.:Rocco, 2007.
GADAMER, H. G. *Verdade e Método 1*. (Trad. Flávio Paulo Meurer) Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
HEGEL, G. W. F. *Cursos de Estética I*. (Trad. de Marco Aurélio Werle – 2ª ed) São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2001.
KANT, I. *Crítica da faculdade de juízo*. (Trad. Valério Rohden e António Marques) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
_____. *Crítica da razão pura*. (Trad. Fernando Costa Mattos). Petrópoles, RJ: Vozes; Ed. Universitária São Francisco, 2015.
KUNDERA, M. *A cortina.* Trad. Teresa Bulhões C. da Fonseca. São Paulo: Companhia Das letras, 2006.
_____. *A arte do romance.* Trad. Teresa Bulhões C. da Fonseca e Vera Mourão. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1988.
MATTOSO, G. *Manual do podólatra amador: aventuras & leituras de um tarado por pés*. São Paulo: All Books, 2006.

92 - REFLEXÕES ACERCA DO ENSINO DE LITERATURA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: DESAFIOS, CAMINHOS, PRÁTICAS E PERSPECTIVAS
Coordenação: Profa. Dra. Cláudia Paulino de Lanis Patricio (UFES); Profa. Dra. Raquel da Silva Ortega (UESC)

Resumo: O simpósio **Reflexões acerca do ensino de literaturas estrangeiras: desafios, caminhos, práticas e perspectivas** convida pesquisadores a discutirem temas inerentes ao ensino das literaturas estrangeiras no âmbito do ensino superior, médio e fundamental. Os gêneros literários estavam presentes no ensino de línguas já desde a época clássica. Ocupavam o lugar central na aprendizagem de idiomas, uma vez que as literaturas eram consideradas mostras perfeitas de língua. Com o tempo, as literaturas

foram relegadas à segundo plano até sua total eliminação dos livros didáticos de língua estrangeira e das aulas em geral. Isto ocorreu por diversos motivos, mas, principalmente, porque muitos professores passaram a considerar as literaturas um elemento de difícil compreensão e pouco eficaz para os objetivos comunicativos das aulas de idiomas. Nos últimos anos, é notório o retorno, tímido, mas paulatino, das literaturas nos livros didáticos e aulas de língua estrangeira. Não obstante, sua presença ainda não é satisfatória, não só em quantidade, mas também em seu tratamento, uma vez que geralmente é utilizada como pretexto para ensinar gramática ou apenas como um gênero textual a mais, desconsiderando seus valores estéticos, simbólicos, sociais e políticos. Se consideramos a perspectiva intercultural, entendemos que as literaturas são fundamentais para a aprendizagem de línguas, uma vez que reflete os modos de vida e dos povos que as produzem, oferecem repertório para a compreensão do mundo que nos rodeia e também contribuem para a formação emotiva e cidadã do indivíduo, uma vez que nos humaniza, como afirma Antonio Candido (1995). Deste modo, o objetivo deste simpósio é promover a reflexão sobre o ensino das literaturas estrangeiras nas aulas de línguas, na educação básica (ensino fundamental e médio) e no ensino superior. Uma das questões intrínsecas desta discussão é se as literaturas estrangeiras devem ser pensadas para ensinar línguas ou para ensinar literaturas. Sáez (2010) defende seu ensino para os dois objetivos. Porém, para que isso aconteça, é necessário entender que é possível uma conexão entre língua e literaturas sem diminuir ou relativizar as literaturas. As literaturas não são ilustração ou adorno para as aulas de línguas e sim um conhecimento que adquire sentido em si mesmas, como objeto simbólico, político, cultural e estético. Ao mesmo tempo, também é um equívoco sacralizar as literaturas a ponto de não relacionar as mesmas com outros saberes. Neste sentido, incentivamos que a discussão inclua a reflexão sobre como a articulação entre língua e literaturas pode ocorrer de maneira a promover um ensino de línguas que considere as literaturas como conteúdo equitativo, sem reduzir seu sentido apenas à leitura. Consideramos fundamental também refletir sobre o ensino de literaturas estrangeiras no ensino superior, no âmbito da formação de professores de línguas estrangeiras. Levando em consideração a importância de ações voltadas para as discussões sobre o ensino de literaturas estrangeiras, reforçamos a necessidade de debates sobre o tema para a sua consolidação na área de Linguística e Literatura. Para tanto, salientamos que o intuito central deste simpósio incide sobre o ensino como atividade relacional que abarca de forma cíclica a teoria, a prática e a pesquisa. O prazer, o hábito da leitura literária e o desenvolvimento da criticidade dos alunos poderiam ser mais aguçados em salas de aula quando prestigiamos o ensino de literaturas. Nesse sentido, serão aceitos trabalhos que se afinem aos temas norteadores propostos para a organização do simpósio, como por exemplo: Literaturas estrangeiras e ensino; as literaturas estrangeiras e a formação docente; o ensino de literaturas em diálogo com outras linguagens (cinema, artes plásticas, música, séries, HQ); relatos de experiências de ensino de literaturas estrangeiras; as literaturas estrangeiras e a formação do leitor crítico. Como referencial teórico, consideramos as ideias de Ortega e Clímaco (2015; 2018) sobre o ensino de literaturas nos documentos norteadores da educação e sobre a articulação das literaturas estrangeiras no currículo da disciplina Literatura nas escolas; Ortega (2018) e Cárcamo (2007) sobre o ensino de literaturas na formação do professor de língua estrangeira; Saez (2010) sobre os objetivos do ensino de literaturas estrangeiras e Nascimento e Trouche (2008) sobre formação crítica do leitor de literaturas.

Referências:
CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
SAEZ, Begoña. Texto y literatura en la enseñanza de ELE. In: *XXI Congreso Internacional de ASELE*, 2010.
NASCIMENTO, M., TROUCHE, A. Literatura y enseñanza. Rio de Janeiro CCAA Editora, 2008.
CLÍMACO, A.; ORTEGA, R. O ensino da literatura estrangeira segundo os documentos oficiais brasileiros. In: MUSE, C. (Org.). Lectura y escritura del discurso literario 8. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2015.
ORTEGA, R. Ensinar a ensinar literatura hispânica: um relato de experiência. In: CLÍMACO, A., MILREU, I., ORTEGA, R. Ensino de literaturas hispânicas: reflexões, propostas e relatos. Campina Grande: EDUFCG, 2018.
CÁRCAMO, S. La literatura en la formación y en la práctica del profesor. In: Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos. Madrid, 2007.

93 - REINTERPRETAÇÕES DO BRASIL RUMO A 2022: (AINDA) EM TORNO DA RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E IDENTIDADE NACIONAL

Coordenação: Prof. Dr. Alexandre Graça Faria (UFJF), Profa. Dra. Tatiana Franca Rodrigues Zanirato (UFG)

Resumo: *À Guisa de Prefácio*, Machado Penumbra vaticinava categoricamente aos leitores incautos de **Memórias Sentimentais de João Miramar***:* "O Brasil, desde a idade trevosa das capitanias hereditárias, vive em estado de sítio. Somos feudais, somos fascistas, somos justiçadores" (ANDRADE, 1997, p43). O espírito modernista, bem sabia Oswald, caracterizava-se, sobretudo, pela civilizada capacidade de aceitação desrecalcada do passado histórico brasileiro. Mesmo assim, o projeto estético modernista apostava na utopia da superação dos modelos arcaizantes que nos tornaram fadados a ser "uns desterrados em nossa terra" (HOLLANDA, 2016, p. 39), para citar o clássico **Raízes do Brasil**, de Sérgio Buarque de Hollanda.
Há três anos da comemoração do bicentenário da Independência e do centenário da Semana de Arte Moderna, a literatura contemporânea nacional ainda se desdobra em torno das questões identitárias propulsoras da Semana de Arte e produz, no discurso de ficção, elaborações que respondem à questão oswaldiana sobre "quem seria o brasileiro do século XXI": a literatura marginal, produzida nas favelas, reclama seu direito à cidadania; a literatura indígena expõe as fraturas do legado romântico; as literaturas feministas, sobretudo a literatura feminista negra, exigem seu o lugar de publicação; as literaturas afrodescendentes respondem à memória do *Navio Negreiro* com o punho de ferro que marca sua escrita; a literatura LGBT obriga crítica e público leitor a se reposicionarem sobre questões de autoria. Nada é feito com a concepção de que literatura é alheia ao homem do seu tempo.
Não obstante, no dia 24 de Janeiro deste ano, o deputado Jean Wyllys – identificado como representante mais contundente da população LGBTQI+ e opositor declarado das ideologias propaladas pelo governo presidido por Jair Bolsonaro – foi levado a desistir do mandato, para o qual foi legitimamente eleito no ano de 2018, em função de ameaças feitas à sua vida, ameaças essas semelhantes àquelas que vitimaram a parlamentar

Marielle Franco, cujo assassinato está há mais de 300 dias sem esclarecimentos conclusivos (não há como ler o percurso destes últimos meses sem analisá-los como desdobramento do golpe jurídico-político-midiático que destituiu a presidenta Dilma Roussef, democraticamente eleita, no ano de 2016).

Este breve panorama sobre a atual situação política do Brasil revigora as palavras de Oswald de Andrade, que viu a inclinação brasileira para o fascismo durante o elã modernista e, exatamente por isso, torna necessário ler com atenção a advertência de Jessé Souza em **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**, em que nos impele a admitir que as colocações de Sérgio Buarque e também as de Penumbra criaram a concepção do culturalismo racista americano, que identificamos como o "vira-lata" brasileiro e que, segundo o sociólogo, autorizou um "conjunto de ideias falsas que nos amesquinham e retiram nossa autoestima que tornou possível a grande farsa do golpe de maio de 2016 e de todos os outros golpes supostamente contra a corrupção" (SOUZA, 2017, p. 35).

Em **Comunidades imaginadas**, Benedict Anderson (2008, p. 34) aponta que uma nação é "uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana"; segundo o historiador, ela é "imaginada como uma *comunidade* por que, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal" (ANDERSON, 2008, p. 34, grifo do autor). As novas vozes que se colocam no cenário literário e cultural brasileiro, anteriormente elencadas, vêm expondo as fraturas do projeto brasileiro de uma comunidade imaginada e, consequentemente, de uma identidade nacional estável e homogênea (fenômeno observado não apenas no Brasil, mas comum na pós-modernidade, como aponta Stuart Hall).

Nesse sentido, os Estudos Culturais apresentam-se como a abordagem metodológica mais apropriada para este Simpósio Temático porque deseja reunir pesquisas em torno das questões de representações da identidade nacional, tanto na maneira em que são problematizadas e interpeladas pelas expressões das identidades culturais contemporâneas quanto na medida em que ressignificam clássicos coloniais, românticos e/ou modernistas, que se ocuparam da construção da identidade nacional brasileira. Deseja-se, assim, iniciar uma reflexão que pode ser desdobrada ao longo dos próximos anos sobre a forma como o "homem do século XXI" chegará enfim às efemérides que serão em breve comemoradas e a forma como a literatura e a cultura elaboram este momento da vida social brasileira. *VAE VICTIS*, disse o Penumbra. Mas permaneceremos aqui de mãos dadas.

Referências:

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. Edição Comemorativa 80 anos [1936-2016].

PENUMBRA, Machado. À Guisa de Prefácio. In: ANDRADE, Oswald. **Memórias sentimentais de João Miramar**. São Paulo: Globo, 1997.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso:** da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

94 - REPENSANDO A CRÍTICA LITERÁRIA: VALOR LITERÁRIO, VERTENTES E CONTEMPORANEIDADE

Coordenação: Prof. Dr. Cristhiano Aguiar (MACKENZIE); Prof. Dr. Josias Vicente de Paula Júnior (UFRPE); Prof. Dr. Eduardo Cesar Maia (UFPE)

Resumo: Este simpósio se propõe a dar continuidade ao debate sobre crítica literária realizado nos congressos da ABRALIC ocorridos nos anos de 2016 e 2017, debate esse que teve como um dos seus desdobramentos a publicação do ebook, lançado pela própria ABRALIC, *A crítica literária contemporânea e seu lugar no debate publico de ideias*. Decidimos retomar a reflexão sobre os caminhos da prática crítica por percebermos que os debates anteriores, realizados nos eventos citados, abriram novos horizontes de pesquisa e investigação, o que nos fez constatar o quanto estamos longe de esgotar as possibilidades de pesquisas dedicadas ao tema.

Qualquer definição essencialista de crítica literária não leva em consideração o fato incontornável de que a crítica é uma prática e, como todas as atividades humanas, desenvolve-se numa dinâmica histórica de acordo com necessidades e demandas circunstanciais e contingentes. A crítica, como a própria literatura, não é, mas se faz. A questão da crítica se apresenta não como uma problemática abstrata, uma busca obsessiva por definições últimas, baseada em disjuntivas teóricas, mas como uma série de práticas reais, com seus objetivos específicos. Há demasiadas classes diferentes de crítica, com finalidades completamente distintas, para que exista a possibilidade de se construir uma teoria geral e última que dê conta de todas elas de forma satisfatória. E se existem diferentes classes de crítica é porque há demandas diversas – necessidades humanas distintas – relacionadas com o trabalho crítico. Para repensar a crítica literária e sua função em nosso tempo, devemos partir do entendimento prévio de que a literatura não tem um propósito imutável: ela participa do jogo social em que todos os propósitos estão em contínua redefinição, tanto do ponto de vista individual como do coletivo. Por conseguinte, pensar a crítica é pensar a sua necessária função social em determinado momento de sua origem e circulação. Como afirma Fabio Akcelrud Durão (2016, p.11) em *O que é crítica literária?*: "a crítica tende a implicar algum espaço concreto de veiculação e a consequente existência de um público leitor, de uma esfera pública na qual se inserirá [...]. É fundamental para a noção de crítica que ela mesma possa ser criticada".

Como sabemos, aferir o valor estético da obra literária é ofício complexo por uma série de razões, dentre as quais poderíamos inicialmente elencar a longa tradição que a literatura trilhou e, igualmente, a herança crítica acumulada num percurso milenar. Especular sobre o vínculo entre o literário e e a formação cultural e social de valores estéticos, por sua vez, potencializa esses impasses da crítica. Tal pluralidade exige do teórico, portanto, um largo instrumental de saberes de interface: teorias sociológicas, narrativas da História, reflexão antropológica, entendimento das ciências naturais e da filosofia. Tudo isso deve ser utilizado com uma propriedade que nos livre do que Roberto Acízelo de Souza (2006, p.147) qualificou, em seu *Iniciação aos Estudos Literários*, como "passeios alegres" sem consistência e peso.

Semelhantes relações, que pretendemos estabelecer no presente simpósio, acentuam sua dificuldade e urgência quando necessariamente teremos por temática não só as obras literárias e a fortuna crítica do passado, como também a densa matéria especulativa que se produz no contemporâneo. Aqui, naturalmente, o diálogo com o filósofo italiano

Giorgio Agamben (2009) é incontornável: a abordagem do que se faz hoje deverá considerar a descontinuidade das linhas de força hegemônicas e enxergar as trevas dos tempos atuais, esperando assim captar o que deles ainda lampeja. A velocidade e a qualidade das transformações de lastro cultural e estético elaboradas pelas sociedades (instabilidades de toda ordem: gêneros, identidades, critérios de valor literário e a própria necessidade de valoração) pedem o exercício permanente do debate e do pensamento coletivo – ações que o simpósio se proporá a agregar.
Daremos prioridade a propostas de comunicação que se alinhem com os seguintes eixos temáticos: a) Crítica literária, meios digitais e meios de comunicação: reflexões sobre booktubers; bookstagram; crítica literária e redes sociais em geral; blogs e sites literários; pesquisas sobre suplementos literários, revistas literárias, programas de rádio e TV dedicados a livros; b) Impasses e perspectivas da crítica acadêmica e/ou crítica jornalística; c) Crítica literária, política e formações identitárias; d) Raça, gênero, sexualidade e crítica literária; e) Revisões de momentos-chave da tradição crítica brasileira ao longo dos séculos XIX e XX; f) Diálogos, em clave comparada, entre ensaísmo literário brasileiro e hispano-americano. A partir de arcabouço teórico interdisciplinar, atentos à pluralidade de perspectivas e abordagens de pesquisa, esperamos fomentar um espaço fecundo de discussões críticas.

Referências:
DURÃO, Fabio Akcelrud. *O que é crítica literária?*. São Paulo: Nankin Editorial, Parábola Editorial, 2016.
AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
SOUZA, Roberto Acízelo de. *Iniciação aos Estudos Literários*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

95 - ROMANCE: PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO
Coordenação: Profa. Dra. Valéria Augusti (UFPA); Profa. Dra. Germana Araújo Sales (UFPA); Profa. Dra. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (UFPB)

Resumo: Em “Crítica textual e História cultural: o texto e a voz, séculos XVI-XVIII” , Roger Chartier afirma que a história sócio-cultural, no que diz respeito à análise dos textos literários - objeto tradicional da história literária e da crítica textual - , tem por principal objeto “o processo pelo qual os leitores, espectadores e ouvintes dão sentido aos textos de que se apropriam”(CHARTIER, 2007: 67). Ao contrário das abordagens formalistas do texto literário, o pesquisador propõe que se tomem os textos tendo em vista as materialidades por meio das quais eles são dados a ler e que lhes servem de suporte ou veículos. Isto implica trazer para o campo dos estudos literários a investigação da função expressiva dos elementos não verbais que intervém na publicação de manuscritos e textos impressos, bem como em dispositivos de representação teatral, por exemplo. Recusando a concepção da leitura como ato de pura intelecção que descobre o sentido implícito no texto e, por consequência, considera-o universal, a história cultural parte do pressuposto segundo o qual o significado dos textos dependem também das convenções de leitura compartilhadas por diferentes públicos ou comunidades de leitores, variando, dessa forma, na diacronia e na sincronia. Tendo isto em vista, a história da literatura não consistiria em uma história das obras e

dos autores, mas sim em uma história das "diferentes modalidades de apropriação dos textos", levando em conta o conjunto de competências, normas, usos e interesses que regem as "comunidades de interpretação". Isto significa, também, levar em consideração que a história da literatura tal como comumente a entendemos consiste em um dispositivo do qual resulta o estabelecimento de fronteiras entre o que é considerado literário e o que não é. Essas fronteiras, baseadas em critérios definidores da "literariedade" dos textos, também variam historicamente, razão pela qual podem ser analisadas de forma a compreender os dispositivos implicados na constituição dos repertórios de obras canônicas e na exclusão daquelas que se situam fora de certas "economias da escrita". Em suma, trata-se de inscrever as obras no "sistema de coerções que as limitam, mas também tornam possível sua produção e sua compreensão" (CHARTIER, 1997:69) Partindo de tais pressupostos teóricos, o presente simpósio pretende reunir pesquisadores que tenham por objetivo de pesquisa: 1) explorar aspectos relativos aos suportes materiais por meio dos quais o gênero romance circula, aí compreendidos paratextos editoriais, como páginas de rosto, frontispícios, prefácios, notas de rodapé, ilustrações, etc; e aspectos relativos a sua circulação em periódicos, como jornais e revistas 2) examinar e discutir a recepção de romances por comunidades de leitores, sejam eles pertencentes a grupos especializados, como é o caso da crítica literária ou marginalizados; 3) investigar as convenções interpretativas que orientam a atribuição de sentido ao gênero por comunidades específicas de leitores, tais como grupos religiosos, booktoobers, tradutores, censores, etc. Partindo do pressuposto segundo o qual o processo de publicação, independentemente de sua modalidade, consiste em um processo coletivo que envolve diversos atores e que seu *modus operandi* varia no tempo e no espaço (DARNTON, 2008) este simpósio pretende abrigar também aqueles que pesquisam a história, papel e forma de atuação de editores, tipógrafos, tradutores, livreiros, etc na publicação e circulação desse gênero literário, seja no formato livro, seja em periódicos. Neste caso, interessam os estudos sobre 1) a circulação de romances no interior do território nacional ou entre o Brasil e outros países; 2) as diferentes práticas tradutórias e sua interferência na publicação de romances; a atuação de tradutores do gênero em território nacional ou não; 3) a atuação de tipógrafos na publicação de romances no formato livro ou na imprensa periódica, as técnicas de impressão utilizadas e seu impacto na produção editorial; 4) práticas de venda e comercialização do gênero romance por livreiros e livrarias; 5) presença de romances em gabinetes de leitura e bibliotecas. Finalmente, é necessário enfatizar que o presente simpósio almeja reunir pesquisadores que discutam a produção, circulação e recepção do gênero romance de preferência no século XIX.

Referências

CHARTIER, Roger. Crítica textual e História cultural: o texto e a voz, séculos XVI-XVIII. Leitura: teoria e prática, Campinas, p. 67-75, n.30, 1997.

CHARTIER, Roger. Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII). São Paulo: editora da UNESP, 2007.

DARNTON, Robert. O que é a história do livro? revisitado. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 10, p. 153-167, jan-jun. 2008.

96 - RUPTURA DOS GÊNEROS LITERÁRIOS NO ROMANTISMO

Coordenação: Profa. Dra. Andréa Sirihal Werkema (UERJ); Profa. Dra. Maria Juliana Gambogi Teixeira (UFMG)

Resumo: O advento do Romantismo na literatura é também, historicamente, um acontecimento revolucionário dentro da longa evolução das formas literárias no ocidente; estamos diante da primeira grande fratura do sistema mimético de criação artística. Tal quebra é evidente ao final do século XVIII, mesmo tendo sido adiantada por movimentos com tendências anticlassicistas ao longo dos séculos: tendências, e não fundamento, base de criação. As teorias românticas do gênero literário respondem a outras questões, ligadas à subjetividade autoral, instância não mensurável, avessa a regras impostas pela tradição. Eis o âmbito propriamente literário de tal discussão, ao lembrarmos a insistência com que os textos do Romantismo quebram as tradicionais barreiras normativas da arte dita clássica. Um texto romântico, ou sentimental, ou irônico, em suma, caracteriza-se por um questionamento de vários dos conceitos fundamentais da literatura. Além da preferência por uma teoria expressiva da arte em lugar da teoria imitativa, os gêneros literários foram desrespeitados ou substituídos por formas novas, que se aproximavam um pouco mais dos ideais românticos: "Em sua rigorosa pureza, todos os gêneros poéticos clássicos são agora ridículos" (SCHLEGEL, 1997, p. 30). O romântico não deve ser confundido com um gênero ou estilo literário, sendo antes um elemento formador de toda a poesia – que, não nos esqueçamos, é ou deveria ser romântica (SCHLEGEL, 1997, p. 65) –, poesia que também não deve ser confundida com um gênero específico. Esta indefinição de gênero passa por analogia para o romance, para os fragmentos, para o drama romântico, para todas as formas mistas da poesia.

"O Romantismo pode ser esquematicamente caracterizado como uma trajetória que toma por ponto de partida a forma primordial, se desenvolve por múltiplas formas particulares e busca novamente, pela combinação destas, a unidade da forma" (SUZUKI, 1997, p. 17); o que nos leva a concluir, em concordância, que qualquer reflexão crítica sobre o Romantismo tende a ser uma reflexão crítica sobre as formas, ou, em outros termos, sobre os gêneros da literatura.

As reflexões de Walter Benjamin sobre a ironia romântica ajudam-nos a colocar alguns problemas interessantes em relação à questão dos gêneros (BENJAMIN, 1999, p. 89-93). À primeira vista, tendemos a associar ironia romântica a um recurso meramente negativo, desestabilizador de qualquer certeza textual, o que não estaria incorreto, se pensarmos essa destruição como uma forma de assegurar a perenidade da obra. A ironia que caracteriza a postura do autor romântico encontra seu correlato na ironia que perpassa a obra, aniquilando seus elementos ilusionistas como forma de torná-los mais evidentes, e cada vez mais vivos. É claro que qualquer estrutura formal, em suas manifestações de estilo ou gêneros literários, torna-se alvo da ironia também formal. Em termos propriamente textuais, a obra romântica irônica seria antes autoparódica que paródica, já que instaura dentro de si mesma o questionamento e a quase destruição da forma em que se aloja. Além do mais, sobre tais amarras da forma paira a ironia autoral, ou da matéria, instância capaz e desejosa de destruir os limites impostos à expressão de sua subjetividade. A autodestruição da obra romântica é, portanto, um horizonte sempre possível: uma forma consolidada deve ser ameaçada pela ironia, que, paradoxalmente, acaba por sublinhar as lacunas da obra romântica, cuja maior característica é sua radical abertura. A destruição da forma, ou melhor, sua reconfiguração, é maneira de atestar sua

força – e seria bom reavaliarmos nosso julgamento da relação entre o Romantismo e a tradição à luz dos conceitos de autorreflexividade fundamentais para uma visão romântica de arte. Enquanto recursos reflexivos, ironia e crítica tornam-se quase equivalentes, pois forçam no autor e no leitor o questionamento das estruturas formadoras da obra, estruturas que contêm, dentro de si mesmas, os germes da ironia romântica. Esta pode ser chamada de crítica interna à obra, com a qual nasce e contra a qual se volta em um movimento que assegura à obra sua permanência. Uma obra irônica, portanto, existe enquanto forma-de-exposição de uma ideia das formas. Desde a contingência e a limitação, a ironia faz caminhar a obra até o vislumbre de seu ideal. Deste modo, a ironia não é destruidora da obra, pelo contrário, atesta sua "existência indestrutível" ao colocá-la sob a perspectiva da Forma eterna: "A ironização da forma-de-exposição é semelhante à tempestade que levanta a cortina diante da ordem transcendental da arte, descobrindo-a, juntamente com a existência imediata da obra nela, como um mistério" (BENJAMIN, 1999, p. 93).
O simpósio aceitará, dessa maneira, trabalhos que queiram discutir, em qualquer contexto nacional e/ou linguístico, as transformações dos gêneros literários sob a pressão romântica; as implicações de tal ruptura na tradição literária; a reconfiguração histórica da noção de mimese; as continuidades e descontinuidades da quebra com os gêneros clássicos promovida pelo Romantismo.

Referências:
BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 1999.
SCHLEGEL, Friedrich. *O dialeto dos fragmentos*. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997.

97 - SEXOLOGIA POLÍTICA E LITERATURA: O DIREITO À EXISTÊNCIA E À SUBJETIVIDADE
Coordenação: Profa. Dra. Cláudia Nigro (UNESP); Prof. Dr. Flávio Adriano Nantes (UFMS)

Resumo: Embora a literatura não tenha qualquer responsabilidade com a realidade empírica: as ciências, a teologia, a sociologia, *i. e.*, com o homem de modo geral, é sempre um gesto político pelo fato de estar – para o bem ou para o mal – sempre posicionada em relação aos eventos circundantes nas sociedades ao redor do mundo. Para o bem porque há aqueles que produzem uma escritura literária pautada pela ética, direitos humanos e respeito a todas as pessoas independentemente de classe, raça, sexualidade, gênero, etc. Para o mal, estão aqueles que produzem discursos com viés sexista, machista, misógino, de ódio e intolerância.
A atual ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, fez declarações (antes e depois de assumir a pasta) desrespeitosas para determinadas pessoas: menino veste azul e menina veste rosa; sexo entre pessoas do mesmo sexo é aberração; as feministas não gostam de homem porque são feias, as feministas não gostam de homem porque homem nenhum quis se casar com elas. Esses discursos, ademais de desrespeitosos, demonstram um pensamento pautado na tradição familiar-sexual – homem *vs*. mulher; são sexistas pelo fato de indicar o que é pensado/autorizado para homens – o masculino, e o que deve estar para a ordem do feminino – mulheres,

demonstrando uma clara dicotomia – geradora de violência nas relações de gênero – entre homens e mulheres. Pese-se a isto a exclusão da comunidade LGBT das diretrizes da pasta coordenada por Damares Alves, conforme a Medida Provisória (MP 870/19) assinada pelo presidente da república Jair Bolsonaro. O que demonstra um modo reacionário, injusto, desumano, de governar, pois o Brasil é a nação que mais mata LGBTs no mundo; mais inclusive que em países onde a homossexualidade é crime de morte.

O modo caricato como a responsável pela pasta da Mulher, Família e Direitos Humanos, bem como outros órgãos da atual gestão do Estado-nação, não pode passar incólume à crítica humanística; faz-se necessária, então, uma análise destes discursos e/ou práticas por intermédio das proposições dos *Gender Studies*. Em outras palavras, a crítica, a pesquisa, a militância, o ensino, no âmbito dos Estudos de Gênero, devem se posicionar veementemente contra estes ataques a determinados sujeitos que podem – agora em maior grau – sofrer assédios, injúrias, violência de diferentes níveis e em última instância ter seus corpos eliminados.

Existem textos literários que, na contra mão de um discurso pautado pelo ódio ao outro seja pela sexualidade ou pelo gênero, podem nos oferecer pistas para pensar a existência, os afetos, o dessilenciamento de sujeitos considerados, na esfera pública, de segunda categoria. Neste sentido, a literatura se converte numa espécie de bússola em direção aos corpos dissidentes – aqueles que não podem circular democraticamente nos espaços públicos – e pode levar a sociedade a um entendimento em relação ao outro.

O simpósio **Sexologia política e literatura: o direito à existência e à subjetividade** receberá trabalhos que tratam da literatura e/ou outros constructos artísticos como um elemento de resistência, *i.e.*, como um gesto político posicionado de forma contrária ao discurso e à prática de ódio perpetrados de forma aberta ou simbólica na sociedade em relação à comunidade LGBT, bem como a outros sujeitos dissidentes.

Embora haja os que ainda o fazem, tornou-se lugar-comum, um clichê, afirmar que a literatura humaniza as pessoas; esta afirmação cai por terra quando está claro que uma sociedade grafocentrada, livresca, onde muitos escrevem e o livro tornou-se um fetiche mercadológico, pratica crimes hediondos contra seres humanos. A literatura não humaniza, ela não tem esta função. Mas pode, por outro lado, dar voz a sujeitos violentados, massacrados, alijados, indicar existências, outros modos de vivências, outras perspectivas corpóreas. *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago; alguns contos de Caio Fernando Abreu e de Marcelino Freire; *Amora*, de Natalia Borges Polesso; a poesia de Angélica Freitas; o romance *Dois rios*, de Tatiana Salem Levy; cantores como Johnny Hooker, Liniker, Juan Guiã, entre tantos outros, endossam que essas pessoas – as que fogem ao padrão heteronormativo – existem, circulam na sociedade, resistem, reclamam por direitos, publicizam seus corpos e afetos como um gesto político.

As masculinidades, as feminilidades não estão na ordem da natureza, nunca estiveram, tampouco o gênero; são, antes, categorias culturais, sociais, históricas, e, desde sempre, observadas muito de perto pelo Estado que estatiza os corpos e seus usos, indicam formas adequadas de existência, assim, o presente simpósio convoca pesquisadores/as para refletir e debater as proposições da crítica, dos movimentos sociais, dos *Gender Studies*, do feminismo, dos estudos LGBTs, que, em conluio com a literatura, combatem as práticas contrárias à vida de sujeitos que r(existem)

Referências

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca*: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.
ADICHIE, Chimamanda. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
_____. *Para educar crianças feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia. das Letras, 2008.
BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.
_____. *Quadros de guerra*: quando a vida é passível de luto? 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
_____. Corpos que ainda importam. In: COLLING, Leandro (org.). *Dissidências sexuais e de gênero*. Salvador: EDUFBA, 2016.
_____. *Relatar a si mesmo*: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
CALVINO, Italo. Usos políticos certos e errados da literatura. In: CALVINO, Italo. *Assunto encerrado*: discursos sobre literatura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
_____. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Rio de Janeiro: GRAAL, 1979.
_____. *A história da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.
_____. *A história da sexualidade*: o cuidado de si. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
LEITE, Fernanda Capibaribe. Corpos em cena e trânsito: sujeitos em devir na filmografia de Cláudia Priscilla. In: COLLING, Leandro (org.). *Dissidências sexuais e de gênero*. Salvador: EDUFBA, 2016, p.153-175.
LOPES, Denilson. *A delicadeza*: estética, experiência e paisagens. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; Finatec, 2007.
LOURO, Guacira Lopes. *Um* corpo *estranho*: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
_____. (org.). *O corpo educado*: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
MACIEL, Maria Esther. *Literatura e animalidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
MALDONATO, Mauro. *A subversão do ser*: identidade, mundo, tempo, espaço, fenomenologia de mutação. São Paulo: Edições Sesc, 2014.
NANTES, Flávio Adriano. Corpos que subvertem a linearidade sexo-gênero-orientação e r(*existem*) em Baléralé, de Marcelino Freire. In: GOMES, Ana Maria et ali (orgs.). *Diálogos sobre gênero e sexualidade*. Campo Grande: Ed. Life, 2018.
_____. Os corpos literários que importam: a violência de gênero nas obras de Raduan Nassar. In: NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva et ali (orgs.). *Corpos que (se) importam*: refletindo questões de gênero na literatura e em outros saberes. Campinas, SP: Pontes, 2018.
NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva et al (orgs.). *Literatura e Gênero*. São Paulo: Cultura Acadêmica; São José do Rio Preto, SP: HN, 2015.
PAVANELO, Luciene Marie et ali (orgs.). *Marginalidades femininas*: a mulher na literatura e na cultura brasileira e portuguesa. Montes Claros, MG: Unimontes, 2017.

QUINET, Antonio et al (org.). As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização. São Paulo: Segmento Farma, 2013.
RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.
_____. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos*: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010.
TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum*: para todas, todes e todas. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2018.

98 - TERRITÓRIOS SHAKESPEARIANOS POUCO EXPLORADOS: ESFERAS DE CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RELEITURAS

Coordenação: Profa. Dra. Anna Stegh Camati (UNIANDRADE); Profa. Dra. Fernanda Teixeira de Medeiros (UERJ); Prof. Dr. Leonardo Bérenger Alves Carneiro (PUC-Rio)

Resumo: Se a obra de William Shakespeare (1564-1616) tornou-se um dos principais emblemas do cânone literário ocidental (BLOOM, 1994), é importante lembrar que esse estatuto não se aplica a todas as 40 peças atribuídas ao Bardo, nem tampouco à totalidade de sua produção lírica, composta de 154 sonetos e poemas narrativos. No interior desse conjunto, existem divisões, com obras de circulação infinitamente mais intensa que outras, tanto no mundo midiático quanto no mundo acadêmico, principalmente se pensarmos no contexto brasileiro, no qual são sobretudo algumas das tragédias, ao lado de um par de comédias e peças históricas, um dos romances, e um número restrito de sonetos que terminam por representar "Shakespeare". Constatações dessa natureza são indícios de que, provavelmente, importantes aspectos do universo shakespeariano estariam sendo negligenciados.
A proposta deste simpósio direciona-se, assim, a um convite a que exploremos obras shakespearianas de menor circulação e reflitamos sobre elas, a partir de perspectivas sócio-históricas e culturais. Nosso ponto de referência será, principalmente, o contexto de recepção brasileiro, mas outros contextos são igualmente bem-vindos. Desde já, tenhamos em mente que nesse repertório de menor circulação em território brasileiro, distribuído entre os diferentes gêneros teatrais praticados por Shakespeare, seria possível elencar as seguintes peças, sempre correndo o risco de cometer injustiças:
* tragédias: *Tito Andrônico* (1591); *Timon de Atenas* (1605); *Coriolano* (1608);
*comédias: *Os dois cavalheiros de Verona* (1590-1); *A comédia dos erros* (1594); *Trabalhos de amor perdidos* (1594-5); *As alegres comadres de Windsor* (1597-8);
* peças históricas: *Henrique VI* (partes 1, 2 e 3, 1591-2); *Ricardo II* (1595-6); *Rei João* (1595-7); *Henrique IV* (partes 1 e 2, 1596-8); *Henrique VIII* (1613);
* peças-problema: *Troilo e Créssida* (1601-2); *Bem está o que bem acaba* (1604-5);
* romances, também denominadas tragicomédias: *Péricles* (1607), *Cimbeline, rei da Britânia* (1610), *O conto do inverno* (1609), *Os dois primos nobres* (1613).
Em que pese a probabilidade de discordâncias acerca dessa seleção, podemos estimar que aproximadamente cinquenta por cento da obra de Shakespeare são pouco ou pouquíssimo conhecidos em nosso país, em comparação com seus grandes sucessos.

Quando pensamos na formação de um cânone shakespeariano em perspectiva diacrônica, com base na fortuna crítica do Bardo, as tragédias, sem dúvida, ocupam posição de centralidade desde o século XVIII, com o início da chamada era das "grandes edições" das obras completas de Shakespeare. A introdução de Shakespeare no mundo literário e cultural do romantismo alemão também foi decisiva para a hegemonia do gênero trágico no contexto da crítica europeia, em geral, e inglesa, em particular. Em suas *Palestras sobre arte dramática e literatura*, de 1808, Friedrich Schlegel (1772-1829) trata quase que exclusivamente das tragédias shakespearianas, sendo reticente em comentários sobre as comédias e os dramas históricos. As *Palestras* de Schlegel parecem ter inspirado Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), cujo trabalho também privilegia as tragédias. Em 1904, o Professor A. C. Bradley (1851-1935) publica *A tragédia shakespeariana*, trabalho que inaugura a chamada crítica literária profissional e que acaba por cunhar a expressão "as quatro grandes tragédias", sedimentando a noção equivocada, mas prevalecente por décadas, de que o cânone shakespeariano encontraria em *Hamlet* (1601), *Otelo* (1603), *Rei Lear* (1605) e *Macbeth* (1606) um sustentáculo único.

Por outro lado, é de conhecimento geral que algumas das comédias de Shakespeare, entre elas *A megera domada* (1590-1), *Sonho de uma noite de verão* (1595-6), *Muito barulho por nada* (1598), *Como gostais* (1599-1600) e *Noite de reis* (1600-1) são globalmente muito conhecidas e, algumas delas, extremamente populares no Brasil, sendo constantemente encenadas, apropriadas e transformadas em uma variedade de produtos midiáticos, como filmes, musicais, óperas, pinturas, esculturas, etc. Algumas estatísticas mostram que *Sonho de uma noite de verão* é a peça mais encenada em âmbito global. De todo modo, o foco nessas comédias termina por deixar de fora uma série de outras, como já mencionamos, e situação semelhante se dá no contexto dos dramas históricos, ao todo dez textos, dos quais apenas dois são mais conhecidos, *Ricardo III* (1592-3) e *Henrique V* (1598-9). Em relação às peças problema e aos romances, *A Tempestade* (1611), constitui exceção, tornando-se, mais que uma obra dramatúrgica, um texto seminal para teorias críticas do século XX, como o pensamento pós-colonial.

Diante dessas considerações, listamos abaixo alguns campos de interesse e objetivos do simpósio:

a) estimular discussões e leituras críticas de peças pouco lidas e pouco exploradas, nos diferentes gêneros praticados por Shakespeare, levando em conta sobretudo o contexto brasileiro de recepção;

b) investigar se haveria uma conexão direta entre a qualidade da obra e sua popularidade, e em que instâncias essa qualidade é calculada;

c) discutir a história da formação de cânones internos à obra de Shakespeare;

d) refletir sobre traduções brasileiras de textos shakespearianos pouco conhecidos;

e) examinar trânsitos e transações inter e transmidiáticas de textos shakespearianos pouco explorados em âmbito local e global.

Referências:

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 [1994].
BLOOM, Harold *Shakespeare, the Invention of the Human*. Londres: Fourth State, 1999 [1998].
BRADLEY, A. C. *A tragédia shakespeariana*. Trad. Alexandre Feitosa Rosas. São Paulo: Martins Fontes, 2009 [1904].
DOBSON, Michael. *The Making of the National Poet: Shakespeare, Adaptation and Authorship, 1660-1769*. Oxford: Oxford University Press, 1992.
EDMONDSON, Paul; HOLBROOK, Peter, eds. *Shakespeare's Creative Legacies*: Artists, Writers, Performers, Readers. London, Oxford, New York, New Delhi and Sydney: Bloomsbury, The Arden Shakespeare, 2016.
GARBER, Marjorie. *Shakespeare and Modern Culture*. New York: Anchor Books, 2008.
GOMES, Eugenio. *Shakespeare no Brasil*. Coleção "Letras e Artes." Ministério da Educação e Cultura, s/l, 1961.
LEVENSON, Jill L.; ORMSBY, Robert, eds. *The Shakespearean World*. London and New York: Routledge, 2017.
SANTOS, Marlene Soares dos e LEÃO, Liana de Camargo, orgs. *Shakespeare, sua época, sua obra*. Curitiba: Beatrice, 2008.

99 - TEXTUALIDADES DO MUNDO FRATURADO: PROCESSOS DE HIBRIDAÇÃO

Coordenação: Profa. Dra. Sylvia Helena Cyntrão (UnB); Prof. Dr. Fernando Fábio Fiorese Furtado (Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF); Prof. Dr. Miguel Jost Ramos (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-Rio)

Resumo: A proposta do simpósio **Textualidades do mundo fraturado: processos de hibridação** é refletir de forma crítica sobre como a cultura e os meios de comunicação, através e a partir da literatura, podem colaborar para a compreensão dos processos por que passa o Brasil contemporâneo. Compreende-se que a fundamentação teórica para os estudos contemporâneos sobre a literatura está voltada não apenas para uma suposta especificidade literária, mas, sobretudo, para uma estreita articulação com o pensamento teórico/filosófico através do diálogo interdisciplinar com outras áreas das ciências humanas e sociais. Tais abordagens, partindo dos estudos das literaturas nacionais e regionais, e sempre em diálogo com contextos continentais e transcontinentais, propiciam a compreensão das relações entre a produção literária e o contexto histórico em distintas épocas. Da mesma forma, compreende-se o caráter fundamental do as reflexões sobre o diálogo dos textos literários com outras práticas artísticas como o cinema, as artes visuais, o teatro e a canção popular, bem como as pesquisas comparadas no campo expandido do contemporâneo. Agregam-se ainda, nesse escopo, as investigações sobre mídias e suportes como um aspecto determinante dos debates contemporâneos os suportes das variadas manifestações artísticas nas mídias plurais da contemporaneidade. Nesse contexto, interessam-nos também as abordagens inovadoras de conceitos como lugar, não lugar e entre-lugar da fala, e a reflexão sobre como estas abordagens apontam, entre as questões ligadas ao tema da identidade, para a compreensão das representações da alteridade na cultura contemporânea, configurando-a como categoria emergente decisiva para pensar o sistema multicultural em tensão. Da

mesma forma, interessa-nos dentro desse quadro, pensar o papel das Referimo-nos também às produções intelectuais ligadas a temas como morte, perda, sacrifícios, acaso, erotismo como violação dos limites, e sexualidade, percebidos como degradantes ao longo da história. e subjetividade. Nestas, amplia-se a Entendemos que essas narrativas, e as reflexões que delas se desdobram, ampliam nossa compreensão da mudança na forma de abordagem crítica da narrativa ficcional no século XXI frente às transformações e percepções do leitor/espectador no mundo. No mesmo sentido, como aprofundamento do debate sobre esse **mundo fraturado** e sua reverberação no campo das práticas estéticas, interessam-nos refletir bem como sobre a obra de poetas contemporâneos e sobre os modos e manobras de enfrentamento das questões centrais do debate sobre a pós-modernidade que se referem à cena pós-moderna (uma das acepções de contemporâneo adotadas), tais como o fim da noção de história unitária, centralizada e conforme ao ideal europeu de progresso e civilização. Reforça-se, assim, a urgência de debatermos a emergência plural e explosiva na cena contemporânea de outras vozes, racionalidades e *weltanschauungen* "locais" (minorias étnicas, sexuais, religiosas, culturais) estéticas e a crise do "princípio de realidade". Nossa proposta é que os vários vetores da produção textual contemporânea possam ser abordados na observação do que no que impele à construção e desconstrução dos processos de subjetivação, tema recorrente dos debates em nosso campo. Entendemos que a compreensão dos sentidos textualmente projetados nos pede a abertura da reflexão interdisciplinar filosófica sobre a criação literária e suas consequências epistemológicas, estéticas, hermenêuticas. Uma compreensão que se sustenta na palavra, mas também no silêncio; na estrutura, nas fraturas, nos sistemas e em seus sintomas, sejam manifestos ou latentes. Trata-se de expandir, portanto, o entendimento do simbólico que (in) forma o texto, a partir dos leitores que somos, constituídos e de nossa nossa função contingenciada de antenas e prismas do real.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo*? E outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro. Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares*: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. Apud FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia.* São Paulo: Atica, 1988.

BAKHTINE, M. *Le marxisme et la philosophie du langage*. Paris: Ed. du Minuit, 1977.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições70, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2004.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política:* ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Minas Gerais: Editora da UFMG, 1998.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas:* estratégias para entrar e sair da modernidade. 4ª ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2008.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação.* A ciência, a sociedade e a cultura emergente. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix,1983.

DURAND, Gilbert. *O imaginário.* Rio de Janeiro: Difel, 1998.
ECO, Umberto. *Os limites da interpretação.* SP. Perspectiva, 1995.
ELIAS, Norbert. *O processo civilizador* – Vol. 1: Uma História dos Costumes. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 2v.
FREUD, Sigmund. O mal-estar na Civilização. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira**.** (v. 21). Rio de Janeiro: Imago, (1930) 1996.
FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, (1930) 1996. (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**.** V. 21)
GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade***.** SP: UNESP, 1993.
GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença – o que o sentido não consegue transmitir*. Ed. PUC- Rio, Rio de Janeiro, 2010.
HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A, 1998.
LEVINAS, Emmanuel. *Entre nós*: ensaios sobre a alteridade. Petrópolis: Vozes, 2005.
LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos***.** São Paulo: Barcarolla, 2004.
MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita*. S.P. Bertrand Brasil, 2010.
PIGLIA, Ricardo. *Uma proposta para o novo milênio*. Trad. Marcos Visnadi. Lisboa, Buenos Aires: Coletivo Chão da Feira, 2012.
RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. SP: Editora Loyola, 2000.
SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco.* Introdução à cultura de massa brasileira. Petrópolis: Vozes, 1972.
ZIZEK, Slavoj (org). *Um mapa da ideologia.* trad. Vera Ribeiro. R J: Ed. Contraponto, 1996.
ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 2ª Ed.

100 - TRAMAS DA HISTÓRIA E SENTIDOS DA MEMÓRIA NAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Coordenação: Profa. Dra. Roberta Guimarães Franco (UFLA); Profa. Dra. Renata Flávia da Silva (UFF); Profa. Dra. Viviane Vasconcelos (UERJ)

Resumo: As relações entre a literatura e a história sempre foram objeto de análise e de debate acerca das especificidades e das possiblidades de diálogo entre as áreas. A literatura entendida pela história como um tipo de fonte, especialmente a partir do movimento da Nova História e da Escola dos Annales – "(...) a substituição da tradicional narrativa de acontecimento por uma história-problema", como afirmou Peter Burke (1997, p. 11) –, e a história sendo reafirmada, retrabalhada, e/ou reinterpretada pela literatura. Assim, a análise literária foi ganhando, ao longo do tempo, novos contornos, desde a possibilidade de pensar a obra em múltiplos contextos e temporalidades de acordo com o leitor, advinda através da Estética da Recepção, até os mais recentes Estudos Culturais e Pós-coloniais, possibilitando novas formas de olhar eventos históricos consagrados ou trazendo à luz questões que a dita história oficial silenciou. Nesse sentido, a memória vem, cada vez mais, se configurando como um elemento essencial na construção de sentidos entre o texto literário e o discurso histórico. Seja pensada como componente intratextual, atuando diretamente na estrutura narrativa, aliada à ideia de tempo, seja constituindo o espaço entre a obra literária e o seu contexto de produção, ou ainda estabelecendo fronteiras entre as perspectivas individuais e coletivas, a memória se configurou como instância que permite pensar a

literatura tanto na sua esfera subjetiva quanto social. Didi-Huberman (1998) afirmara que a memória tem um particular papel sobre o olhar, já que não é a instância que contém, entretanto o espaço que suporta a ausência, isto é, lugar em que há um fragmento que permite a inserção de algo novo e transformá-lo em diferença: "Como uma cisão sempre reconduzida, a dialética joga com a contradição, não para resolvê-la, nem para entregar o mundo visível aos meios de uma retórica. Ela ultrapassa a oposição do visível e do legível num trabalho (DIDI-HUBERMAN, 1998, p.117)".

No contexto das literaturas de língua portuguesa, pode-se evidenciar formas variadas de diálogo entre a literatura e história, passando pela formação de sentidos proporcionada pela memória. No Brasil, tais diálogos podem apontar desde a necessidade de criação de uma identidade nacional, até a urgência em romper com este conceito, chegando a manifestações mais recentes que trazem novos olhares sobre acontecimentos, personagens e espaços. Sendo ainda relevante recuperarmos os questionamentos de Silviano Santiago em *Uma literatura nos trópicos* (1978), para pensarmos o quanto essas relações que envolvem a literatura, história e memória contribuem para as questões identitárias, lendo o Brasil como país latino-americano, porém bastante influenciado pelas marcas europeias. No caso da Literatura Portuguesa, por exemplo, a história desempenhou um importante diálogo por meio de diferentes temas, mas também como próprio elemento ficcional. Basta pensar a maneira pela qual os mitos identitários foram construídos pela história da literatura portuguesa ao longo dos séculos. Além da transformação da memória nacional como um dos grandes temas da literatura, um outro aspecto relevante é o reverso dessa temática, como afirma Eduardo Lourenço (2014), ao apontar a dificuldade de assumir uma memória nacional não mais baseada nos grandes mitos, mas na decadência da colonização. Grande parte da literatura portuguesa do século XX, sobretudo após a Revolução dos Cravos, tem se ocupado da revisitação de fatos históricos ou da escrita ou reescrita de momentos relevantes para o país no que diz respeito à colonização. Já para as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa – ainda lutando por uma nomenclatura que as particularize na academia – a relação entre literatura e história parece ainda mais evidente, pelos recentes processos históricos que trazem um caráter testemunhal, muitas vezes autobiográfico, para essas literaturas, problematizando os silenciamentos em torno da colonização, das guerras pelas independências, da descolonização e das guerras civis. E também, dialogando com um passado mais distante, pela necessidade de reformular a história produzida pelo olhar exógeno, reconstruindo mitos, recuperando personagens, reconfigurando espaços agora nacionais.

Portanto, este simpósio pretende acolher trabalhos que tenham como foco a relação entre literatura, história e memória, levando em consideração as múltiplas abordagens que esta tríade permite. Desde análises voltadas para a ficcionalização de acontecimentos e personagens históricos, pesquisas que envolvam os gêneros literários ditos confessionais, estudos que questionem o lugar da literatura e sua vertente ideológica, a relação entre perspectivas teóricas que problematizem essas questões, entre outras possibilidades que nos permitam ampliar o debate em torno das produções literárias em língua portuguesa.

Referências:

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2000.

LOURENÇO, Eduardo. *Do colonialismo como nosso impensado*. Prefácio de Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi. Lisboa: Gradiva.
SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

101 - LITERATURA BRASILEIRA: IDENTIDADES EM MOVIMENTO

Coordenação: Silvana Oliveira (Universidade Estadual de Ponta Grossa); Valdir Prigol (Universidade Federal da Fronteira Sul)

Resumo: Em *Por que ler os clássicos*, Ítalo Calvino fala dos livros que nunca terminarão de dizer aquilo que têm para dizer. Implicitamente, podemos reconhecer nessa caracterização a ideia de que o texto clássico nunca deixou de encontrar olhos e ouvidos dispostos a atualizar o que ele tinha para oferecer. Na diacronia de sua própria transcendência, o clássico sempre alcançou sentidos humanos em busca dos mesmos novos sentidos. O leitor - essa projeção alocada sempre nos limites do virtual e do empírico – divide seu olhar entre a urgência das questões do seu tempo presente e a perenidade das lições e das sensações do passado, de modo a (re)construir as significações de obras ininterruptamente contemporâneas. A leitura de um clássico é sempre uma apropriação anacrônica do que precisamos lembrar e do que almejamos descobrir. Nesse sentido, não apenas a identidade dos leitores é mobilizada, mas também o cânone identitário autoral que subjaz à formação do conjunto de obras consideradas clássicas. A descoberta de si nos reflexos do texto acompanha a dinâmica da redescoberta do outro nas entranhas das palavras.

O Simpósio *Literatura Brasileira: Identidades em movimento* se propõe a oferecer espaço para a apresentação de diálogos intertextuais, trans-históricos e intersubjetivos que possibilitem a reflexão sobre a relevância permanente dos clássicos, considerando que, como lembra Calvino, toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira. E como também diz Adolfo Casais Monteiro, a "obra literária, como o camaleão, muda de cor conforme o lugar onde se encontra."[1]

O sistema de produção da literatura, como o compreende Antonio Candido na Formação da Literatura Brasileira (1959) forma-se pelos já conhecidos três elementos: os produtores literários, ou seja, os autores; os receptores, que formam os diferentes tipos de público, e o mecanismo transmissor, como ele mesmo afirma, uma linguagem, traduzida em estilos. Esta abordagem se vale claramente da perspectiva do contexto de circulação da obra literária, no qual estão presentes os produtores, os receptores e um determinado estilo, no qual o conjunto de autores produz. Assim é que se torna possível conceber a ideia de que há um estilo de época do qual os produtores de literatura são, mais ou menos, conscientes, e ao qual aderem, uns mais que outros, como conjunto.

Antonio Candido defende que a produção literária no Brasil só se sustenta como expressão de uma nacionalidade a partir do século XVIII, quando os poetas árcades, vinculados ao contexto histórico e cultural mineiro, passam a produzir como grupo consciente de sua identidade e de seu projeto artístico comum, dando espaço para que, no século XIX, o Romantismo se instituísse como movimento artístico e literário genuinamente brasileiro, considerando-se o conjunto de produtores de literatura e também de receptores dessa produção.

[1] CASAIS MONTEIRO, Adolfo. **Clareza e Mistério da crítica**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

A noção de estilo, neste sentido, está diretamente relacionada a um certo modo de a literatura ser produzida como objeto textual; a essa noção somam-se as influências do contexto social, econômico e cultural para que as características de cada época se definam e se estabilizem de modo regular e também didático.

A perspectiva proposta neste Simpósio é, em certa medida, a problematização da relativa estabilidade de que gozam as obras ditas clássicas na literatura brasileira, por meio de abordagens em que o olhar e a dicção do presente as ressignifiquem em novos contextos de leituras. Temos em mente a necessidade de que a experiência do presente integre os sentidos que circulam pelas obras consagradas da literatura brasileira de modo que a sua atualização se realize e, em alguns casos, inaugure-se, pelo e para o olhar contemporâneo.

Para as intenções até aqui enunciadas, consideramos produtivo que sejam trazidas para este Simpósio análises comparativas de obras produzidas desde os primeiros momentos das manifestações literárias no Brasil, como as produções de José de Anchieta, por exemplo, até as primeiras décadas do século XX, com os modernistas.

Os múltiplos discursos críticos do presente, confrontados com os contextos de produção e circulação de obras da literatura brasileira, podem desvelar não apenas as trajetórias cultural e intelectual ao longo da nossa história, mas também os movimentos de transformação das identidades nacionais e individuais, processos que jamais se esgotam e que nos solicitam para a sua interpretação permanentemente.